



**Universidade Federal Fluminense  
Instituto de História  
Programa de Pós Graduação em História**

**Relações de Poder em Angola: Uma leitura dos  
romances de Pepetela (1975-2005)**

**Carolina Bezerra de Souza**

**Niterói-RJ  
2019**

**Carolina Bezerra de Souza**

**Relações de Poder em Angola: Uma leitura dos romances de Pepetela (1975-2005)**

**Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do grau de Doutor (a)**

**Orientador: Professor Doutor Marcelo Bittencourt Ivair Pinto**

**Carolina Bezerra de Souza**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo

M149r Machado, Carolina Bezerra  
Relações de Poder em Angola: Uma leitura dos romances de  
Pepetela (1975-2005) / Carolina Bezerra Machado ; Marcelo  
Bittencourt, orientador. Niterói, 2019.  
271 f. : il.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,  
2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2019.d.11986171795>

1. Literatura. 2. Angola. 3. Pepetela. 4. Relações de  
poder. 5. Produção intelectual. I. Bittencourt, Marcelo,  
orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de  
História. III. Título.

CDD -

**Relações de Poder em Angola: Uma leitura dos romances de Pepetela  
(1975-2005)**

**Banca Examinadora**

---

**Professor Doutor Marcelo Bittencourt Ivair Pinto – Orientador  
Universidade Federal Fluminense (UFF)**

---

**Professor Doutor Alexsander Lemos de Almeida – Membro  
Universidade Federal Fluminense (UFF)**

---

**Professora Doutora Marina Anne Martine Berthet Ribeiro – Membro  
Universidade Federal Fluminense (UFF)**

---

**Professor Doutor Silvio de Almeida Carvalho Filho – Membro  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**

---

**Professora Doutora Rita de Cássia Natal Chaves – Membro  
Universidade de São Paulo (USP)**

---

**Professora Doutora Andrea Barbosa Marzano – Suplente  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)**

---

**Professor Doutor Nuno Carlos de Fragoso Vidal – Suplente  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**

Ao Bernardo, que me ensinou a parar o mundo em um momento.

## Agradecimentos

O momento dos agradecimentos foi muito aguardado ao longo dos mais de quatro anos em que eu estive envolvida com a pesquisa da tese. É o espaço aonde podemos reconhecer todos aqueles que estiveram à nossa volta nesse período, seja nos dando apoio técnico, psicológico, de orientação ou de amizade, e reconheço que fui privilegiada. À minha volta tive uma família maravilhosa, um orientador sempre presente, amigos que trouxeram a leveza da risada, um parceiro no *strictu sensu* da palavra e profissionais que colaboraram muito para o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, as instituições que me cercaram também foram fundamentais para o resultado final.

Assim, agradeço primeiramente à Universidade Federal Fluminense, universidade que mantenho um carinho e admiração desde a época da graduação. A excelência do Programa de História foi construída com muito trabalho, que possibilitou a aquisição de maiores financiamentos, mesmo em uma época de crise que atravessa o país e de ataques diretos do governo às universidades federais. Por isso, pude participar de diversos encontros nacionais e internacionais, que contribuíram para o amadurecimento da minha pesquisa. Além disso, através de uma parceria com a Universidade de Lisboa, pude fazer um estágio de pesquisa que foi importante para o acesso a documentos que somente são acessíveis diretamente na Torre do Tombo. Agradeço também ao professor Dr. Augusto Nascimento, que me recebeu em Lisboa.

Agradeço à CAPES, instituição da qual fui bolsista ao longo do doutorado. As instituições de fomento à pesquisa são fundamentais para manter viva a pesquisa no Brasil. Fica aqui o meu desejo para que elas sejam ampliadas e possibilitem a maior democratização do acesso às pós graduações no país.

Agradeço aos professores Dr. Alexander Gebara e Dra. Rita Chaves pelas

contribuições muito bem vindas na qualificação e por terem aceitado o convite para compor a banca de defesa. Junto a eles, agradeço o aceite da prof. Dra. Marina Berthet e do professor Dr. Sílvio de Carvalho Filho, será um prazer contar com a presença de vocês.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Marcelo Bittencourt, sempre presente, solícito e com bom humor. Obrigada pelas tardes de orientação, pelas sugestões e pelos livros emprestados, com eles o acesso à bibliografia especializada ficou muito mais fácil.

Agradeço ao grupo *Áfricas*, coordenado pelos professores Dr. Sílvio Carvalho Filho e Dr. Washington Nascimento, foi e é um espaço de muito aprendizado, trocas e encontros. Ao grupo agradeço pela leituras e críticas ao meu texto, acrescentaram muito ao projeto final. É importante ter esse espaço de convivência alegre e receptivo, que encara a pesquisa com seriedade mas também leveza. Do grupo fiz amigos que certamente caminharão comigo por muito tempo.

Agradeço aos meus amigos, amores, os quais tenho que nomear: André Chagas, Christiane Batista, Fernanda Correa, Gustavo Pereira, João Gabriel Ascenso, Marcela Moraes, Talita Teixeira, Thaís Mayumi, Valesca Almeida, Vinícius Natal e Vítor Garcia. Com vocês o mundo é mais belo! Obrigada pelo apoio.

Agradeço à minha família, que se desdobrou muitas vezes para que eu chegasse até aqui. Sei da importância disso tudo pra vocês também. Obrigada pelos carinhos, broncas e risadas. Vocês são tudo na minha vida! Depois comemoraremos ao nosso estilo: churrasco e cerveja, pois muitas vezes não pude comparecer a esses momentos justamente pela pesquisa que me consumia.

Por fim, agradeço à família que eu construí ao longo dos últimos anos. Ao Leonardo, todo o meu carinho, amor, admiração. Sempre presente ao meu lado, sem dúvidas, o meu maior incentivador até hoje. Essa tese também é pra você, amor. Obrigada por construir tudo isso comigo e por sempre ter esse ombrinho delícia nos momentos

difíceis. Meu eterno obrigada. Com você pude vivenciar a maior experiência da minha vida, ser mãe! E ser mãe ao longo do doutorado não foi fácil, mas com você ficou mais leve. A estrutura machista que ainda cerca a nossa sociedade também não é diferente no meio acadêmico, mas com muita luta, vamos conseguindo ampliar os espaços para a participação de mães em eventos científicos, assim como criar maior empatia pelas mães acadêmicas.

Bernardo foi um presente e me transformou ao longo desse período. Me ensinou a dar a real medida das coisas. Obrigada, filho. Mamãe te ama.



*Eu cresci aqui e a mim ninguém engana...  
Eu tenho sangue de Nzinga, sou nato da terra  
Sempre sofri aqui desde o tempo da guerra  
Diferente de quem têm nacionalidade adquirida  
Aguentei a kitota quase perdi a vida  
Não imigrei pra Europa quando faltou comida  
Eu sou filho desta pátria, vi o país na lama  
Assisti toda tragédia, vivi o drama  
Tenho parentes no Santana, 14 e Camama  
Confesso fartei-me, não aguento mais  
Agora que estamos em paz quero direitos iguais  
Destes Betinhos que andavam lá fora  
Sem sacrifícios, riquinhos d'agora  
Manos, também quero paz no prato  
Tudo que eu quero é paz no prato  
Dignidade e paz no prato...  
Tatoriooooooh  
Prefiro morrer a tiro do que morrer a fome  
Irmãos, a disparidade é enorme  
Vivemos presos nessa armadilha  
Condenados a sermos escravos de 3 famílias  
Tudo é deles de Talatona à ilha  
Os diamantes são deles  
O petróleo é deles  
A imobiliária é deles  
A banca é deles  
Vivemos do biscato e da kixikila  
Pra nós só têm Zango e Panguila  
Mendigamos ao relento tipo cães sem dono  
Wakimono kya, patrão é colono  
Aqui, na terra do Pai Banana  
Esse é o país do pai banana...  
Promiscuidade absoluta, o poder é um garimpo  
Políticos com missões agem sem integridade  
Atrás de comissões amigos são prioridade  
Reunidos em comissões aprovam lei da proibidade  
Tolerância zero só está apanhar tainha  
Ninguém fala da princesa, ninguém toca na rainha  
Os puros tubarões estão todos fora da linha  
O saneamento é lastimável, saúde precária  
A água não é potável, a luz é instável  
Fizeram da miséria um negócio rentável  
Tanta riqueza na mão de quem governa  
Generais têm frota de cisterna  
Dirigentes vendem geradores e velas  
É por isso que morremos de incêndios nas favelas  
Paludismo, cólera e febre amarela  
Ya, pra dar mais raiva do nguimbo  
Nosso sofrimento é vendido na Zimbo  
Irmãos, eles são todos sócios  
Wakimono kya, pobreza é negócio  
Transformaram Angola num país do futuro  
Pois é, deixamos tudo pra amanhã né?  
Quando a cabeça não regula o corpo é que paga  
História trágica, realidade amarga*

*Temos torneiras secas rodeados de rios  
Temos terreno fértil, estômago vazio  
África é o berço e quem está no berço dorme  
Pensamos pouco e morremos a fome  
Aqui, no país do pai banana...  
"Democracia não enche barriga"  
Essa frase não é minha e já é um coxe antiga  
Brother, a imprensa privada está comprada  
Meu Brother, a oposição é só faixada  
Hey Brother, a liberdade está condenada  
Brother, a juventude só quer cevada  
"Mana moça", manda vir outra rodada  
Vivemos ressacados e não exigimos nada  
Combatemos o alcoolismo com maratonas  
Envés de moças direitas fabricamos Madonas  
Publicitamos menos livros que bitolas  
Os filmes são iguais, balas e pistolas  
envés de palestras realizamos caldos  
Os policia já não querem gasosa, agora é saldo  
Eles adoram cabrité, todos sonham com comitê  
E não é só o taxista que é Kandogueiro  
Aqui todos dão mbayas pra ganhar dinheiro  
Irmãos, só temos uma opção  
Ou acabamos a corrupção ou corrupção acaba com  
Angola.  
(O país do Pai Banana! - MCK)*

## **Resumo**

A presente pesquisa traz como proposta analisar as relações de poder que se constituíram em Angola no pós-independência a partir das representações feitas em alguns romances políticos de Pepetela: *O Cão e os Caluandas* (1985), *A Geração da Utopia* (1992), *Desejo de Kianda* (1995) e *Predadores* (2005). Ao destacar um cenário de autoritarismo, clientelismo e patrimonialismo, seus livros fazem parte de uma narrativa crítica acerca do projeto político adotado pelo Estado angolano após a independência. A escolha dos livros foi feita também a partir dos personagens criados em suas narrativas, que complexificam a relação da sociedade com o governo. Trata-se do envolvimento de parcelas da sociedade com uma política de privilégios com o MPLA, mantendo uma estrutura de poder desigual.

**Palavras-chave:** Pepetela, Angola, Literatura, Estado, Relações de poder

## **Abstract**

This research proposes to analyze the power relations that were constituted in Angola in post-independence from the representations made in some political novels of Pepetela: *O Cão e os Caluandas* (1985), *A Geração da Utopia* (1992), *Desejo de Kianda* (1995) and *Predadores* (2005). Highlighting a scenario of authoritarianism, patronage and patrimonialism, his books are part of a critical narrative about the political project adopted by the Angolan state after independence. The choice of books was also made from the characters created in their narratives, which complicate society's relationship with the government. It involves the involvement of parts of society with a policy of privileges with the MPLA, maintaining an unequal power structure.

**Keywords:** Pepetela, Angola, Literature, State and power relations.

## Sumário

<b>Introdução – “Das estórias que a História tece”</b> .....	13
<b>Capítulo 1 Representar, Testemunhar e Narrar</b> .....	26
1.1 Intelectual nas Fronteiras.....	26
1.2 Pelos Caminhos de Artur Pestana.....	40
Juventude e aproximação com o MPLA.....	40
Os anos na guerrilha e dissidências.....	56
Os anos pós independência e a participação no governo.....	63
1.3 A escolha dos romances e a construção do personagem Pepetela.....	75
<b>Capítulo 2 Nação e Raça na Literatura de Pepetela</b> .....	90
2.1 A construção de um discurso nacionalista.....	90
A Literatura angolana e a imaginação da nação.....	104
2.2 Pepetela e a Representação da Nação.....	110
2.3 Nacionalismo nas páginas de <i>Geração da Utopia</i> : “filho de cobra é cobra”.....	119
2.4 A construção da nação no pós-independência: “Você julga que isso ainda é terra de colono? .....	143
<b>Capítulo 3 Política e Sociedade nos Romances de Pepetela</b> .....	159
<b>Parte I</b>	
3.1 Representações de poder em <i>Mayombe</i> : “os homens serão prisioneiros das estruturas que terão criado” .....	159
3.2 Relações de poder em Angola: Um debate historiográfico .....	180
<b>Parte II</b>	
3.3 Escrita, poder e Utopia em Pepetela: “E o meu sonho... se foi. Com ele começa a vossa fala”.....	201
3.4 Os novos ricos e a apropriação do Estado: “Esse MPLA nunca fará a Revolução proletária” .....	231
<b>Considerações Finais</b> .....	254
<b>Anexo</b> .....	257
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	260



## Introdução

### “Das estórias que a História tece”<sup>1</sup>

No entanto, entre os presentes, quem não mete bens do Estado no bolso? Só as crianças, inocentes. Por enquanto. Basta crescerem um pouco...O que é de todos (o Estado) não tem dono, pode ser cassumbulado, ideia persistente e que ultrapassa esse país, atingindo o continente, e outros. Os críticos do meu regime nos chamam a todos de corruptos oportunistas, aproveitadores. Gostaria de os ver embriagados pelo poder que de facto possuímos. Ainda roubavam mais, ao pé deles seríamos considerados arcanjos. Só criticam porque estão longe do favo de mel.<sup>2</sup>

O trecho em destaque foi retirado do romance *Sua excelência, de corpo presente* (2018), último livro publicado por Pepetela<sup>3</sup>. O romance conta a estória<sup>4</sup> de um ditador africano que mesmo morto, vê, ouve e pensa. A narrativa se passa no seu funeral e a partir daí somos envolvidos pelas relações de poder que o levaram à presidência a partir dos pensamentos do ditador sobre o que seria um sistema político africano. A crítica aos

<sup>1</sup> PEPETELA. Se o Passado não tivesse asas. Lisboa: Leya, 2016. P.276.

<sup>2</sup> PEPETELA. Sua excelência de corpo presente. Portugal: Dom Quixote, 2018. P.18

<sup>3</sup> Ainda sem previsão de edição no Brasil.

<sup>4</sup> Desde a reforma ortográfica que ocorreu em 1943, a distinção existente entre história e estória foi eliminada, sendo seu uso característico de uma interpretação inglesa entre history e story, ao demarcar as diferenças entre uma história real e uma estória pautada pela ficção. Todavia, ao longo da presente pesquisa, faremos uso dessa distinção, que no Brasil ganhou fôlego com a publicação do livro “Primeiras estórias” (1962) de Guimarães Rosa. O literato brasileiro fez largo uso dos dois termos, marcando as diferenças entre uma realidade e uma criação ficcional, por mais que reconhecesse a influência existente entre um e outro termo. A escolha por essa posição, na presente pesquisa, se dá à medida que podemos encontrar nos romances de Pepetela a distinção entre o uso das duas palavras, um desses momentos, inclusive, é o título da presente introdução. Além disso, também é declarado pelo próprio autor a influência que Guimarães Rosa tem na sua escrita, o que provavelmente pode ter contribuído para a sua aplicação dos termos. Todavia, é válido aqui reafirmar que compreende-se a história e a literatura a partir de perspectivas diferentes, conforme desenvolveremos mais adiante. Por mais que “realizem o mesmo fim: dar forma e sentido à experiência vivida”, Paul Ricouer defende que uma das características da narrativa histórica que a opõe à ficcional é que ela propõe “conhecer os homens do passado através de vestígios”, pois as “construções do historiador visam ser reconstruções do presente-passado. O documento impõe a data, o personagem, a ação”. (RICOUER, P. Apud.: REIS, José Carlos. O entrecruzamento entre narrativa histórica e narrativa de ficção. In.: O desafio historiográfico. Rio de Janeiro: FGV de bolso, 2010. p.72-73). Para esse debate ver também: SERRÁPIO, Fabíola Procópio. História e estória na narrativa de Guimarães Rosa. In.: MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso Mestrado em Letras - UNINCOR - ISSN 1807-9717 V. 07, N. 2 (julho-dezembro de 2016) e FREITAS, Almir de. Pepetela, passado, futuro. In.: Revista Bravo, 20 de setembro de 2016. Em: <https://medium.com/revista-bravo/pepetela-passado-e-futuro-53623e764790>. Acessado em 03/08/2019.

sistemas políticos autoritários que fizeram parte do continente africano após os processos de independência, os abusos de poder, as práticas de corrupção e nepotismo vêm à tona a partir das lembranças vividas pelo ditador. Pepetela acena ainda para a influência que o ditador, mesmo morto, ainda exerce na vida social e política daquele país (que não é nomeado). A sua sucessão política, em meio a disputas, ainda é respaldada pela presença do defunto e de sua família.

Por mais que não se debruce, especificamente, sobre Angola, o presente romance também faz parte de uma crítica interna à política do continente após os movimentos de independência. Chama-nos atenção em seus romances a crítica contundente às relações que se desenvolvem entre o Estado e a sociedade desde a independência e como a política é tecida a partir de relações clientelistas e neopatrimonialistas<sup>5</sup>. Pepetela problematiza as relações políticas em diálogo com as acomodações de interesses que são desenvolvidas entre as diferentes camadas sociais e os governantes, tema já presente em outros romances, principalmente, entre os retratados na presente pesquisa. No momento em que José Eduardo dos Santos deixa a presidência de Angola após trinta e oito anos no poder, Pepetela dialoga mais uma vez, a partir da sua literatura, com a história recente do país angolano. Por mais que o escritor afirme ter sido uma coincidência a saída de Santos com a publicação do livro, não podemos deixar de aproximar os dois eventos.

Pela constante aproximação entre a História e a Literatura que faz parte do conjunto da obra de Pepetela, o título da introdução faz referência a uma passagem de um outro romance recentemente publicado por Pepetela *Se o passado não tivesse asas* (2016), em que o escritor constrói uma narrativa que se passa em Luanda entre os anos de 1995 e 2012. Ao retratar a partir da vida de quatro jovens angolanos o período da

---

<sup>5</sup> CHABAL. Las políticas de violência. In: *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, Núm. 6 Abril de 2007, UAM-AEDRI; OLIVEIRA, Ricardo Soares. Magnífica e Miserável. Angola desde a Guerra Civil. Lisboa: Tinta da China, 2015



guerra civil no país, o escritor propõe, mais uma vez, a partir de uma leitura do passado, tecer uma relação com o presente. Assim, por mais que compreendamos as diferenças existentes entre a História e a Literatura, parte-se do pressuposto de que as duas são formas diferentes, mas legítimas de se escrever sobre a realidade. Os cruzamentos entre uma disciplina e outra podem ser facilmente identificados na História angolana, na qual a Literatura ocupou papel central, influenciando diretamente o modo como enxergamos o país.

Por isso, a escolha da literatura como fonte principal para a presente pesquisa está em diálogo com a importância central desta na vida política e social angolana, conforme veremos adiante. Antes de iniciar o doutorado, e de me envolver com a historiografia angolana, o primeiro contato com as histórias sobre os países africanos, sobretudo, Angola, se dava através da leitura dos romances e salta os olhos, quando nos aprofundamos sobre uma bibliografia especializada, o quanto Pepetela é referenciado nos trabalhos acadêmicos. A História de Angola parece assim entrelaçada pela vida de seus escritores e conhecer melhor essa intimidade contribui para problematizarmos mais a política angolana. A partir dos livros destacados nessa introdução, que foram publicados após o início da pesquisa em 2015, notamos o quanto essa relação se mantém, de diferentes formas, mas ainda assim, interferindo nas reflexões políticas e sociais do país no presente.

Além dos romances mencionados, Pepetela publicou também, em meio a minha pesquisa, um livro de crônicas, originalmente publicadas na revista *África 21* entre março de 2007 e agosto de 2015. Continuou ainda emitindo artigos de opinião em diferentes meios de circulação, sendo agraciado com premiações<sup>6</sup>, assim como também permaneceu contribuindo para debates acadêmicos sobre Angola. A sua importância

---

<sup>6</sup> Foi o homenageado em 2018 no Festival Escritaria em Penafiel.

como intelectual público, mas também como um ator social renomado e envolvido com a história da independência de Angola, será problematizada ao longo da pesquisa, que teve que estar atenta às constantes intervenções de Pepetela publicamente, seja através da publicação de romances ou de entrevistas e aparições em eventos.

Um exemplo recente dessa posição de conhecedor da História de Angola por parte de Pepetela não só em Angola, mas também no contexto internacional, pode ser notado no convite para prefaciar o livro de Jean Michel Mabeko Tali *Guerrilhas e Lutas Sociais: o MPLA perante si próprio (1960-1977)* lançado em 2018, em Portugal. No prefácio, Pepetela aponta para a importância do livro de Mabeko Tali à medida que o historiador retrata as contradições e ambivalências existentes ao longo da trajetória do MPLA. Para o escritor angolano, a história de Angola está indelevelmente entrelaçada à história do Movimento, pois para ele o MPLA seria um dos principais “elementos constitutivos de Angola”, principalmente ao considerarmos “que muitas características do nosso país, sem sobre elas fazer juízo de valor, hoje se devem a essa organização política”<sup>7</sup>.

Essa afirmação dialoga com o conjunto da sua obra à medida que muitos romances se debruçam sobre a História angolana a partir de um lugar, que é próximo ao MPLA e por isso as escolhas políticas, sociais, culturais e econômicas de seus personagens na grande maioria das vezes estão entrelaçadas com o Movimento. Mesmo assumindo uma posição crítica ao partido, podemos notar o quanto ele está inextricavelmente atrelado à sua trajetória de vida. Por mais que na pesquisa sobressaia o romancista Pepetela, não podemos deixar de relacionar a sua escrita com a posição de guerrilheiro nos anos das lutas de libertação, assim como político após a independência e como um intelectual, sociólogo e professor.

---

<sup>7</sup> PEPETELA. Prefácio. In.: MABEKO-TALI, Jean Michel. *Guerrilhas e Lutas Sociais: o MPLA perante si próprio (1960-1977)*. Lisboa: Difel, 2018. P.26.

A abordagem torna-se ainda relevante ao acompanharmos a trajetória dos personagens criados pelo autor. Os questionamentos feitos por eles, entrelaçados entre a ficção e a realidade, denotam um tempo de desesperança, em que os atores principais, envolvidos diretamente ou indiretamente com o partido protagonizam os impasses, as contradições e as angústias da sociedade pós-independente angolana. Seus personagens fazem parte de uma rede clientelista de interesses, em que se desenvolvem as novas relações de poder que cercam o Estado. Embora tenhamos um discurso pautado pela democracia e pela participação de todos na construção de uma nação, o poder de decisão continua restrito a poucos.

Além disso, a escolha dos romances não foi fortuita, está amparada na temática principal que propõe circular toda a pesquisa, as relações de poder em Angola após a independência. Por isso, são livros que se voltam para a crítica a um sistema político angolano que se construiu em meio à corrupção e favorecimentos. Assim, os livros foram escolhidos em diálogo com uma ordem cronológica e temática.

*O Cão e os Caluandas* (1985), foi o primeiro livro publicado por Pepetela após a independência, por mais que também tenha sido escrito nos anos em que o escritor ainda estava no governo. Pela primeira vez temos uma obra de Pepetela crítica às relações políticas que se desenvolveram após a independência. Seguindo esse tom, *Geração da Utopia* (1992) remonta a construção de uma geração que lutou na guerrilha e que estava atrelada ao MPLA, mas que após a tomada do poder pelo movimento, rompeu com a lógica revolucionária defendida pelo autor. Mais que isso, o romance ao iniciar na Casa dos Estudantes do Império e passar pelo cenário de guerrilha nas matas, propõe uma reflexão sobre as diferenças que já causavam desgastes internos ao MPLA; Já em *Desejo de Kianda* (1995), o cenário político angolano é outro, o multipartidário, com a sombra das eleições frustradas, a retomada da guerra e a abertura econômica.

Suas críticas avançam para um novo tipo social que emergiu também das fileiras do MPLA, o novo-rico. E, por fim, *Predadores* (2005), primeiro livro publicado por Pepetela após o fim da guerra civil em Angola em 2002. Retrata a vida de um empresário e suas relações com o governo, pautadas por interesses e privilégios.

Todavia, ao longo da pesquisa, um romance de Pepetela se impôs e esteve presente em todos os capítulos: *Mayombe* (1980), demonstrando a sua força e atualidade para retratar as relações políticas em Angola. É interessante notar, como em meio a guerrilha anticolonial, cenário em que o livro é escrito, Pepetela destaca as sensibilidades, contradições e ambivalências já presentes no MPLA, que poderiam vir a atrapalhar o desenvolvimento de um projeto político revolucionário.

### ***Da História e Literatura***

Por compreender que toda fonte histórica é uma representação do passado, sujeita a disputas discursivas e a campos de força que as influenciam, a literatura também se constitui como um importante documento histórico. Neste sentido, como afirma Le Goff, levando em consideração que todo documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso, cabe ao historiador colocar à luz as condições de produção e de mostrar em que medida aquele documento é instrumento de um poder.<sup>8</sup>

Durante muito tempo os diálogos entre História e Literatura foram evitados. Enquanto o conhecimento historiográfico, por ser amparado em uma noção de verdade, deveria se afastar de objetos próximos ao imaginário, a escrita literária era renegada como fonte histórica. Seu descompromisso com o real a levaria para os terrenos da

---

<sup>8</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: UNICAMP, 2003. P. 525.

ficção, o que a princípio não tinha importância como objeto para o historiador.

Nesse sentido, cabe ressaltar o quanto as mudanças de paradigmas impostas à História a partir da afirmação de uma Nova História Cultural, possibilitaram novos olhares para o papel do indivíduo na vida social. De acordo com Roger Chartier, um dos expoentes dessa *Nova História*, a guinada historiográfica dos últimos anos trouxe para o primeiro plano a percepção individual, deixando para trás uma visão que priorizava a abordagem estruturalista, em que as relações sociais eram estudadas sem valorizar a consciência subjetiva dos atores.<sup>9</sup> Nesse sentido, a análise sobre o real é ampliada. Os diferentes modos de ver e narrar a realidade permitem reconhecer as múltiplas visões sobre o passado. O modo como “os indivíduos produzem o mundo social, por meio das suas alianças e seus confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem”<sup>10</sup> passou a estar no cerne da escrita da História.

Portanto, ao relativizar a ideia de que a obra literária é expressa através de uma singularidade, compreende-se que ela é “fruto de valores e ideias compartilhadas socialmente”. O indivíduo é considerado um ser social em que sua escrita está inserida num processo maior com o qual este dialoga e o percebe de acordo com os seus valores. Assim, estudar o indivíduo é também estudar o seu meio social, visto que todo o seu processo formador perpassa essa sociedade. Longe de tratá-los como opostos, mas encará-los como parte constituinte do outro. Teremos, assim, um objeto rico para os estudos históricos, a obra literária.

O que mais importa não é determinar se é ficção ou não, o que entra como real e o que se exclui, mas sim, os testemunhos que escrevem, suas relações com o seu tempo e sua sociedade. Carlo Ginzburg<sup>11</sup> em referência a Marc Bloch nos traz uma importante

---

<sup>9</sup> CHARTIER, Roger. História hoje. In.: *Estudos históricos*. n°7, vol.13, 1994. p.101.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras,

reflexão metodológica. Para o historiador, “aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção”, pois não nos interessaríamos mais somente pelos dados concretos das fontes, muitas vezes inventados, mas “pela luz que lançam sobre a mentalidade de quem escreveu esses textos”, teríamos assim, “nos emancipado daquela subordinação ao passado” de outrora, pois conseguimos ir além do que as fontes nos descrevem, “embora ainda fiquemos presos em seus rastros”. Assim sendo, caminhar pelos terrenos da ficção para fazer emergir os “testemunhos involuntários”, “as vozes incontroladas” que se encontram nos textos são de extremo interesse para o trabalho.

O que se pretende indagar é que o autor e sua obra não transcendem seu tempo histórico, eles fazem parte de uma época e, portanto, seria insatisfatório estudá-los à margem de seu grupo social. Como aponta Chalhoub, “a proposta é historicizar a obra literária, destrinchar não a sua autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social”<sup>12</sup>, deve-se buscar a especificidade de cada testemunho. Ao historiador, resta explorar esse caminho, interrogar a literatura e transformá-la em matéria, em objeto de história para daí lhe atribuir significado. Levar em consideração as sociabilidades que o autor percorre para a produção de sua obra literária e assim encará-lo como produto de sua época e de sua sociedade.

A partir destas considerações, o romance é visto como um lugar de tensão, em que as disputas ideológicas, o clima de uma época, assim como as representações sociais são tecidas e encenadas a partir de escolhas discursivas que, por uma dimensão simbólica, é sensível às demandas de uma geração, influenciando o modo como enxergamos o mundo. O texto literário não é visto apenas como reflexo de uma realidade, pois ele contribui para a sua construção a partir de novas leituras de mundo.

---

2007.

<sup>12</sup> CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. *A história contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998

Ao considerarmos que o real é “construído, visto e sentido de diferentes formas”<sup>13</sup>, a literatura ganha novos significados. Como afirma Pesavento “por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu”.<sup>14</sup>

Assim, ao nos voltarmos para as representações que o indivíduo faz sobre o que viveu, somos remetidos diretamente para as diversas memórias que compõem o seu meio social. Nesse sentido, “a formação do eu de cada indivíduo será inseparável da maneira como ele se relaciona com os valores das sociedades e grupos em que se situa e do modo como, à luz do seu passado, organiza o seu percurso como projeto”<sup>15</sup>

Desse modo, devemos reconhecer o quanto a literatura foi utilizada por Pepetela como meio principal de problematizar a realidade do país, mas também de refletir, compreender e intervir no processo contínuo de construção nacional. Seus livros constituem um material rico para a análise de Angola, que abrem novos caminhos e ultrapassam os limites que então teve como militante do MPLA, agente do Estado e sociólogo. Seus romances romperam as barreiras nacionais e fazem parte do imaginário sobre a identidade nacional angolana, principalmente ao considerarmos que muitas vezes o primeiro contato que uma pessoa tem com a História do país é a partir da sua literatura.

### ***Dos capítulos***

---

<sup>13</sup> PESAVENTO, Sandra. História e Literatura: Uma Velha Nova História. In.: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, consulté le 04 septembre 2016. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1560> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.1560

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup>CATROGA, Fernando. Op. Cit. p.20.

Ao compreendermos a importância intelectual e social de Pepetela para o cenário político e cultural angolano, o primeiro capítulo, intitulado *Representar, testemunhar e narrar*, tem como objetivo entrelaçar a história de vida de Artur Pestana com o processo de formação da nação angolana e da construção do Estado no pós independência. Embora não sejam autobiográficos, seus livros inúmeras vezes delineiam experiências pessoais que se cruzam com a História do país. Deste modo, torna-se interessante observar as vicissitudes biográficas do escritor para compreender as representações que foram feitas nos seus romances, considerando a pluralidade de campos em que age o indivíduo. Nesse sentido, longe de considerarmos que a vida de Pepetela transcorre sem paralelos, dentro de uma concepção organizada e lógica, mantendo um viés cronológico, partiremos do pressuposto de que “o real é descontínuo”, afastando-nos assim do que Pierre Bourdieu denominou de *ilusão biográfica*.<sup>16</sup> Ou seja, ao nos determos sobre a biografia do escritor para compreender alguns dos debates suscitados nos romances, assim como as posições político-ideológicas, o objetivo não é estabelecer uma relação causa-consequência, mas trazer as complexidades que envolvem a construção da nação angolana a partir de um ator social que teve participação direta nesse processo.

O capítulo está dividido em três partes e propõe um debate sobre a importância intelectual de Pepetela para a escrita da história de Angola, ressaltando ainda que a construção da sua figura pública se deu por diferentes lugares. A partir de um debate entre História e Literatura, memória e testemunho, compreende-se que as vivências individuais, assim como o imaginário ganham um novo olhar, agora mais atento às subjetividades. Dialogando com esse cenário, é relativizada a ideia de que a obra literária é expressa através de uma singularidade.

---

<sup>16</sup>BOURDIEU. Pierre. A Ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de M. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. Pp. 183-191.



O capítulo ainda levanta um debate sobre as obras que serão trabalhadas na pesquisa e o porquê da escolha de determinados romances em detrimento de outros, nota-se o quanto a partir de diferentes modos e escolhas narrativas, Pepetela transforma-se em um personagem e traça a partir daí a sua imagem como crítico do Estado angolano. Como fontes para esse primeiro capítulo, nos atemos às entrevistas de Pepetela e de outros atores próximos do escritor.

Quanto ao capítulo 2, *Nação e Raça na Literatura de Pepetela*, podemos dizer que também foi uma análise que sobressaltou ao longo da pesquisa, devido a importância dos temas aqui retomados para compreender a obra de Pepetela. Conforme eu ia conversando com amigos e profissionais da área sobre o tema em que eu me debruçava, questões-chave tomavam as conversas. O fato de Pepetela ser um escritor angolano branco era frequentemente questionado, assim como a sua participação no processo de libertação e a sua representação sobre a nacionalidade angolana, amparada por pressupostos diferentes de um angolano negro. Aos poucos fui percebendo que ao me deter sobre as relações políticas em Angola após a independência, necessariamente, teria que perpassar os debates sobre a formação da nação em Angola, assim como essa me levava a uma análise sobre a questão racial e a participação de brancos nos movimentos nacionalistas no país. A partir desses debates, tornava-se muito mais complexo definir quem seria angolano. Podemos notar a partir dessas noções as ambiguidades e contradições existentes na formação da nação e do Estado angolano no período pós colonial<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Importante acrescentar a distinção do termo pós colonial que ao longo da pesquisa aparecerá com dois sentidos. Quando houver referência a passagem de tempo, apresentará um sentido puramente cronológico, sem demais problematizações. Todavia, quando vir em referência à produção literária, apresentará um caráter temático em que fará referência ao conteúdo crítico que começa a aparecer na literatura africana em relação à construção das sociedades e seus regimes políticos nas duas primeiras décadas de autogoverno. Para mais sobre esse debate ver: FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Escalas de identidade na literatura africana das independências: uma abordagem exploratória sobre nacionalismo, identidades sociais e produção cultural. In: Tempo | Vol. 24 n. 1 | Jan./Abr. 2018.; APPIAH, K.A. Na casa do meu pai: A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 e MATA,

Portanto, o capítulo foi dividido em quatro partes, iniciando com um debate historiográfico sobre o conceito de nação e identidade angolanos, para daí se estender na centralidade dos temas nação e raça no conjunto da obra de Pepetela. As duas últimas partes do capítulo se voltam para a análise das fontes literárias, ao analisar como Pepetela representou essa angolanidade e participou das batalhas discursivas em torno desse tema.

O último capítulo, *Política e Sociedade nos romances de Pepetela*, tem como objetivo abordar as relações de poder construídas entre o Estado e a sociedade após o período colonial. Com a independência se solidificou uma estrutura política em que o Estado/MPLA passou a ser o principal meio para a distribuição de benefícios e privilégios, contribuindo para o fortalecimento de uma política autoritária e patrimonialista. Desse modo, analisaremos como através dos seus romances Pepetela vai construir essa realidade, denunciando esse sistema, apontando como a sociedade se relaciona com essa política e como ela impacta no cotidiano angolano.

Com isso, o escritor traz à baila as contradições, ambivalências e acomodações de interesses presentes entre a sociedade angolana e o Estado. De acordo com Nuno Vidal, a lógica de Estado socialista servia perfeitamente para a concentração de poder político e econômico, assim como para a centralização implementada pelo MPLA. “O partido logo seria rapidamente associado à distribuição de benefícios e privilégios sociais e/ ou materiais”.<sup>18</sup> O presidente e o MPLA construíram, principalmente ao longo dos anos oitenta, uma estrutura política que os mantiveram no controle do Estado e dos seus recursos, tornando difícil a diferenciação entre o público e o privado.

O capítulo está dividido em duas partes principais, em que na primeira proponho desenvolver um debate historiográfico, assim como analisar o quanto em *Mayombe*, as

---

Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Luanda: Nzila, 2007.

<sup>18</sup> VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino P. *O Processo de Transição para o multipartidarismo em Angola*. Lisboa: Firmamento, 2008. p.13

estruturas de poder existentes em Angola após a independência, já aparecem desenhadas nesse romance, tecido ainda na guerrilha, no período pré-independência. E na segunda parte o objetivo é analisar os quatro romances que fazem parte do escopo da pesquisa. Refletir a partir dessas narrativas sobre: Quem são os personagens criados? Qual a relação que estabelecem com o MPLA? Como são construídas as relações pessoais desses personagens? Parte-se do pressuposto de que ao propor uma reflexão de Angola a partir de personagens-tipo podemos analisar o desenvolvimento de algumas questões importantes para a realidade política de Angola após a independência.

\* \* \*

## Capítulo 1

### Representar, Testemunhar e Narrar

*“Um escritor não é apenas a sua obra. É ele próprio, a sua obra e todas as envolventes da sua escrita. Tudo isso misturado num almofariz de vivências que se esmagam entre si, para que surja o eco, o poema, o conto, o livro, e nele, terra, povo, pátria, histórias de vida da vida eterna”.*<sup>19</sup>

#### 1.1 Um intelectual nas fronteiras

O colonialista é colonialista, acabou. Dele não há nada a esperar. Mas de nós? O povo esperava tudo de nós, prometemos-lhe o paraíso na terra, a liberdade, a vida tranqüila do amanhã. Falamos sempre no amanhã. Ontem era a noite escura do colonialismo, hoje é o sofrimento da guerra, mas amanhã será o paraíso. Um amanhã que nunca vem, um hoje eterno. Tão eterno que o povo esquece o passado e diz ontem era melhor que hoje.<sup>20</sup>

Em uma fala contundente do personagem Sábio de *A Geração da Utopia*, Artur Pestana retoma uma questão muito presente em seus romances, a crítica ao projeto político desenvolvido em Angola após a independência. A narrativa sugere ao leitor que os impasses, as decepções e hesitações permaneceram mesmo após a vitória contra o colono, deixando claro os limites do novo regime político, que não extinguiu as heranças coloniais.<sup>21</sup> A esperança e a utopia de uma sociedade livre após a independência logo deram margem para as desilusões e incertezas.

---

<sup>19</sup> WÉ LEPI, Ndunduma. Quarenta anos de amizade para sessenta de vida. In.: CHAVES, Rita. MACEDO, Tânia. (Orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Atêlie editorial, 2009. P.89.

<sup>20</sup> PEPETELA. *Geração da Utopia*. São Paulo: Leya, 2013.P.169.

<sup>21</sup> CHAVES, Rita. *Pepetela: Romance e Utopia na História de Angola*. Via Atlântica nº2. Jul. 1999. São Paulo: USP. P. 12.

As páginas dos romances de Pepetela constituem um espaço de denúncia e inconformismo. O lugar que o escritor ocupa dentro do seu país, mas também fora dele, possibilita reconhecermos no conteúdo da sua escrita literária, mesmo em meio ao ficcional, a representação de uma realidade<sup>22</sup>. Somos envolvidos pela defesa de um projeto de nação e a afirmação de uma identidade que em alguns momentos se diferencia do projeto defendido pelo Estado-Partido. Constrói-se uma verdade baseada em concepções políticas e ideológicas em que o escritor acredita. As metáforas são utilizadas como recurso linguístico para descrever o real. O escritor, o militante e o cientista social se relacionam intimamente<sup>23</sup> trazendo à tona o conflito entre uma memória de Estado e uma memória individual que dão o tom de testemunho entre as suas narrativas.

É interessante notar ainda o quanto a sua escrita apresenta um discurso de autoridade, interferindo diretamente no modo como enxergamos a sociedade angolana. O valor de testemunho dos seus romances estão relacionados à sua experiência não só como guerrilheiro na luta de libertação de Angola e governante no período pós independência, mas como ator social que por vezes se encontrou entre as fronteiras existentes tanto no país quanto fora dele e utilizou a escrita literária como meio de expressão. Suas escolhas perpassam diversas inquietações que fizeram parte do processo de construção do Estado e nação angolana. E a sua transformação em homem público e intelectual angolano está em diálogo com estas questões. Abaixo podemos notar o quanto Pepetela está ciente desse seu papel:

---

22 Pepetela já recebeu o prêmio de literatura por obras como *Mayombe* e *Yaka*, assim como o prêmio da Associação paulista dos críticos de arte (APCA) pelo livro *Geração da Utopia*; o prêmio da União dos escritores angolanos (UEA); prêmio Camões pelo conjunto de sua obra; o prêmio holandês Prinz Claus, novamente pelo conjunto da obra; o prêmio da Câmara Municipal de Sintra (Portugal); recebe a Ordem de Rio Branco (Brasil) e o prêmio literário de escritor galego universal promovido em Santiago de Compostela.

23 SERRANO, Carlos. O Romance como documento social: o caso de *Mayombe*. In.: *Via atlântica*. Nº 3, dez. 1999.

Não posso fugir à minha formação, a qual escolhi aliás para poder compreender a realidade e escrever sobre ela. Por isso, deve ser fatal ter um certo pendor sociológico nos meus livros. Ficaria aliás muito preocupado se assim não fosse. Como a preocupação de ser claro. Afinal, sou professor.<sup>24</sup>

A partir do trecho destacado, podemos notar que Pepetela aproxima o seu interesse literário da sua formação como sociólogo, pois essa lhe serviria de instrumento para ampliar a reflexão sobre a realidade social em que vive<sup>25</sup>. Dentro dessa perspectiva, o escritor passou a militar através da sua literatura por uma História angolana a partir de dentro, construída por novos sujeitos históricos. Pois, de acordo com o escritor, até a escrita do volume *A História de Angola*, tudo que se conhecia sobre o país era a partir da visão do colonizador. Portanto, sua narrativa tem por objetivo também romper com essa lógica, muitas vezes escolhendo uma estrutura de cariz pedagógico, como veremos. Ao ser questionado sobre o desejo da sua literatura representar uma versão da identidade angolana Pepetela afirma:

Sim, até porque a história de Angola é mal conhecida. E é uma história escrita por estrangeiros, fossem portugueses ou não, há também relatos de missionários italianos, por exemplo. Sobretudo a visão angolana da história é pouco conhecida – a visão angolana hoje, já que durante a guerra não a havia. Tenho tentado tratar alguns temas do passado mostrando que há elementos do passado que ficaram preservados no inconsciente coletivo e que servem para marcar aspectos importantes da identidade nacional. E penso que é com base no uso desses elementos de uma forma consciente, trabalhada, que nós podemos ter de fato uma nação orgulhosa de si própria, porque, apesar de dominada, sabia lutar, e tinha personagens, tinha pessoas com capacidade de enfrentar todas as situações. E por isso procuro essas situações no passado para minha literatura. O objetivo é esse: a procura das linhas da chamada “angolanidade”.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> PEPETELA. Entrevista a Aguinaldo Cristóvão. O escritor é um ditador no momento da escrita. Luanda. s/d. Em: <https://www.ueangola.com/entrevistas/item/384-o-escritor-%C3%A9-um-ditador-no-momento-da-escrita>. Acessado em 05/06/2018.

<sup>25</sup> PEPETELA. Entrevista concedida a Michel Laban em 04.04.1988, Luanda. In: LABAN, Michel (org.). **Angola. Encontro com os Escritores**. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, v. 1. 1991.p.775/776.

<sup>26</sup> PEPETELA. Entrevista ao Portal Raízes. S/d. <https://www.portalraizes.com/1pepetela-a-geracao-da-utopia/>. Acessado em 10/05/18.

A importância de Pepetela como testemunho de uma geração é claramente percebida quando nos deparamos com a quantidade de teses e dissertações de mestrado que abordam direta ou indiretamente os seus romances.<sup>27</sup> Dentro do meio universitário Pepetela é um dos escritores africanos mais estudados, o que ressalta a sua importância intelectual como construtor de uma *angolanidade*. Ao ser reconhecido internacionalmente através da sua produção literária, devemos levar em consideração que sua influência não se dá apenas no campo do simbólico, pois a grande quantidade de entrevistas, artigos de opinião em jornais e crônicas publicadas ao longo dos anos possibilitou ampliar a sua sensibilidade sobre o ato de pensar Angola para além da literatura. O imaginário passou a influenciar o modo de ver/pensar a nação angolana<sup>28</sup>.

Por outro lado, embora muito utilizado nas pesquisas historiográficas, principalmente no que tange às pesquisas sobre Angola contemporânea, os livros de Pepetela ficam restritos muitas vezes a exemplos ilustrativos que não problematizam as narrativas escolhidas pelo escritor. A escolha da literatura como fonte exige um rigor metodológico que deve levar em consideração o lugar social de onde são escritas, que papel social e/ou político tem o escritor, quem eram seus interlocutores etc. A contextualização da obra e dos debates públicos mais importantes da época devem ser considerados. Por mais que o romance não defenda ter uma preocupação com a verdade, sabemos que a sua produção carrega questionamentos e problematizações próprias de um período. No caso de Pepetela essa relação ainda é mais evidente, pois são romances entranhados de história, em que a acusação e a denúncia às relações sociais e de poder que se formaram no pós-independência assumem um papel intervencionista na construção de uma nova sociedade.

---

<sup>27</sup> Em um levantamento feito em 2008, tínhamos 58 trabalhos (entre teses e dissertações), em nível nacional, que abordavam a obra do escritor diretamente. In.: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania. (org.). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

<sup>28</sup> CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. *Angola: História, Nação e Literatura (1975-1985)*. Curitiba: Prismas, 2016. P.28.

Ao destacar as linhas que levaram à formação do MPLA, Marcelo Bittencourt chama a atenção para os vínculos de solidariedade que se encontravam entre os indivíduos que fizeram parte da construção do movimento.<sup>29</sup> Afirma que foram a partir desses vínculos que se desenvolveram posicionamentos anticoloniais importantes para as lutas de libertação. Portanto, nos aprofundarmos sobre a trajetória de vida de Pepetela possibilita não apenas conhecer os caminhos percorridos para a sua formação política, mas também estabelecer diálogos com os posicionamentos político-sociais de uma geração que tinha como objetivo a independência.

Procura-se reconhecer também que em meio aos diversos debates políticos e às intensas batalhas discursivas, Pepetela optou muitas vezes por apoiar o MPLA mesmo havendo outras opções políticas. Portanto, o discurso que procura simplificar o jogo político daquela época, ressaltando muitas vezes a inevitabilidade de estar com um ou com o outro será problematizado a partir do sujeito Artur Pestana, que através da sua literatura construiu um cenário político angolano de crítica ao governo, mas que ao mesmo tempo, quando se fez necessário, permaneceu ao lado do movimento.

É interessante frisar, que a maior parte dos intelectuais angolanos nesse momento se identificaram com o MPLA, fazendo parte dos seus quadros, inclusive, após a independência. Isso se deveu à composição social que formou o movimento, sobretudo provindos das camadas urbanas e letradas, contrários às posições mais exacerbadas do ponto de vista étnico e racial. Havia uma relação muito íntima entre os escritores e o poder político, o que possibilitou ainda a criação da União dos Escritores Angolanos (UEA) em 1975.<sup>30</sup>

Dentro dessa perspectiva, os romances de Pepetela e as representações da

---

<sup>29</sup> BITTENCOURT, Marcelo. As linhas que formam o “EME”. Um estudo sobre a criação do movimento popular de libertação de Angola. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1996. P. 48.

<sup>30</sup> Sobre a participação dos escritores no MPLA ver CARVALHO FILHO, Silvio. Angola: História, Nação e Literatura. Curitiba: Editora Prismas, 2016. P.44-45.



sociedade angolana contidas neles, devem ser analisados em diálogo com os interesses que influenciam na escrita do autor. Parte-se do pressuposto de que o discurso literário é uma forma diferenciada de abordar o real, ao escolher uma dimensão simbólica diferente para dar sentido à experiência vivida.<sup>31</sup> Construída a partir de uma visão individual, essa experiência passa a ser valorizada, dando margem às subjetividades históricas, que enriquecem o cenário historiográfico. De acordo com a crítica literária Maria Nazareth Fonseca, “o romance pode ser entendido como uma leitura de mundos, ainda que se estruture a partir de estratégias discursivas regidas por princípios próprios à narração inventiva”.<sup>32</sup> Desse modo, devemos interpretar a escrita literária como uma construção da realidade, suscetível, assim como outras formas de representar o mundo, a disputas e conflitos inerentes à vida do escritor. Pois, a realidade é construída envolta ao modo como ocorre a apropriação do contexto, por isso, “as modalidades do agir e do pensar devem ser sempre remetidas para os laços de interdependência que regulam as relações entre os indivíduos”.<sup>33</sup>

Ao reconhecermos a importância de Pepetela como intelectual, devemos problematizar esse conceito, deixando claro em que medida será abordado e até que ponto contribui para compreendermos a sua produção literária. Devemos nos colocar atentos aos limites do escritor enquanto indivíduo mas também à sua dimensão extratextual através de uma perspectiva pós colonial. O intelectual será trabalhado a partir da concepção de Sirinelli, ou seja, como pensador atuante tanto social quanto politicamente. Contudo, embora se reconheçam as diferenças entre o intelectual francês

---

<sup>31</sup> PESAVENTO, Sandra. História e Literatura: Uma Velha Nova História. In.: Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, consulté le 04 septembre 2016. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1560> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.1560.

<sup>32</sup> FONSECA, Maria Nazareth. Literatura e “arquivos da memória”: negociação e dispersão de sentidos. In.: SECCo, Carmen Tindó, SALGADO, Maria T. E JORGE, Sílvio R. (orgs) África, escritas literárias. Rio de Janeiro: UFRJ; Angola: UEA, 2010. p.77.

<sup>33</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. Lisboa: DIFEL, 2002. p. 25

e o angolano, essas aproximações são feitas por levarmos em consideração que o intelectual é um indivíduo que atua no seu meio social e influencia as concepções políticas e ideológicas de uma sociedade:

“Os intelectuais são, por seu ofício, os detentores do sentido das palavras: eles as forjam e as transmitem, e por isso mesmo se encontram nos dois lugares-chave da expressão cultural: a formulação e a transmissão. Seu papel na gênese e na circulação tanto das culturas políticas quanto de certos processos de memória constitui, pois, uma realidade histórica inegável.”<sup>34</sup>

A exploração do campo intelectual se dará então à medida que o autor aqui analisado não se constitui como ator passivo na intervenção política, pelo contrário, exerce através de seus romances uma forte interferência social enquanto (re) constrói personagens caricatos que fazem parte dos grupos sociais e políticos de Angola. Embora a opinião de um intelectual nada mais seja do que uma opinião particular, ela é determinada de acordo com as contingências de uma época. Portanto, trabalhar o pós independência angolano considerando as mudanças políticas e sociais, assim como os diferentes discursos criados nesses anos através do olhar pepeteliano, contribui para refletir sobre as tendências ideológicas que estavam em (re) construção no período, o que sinaliza a estreita ligação entre os intelectuais e a cultura política<sup>35</sup>. No caso do escritor angolano, há inclusive a vivência de uma situação-limite, a participação de intelectuais na guerrilha, que de acordo com Pepetela:

Eram fundamentalmente intelectuais que lutavam pelo seu país. Ocasionalmente estavam na guerrilha, como poderiam ter lutado de outra maneira. A vida permitiu que essas pessoas tivessem conseguido chegar a participar directamente na luta. Conheço outros intelectuais

---

<sup>34</sup>SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais do final do século XX: abordagens históricas e configurações historiográficas. In: AZEVEDO, C.; ROLLEMBERG, D.; KNAUSS, P.; BICALHO, M. F.; QUADRAT, S. (orgs.) *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

<sup>35</sup>SIRINELLI, Jean-François. Op. Cit. 2009. p. 48.

que não tiveram essa oportunidade, embora o tentassem.<sup>36</sup>

No caso do continente africano, um traço comum dos seus intelectuais é a sua formação em meio a um engajamento anticolonial e nacionalista, na construção de um Estado-nação.<sup>37</sup> O seu reconhecimento como intelectual vem acompanhado ainda do esforço em derrubar os estereótipos que dominavam as ciências sociais e que reduzia o papel do africano no seu processo histórico. Por isso, através das suas representações públicas, seja escrevendo, falando, ensinando, os intelectuais africanos se posicionaram criticamente sobre o momento político, influenciando e muitas vezes alterando o modo como enxergamos a sociedade.<sup>38</sup>

É interessante notar que ao reconhecermos a presença de uma intelectualidade africana, ela deve ser pensada também em diálogo com o mundo ocidental. Compreende-se aqui que a formação da identidade africana se faz em contato com o outro, renegando-o ou apropriando-se, num claro hibridismo cultural. De acordo com Edward Said, percussor desses estudos, o esforço se concentra na desconstrução da polaridade entre o Ocidente e o Oriente, principalmente ao romper com a superioridade irreversível que é depositada ao Ocidente como construtor e mediador de uma cultura oriental.<sup>39</sup> Devemos nos atentar, sobretudo, para as multiplicidades existentes no outro construído.

Os estudos do pós-colonial não se restringem apenas a um sentido cronológico, mas propõem uma “reconfiguração do campo discursivo no qual as relações hierárquicas são significadas”.<sup>40</sup> A limitação dessas categorias colocadas em polos

---

<sup>36</sup> PEPETELA. Entrevista a Aguiñaldo Cristóvão. O escritor é um ditador no momento da escrita. Luanda. s/d. Op. Cit.

<sup>37</sup> CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. E NASCIMENTO, Washington Santos (Orgs.). Intelectuais das Áfricas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. P. 21.

<sup>38</sup> SAID, Edward. Representações do Intelectual. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>39</sup> SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>40</sup> COSTA, Sérgio. Muito além da diferença: (im) possibilidades de uma teoria social pós-colonial. Em:

extremos não/ dão conta das trocas culturais possibilitadas a partir desse encontro, e o interesse do pós-colonialismo está em problematizar exatamente essa fronteira que desencadeia um rico hibridismo cultural. Para Said, a ideia central consiste em relativizar esse Oriente, representado como inferior, caricatural e exótico, constituído por indivíduos inertes ou passivos.<sup>41</sup>

Ao ampliarmos esse debate, devemos nos atentar para a influência de dois movimentos importantes para a formação intelectual africana: o Pan-africanismo e a Negritude. Esses movimentos importam aqui à medida que ora os intelectuais se aproximaram e ora se distanciaram de suas ideias que aparecem como referenciais. Ambos os movimentos trouxeram em seu seio uma concepção racialista, centrada na positividade do ser negro, o que influenciou grande parte da intelectualidade africana. A formação do grupo da Casa dos Estudantes do Império se constituiu em diálogo com essas ideias, refazendo-as a partir de uma pluralidade que apresentou tensões e ambivalências, paradoxos e contradições.<sup>42</sup> Enquanto muitos eram a favor de uma África negra e antiocidental, outros passaram a defender que no diálogo com o Europeu também se formavam novas ideias.<sup>43</sup>

Ao considerarmos o Pepetela em sua individualidade e intelectualidade devemos estar atentos às fronteiras sociais que esse escritor percorre. Como homem branco, estudante e urbano, morador de Benguela, devemos sempre considerar de que lugar Artur Pestana parte, mas também tentar reconhecer que as fronteiras por que circulou contribuíram para definir a formação do escritor que conhecemos hoje<sup>44</sup>. Embora tenha

---

<http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/poscolonialismomana-S%E9rgio%20Costa.pdf>. Acessado em 21/09/2014.

<sup>41</sup> SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. P. 10.

<sup>42</sup> HERNANDEZ, Leila Leite. A itinerância das ideias e o pensamento social africano. In.: Anos 90. Porto Alegre, v. 21, nº40, dez.2014. p. 197.

<sup>43</sup> CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. E NASCIMENTO, Washington Santos (Orgs.). *Intelectuais das Áfricas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.p.25.

<sup>44</sup> Ao longo do texto faremos referência a Artur Pestana ou Pepetela de modo indiscriminado, apenas

como referencial Angola para a sua escrita, reconhece a importância da sua trajetória para o desenvolvimento da sua obra:

Gosto disso, intelectual entre fronteiras... Talvez tenha tido a sorte de viver várias vidas, cidadão perto do mar, vivendo e combatendo mais tarde no mato, em muitas regiões diferentes, exilado em vários exílios na Europa e em África, membro de uma minoria sempre, do ponto de vista da origem, da raça, das ideias, muitas vezes solitário. Certamente que influencia qualquer obra.<sup>45</sup>

Logo, a oposição ao colonialismo formou-se entre esses trânsitos. Os debates nacionalistas em meio a uma forte tendência racialista, mas sendo branco, lhe possibilitou olhar a formação da nação por outras brechas. Do mesmo modo, o seu olhar de indivíduo do sul também trouxe problematizações significativas, abrindo questionamentos internos no MPLA, em especial sobre a formação de uma ampla rede de privilégios que teve início ainda durante a luta de libertação. Todavia, a sua aproximação com a realidade urbana, letrada e intelectualizada, ampliada quando foi estudar em outros países, aproximaram o escritor do ambiente político-ideológico do MPLA.

Esse seu lugar de origem e de resistência também aparece nos romances. Assim, a construção dos personagens de Pepetela denotam uma verossimilhança com a realidade do país; mas longe de estarem presos diretamente “aos de cima”, suas críticas possibilitam nos voltarmos para os diferentes tipos sociais que formam a sociedade, encontrando tanto nos macro quanto micro poderes as formas que delineiam um país marcado pela violência e autoritarismo. Ao longo das suas narrativas ganham destaque os personagens que seriam silenciados pelas histórias oficiais. Somos envolvidos por uma polifonia que tem por objetivo destacar essa multiplicidade de vozes que fazem

---

como recurso de escrita para o texto não ficar repetitivo.

<sup>45</sup> PEPETELA. Entrevista por meio eletrônico a Carolina Bezerra em 25/07/2017.

parte de Angola. Do mesmo modo, o escritor se coloca e anuncia no início do romance *A Geração da Utopia* de que lugar fala:

(Na prova oral de Aptidão à Faculdade de Letras, em Lisboa, o examinador fez uma pergunta ao futuro escritor. Este respondeu hesitantemente, iniciando com um portanto. De onde é o senhor?, perguntou o professor, ao que o escritor respondeu de Angola. Logo vi que não sabia falar português; então desconhece que a palavra portanto só se utiliza como conclusão dum raciocínio? Assim mesmo, para pôr o examinando à vontade. Daí a raiva do autor que jurou um dia havia de escrever um livro iniciando por essa palavra. Promessa cumprida. E depois deste parêntesis, revelador de saudável rancor de trinta anos, esconde-se definitivamente e prudentemente o autor.)<sup>46</sup>

A aproximação com o leitor excede os limites ficcionais e faz emergir o narrador dentro de um processo histórico em que “imperavam os valores impostos pela ideologia colonial”. E, é a partir desse ponto, que novas vozes insurgentes vão aparecer na narrativa, demarcando a presença de novos atores e novas complexidades, que não se restringem somente à língua, mas, sobretudo, na construção de uma identidade afastada dos liames coloniais.<sup>47</sup>

Por outro lado, por vezes se coloca como um solitário. Se, em alguns momentos, era visto como um “branco de segunda” em Angola, quando chega a Portugal essa posição fica ainda mais evidente. Inúmeras vezes apareceu como um homem à margem. Durante anos ficou exilado, depois retornou ao país de origem na condição de guerrilheiro e membro do MPLA, mas não deixava de causar estranheza e questionamentos, principalmente pela sua cor. Quando resolveu sair do partido que antes o acolhera, também suscitou críticas que vinham tanto de dentro quanto de fora, pelas escolhas que fez quando era do governo.

<sup>46</sup> PEPETELA. *Geração da Utopia*. São Paulo: Leya, 2013. P. 9.

<sup>47</sup> MATTOS, Tatiane Reghini. *As vozes narrativas de Pepetela: A Geração da Utopia e Predadores*. Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo:2013.

Diante dessas posições, torna-se fundamental conhecermos um pouco mais a fundo a trajetória desse intelectual. Ao ser questionado sobre a sua produção literária, Pepetela reconhece o quanto a sua experiência de vida interfere no momento da escrita: “Uma participação tão prolongada no processo de libertação e de constituição de uma nação deixa marcas e influencia a minha literatura, sobretudo em torno dos temas que escolho”<sup>48</sup>. As preocupações com a nação movimentam as suas tramas, que não se constituem apenas como reprodução de um cenário, pelo contrário, elas trazem reflexões, interferindo diretamente, como já dissemos, no modo como enxergamos a sociedade angolana. As frustrações de uma geração não são apenas encenadas nas páginas de seus livros sem que com elas não venham perspectivas para um futuro, em um claro ato político.

Ao fragmentar-se em diversos de seus personagens, o autor transforma a sua perspectiva sobre a realidade em testemunho, trazendo uma nova verdade originada no sujeito e em sua experiência de vida. Seu ato de lembrar, inerente aos interesses do presente e aos laços de interdependência que regularam suas relações sociais, exige que nos debruçemos sobre a sua trajetória.<sup>49</sup> Nesse sentido, parte-se da premissa de que a criação dos personagens está diretamente ligada à realidade individual do romancista. Por mais que seus personagens não correspondam a pessoas reais, eles nascem delas. Portanto, partir das complexidades existentes entre os seus personagens para compreender o mundo que cerca o escritor é válido por considerarmos que as escolhas narrativas necessariamente estão amparadas pelas memórias de Pepetela. O ato de lembrar, ou seja, o retorno ao passado seria movimentado a partir de interesses do

---

<sup>48</sup> PEPETEla. MOTA, Denise. “independência e Justiça”, *Raça Brasil*, nº97, São Paulo. APUD.: CHAVES, Rita MACEDO, Tânia. (Orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Atêlie editorial, 2009. p. 37.

<sup>49</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. P.10

presente, causando uma “mistura de tempos”<sup>50</sup>.

Mas realmente não há nenhuma personagem que seja eu. Aliás, não há nenhuma personagem que seja real. Todos eles são ficção, ou utilizando por vezes um ou outro dado de uma pessoa existente ali ou fora do contexto que eu conheci, numa versão. (Entrevista a Carlos Serrano)

A passagem em destaque faz parte de uma entrevista concedida por Pepetela a Carlos Serrano sobre as personagens do livro *Mayombe* (1980). Todavia, esta afirmativa do autor poderia fazer parte das reflexões sobre a sua produção literária: personagens fictícios que guardam uma verossimilhança com a realidade e com a experiência de vida do escritor. A pluralidade de narradores que compõem os romances também chama a atenção, pois demarca as diferenças e contradições que fizeram parte dos seus questionamentos enquanto indivíduo no processo de construção da nação angolana. Assim, Pepetela também se torna personagem dos seus romances à medida que suas escolhas narrativas são cercadas por tensões entre o indivíduo e o mundo social.

Nesse sentido, ao nos debruçarmos sobre a importância da memória na escrita historiográfica, devemos estar atentos às dimensões políticas que interferem na sua narrativa. A “experiência do vivido”, como ressaltou Walter Benjamin, sempre foi vista dentro de uma perspectiva frágil e volátil, o que naturalmente afastaria a memória dos objetos do historiador. Dialogando com essa perspectiva, Enzo Traverso defende que o surgimento da testemunha põe em causa algumas práticas do historiador, pois longe de se constituir como uma memória efêmera, como defende Benjamin acerca da experiência vivida, ela traz questões fundamentais para pensar a escrita da história, tornando a memória parte da oficina do historiador.<sup>51</sup>

Mesmo cercado por contradições e armadilhas, os discursos memorialísticos

---

50 Idem. p.10.

51 TRAVERSO, Enzo. O Passado. Modos de Usar. Lisboa: Edições Unipop, 2012. p. 12-16.



devem ser reconhecidos como um dos diferentes modos do homem se representar. Sob esse viés, o interesse para o historiador está em investigar “quem recorda, o que se recorda, como, para que fins, com que meios, o que importa são os artifícios e as práticas da memória”.<sup>52</sup> O testemunho passa a ser personagem da sua narrativa.

Por meio desse ponto de vista, também compreendemos que o diálogo entre a história e a literatura se torna fecundo à medida que entendemos a história e as fontes históricas não como verdades absolutas, mas sim, como representações historicamente construídas sobre dada realidade, produzidas dentro de processos históricos determinados. As disputas e os anseios se relacionam e definem a escrita de determinado texto. Pois as condições de produção influenciam diretamente as representações que o indivíduo faz acerca do que viveu.

Deve-se ressaltar, contudo, que a literatura de Pepetela não é compreendida aqui a partir de uma perspectiva clássica da literatura do testemunho. Esta, de acordo com Seligmann, deve ser considerada como tal a partir da sua relação e compromisso com o “real”, o que não caracteriza as narrativas do escritor angolano, cercadas de ironia. De acordo com o crítico, esse modelo literário traz novas indagações à literatura, pois ela deixaria de ser amparada somente em uma dimensão que imita a realidade para ser a própria manifestação do real.<sup>53</sup>

Entretanto, por outro lado, as preocupações teóricas que cercam a análise da literatura de testemunho também devem estar presentes no relato romanesco, principalmente, se nos voltarmos para a autoridade que Pepetela exerce na construção das suas narrativas, conforme já foi ressaltado. Todavia, ao focarmos nos romances considerados políticos, compreendemos que há uma escrita muito mais engajada, de

---

52 JULIA, Santos. “Por la autonomia de la historia. Claves de razón práctica”, 207 [Consultado: 01/07/2013] [http://www.essayandscience.com/upload/ficheros/noticias/201105/julia\\_2\\_2.pdf](http://www.essayandscience.com/upload/ficheros/noticias/201105/julia_2_2.pdf).

53 SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

denúncia. Em diálogo com uma historiografia recente, os romances de Pepetela vão contribuindo para uma reflexão importante acerca das relações políticas angolanas, que mesmo após a independência, guardam marcas do período colonial.

Portanto, ao refletirmos sobre o pensamento político e social de Pepetela a partir da década de 1980, período em que escreve os romances abordados na pesquisa, é inevitável a necessidade de nos voltarmos para a sua trajetória pessoal, marcada pelo seu hibridismo intelectual e pela participação no processo de independência de Angola. Compreende-se que os lugares que frequentou, assim como os amigos que fez ao longo dos anos contribuíram diretamente para a sua formação política. Essa reflexão também será importante para analisarmos o Pepetela enquanto personagem de seus romances, constituindo-se como testemunha nas suas narrativas.

## **1.2 Pelos caminhos de Artur Pestana**

### ***Juventude e aproximação com o MPLA***

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos nasceu em Benguela no ano de 1941. É descendente de família portuguesa, cuja mãe pertencia à classe média baixa da cidade de Moçâmedes, atual Namíbe, sul de Angola. De acordo com o autor, sua família já devia estar a aproximadamente cinco gerações em Angola. Já seu pai, também descendente de portugueses, nasceu em Catumbela, passou uma parte da infância em Portugal e retornou a Angola aos 16 anos, onde investiu, em Benguela, em uma empresa de pesca. É através dessa atividade que os estudos do escritor serão financiados por seu pai.<sup>54</sup> Ao traçarmos as origens da família de Pestana, ressaltando seus anos de infância,

---

<sup>54</sup> CARVALHO FILHO, Sílvio de Almeida. Pepetela: Fragmentos de uma trajetória. In.: *Boletim do*

o objetivo é nos atentarmos para as clivagens sociais e raciais presentes em Angola naquele momento e que contribuíram para a sua formação enquanto intelectual. Sua família fazia parte de uma minoria branca em uma sociedade demarcada por diferenças sociais e econômicas a partir da cor da pele. Embora muitas vezes existisse uma proximidade física, as barreiras raciais eram impostas e estratificavam brancos e negros. Quando do nascimento de Artur Pestana, na década de 1940, havia uma diferenciação não só jurídica através do estatuto do indigenato<sup>55</sup>, mas também social, através da segregação nos espaços públicos<sup>56</sup>.

Todavia, esse cenário vai ganhando novas complexidades através das entrevistas concedidas por Pepetela. Ao nos voltarmos para a sua juventude, somos envolvidos por uma Benguela cujo convívio racial intenso contribuiu para uma discriminação racial menor do que as existentes a partir dos valores colonialistas dominantes em Luanda. Como afirma o escritor, até a década de 1950 mais de 50% da população da região era mestiça, o que possibilitava por vezes uma relação muito mais harmoniosa do que na capital. Por outro lado, como afirma Silvio Carvalho, Pepetela relembra que embora a convivência fosse próxima, os conflitos inter-raciais se faziam presentes principalmente quando os negros queriam frequentar a mesma praia que os brancos. A referência a Luandino Vieira e seu conto *A Fronteira e o asfalto* na entrevista de Artur Pestana, concedida a Michel Laban, busca demonstrar metaforicamente como a ingenuidade da infância é rompida pelas barreiras raciais existentes na sociedade angolana<sup>57</sup>. No conto a

---

*Tempo Presente*. Nº6 p.1-16. 2013 e PEPETELA. Entrevista concedida a Michel Laban em 04.04.1988, Luanda. In: LABAN, Michel (org.). s. d. **Angola. Encontro com os Escritores**. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, v. 1.

<sup>55</sup> Entre 1926 e 1961 era instituído juridicamente o estatuto do indigenato nas colônias portuguesas, estabelecendo as diferenças entre o indígena e o assimilado, considerado cidadão. Para conquistar a assimilação “o pleiteante deveria saber falar e ler em língua portuguesa, ser monogâmico, “viver à europeia” e ter condições de sustentar-se”. Ver: NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: Os “Novos Assimilados” em Luanda (1926 – 1961)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social – Universidade de São Paulo. 2013.

<sup>56</sup> NASCIMENTO, Washington. Op. Cit. 2013.

<sup>57</sup> Pepetela: Fragmentos de uma trajetória. In.: *Boletim do Tempo Presente*. Nº6 p.1-16. 2013 e

relação entre o menino negro e pobre e a menina branca, que morava do outro lado da rua propõe voltarmos para “o tempo que não havia perguntas, respostas, explicações. Quando ainda não havia a fronteira do asfalto”.<sup>58</sup> À medida que a juventude avança, as imposições sociais se fazem presentes e passam a cobrar os lugares que cada um deve ocupar em meio a uma sociedade dividida racialmente. Tanto, que o escritor rememora que somente aos 12,13 anos começou a perceber que alguns amigos tinham mais facilidades do que outros, em um claro cenário de estratificação social e racial.<sup>59</sup>

De acordo com Pepetela, essa convivência, por vezes mais harmoniosa, se deve às características locais de Benguela, por ser uma cidade que se formou a partir do comércio e detentora de uma geografia que não favorecia a permanência dos colonos, pois era pantanosa e com muitos mosquitos<sup>60</sup>. Os homens chegavam sozinhos de Portugal e mantinham relações com as mulheres angolanas, o que explica a forte mestiçagem. Ressalta-se ainda que embora a mestiçagem nunca tivesse feito parte das políticas de colonização, era tolerada. Esse quadro só teria começado a mudar a partir da II Guerra Mundial, com o aumento da entrada de mulheres brancas.<sup>61</sup>

Para Pepetela essa fronteira racial teria ficado mais evidente quando deixou Benguela e foi dar continuidade aos seus estudos em Lubango, cidade de maioria branca. De acordo com o escritor, lá as crianças negras “recebiam tratamento

---

PEPETELA. Entrevista concedida a Michel Laban em 04.04.1988, Luanda. In: LABAN, Michel (org.). **Angola. Encontro com os Escritores**. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, v. 1. 1991.

<sup>58</sup> VIEIRA, José Luandino. *A Fronteira e o Asfalto*. In.: *A cidade e a Infância: Contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>59</sup> PEPETELA. Entrevista concedida a Michel Laban em 04.04.1988, Luanda. In: LABAN, Michel (org.). *Op. Cit.* P.779.

<sup>60</sup> Cabe aqui problematizarmos essa referência a partir das leituras sobre o passado que constantemente aparecem na literatura angolana. Para Rita Chaves, é evidente o quanto que ao relembrem o seu tempo de infância, as exclusões sociais e raciais características de um tempo colonial, aparecem atenuadas nos relatos dos escritores. “O universo infantil é retomado como um mundo em comunhão, onde o código da cisão não tinha se projetado”. In.: CHAVES, Rita. *O passado presente na literatura angolana*. Scripta. Belo Horizonte. V.3. nº6. 1 semestre, 2000. P.248.

<sup>61</sup> CASTELLO, Cláudia. *Passagens para África*. O povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole (1920 – 1974), Edições Afrontamento, 2007.

diferenciado, sendo mais vigiadas e castigadas em sua disciplina”<sup>62</sup>. Portanto, para Pepetela, a vivência frente a essas diferenciações raciais existentes em Angola, vão marcar as suas posições como intelectual. Os debates acerca da questão racial estarão presentes na maior parte de suas obras, ressaltando, sobretudo, o racismo do período colonial, mas apontando para os problemas enfrentados pela sociedade angolana no período anterior e posterior a independência, conforme veremos mais adiante. Essas primeiras percepções sobre o social influenciarão a sua escrita, trazendo problemáticas que levarão ao desenvolvimento de uma concepção nacionalista baseada na integração racial:

A tomada de consciência da necessidade da Independência começou com a percepção de que existia o racismo colonial. Quando era muito jovem, tinha amigos de todas as cores e chocou-me descobrir que uns eram privilegiados e outros oprimidos, por causa da cor da pele. Essa situação reflectiu-se em alguns dos meus livros, sobretudo os primeiros, mais marcados pelo fenómeno colonial<sup>63</sup>.

A passagem acima é uma resposta de Pepetela ao ser questionado sobre a influência da questão racial na sua obra. Suas concepções nacionalistas formadas a partir das barreiras raciais impostas diariamente também devem ser problematizadas a partir das discriminações existentes entre os próprios brancos em Angola. Havia uma clara diferenciação entre aqueles nascidos na metrópole e os naturais de Angola, o que de acordo com Fernando Pimenta, contribuiu decisivamente para o desenvolvimento de uma forma mais política de nacionalismo branco. Enquanto o racismo constituía uma das bases do colonialismo português e demarcava não apenas uma diferença entre negros e brancos a partir de concepções sociais como “civilizados” e “não civilizados”, os próprios brancos nascidos em Angola seriam classificados como “euroafricanos” ou

---

<sup>62</sup> CARVALHO, Silvio. Negro e Branco em Pepetela. Anais do XX Simpósio Nacional de História – ANPUH • Florianópolis, julho 1999. P.743

<sup>63</sup> PEPETELA. Entrevista concedida por via correio eletrônico a Carolina Bezerra em 25/07/2017.

popularmente conhecidos como “brancos de segunda”. Principalmente com a presença mais constante de brancos metropolitanos no país, logo após a Segunda Guerra Mundial, houve a emergência de um fenômeno nacionalista entre a população branca angolana. Um movimento considerado plural, com diferentes propostas políticas no seu interior. Destacam-se as ideias progressistas – independência liderada pela maioria negra da população; liberais – “independência sob a hegemonia branca, mas com integração política das elites mestiça e negra europeizadas – e conservadoras ou regressistas – que defendiam a manutenção das estruturas da colonização de modo que tivessem seu status igualado aos portugueses.<sup>64</sup>

Dentro desse cenário de disputas, os ideais nacionalistas angolanos vão sendo tecidos. Novas organizações políticas de âmbito cultural são fundadas na década de 1940 e abrem espaço para uma nova reflexão sobre o que é ser angolano. Pimenta destaca a Organização Socialista de Angola (OSA), no Huambo, formada por estudantes do liceu brancos e mestiços. Havia entre seus expoentes nomes importantes para o processo de independência do país: Alexandre Dáskalos, Sócrates Dáskalos e Aires de Almeida Santos. Inclusive, Pepetela afirma que foi a partir da leitura de um poema de Aires de Almeida que pela primeira vez tomou consciência das diferenças existentes entre uma literatura portuguesa e uma literatura angolana:

Era um poema que tratava de Benguela, que tratava de Angola, com as nossas frutas, as nossas árvores, a nossa realidade... Aquilo para mim foi um choque – deve ter sido o primeiro choque nacionalista: eu senti orgulho de que as nossas coisas estavam a ser tratadas também em poesia – não eram só as coisas de Portugal, mas também as nossas. Eu acho que isso me marcou, não assim de uma forma muito directa, mas mais tarde.<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup> PIMENTA, Fernando. Ideologia Nacional dos brancos angolanos (1900-1975). In.: Anais do VIII Congresso Luso-Afro brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2014.

<sup>65</sup> Idem. P. 781.

Pepetela afirma que a partir dessas leituras, influenciadas por um tio seu, foi aos poucos desenvolvendo um sentimento de revolta, o que provavelmente teria contribuído para suas concepções nacionalistas. Dessa forma, o escritor relembra que quando foi para Portugal em 1958, dar continuidade aos seus estudos, procurou a Casa dos Estudantes do Império (CEI)<sup>66</sup> conscientemente. Sabia exatamente que lá seria um lugar de ideias nacionalistas, em que os diálogos sobre a angolanidade seriam enriquecidos. Para ele foram anos de descobertas acerca dos debates raciais e anticoloniais que emergiam na metrópole portuguesa. Um lugar em que os estudantes construía um “espaço de socialização anticolonialista”, que suscitavam diversas iniciativas culturais: rodas de conversas, saraus literários e atividades editoriais, como a *Coleção de Autores Ultramarinos* e a *Revista Mensagem*.<sup>67</sup> Vale destacar ainda, que esse espaço possibilitou a formação de futuros dirigentes e membros dos movimentos de libertação, pois, a partir da CEI, diversos jovens se preparavam para juntar-se a esses movimentos em outros lugares, longe dos olhos da PIDE<sup>68</sup>, como é o caso do escritor.

Pepetela deposita uma grande importância na sua passagem pela Casa. Considera que foi a partir dos debates travados no seu ambiente que ele foi descobrindo e entendendo a emoção que sentira, pela primeira vez, aos treze anos em Benguela, quando escutou o poema de Aires de Almeida. O amor pela terra natal ia ganhando forma e significado através da lembrança das cores e cheiros da infância. E foi através dessa mistura de sentimentos, que “o apelo da terra deixou de ser apenas algo de emotivo para se tornar razão de ser”.<sup>69</sup> E é dessa época que temos os primeiros escritos

---

66 Criada em 1944 pelo Ministério das Colônias e pelo Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa. O objetivo era reunir os estudantes vindos das Colônias portuguesas.

67 CASTELO, Claudia. Casa dos Estudantes do Império (1944-65): uma síntese histórica”. In.: Revista Mensagem, nº especial 1944-1994. União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), Lisboa: 2005. p.25-31.

68 Arquivos encontrados na Torre do Tombo – PIDE/DGS, apontam para as atividades políticas dos sócios da casa desde 1946. Alertam que a CEI funcionava como uma instituição de “recrutamento” de jovens para os movimentos de libertação.

69 PEPETELA. A Casa dos Estudantes do Império fez de mim um escritor. In.: Revista Mensagem, nº

de Pepetela, em formato de contos para a *Revista Mensagem*. Na verdade, Pepetela rememora em entrevista que apenas um conto foi publicado na Revista: *O velho João* e do mesmo período são publicados outros dois contos em diferentes meios de veiculação: *As Cinco vidas de Teresa* e *A Revelação*. Interessante apontar que todos esses foram assinados como Arthur Pestana, pois ainda não tinha pseudônimo, que só vai surgir em 1969.<sup>70</sup>

Certamente a CEI como ambiente sócio-cultural contribuiu diretamente para os seus questionamentos acerca da nação. O contato mais próximo com as ideias de intelectuais como Mário Antônio, Viriato da Cruz, Luandino Vieira, Antônio Jacinto, Alexandre Dáskalos, Henrique Abranches, todos angolanos e envolvidos com movimentos de esquerda e também nacionalistas ampliaram as suas concepções ideológicas<sup>71</sup>. O projeto de reflexão sobre a *angolanidade* passava a ter um forte apelo na Casa. É interessante ainda notar a presença de brancos e mestiços e como essas tensões raciais fizeram parte desse cenário, ressalta-se nesse sentido as publicações de Mário Pinto de Andrade *Caderno da poesia Negra de expressão portuguesa* (1953) e a *Antologia de poesia negra de expressão portuguesa* (1958).<sup>72</sup>

Pepetela participou de todo esse ambiente até 1962, quando, fugindo do alistamento militar obrigatório, partiu de Lisboa e rumou para Paris, local de encontro de vários membros da Casa que saíram em exílio, na tentativa de se juntar aos movimentos independentistas que vinham ganhando corpo. O MPLA era o que mais se

---

especial 1944-1994. União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), Lisboa: 2005.

<sup>70</sup> Entrevista concedida a FRANK Nilton Maicon. In.: Leituras Transatlânticas. Diálogos sobre identidade e o romance de Pepetela. Tese apresentada ao Programa de Pós graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

<sup>71</sup> É importante apontar que passaram pela Casa também Agostinho Neto, Lúcio Lara, Sócrates Dáskalos e Carlos Everdosa. Nomes conhecidos pelo envolvimento político com o MPLA.

<sup>72</sup> Excluíram poetas cabo-verdianos, alegando que suas poesias eram “crioulas”, mas, por outro lado, permitiram a presença de brancos e mestiços entre os poetas que compunham as edições. FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. *Entre raças, tribos e nações: Os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos*. Tese (doutorado) — Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, 2012. P. 182.



destacava, desde 1960 aparecia publicamente e conquistava a maioria dos jovens estudantes da colônia em Portugal. Diferente de outros estudantes, Artur Pestana conseguiu sair de Portugal legalmente<sup>73</sup> e quando chegou à capital francesa se juntou à Frente Unida de Angola (FUA). Fundada em 1961 na sequência do crescimento dos movimentos nacionalistas em Angola, a organização, embora composta, sobretudo, por brancos, foi se destacando pela defesa de um discurso nacionalista e racialmente igualitário.<sup>74</sup>

De acordo com os documentos da PIDE encontrados na Torre do Tombo, as investigações sobre Pepetela são documentadas desde 1962 e em maio de 1963 aparece o primeiro pedido de captura do então militante nacionalista integrante da FUA<sup>75</sup>. A partir da leitura desses documentos oficiais que foram enviados ao Serviço de Centralização e Coordenação das informações de Angola (SCCIA) em junho de 1962, podemos notar o quanto algumas preocupações da FUA, enquanto organização, estarão no cerne das questões políticas de Pepetela. Sobre o capítulo intitulado “Instrução, cultura e educação”, buscavam:

38. Reforma imediata do ensino pela adoção dos métodos pedagógicos modernos e científicos e de material didático adequado às características nacionais.

<sup>73</sup> Existe o relato da fuga de cem estudantes de Lisboa para Paris em 1961 com a ajuda do Conselho Mundial das Igrejas. Em 1962 através de uma organização de Carlos Everdosa e Daniel Chipenda, novas fugas ocorreram, envolvendo falsificação de documentos e percursos pelas montanhas. Ressalta-se ainda que mais da metade desses estudantes era da CEI e a outra parte eram dos lares protestantes de Lisboa. In.: FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Op. Cit. 2012. P. 199.

<sup>74</sup> Esse movimento, fruto da campanha presidencial em Angola no ano de 1958 em que o nome do candidato opositorista, o General Humberto Delgado ganhou grande prestígio, chegando a vencer em Benguela, institucionalizou uma crítica que já vinha ocorrendo de jovens brancos e mestiços contra a discriminação que sofriam por serem brancos nascidos na colônia. Essa insatisfação já vinha de alguns anos e contribuía para a aproximação de grupos de esquerda como o Partido Comunista Português (PCP) e a fundação do pequeno Partido Comunista Angolano (PCA). Todavia, fundada em Benguela pelo engenheiro Fernando Falcão, a FUA oscilava entre o reformismo e o autonomismo, diferenciando-se da organização que através de um discurso amadurecido de emancipação nacional, muito mais à esquerda ganhará forma em Paris, com a chegada de novos integrantes como Artur Pestana. Em: PIMENTA, Fernando. Op. Cit. 2014.

<sup>75</sup> Arquivo Nacional Torre do Tombo, Serviço de Centralização e Coordenação das Informações de Angola. Processos de Informação Pide/ DGS 5; Nt.6963; Proc.97ci (2).

39. Campanha, à escala nacional, com a criação de brigadas de voluntários, para a liquidação mais rápida e possível do analfabetismo.<sup>76</sup>

Sabe-se que uma das preocupações centrais de Pepetela em Angola, giram em torno das questões educacionais. Algumas de suas obras foram escritas com o objetivo de aproximar o povo angolano de sua história. *As aventuras de Ngunga*, escrito em 1972, trazia uma preocupação didática, voltado para as crianças nas escolas. Como Vice-Ministro da Educação após a independência, desenvolveu programas que tinham como intuito erradicar o analfabetismo no país, assim como construir uma História de Angola mais centrada na questão nacional. Defendeu ainda, um projeto político que fosse capaz de produzir uma democracia estável e uma sociedade mais igualitária, em que o acesso à educação fosse mais amplo. O ensino forte sempre foi uma bandeira defendida pelo escritor. De acordo com uma de suas entrevistas, durante o período em que foi Vice-Ministro da Educação, cerca de 95% das crianças estavam sendo alfabetizadas, enquanto que hoje esse número diminuiu.<sup>77</sup> Aliás, desde a formação do Centro de Estudos Angolanos em Argel, do qual fizera parte, havia uma preocupação cultural e mesmo pedagógica com o desenrolar dos movimentos, possibilitando contribuições bibliográficas fundamentais para o país.

Do mesmo modo, a questão racial dentro dos movimentos nacionalistas também era ressaltado nos documentos da FUA:

A África de hoje, não pode regressar ao século XV para, daí, reiniciar o curso brutalmente interrompido pelo colonialismo. Cinco séculos de domínio colonialista alteraram profundamente o panorama angolano, de forma irreversível. As fronteiras, a mestiçagem de raças e de

---

<sup>76</sup> Arquivos da Torre do Tombo, acessados através de FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Op. Cit. P.195. 2012.

<sup>77</sup> Entrevista concedida por Pepetela ao jornal Folha de São Paulo no dia 09 de maio de 2012. Encontrado em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/41711-pepetela-investiga-a-angola-do-seculo-17-em-novo-livro.shtml>. Acessado em: 04/05/2016.

culturas, a presença do branco africano no conjunto populacional, são factores que terão de estar na base da edificação da Nação Angolana.

(...)

Só com a participação activa e consciente de todas as etnias e camadas sociais existentes no país, numa acção conjunta, verdadeiramente nacional, é possível a conquista da verdadeira independência e a sua consolidação. Só mediante essa mesma unidade nacional é possível garantir a construção do futuro, em bases sólidas, capaz de transformar Angola, do país subdesenvolvido em que o mantém o colonialismo salazarista português, num país forte e progressivo, proporcionando a felicidade ao seu povo.<sup>78</sup>

O trecho destacado acima apresenta claramente uma proposta nacionalista sem diferenças entre os grupos étnicos e raciais que compõem o país angolano. Sabe-se que a composição dos membros da FUA era de brancos, o movimento que mais se aproximava – o MPLA – era composto por negros e alguns mestiços, em especial nos cargos dirigentes, e a UPA, um dos movimentos de maior apelo dentro de Angola era de negros e acusava o MPLA de ser composto apenas por mestiços. Todo esse cenário predispunha a necessidade de dialogar com os diferentes grupos para buscar a coesão em um movimento independentista. E, a FUA, estava aberta a esse diálogo. Com o objetivo de fundar uma frente nacional conjunta, lançou em 1962 uma carta aos movimentos nacionalistas e às organizações menores, mas não obteve êxito, ainda assim atraiu a preocupação dos órgãos de investigação de Portugal. O alerta era sobre a existência de uma possível organização que pudesse reunir como “ofensiva subversiva”, uma camada social que tivesse forte apelo internacional.<sup>79</sup>

Entretanto, seu desejo de aproximação com o MPLA não surtiu o efeito desejado. A presença branca nos quadros do movimento sempre trouxe incertezas e desgastes internos. Enquanto os outros grupos nacionalistas eram compostos em sua maioria por negros, muitos dos integrantes do MPLA eram brancos e até mesmo

---

<sup>78</sup> Arquivos da Torre do Tombo, acessados através de FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Op. Cit. P.197. 2012.

<sup>79</sup> Para mais sobre esse debate ver: FIGUEIREDO, Fábio B. Op. Cit. P.203-205. 2012.

mestiços, o que levantava questionamentos quanto à africanidade e legitimidade do movimento. É importante ressaltar ainda que o MPLA foi formado basicamente por duas frentes: uma luandense e outra metropolitana, o que ajuda a entender a atração de muitos mestiços e brancos para o movimento, o que sempre se apresentou como uma questão delicada, em que muitas vezes se tentou minimizar ou mesmo esconder tal característica. Havia um grande receio de serem “acusados de representar uma Angola branca e mestiça, defensora do neocolonialismo”<sup>80</sup>. Mesmo a participação na organização de esposas brancas dos principais militantes do movimento era omitida, como nos casos de: Lucio Lara e Ruth Lara, Agostinho Neto e Eugénia Neto, entre outros.<sup>81</sup> Essa composição do MPLA será ainda utilizada diversas vezes contra ele, como uma arma política para deslegitimar o movimento e futuro partido.<sup>82</sup>

De todo modo, o exílio dos estudantes na França, embora curto, possibilitou a formação de um importante ambiente intelectual, em que podemos destacar: Mário Pinto de Andrade, Câmara Pires, Adolfo Maria e Castro Soromenho. A rede intelectual que se formou na França trouxe grandes ganhos culturais para os jovens que futuramente irão compor os quadros do MPLA. A possibilidade de estarem em um território que não havia censura, permitiu novas perspectivas acerca da realidade, conforme pontua Artur Pestana:

Quem sai dum país fascista, colonizado, em que tudo é proibido, em que tudo é discriminação... fiquei fascinado com aquela liberdade que se via nas ruas de Paris. [...] Desde namorados de vários países, juntos, de várias cores, que extraordinário! Jornais nos escaparates, os jornais de direita ao lado dos jornais de esquerda, isso para nós era impensável.<sup>83</sup>

---

<sup>80</sup> BITTENCOURT, Marcelo. As linhas que formam o 'EME'. Dissertação de Mestrado em Antropologia apresentada à Universidade de São Paulo, 1996. p.32-33.

<sup>81</sup> FIGUEIREDO, Fábio Báqueiro. Op. Cit. P.205. 2012.

<sup>82</sup> BITTENCOURT, Marcelo. *Estamos Juntos. O MPLA e a luta anticolonial 1961-1964*. Tese apresentada ao Programa de Pós graduação da Universidade Federal Fluminense. 2002.

<sup>83</sup> PEPETELA. Entrevista concedida a Fábio Baqueiro em Lisboa. 19 de junho de 2011.

Pepetela permaneceu apenas seis meses em Paris. Em janeiro de 1963 rumou para Argel, junto de outros estudantes. A FUA abriu um escritório na cidade e a escolha não seria aleatória, teria a ver com o movimento independentista da Argélia e com o próprio MPLA, que também estava abrindo uma delegação em Argel – como afirmou Pepetela, “a FUA do exterior era claramente uma organização de apoio ao MPLA”<sup>84</sup>. É a partir desse novo cenário que lidera, junto de outros camaradas<sup>85</sup>, a criação do Centro de Estudos Angolanos (CEA), tornando-se responsável por desenvolver um projeto sobre a cultura nacional angolana, cujo objetivo era o fortalecimento de uma frente ideológica da guerra de libertação.<sup>86</sup>

De acordo com Pepetela, nesse momento ele teria ficado sem contato com a sua família, cortou todas as correspondências. Não teria lhes contado sobre a viagem para Argel com medo de suas mensagens serem interceptadas pela PIDE<sup>87</sup>. Mas afirma que eles estavam cientes das suas ideias nacionalistas, como só veio saber mais tarde. Nos arquivos da Torre do Tombo podemos encontrar uma carta escrita por Pepetela à sua família em 08 de setembro de 1962, em que fica evidente o envolvimento com o Movimento nacionalista:

Não vos quero convencer porque é inútil. Não são vocês que vão auxiliar a libertação. Mas quero que sejam uma das razões que me levaram a abandonar esse país (...) liberte dessas falsidades todas (...) fazer algo por aquilo que creio. “Muito sofri, mas consegui libertei-me. Agora preciso libertar os outros, a vocês também. É pena que não me compreendam, mas que fazer? Não vos diste isso em Portugal porque podia ser a carta apanhada pelos carrascos da Pide e sofria as

---

<sup>84</sup> Entrevista concedida a Fábio Baqueiro Figueiredo em Lisboa, 19 de junho de 2011. Destaca-se ainda nessa entrevista a existência, para o escritor, de uma FUA do interior e outra do exterior. Ao voltarmos para a sua criação em Benguela em 1961, devemos lembrar que as suas preocupações primeiras eram em relação ao tratamento dos brancos em Angola, relativo à discriminação sofrida tanto pelos colonos quanto pela metrópole. Em: PIMENTA, Fernando. Op. Cit.

<sup>85</sup> Faziam parte do Centro de Estudos Angolanos: Maria do Céu Carmo Reis, Adolfo Maria e Henrique Abranches.

<sup>86</sup> FIGUEIREDO, Fábio B. Op. Cit. p.37.

<sup>87</sup> PEPETELA. Entrevista concedida a Carolina Bezerra via correio eletrônico. Em: 25/07/2017

consequências.<sup>88</sup>

E continua:

“Mas a razão vencerá um dia, levada por tipos como eu, jovens que abandonam tudo por uma causa, um ideal. Os incidentes acadêmicos deste ano foram uma prova de que os estudantes, pelo menos, já que os outros não têm coragem, estão resolvidos de uma vez por todas a levar avante o projeto de libertação nacional. E venceremos...”<sup>89</sup>

A ida de Pepetela para Argel também envolvia a concessão de uma bolsa do governo argelino para o escritor cursar sociologia na Universidade da capital. Seus anos no país recém independente foram divididos entre as suas atividades no Centro de Estudos Angolanos e seus estudos. De acordo com Artur Pestana, a ideia inicial da criação de um centro de estudos teria sido de Henrique Abranches quando chegou à cidade em 1964. E é importante estarmos atentos às principais problematizações colocadas pela instituição na sua carta de criação:

No entanto, a consolidação da luta de libertação, o seu aprofundamento e a criação de condições para se vencer definitivamente o imperialismo não são possíveis sem o conhecimento dos fins a atingir, dos obstáculos a vencer, sem sabermos quem são os nossos inimigos e os nossos aliados. Há que ter sempre presente que o neocolonialismo instala-se facilmente nos países subdesenvolvidos, aproveitando-se do atraso econômico e cultural existente, da fraca consciência política das massas trabalhadoras e, na maior parte dos casos, da fraqueza ideológica dos dirigentes nacionais.

Impõe-se um profundo conhecimento das realidades do país. Tem de se conhecer as estruturas sociais e os valores culturais angolanos. É necessário o conhecimento das classes sociais e dos interesses específicos de cada uma delas. É preciso saber enunciar as contradições econômicas, sociais e políticas de Angola e estar em condições de lhes dar solução. Tem-se de estudar as consequências da abolição radical das estruturas coloniais e a edificação de um estado livre da influência imperialista onde o problema de estruturas e de quadros se porá com acuidade. É urgente desenvolver a consciência revolucionária das massas angolanas.

---

<sup>88</sup> Arquivo Nacional Torre do Tombo, Serviço de Centralização e Coordenação das Informações de Angola. Processos de Informação Pide/ DGS 5; Nt.6963; Proc.97ci (2).

<sup>89</sup> Arquivo Nacional Torre do Tombo, Serviço de Centralização e Coordenação das Informações de Angola. Processos de Informação Pide/DGS. Del Angola. Código do documento 14933/Sr Nt1163.

Ao nos voltarmos para a análise do documento acima, nota-se a preocupação com o processo de independência para além da luta de libertação do país, vistas apenas como um primeiro estágio para a libertação plena. Desse modo, somos remetidos aos problemas enfrentados pelas amarras do imperialismo, que provoca mudanças profundas mesmo com o fim da presença colonial no território. O atraso social provocado pelos anos coloniais travam o desenvolvimento do país e não permitem o avanço do conhecimento na região, por isso, o plano pedagógico defendido pelo Centro é taxativo em promover políticas educacionais voltadas para o crescimento de uma consciência política e revolucionária, assim como para a propagação da cultura.

A participação de Pepetela estava diretamente ligada a esse modelo pedagógico. Ao longo dos seus anos no Centro voltou-se para a criação de um livro – *A História de Angola* – que tinha como objetivo escrever sobre Angola a partir da perspectiva do colonizado, pois, até então, as produções historiográficas estavam restritas à perspectiva do colonizador. Nesse sentido, sobressaía na obra “uma ideia de grandeza do povo e da nação angolanos”<sup>90</sup> à medida que havia também uma grande necessidade de produzir heróis do país. Para a produção do livro, Adolfo Maria recorda que os jornais vindos de Angola eram como uma matéria prima para a produção do centro, pois havia uma limitação ao acesso dos novos materiais que eram produzidos sobre a África, com exceção de leituras francesas.

Tanto a publicação desse livro, quanto a produção de outros materiais voltados para a alfabetização de adultos, os quais Artur Pestana também colaborou diretamente, foram financiados pelo MPLA. Eram manuais de alfabetização baseados no método Paulo Freire e no manual cubano de alfabetização, que serão utilizados pelos

---

<sup>90</sup> Como recorda Fábio Baqueiro Figueiredo, no período também estava sendo publicado a obra clássica de George Balandier, que também estava centrada a partir do ponto de vista do colonizado. São trabalhos contemporâneos, mas que o CEA não teve acesso de imediato. In: FIGUEIREDO, Fábio B. Op. Cit. P.279.

guerrilheiros das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA). Desse modo, podemos notar o quanto o CEA contribuía, estrategicamente, através de pesquisas e publicações para auxiliar o projeto nacionalista do MPLA que será analisado mais adiante.

Havia ainda uma preocupação central para a instituição em “definir que tipo de independência se pretendia construir em Angola”, o que perpassa as questões raciais que os jovens militantes vinham enfrentando. Em sua maioria eram homens brancos, o que abria um debate interno sobre as condições raciais presentes em Angola. Os membros da direção do CEA: Adolfo Maria, Henrique Abranches e Arthur Pestana, eram brancos e enfrentavam problemas para integrar o movimento do MPLA. Nesse momento, existia uma tensão diante da participação dos brancos no MPLA, ocupando tanto posição nas frentes de batalha ou mesmo em instituições de apoio intelectual ao movimento.<sup>91</sup>

Pepetela relembra em entrevista as dificuldades enfrentadas por ele para participar da luta anticolonial, o que só veio a acontecer em 1969 quando chega a Brazzaville para trabalhar no Centro de informação do movimento:

Aliás, eu fui um dos primeiros brancos a ir para a luta armada, mas estive anos e anos na Argélia, à espera de ser chamado, porque a direção do MPLA achava que não havia condições; havia o receio de reações negativas por parte das populações de Angola e dos países limítrofes.<sup>92</sup>

É importante destacar, que antes de ir para a guerrilha, o escritor atuou na rádio Brazzaville<sup>93</sup> através do programa “Voz de Angola Combatente”, que foi utilizado como

---

<sup>91</sup> Adolfo Maria apresenta alguns relatos que dão conta desse ambiente de tensão vivenciado no período. Em: PIMENTA, Fernando. No percurso de um nacionalista conversas com Adolfo Maria. Porto: Afrontamento, 2006.

<sup>92</sup> PEPETELA. Entrevista ao Jornal O Público. 07/08/1992. Em: BITTENCOURT, Marcelo. As linhas que formam o EME. Um estudo sobre o Movimento Popular de Libertação de Angola. Dissertação de Mestrado em Antropologia na Universidade de São Paulo, 1996. p.32.

<sup>93</sup> Embora inaugurada em dezembro de 1940, somente em 1943 passou a contar com emissores mais potentes, ao fazer parte de uma estratégia política do general Charles De Gaulle. Passa a fazer sucesso



um importante instrumento de divulgação das propostas do MPLA. Até então, as ações do movimento eram pouco conhecidas, não havia canais de informações precisas que levassem adiante suas ideias.<sup>94</sup> Desse modo, a repercussão da rádio, possibilitou a aquisição de novos simpatizantes – principalmente à medida que os angolanos eram tratados como sujeitos ativos do processo de independência. Não deveriam apenas ficar do outro lado da transmissão torcendo pelos combatentes, mas fazer parte da luta, de diferentes formas. Para isso, os programas se voltavam para as mulheres, jovens, pessoas de diferentes etnias e também os brancos. O projeto de uma nação também estava sendo tecido na rádio.

Quando Adolfo Maria assumiu a programação da rádio em 1969, as ideias de tribalismo e regionalismo passaram a ser mais combatidas. Ainda antes, Agostinho Neto já dava declarações que buscavam findar as oposições raciais, tais como, “a guerra de libertação colonial não é do preto contra o branco” e criticar o conflito étnico que, segundo ele, vinha sendo ressaltado por Holden Roberto.<sup>95</sup>

Havia ainda uma preocupação didática com a divulgação da *História de Angola*, recentemente escrita pelo Centro. Nesse sentido, destacava-se a luta contra o colonialismo e o tribalismo à medida que esse último era visto como um atraso para a união nacional, pois só servia para a divisão da nação. A linguagem simplificada, que partia do ponto de vista do colonizado, tinha como objetivo atingir todas as classes e levar informação e conhecimento ao povo angolano. A iniciativa do CEA para a criação de um curso de formação política para os quadros de chefia das bases guerrilheiras caminhava nessa direção. O programa foi desenvolvido por Pepetela e Maria do Céu no início de 1970.

---

em Angola principalmente a partir das campanhas eleitorais de 1958, em Portugal. E, somente na década de 1960, o MPLA passa a ocupar o espaço através da transmissão de seu programa para boa parte do território angolano. Em: BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2002 P. 308.

<sup>94</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2002. P. 309-312.

<sup>95</sup> FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Op. Cit. P. 327.

Foi também a partir do seu trabalho na “Angola Combatente” que Pepetela participou da sua primeira missão na guerrilha. O objetivo era gravar um combate, o barulho das metralhadoras para uma reportagem da rádio. Desse modo, foi o primeiro branco a participar de uma operação na segunda região político-militar, em Cabinda:

Eu com o guarda-costas fui avançando até que pude ouvir as armas da infantaria e muito barulho. Comecei a relatar a operação como se fosse um jogo de futebol, e, o MPLA ao ataque e tal, com vibração. Bom, estraguei tudo, porque só se ouvia minha voz. Além disto, eu não sabia, mas aquele barulho todo era para recuar, porque na guerrilha se faz muito barulho quando se está recuando. No fim de contas eu acabei ficando sozinho na frente. O nevoeiro levantou, eu comecei a ver o quartel e eles começaram a ver-me e a gritar de preocupados, venha, venha. Então, comecei a ver um pozinho a levantar a minha volta e o pessoal do quartel a gritar para que eu corresse até que entendi que aqueles pozinhos eram tiros e comecei a correr... (risos). Enfim, esta foi minha primeira missão. A gravação saiu mal, muito mal. Aí convenci o comandante a levar-me a outra operação e ele depois fez um barulhão e disse eu até chamei de filha-da-puta a este branco, mas ele é corajoso sim e é bom, vai é ficar mais é conosco. Aí já fiquei na guerrilha, não voltei mais. Fiquei mais na informação. O combinado era que eu ficava na guerrilha e enviava os comunicados para a rádio e se pudesse gravar, gravava. Era difícil gravar e dar tiros ao mesmo tempo (risos).<sup>96</sup>

### *Os anos na guerrilha e Dissidências*

A chegada de Pepetela à guerrilha não deixou de ser acompanhada pelas desconfianças dos seus parceiros de luta. O fato de ser branco trazia questionamentos sobre a sua real posição política, assim como, sobre a sua participação na guerrilha. Lembra que no início a presença dos brancos causava estranhamento e relutância, pois a cor os ligavam diretamente ao colonialismo e à descendência do opressor: “Filho de cobra é cobra”, assim era o ditado que se dizia diversas vezes nas bases do movimento. Por outro lado, esse tom acusatório também ia aos poucos dando margem a uma outra

---

<sup>96</sup> PEPETELA. Entrevista concedida a Frank Marcon em Luanda no dia 13 de novembro de 2003. Em: MARCON, Frank Nilton. Leituras Transatlânticas. Diálogos sobre identidade e o romance de Pepetela. Tese apresentada ao Programa de Pós graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005. P.255.

face construída pelo colonialismo – a superioridade do homem branco. Ao relatar uma ação sua na região Leste o escritor diz:

Eu lembro-me, por exemplo, de uma reunião no sul do Moxico, fronteira com o Kuando-Kubango, era uma reunião com um grupo de populares que estavam a preparar-se para recuar para a Zâmbia. Cheguei lá com o meu grupo, que era um pequeno grupo, e quis saber o que se passava; e às tantas um mais-velho disse: ‘Não, nós estamos aqui todos aterrorizados a querer ir para a Zâmbia, mas afinal, se até os brancos já nos apoiam, então nós temos ainda possibilidade de ganhar’. Tive de reagir, explicar que não era isso, que não era um problema de branco ou não branco. No fundo, acaba sendo o complexo do colonizado a transparecer: se o homem branco está do nosso lado, nós ganhamos, porque o homem branco é o dono da técnica e do saber, enfim, esse tipo de preconceito.<sup>97</sup>

Ressalta-se ainda que Pepetela afirma não ter presenciado hostilidade racial na guerrilha, o que também é confirmado por outros depoimentos. Todavia, em alguns momentos, necessitava afirmar que a luta de libertação não era do negro contra o branco, pois outras nuances encobriam as disputas existentes dentro do movimento. Nesse sentido, embora o MPLA buscasse fugir dos debates entorno das questões raciais, nem sempre conseguia se manter distante, principalmente devido às críticas feitas pelos outros movimentos. Dessa forma, esses embates atingiam as disputas internas pelo poder.

Ao nos voltarmos para os problemas internos vivenciados pelo MPLA, notamos o quanto o debate racial toma terreno. Mas, devemos estar atentos às limitações existentes nesse debate que acabou camuflando as complexidades presentes entre os grupos envolvidos na luta anticolonial. Embora a análise dos elementos raciais e étnicos sejam fundamentais para compreendermos esse período, ao nos restringirmos a eles, perdemos uma série de *vínculos de solidariedade*<sup>98</sup> que faziam parte do terreno político.

---

<sup>97</sup> PEPETELA. Entrevista para o Jornal *O público*. 7 de agosto de 1992. Em: BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2002. P. 579.

<sup>98</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2002. P. 170.

Diante disso, é fundamental nos voltarmos para o caráter sociocultural que envolvem os indivíduos que fazem parte dos movimentos.

Os períodos de crise política por que passou o MPLA foram analisados por Marcelo Bittencourt a partir dessa chave. O historiador chama a atenção para as amarras que o colonialismo deixou entre os colonizados. Pois embora conseguissem se articular contra a presença colonial, nem sempre conseguiam lutar contra alguns estereótipos e hierarquizações sociais criados no mundo colonial.<sup>99</sup> Portanto, levar em consideração a religião, os vínculos estudantis e familiares, assim como o fator regional, permite olharmos para os problemas internos do MPLA com maior riqueza. Ao compreender a partir dessa perspectiva a trajetória de Artur Pestana: homem, branco, nascido em Benguela, urbano e universitário, recém chegado às zonas guerrilheiras passamos a encará-lo a partir dos seus múltiplos vínculos, que o conectava com diferentes demandas e grupos dentro do movimento.

A chegada de Pestana na frente Leste se deu em 1972. Lá, continuou atuando como relator das operações militares, mas também fez parte dos projetos educacionais como diretor do Centro Escola Augusto Ngangula e como responsável pelo departamento de educação e cultura. Chamou a atenção de Pepetela a presença marcante de nortistas nos setores de comando. Embora tenha apontado para as questões étnicas, afirmou que as divisões se davam muito mais entre norte e sul, pois essa estratificação era muito mais de cunho sociológico que geográfico. Os nortistas seriam aqueles que falavam português e nem mesmo se preocupavam em aprender outras línguas locais.

A presença de Pepetela entre os guerrilheiros também contribuiu para a percepção do ambiente político a partir das suas contradições e ambivalências. Tanto os privilégios existentes, quanto os desvios de verba, medicamentos e alimentação por

---

<sup>99</sup> Idem. P. 179.

atravessadores dentro do próprio movimento caracterizavam alguns dos casos de corrupção<sup>100</sup>. Desse modo, assim que chega ao Leste, local visto de longe como um éden guerrilheiro, o sentimento de frustração passa a ser constante. E é a partir desses problemas, somados ao isolamento da guerrilha, a fome e os embates internos que surgem as dissidências do movimento.

Entre elas destaca-se a Revolta do Leste em 1972, sob a liderança de Daniel Chipenda. Dirigente negro, originário do planalto central e de língua umbundu, Chipenda endossava as críticas da população do Leste aos desmandos dos comandantes do norte.<sup>101</sup> Se a Revolta de Jibóia<sup>102</sup> ficou reduzida às questões étnicas, a revolta liderada por Chipenda assumiu um caráter político, de grande crítica à centralização das decisões políticas e aos privilégios concedidos aos nortistas.

Como resposta a esses movimentos de contestação, a direção do MPLA lançou o “reajustamento” como uma política que tinha por objetivo tentar gerir a crise em que se encontrava, ampliando o espaço de debate<sup>103</sup>. Todavia, embora no discurso colocassem a necessidade de se abrir para o diálogo, retificando posições ideológicas e procurando o caminho do consenso, na prática, a tentativa foi de disciplinar as contradições a partir do uso coercivo do poder, em uma clara afirmação hegemônica da liderança do

---

<sup>100</sup> MARIA, Adolfo. Entrevista a Marcelo Bittencourt em 27 e 28 de maio de 1999, Lisboa.

<sup>101</sup> Sobre o período ver BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2002.

<sup>102</sup> Vista como a primeira grande manifestação de descontentamento no interior do MPLA na frente Leste. Ocorreu em 1969 e manifestava-se contra os privilégios dos “do Norte”. Ficou conhecida por Jibóia, que era o nome do seu líder. A contestação chegou ao seu fim após a desmobilização do movimento e a captura de Jibóia que foi castigado e mantido na fronteira. Essa mobilização foi rapidamente interpretada pelo MPLA como um conflito étnico e “tribalista”. Ver: MABEKO-TALI, Jean-Michel. Dissidências e poder de Estado. O MPLA perante si próprio. (1962-1977). 1º vol. Luanda: Nzila, 2001. P.135-136.

<sup>103</sup> É interessante acrescentar que a partir de documentos oficiais produzidos pelo MPLA, ficamos cientes do desinteresse dos militantes na frente Norte. O número de participantes nas assembleias foi diminuindo gradativamente e o nível dos debates foi se reduzindo, diferente do que ocorreu na Frente Leste. Essa posição pode ter relação com o clima de medo que foi estabelecido o “reajustamento”. Para Mabeko Tali, “aqueles órgãos pareciam mais outros tantos braços da direção política que órgãos da sua ligação democrática à base militante”. Havia um grande “clima de intimidação militar”. In.: MABEKO-TALI. Op. Cit. 2001. P.181-183.

movimento.<sup>104</sup>

Essas duas revoltas que ocorreram na frente Leste da guerrilha lançaram luz sobre as contradições existentes dentro do MPLA, a partir dos diferentes graus de autoritarismo, privilégios e desmandos existentes no interior do movimento. A distância entre o discurso englobante e a realidade em que as fissuras políticas, sociais, raciais e étnicas apareciam, passava a ser uma ameaça para o sucesso da guerrilha. Esses debates aparecem mais de perto em *Mayombe*, romance escrito em 1971 por Pepetela em Cabinda. O livro se desenrola em meio a essas disputas políticas que muitas vezes geravam conflitos e que se arrastariam para o pós-independência.

A escrita desse romance também está envolta a um episódio relevante para o período, que nos dá a dimensão das tensões vivenciadas no dia a dia da guerrilha a partir dos embates raciais. Em entrevista ao jornal *O Público* Pepetela relata ter sido preso no Congo-Brazaville no momento da escrita do livro. O que teria ocorrido a partir de uma denúncia de que tinha um branco a escrever sem parar. A política congoleza passou a achar que Artur Pestana estava a serviço da polícia portuguesa, concedendo informações sobre as bases do MPLA. Somente foi liberado após alguns amigos seus do MPLA se envolverem na questão.<sup>105</sup>

As crises que foram constantes nos quadros políticos do MPLA desde 1962 tiveram, assim, grande importância na trajetória do escritor angolano. A vitória de Agostinho Neto frente a dissidência de Viriato da Cruz, na primeira crise, ainda em 1962, possibilitou a aproximação dos jovens brancos e universitários que estavam em Argel e esperavam o momento certo para integrar as tropas. Assim como em outro momento delicado que diz respeito à Revolta Ativa, dissidência ocorrida em 1974.

---

<sup>104</sup> ANTUNES, Catarina. *De como o poder se reproduz*. Angola e as suas transições. Doutorado em Sociologia. Faculdade de economia. Coimbra, 2009. p. 100.

<sup>105</sup> PEPETELA. Entrevista ao jornal *O Público*, 1992. In.: BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2002.

Composta por um número significativo de brancos e mestiços, a revolta denunciava o “reajustamento” como uma fraude e propunha profundas mudanças internas no MPLA, defendendo uma maior abertura democrática no movimento, assim como o fim da centralização do poder em Agostinho Neto.<sup>106</sup>

É a partir dessa revolta, reprimida pelo MPLA, que os antigos companheiros de CEA vão ficar de lados opostos. Maria do Céu Carmo Reis, Adolfo Maria, Maria Helena Maria, Manuel Videira e João Vieira Lopes alinham-se à Revolta Ativa, enquanto Pepetela e Henrique Abranches vão estar ao lado de Agostinho Neto. Artur Pestana, inclusive, vai ser inúmeras vezes citado nas entrevistas dos envolvidos nessa dissidência. Será considerado por eles como um “duro da delegação”<sup>107</sup>. Por outro lado, muitos militantes que foram contra o movimento acreditavam que esse não era o melhor momento para expor as contradições existentes dentro do MPLA, visto todo o contexto de disputas políticas. Em entrevista, Pepetela afirma que a Revolta Ativa para ele foi uma grande frustração, pois embora temas importantes estivessem sendo levantados ali, o período não era propício:

O problema é que, a partir do momento em que há o 25 de abril, eles deviam ter pensado (...) [que iriam] aparecer como uma arma contra o MPLA, de divisão, num momento extremamente delicado. (...) Não, eles aproveitaram e pouco depois lançaram a dissidência. Foi interpretado como oportunismo, pode não ser, não ter sido essa a intenção. O problema [segundo eles], é que se ia passar para uma luta já pelo poder em Angola [e] era necessário que o MPLA aparecesse purificado, sem os erros do passado, (...) porque , se o MPLA toma[sse] o poder, segundo eles, com a direção presidencialista que tinha, então ia cair na ditadura. Angola seria uma ditadura. (...) Nós não aderimos à Revolta Ativa, e éramos o quadro do leste, os quadros mais ativos dentro do movimento de Reajustamento, (...) porque achávamos, depois do 25 de abril, isso não seria certo de maneira nenhuma: ‘Vamos resolver os problemas essenciais e manter a organização como está, porque agora o problema vai ser contra a FNLA, fundamentalmente. Não quer dizer que nos quadros do Leste

<sup>106</sup> TALI, Jean-Michel M. Dissidências e Poder de Estado. O MPLA perante si próprio. Vol.1 Luanda: Nzila, 2001

<sup>107</sup> FIGUEIREDO. Fábio Baqueiro. Op. Cit. 2002. P. 340 e 351.

não houvesse críticos em relação à direção, e havia. Aliás, o Movimento de Reajustamento começou ali.<sup>108</sup>

A partir das questões colocadas aqui, podemos perceber que para Artur Pestana, o MPLA era visto como a melhor opção dentro do cenário político existente. Caracterizado como um momento conturbado, com dissidências políticas importantes no MPLA – de um lado a Revolta do Leste com Chipenda, de outro, a Revolta Ativa no norte –. Na sua origem eram diferentes, enquanto uma era mais popular, a outra era vista como um revolta de intelectuais. Todavia, levantavam um questionamento importante: o autoritarismo e centralização política do movimento. Sobre essas denúncias há um silêncio em seus romances, em que predominam visões ligadas às concepções raciais e regionais. As dissidências teriam ocorrido, sobretudo, por esses motivos. Os debates do período aparecem, por exemplo, em *Geração da Utopia* : “Podem dizer-me vinte vezes por dia que somos iguais, a prática mostra que há privilegiados. E quem são os privilegiados? os do Norte”<sup>109</sup>.

Mantendo-se ao lado da direção do MPLA, Pepetela, diferente dos seus ex-companheiros que ingressaram na Revolta Ativa e chegaram à Luanda através de disfarces em uma espécie de novo exílio, chegou à capital de Angola como responsável pelo Departamento de Educação e Cultura (DEC), cargo que já ocupava na frente leste. A partir daí foi diretor do Departamento de Orientação Política e, embora tenha se aproximado dos Centros de Ação em Luanda, logo se afastou quando percebeu que eles queriam fundar um outro partido, a OCA – Organização Comunista de Angola, pois sua fidelidade ao MPLA permanecia e mais uma vez era justificada em oposição aos outros movimentos:

---

<sup>108</sup> PEPETELA. Entrevista a Marcelo Bittencourt em 6 de fevereiro de 1995, Luanda.

<sup>109</sup> PEPETELA. *Geração da Utopia*. São Paulo: Leya, 2013. P. 173.



Quando ficou claro que ia haver uma guerra a sério contra os outros movimentos, eu só podia estar do lado do meu movimento, o MPLA (...) e não quis fazer parte da OCA, que condenava a guerra, numa atitude que para mim na altura era suicida. Se não combatêssemos íamos dar o poder ao Mobutu, aos sul-africanos do Apartheid e seus aliados internos.<sup>110</sup>

Entre 1974 e 1975 continuou atuando em algumas frentes de guerrilha, envolvendo-se nos combates pela libertação de algumas regiões, como por exemplo, Benguela. Contudo, como deixa claro, após a independência arrumou a sua arma e nunca mais a pegou. De acordo com o escritor, no momento da declaração da independência na noite do dia 10 para o dia 11 de novembro de 1975, estava na cidade que atualmente é conhecida como Sumbe. Escutou a notícia pelo rádio em meio ao ataque de tropas sul-africanas. E, mesmo em meio ao caos, descreve que o seu primeiro sentimento foi de dever cumprido, mesmo que o projeto inicial não fosse só esse, pois o sonho de criar uma sociedade mais justa ainda não tinha sido alcançado.<sup>111</sup>

### ***Os anos pós independência e a participação no governo***

Com a independência uma nova fase se inicia. A assinatura do cessar fogo em 1975 entre os três principais grupos envolvidos nas lutas de libertação e Portugal foi o primeiro passo para a tentativa de reconstrução do país, assim como para a construção de uma identidade nacional<sup>112</sup>. Todavia, como se sabe, não foi o suficiente para garantir o fim de um conflito, que agora se transformava em guerra civil. Como destaca o amigo de Caposso, personagem do livro *Predadores*: “Agora é que vai haver guerra a sério para ver quem fica no poder (...) Depois das independências há períodos de

---

<sup>110</sup> PEPETELA. Entrevista concedida a Fábio Baqueiro Figueiredo em 27 de outubro de 2012.

<sup>111</sup> PEPETELA. Entrevista concedida a Carolina Bezerra via correio eletrônico. Em: 25/07/2017;

<sup>112</sup> Referência ao “Acordo de Alvor” assinado em 1975, que pretendia a formação de um governo de transição formado pelos três principais movimentos de libertação do país: a UNITA, o MPLA e a FNLA. Ver: Kelly Araújo. Op. Cit. p.47

instabilidade. Mas no nosso caso é pior por haver três movimentos de libertação que rivalizam pelo poder”<sup>113</sup>. Como aparece em destaque, a busca pelo poder político é descrito como o mote principal dos movimentos de libertação, assim os debates ideológicos ficam para segundo plano. As desconfianças emergem nas páginas do romance através da boca do povo: “Esse MPLA nunca fará a revolução proletária”<sup>114</sup>. Do mesmo modo, a busca em fazer parte do movimento já aparecia como algo atrativo, um meio para se conquistar “um futuro posto, e uma carreira na vida”<sup>115</sup>.

O MPLA foi o primeiro movimento a declarar a independência do país, se colocando a partir daí como a vanguarda para a construção da nação. Conforme salienta Kelly Araújo, o país “nascia dividido”, com fronteiras que mudavam a partir dos recuos e avanços do MPLA e da coligação entre FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola)- UNITA (União Nacional para a independência total de Angola).<sup>116</sup> Os primeiros anos do pós-independência foram marcados, sobretudo, pelas disputas políticas internas, mas também por disputas ideológicas. A UNITA e a FNLA acusavam o MPLA de ser um movimento liderado por brancos, mestiços e urbanos, representando uma elite angolana que não teria raízes africanas, enquanto que o MPLA acusava seus adversários de retrógrados, presos às questões tribais e avessos à modernidade. Debates já preexistentes desde os tempos coloniais.

Nascido como um movimento que lutava pela libertação de Angola, o MPLA se destacou pela preocupação, desde os tempos de guerrilha, com um projeto nacionalista. Foi o único dos três movimentos a investir em um novo projeto nacional após a independência, distante dos tradicionalismos defendidos outrora<sup>117</sup> Embora também

---

113 PEPETELA. *Predadores*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008. p.98-100.

114 Idem. p. 96

115 Idem. p. 98.

116 ARAÚJO, Kelly. 2005. p.69

117 BITTENCOURT, Marcelo. Angola: Tradição, modernidade e Cultura política. In: REIS, Daniel Aarão; MATTOS, Hebe; OLIVEIRA, João Pacheco; MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes;

acreditasse nesse período, que a consciência nacional deveria ser forjada na luta, havia uma tentativa constante de trazer discussões políticas para dentro das suas reuniões, incitando uma reflexão para a construção de uma identidade nacional comum frente à diversidade cultural existente em Angola<sup>118</sup>

Pepetela sempre atuou nesses meios, fazia parte da intelectualidade do movimento e fazia parte das áreas da educação e cultura. Quando veio a independência, permaneceu nessa linha e passou a fazer parte da construção do poder de Estado. A institucionalização da cultura no país era uma das principais propostas do MPLA, para isso, lançou mão da criação da União do Escritores Angolanos (UEA) que reuniu todos os escritores de Angola, incentivando a sua produção e investindo no papel preponderante da literatura para a consolidação de um projeto nacional<sup>119</sup>. O documento assinado pelos escritores no momento da fundação da associação esclarece como esses intelectuais pensavam a sua funcionalidade, assim como tinham consciência do seu papel dentro do campo cultural do país:

A história de nossa literatura é testemunho de geração de escritores que souberam, na sua época, dinamizar o processo de nossa libertação exprimindo os anseios profundos de nosso povo, particularmente o das camadas mais exploradas. A literatura angolana surge assim não como simples necessidade estética, mas como arma de combate pela afirmação do homem angolano. (APUD, CHAVES, 2005, p.70).

Dentro da mesma proposta política, Pepetela também foi chamado para compor o Ministério da Educação em 1976 como Vice-Ministro. De acordo com o intelectual, o objetivo “era reformular o ensino e criar uma escola propriamente angolana, cortada da tradição colonial”, com métodos e manuais feitos por angolanos. Além disso atuou em

---

RIDENTI, Marcelo (org). *Tradições e modernidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.p.138.

<sup>118</sup> ARAÚJO, Kelly. Um só povo, uma só nação. O discurso do Estado para a construção do homem novo em Angola. 2005. Dissertação - Universidade de São Paulo. p.73.

<sup>119</sup> Pepetela foi Presidente da Assembleia Geral da União, assim como também secretário das Relações Exteriores da mesma entre 1984 e 1992. Logo depois, entre 1998 e 2001 foi novamente presidente da Assembleia Geral. In.: CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. Pepetela: Entre a sordidez das práticas e a sedutora utopia. In.: CARVALHO FILHO, Silvio de A. e NASCIMENTO, Washington S. Intelectuais das Áfricas. São Paulo: Pontes, 2018. P.363.

outras organizações culturais angolanas e passou a lecionar Sociologia Geral e Urbana na Faculdade de Arquitetura da Universidade Agostinho Neto (Luanda). A partir daí sua atividade intelectual tornou-se mais produtiva e passou a trazer colaborações também diretamente para o campo acadêmico com a publicação de artigos, livros didáticos e de sociologia.<sup>120</sup>

Nesse período, a participação de Pepetela no governo também esteve entrelaçada a um evento delicado da história política do MPLA: A Revolta Nitista, ocorrida em 1977. Liderada, pelo então Ministro da administração interna, Nito Alves, a crise de 1977 é considerada o momento mais contraditório vivenciado pelo Movimento desde o seu surgimento. A memória oficial retrata o Nitismo como a tentativa de um golpe de Estado em 27 de maio, perpetuado por ambiciosos e oportunistas liderados por Nito Alves.<sup>121</sup> Até hoje o período causa estranhamento, dor e silenciamento em Angola. Considera-se que o 27 de maio foi responsável por uma importante guinada do MPLA ao autoritarismo à medida que sobressaíram a partir daí o caráter repressivo à sociedade civil, silenciando todas as críticas e dissensos que poderiam existir.<sup>122</sup> Do mesmo modo, o 27 de maio também é visto como meio para que Agostinho Neto eliminasse seus rivais e conseguisse alcançar a supremacia incontestável dentro do MPLA, o que fazia parte do “processo de formação de um sistema político monolítico depois da

---

<sup>120</sup> Pepetela desempenhou de 2003 a 2007 a presidência da Assembleia Geral da Sociedade Angolana de Sociólogos. Em: CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. *Pepetela: Entre a sordidez das práticas e a sedutora utopia*. Op. Cit. 2018. P.363. Uma das principais contribuições sociológicas é a publicação de seu livro *Luandando* (1990), um estudo histórico-sociológico da cidade de Luanda. A partir dos artigos que publica e desses trabalhos acadêmicos, Pepetela apresenta como marca da sua narrativa a crítica à formação da sociedade angolana a partir de diferentes componentes político-sociais que marcaram a história do país. Se firma literariamente, mas também como pesquisador, o que vem a representar um discurso de autoridade diante dos estudiosos de Angola.

<sup>121</sup> MARQUES, Inácio Luiz Guimarães. *Memórias de um golpe: o 27 de maio de 1977 em Angola*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

<sup>122</sup> ANTUNES, Catarina. *De como o poder se reproduz*. Angola e as suas transições. Doutorado em Sociologia. Faculdade de economia. Coimbra, 2009.

independência”.<sup>123</sup>

Conforme destaca Mabeko-Tali, o nitismo se diferencia das dissidências que o precederam por algumas questões fundamentais, pois o MPLA já estava no poder político, foi uma revolta que atingiu amplos setores da sociedade e a perseguição aos considerados “fraccionistas” foi enorme, levando a um número de mortos alarmante<sup>124</sup>. Ao problematizar o nitismo como um fenômeno político traz à baila a história de um movimento de libertação fragmentado em seu interior, com diferentes vertentes ideológicas e diferenças de classe e raciais, que vieram à tona no momento da tomada de poder do MPLA após a independência<sup>125</sup>. Todavia, também devemos reconhecer que embora Nito Alves fosse um homem muito bem querido entre as classes mais populares, a base social de apoio nitista era bem heterogênea, formada por pessoas de todas as raças, de camadas sociais diferentes, inclusive, “por elementos oriundos da média burguesia colonial, mestiça e branca”, que se juntam a Nito Alves pela sua proximidade com o discurso soviético.<sup>126</sup>

A história oficial sobre o evento encobriu as discussões que poderiam ser travadas a partir das críticas levantadas por Nito Alves. Reconhecido como um político de grande prestígio entre as massas, atuante nas comissões de bairros e nas mobilizações populares, Nito Alves defendia uma maior atuação e autonomia dos órgãos populares na estruturação política do MPLA, enquanto Agostinho Neto pensava neles apenas como mediadores entre a sociedade e o Estado. Desse modo, aos poucos vai ganhando voz uma narrativa de crítica que já tinha ocorrido em outros momentos, pois os problemas do MPLA eram novamente colocados sobre o plano do “elitismo”, “autoritarismo”,

---

<sup>123</sup> HODGES, Tony. Angola. Do Afro-Estalinismo ao Capitalismo Selvagem. Cascais: Princípia, 2002. P.77.

<sup>124</sup> MABEKO-TALI. Dissidências e poder de Estado. O MPLA perante si próprio. (1962-1977), V.2. Luanda:2001, p. 181.

<sup>125</sup> Idem. P.186-187.

<sup>126</sup> Para mais sobre os debates entorno da ideologia nitista ver: MABEKO-TALI, Michel. Op. Cit. Vol. 2, 2001. P.196-209.

“paternalismo” e “sectarismo”. Embora contrário às outras dissidências que ajudou a combater internamente, Nito Alves reconhecia os “desvios” internos do MPLA. Sobre esse aspecto, a memória que vai ganhar corpo entre aqueles defensores do nitismo seria a de que Nito Alves era uma alternativa política “capaz de viabilizar melhores condições de vida para a população”, por isso, para esses defensores, o episódio não é visto como um golpe, mas sim como “insurreição popular”.<sup>127</sup>

A partir dos anos 2000 com a emergência de novas leituras sobre o golpe de Estado de 1977, o relato de indivíduos que se colocam como vítimas da violência do Estado lançam luz para as complexidades que cercavam as relações políticas dos diferentes grupos envolvidos dentro do próprio ambiente interno do MPLA<sup>128</sup>. A análise sobre o 27 de maio fica mais enriquecedora. Por outro lado, começam a surgir as acusações sobre integrantes do governo que participaram dos interrogatórios – na comissão das lágrimas – sobretudo, liderada por intelectuais. A repressão e perseguição aos que participaram do movimento nitista causa embaraço ainda hoje entre os envolvidos, principalmente entre os intelectuais que participaram ativamente daquele processo.<sup>129</sup>

Nesse cenário, *Purga em Angola*, livro escrito por Dalila Mateus e Álvaro Mateus, defende o quanto os homens ligados ao nitismo “não eram burocratas, vivendo no aconchego das suas residências (...) Eram combatentes pela libertação de seu povo (...) Eram sobreviventes, que não tinham sido mortos pelo inimigo. Mas [que] vão sê-lo

---

<sup>127</sup> MARQUES, Inácio Luiz Guimarães. Memórias de um golpe: o 27 de maio de 1977 em Angola. Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012. p. 105-107.

<sup>128</sup> Podemos destacar os livros de Leonor Figueiredo, *Sita Valles (1951-1977). Revolucionária, comunista até a morte* e o livro de Américo Cardoso Botelho, *Holocausto em Angola. Memórias de entre o cárcere e o cemitério*.

<sup>129</sup> Destacam-se nomes como Pepetela, Manuel Rui Monteiro, Agostinho Mendes de Carvalho, Henrique Abranches, Iko Carreira, Costa Andrade, Rui Mingas, entre outros.

pela sua própria família política”<sup>130</sup>. Essa posição dos autores traz para o primeiro plano os motivos que levaram à tentativa de golpe, mas a partir de uma perspectiva que defende o nitismo como uma opção política viável por defenderem o fim dos privilégios dentro do partido, assim como o “elitismo e paternalismo” existentes. Na busca por legitimar o levante, um dos principais argumentos que se farão presentes no livro, mas também em outras narrativas que propõem legitimar o nitismo, é acerca da participação dos principais homens ligados a Nito Alves à guerrilha, de modo a diferenciá-los dos intelectuais burocratas, de acordo com essa versão, liderados por Agostinho Neto e Lúcio Lara. Assim, o nitismo surgia como um movimento ligado à massa, crítico à corrupção e à crescente elitização do governo.

Em relação a Pepetela, sem dúvida é o momento da história do escritor que mais lhe causa questionamentos. Embora reconhecido internacionalmente pelos seus livros de crítica à formação do Estado angolano e ao MPLA, Artur Pestana participou dos interrogatórios a que foram submetidos aqueles acusados de golpe. E as denúncias sobre as condições em que eram feitos esses interrogatórios são hoje motivo de crítica ao escritor angolano, que não gosta de falar abertamente sobre o período:

Sobre isso já respondi. A minha participação foi apenas de informação. Há uns que acreditam, outros que não acreditam. O problema é deles. Eu não falo muito sobre isso, não quero falar, não gosto de falar. Porque quem sabe a verdade, quem sabe de tudo o que se passou, é o MPLA. É [o MPLA] quem tem que pôr isso no papel. Tudo o resto, tudo o que se escreve ou que se diz, é especulação. É ver só de um lado ou ver só do outro lado. Quem pode juntar o material suficiente e explicar [o que aconteceu] é o MPLA.<sup>131</sup>

Em todas as entrevistas que tivemos acesso, Pepetela não foge muito à resposta

<sup>130</sup> MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. Purga em Angola. Nito Alves, Sita Valles e Zé Van Dunem o 27 de maio de 1977. Lisboa: ASA, 2007. P.26.

<sup>131</sup> PEPETELA. Entrevista concedida ao site: <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/nao-se-festeja-a-morte-de-ninguem-entrevista-a-pepetela>. Acessado em 12/07/2018.

acima. Sempre passa a responsabilidade para o MPLA e diz que não sabia de muita coisa e que só fazia parte da área de comunicação. Todavia, essas suas declarações trazem um sentimento de indignação por parte daqueles que sofreram o constrangimento dos interrogatórios. É o caso do historiador Carlos Pacheco, um dos principais críticos à posição que sustenta Pepetela. Para Pacheco seria uma obrigação moral do intelectual falar o que se passou, deixando claro que apoiou aquele processo. Em carta aberta a Pepetela, após as suas declarações, Carlos Pacheco diz:

Reconheço que os seus livros são admirados pela beleza e pela "transcendência espiritual" das estórias que conta. Porém, preferiria vê-lo doutra forma. Não como um escriba sentado e submisso que sempre cortejou o príncipe e a sua corte; que sempre se acomodou aos servilismos culturais do MPLA e aos fetichismos do seu regime político; ou que sempre se calou diante das monstruosidades criminais e totalitárias do Estado, e sempre fingiu ignorar os abusos contra o pensamento e a liberdade de expressão. Ao interpelá-lo agora com esta carta, conto um dia vê-lo como um escriba de pé que se libertou da passividade de outrora, que colocou um ponto final no seu silêncio e, finalmente, resgatou a "verticalidade do verbo", de que fala o poeta uruguaio Saúl Ibarгойen. Não me interprete mal. Não estou a querer cingir na sua lapela o botão de dissidente, nem a sugerir que o deva ser, o que estou a propor é que tenha o "hábito altamente incómodo" de falar a verdade - como declarava o novelista e intelectual russo Yevgeny Zamyatin (1884-1937) -, ao invés de se contentar em ser aplaudido como um tartufo. É isso que muita gente espera de si depois de ler o seu documento.<sup>132</sup>

A forte declaração feita pelo historiador acrescenta ainda que por mais que a presença de Pepetela tenha se dado no âmbito investigativo, os interrogatórios não eram isentos de ameaças físicas, torturas psicológicas num claro rompimento com o direito à liberdade e com os direitos humanos: “Que adianta afirmar não ter sujado as mãos de sangue e não participar de sentenças de morte? Acaso não lhe ocorre que, tendo estado no lugar em que esteve [e indo até ao fim], acabou por se tornar cúmplice de toda essa

---

<sup>132</sup> PACHECO, Carlos. Carta Aberta. Em: Jornal *O Público*. Lisboa:26 de dezembro de 2005. Disponível em: <https://www.publico.pt/2005/12/26/jornal/carta-aberta-a-pepetela-55506>. Acessado em: 12/07/2018.



irracionalidade?”.

Essas indagações não são respondidas por Pepetela. Por mais que seja acusado de ter participado no combate ao 27 de maio, o escritor tem como objetivo se distanciar das ações orquestradas pelo Estado, sempre deixando para o MPLA a tarefa de esclarecer o que se passou. Inclusive, devemos ressaltar que mesmo esse episódio sendo um dos mais destacados da história angolana na contemporaneidade, há um silêncio sobre ele ao longo da sua obra literária, o que será mais problematizado adiante. Somente um livro cita o movimento de modo secundário: *Predadores*.

Todavia, é evidente que Pepetela no momento que estourou o 27 de maio fazia parte de uma organização política que era o MPLA, e atrelado ao movimento, participou efetivamente daquele cenário, atuando, inclusive, nas construções discursivas sobre o episódio liderado por Nito Alves. Assim, em conto intitulado “A víbora da cabeça ao contrário”, escrita em 15 de maio de 1977 e publicada em 21 de julho no *Jornal de Angola*<sup>133</sup>, escreve:

Corria o boato de que o leão estava muito doente e ia morrer. Que vai ser de nós?, interrogava o grupo do cágado (o mais inteligente e sábio a seguir ao leão), do coelho e do macaco.

A víbora da cabeça ao contrário, que, como se conta, em tempos se colocara ao lado do leão, ambicionaria, agora, o lugar deste. Fora vista, cada vez com mais frequência [...] a conferenciar com a hiena e o abutre. Esse grupo ia alargando, comportando também a avestruz e, oh admiração, o míope rinoceronte. E um dia, o abutre trouxe o seu primeiro corvo, que estava banido.

O cágado e o coelho conseguiram, um dia, encostar a coruja no buraco da sua árvore e insistiram com ela para que dissesse a verdade. A coruja insistia em que o leão estava de ótima saúde.

- Mas porque não aparece? – perguntou o cágado. Porque não o podemos visitar, nós, os que o seguimos?

- Não sei, ele é que não quer – disse a coruja. Tem os seus planos.

A víbora de cabeça ao contrário acabará por morrer e ainda hoje se pode ver, no meio da mata, transformada em grosso cipó [...] <sup>134</sup>

De acordo com a historiadora Dalila Mateus e o jornalista Álvaro Mateus, duas

---

<sup>133</sup> Jornal ligado ao MPLA.

<sup>134</sup> PEPETELA. Apud. MATEUS, Dalila e MATEUS, Álvaro. Op. Cit. 2007. P.73.

questões merecem ser destacadas a partir dessa estória. A construção da imagem de Nito Alves como uma víbora deve levar em consideração que no momento da escrita do conto, o militante ainda fazia parte do governo, sendo membro do Comitê Central do MPLA<sup>135</sup>. Além disso, devemos também estar cientes que podemos identificar o leão como sendo uma representação de Agostinho Neto à medida que este já se encontrava “diagnosticado com um cancro no pâncreas, de que morrerá dois anos depois”<sup>136</sup>. Assim, fazendo uso da ironia característica da sua literatura, Pepetela contribuiu, no calor do momento, para legitimar uma imagem de Nito Alves como um ambicioso e traidor, simplificando o debate político existente e defendendo a morte da “víbora”.



Figura 1: Desenho ilustrativo do conto de Pepetela. Autor desconhecido.

Portanto, os eventos que se desenrolaram após o 27 de maio ainda são motivos

<sup>135</sup> Nito Alves é expulso do Comitê Central em maio de 1977 durante a reunião plenária do comitê. Em seguida, o militante lança as 13 teses em sua defesa em que passa a “denunciar, desmascarar e combater energeticamente a natureza reacionária da aliança da direita e dos maoístas no seio do MPLA”. In.: ALVES, Nito. 13 teses em minha defesa. Apud: MABEKO-TALI, Michel. Op. Cit. 2001. P.216.

<sup>136</sup> MATEUS, Dalila e MATEUS, Álvaro. Op. Cit. 2007. P.73.

de disputa política até os dias de hoje. Logo após a noite de 27 de maio, foi declarado estado de exceção “com aplicação de restrições e verificações à circulação de pessoas”. O Estado angolano aumentou o tom repressivo sobre qualquer tipo de oposição política e as fileiras do partido também sofreram baixas. A redução do quadro de militantes do MPLA foi enorme a partir do movimento interno que ficou conhecido por “retificação”. A seleção dos membros do partido seria muito mais rígida, “esses critérios, não especificados no documento, diziam, essencialmente, respeito a questões de ordem moral, cultural e política”<sup>137</sup>.

Todavia, os textos literários de Pepetela vão apontar justamente para as contradições existentes entre esse discurso e a sua prática, em que muitos homens conseguem obter a carteirinha do partido apenas para manterem os seus privilégios político e sociais. A ideologia política que atrai muitos angolanos ao MPLA perpassa uma intensa rede de benefícios ofertada pelo partido. E as críticas do escritor problematizam essas relações. Nas páginas dos seus livros são denunciadas o que Silvio de Carvalho denominou de “invenção das tradições revolucionárias”, em uma intensa crítica a um “revolucionarismo mais nominal que substancial”<sup>138</sup>. Por outro lado, por mais que essas críticas aparecessem desde *O Cão e os Caluandas*, o silêncio sobre o nitismo perdura até a publicação de *Predadores*.

Quanto à sua passagem como governante, parece ter ficado estremecida no final da década de 1970 e início de 1980, provavelmente pelas novas opções políticas do MPLA. Assim, Pepetela se afasta amigavelmente do Estado em 1982. O escritor afirma que sua saída do governo se deveu ao seu desejo de dedicar-se à escrita, o que realmente fez sua produção literária alavancar<sup>139</sup>. Em nenhum momento afirma ter rompido de fato

---

<sup>137</sup> MABEKO-TALI, Michel. Op. Cit. 2001. P.231.

<sup>138</sup> CARVALHO FILHO, Silvio de A. Op. Cit. 2018. P.374.

<sup>139</sup> Foram escritos *Yaka* (1983), *Lueji: O nascimento dum Império* (1988), *Luandando* (1989), *A geração*

com o MPLA, ou mesmo ter se afastado por não caminharem mais juntos politicamente, embora em seguida os romances de crítica ao partido tenham ganhado destaque.

Ao ser questionado sobre o seu papel para o fortalecimento do Estado angolano após a independência, Pepetela retoma uma narrativa que o coloca atrelado às políticas educacionais e culturais do governo, afastando-se de uma política autoritária do MPLA que foi ganhando força logo após o processo de lutas de libertação:

Após a Independência deixei as FAPLA e a actividade partidária, para o papel de professor no Sul e ter oportunidade de escrever. Mas durou pouco, pois fui chamado para o Governo, como Vice-ministro da Educação. Nesse cargo tentei ajudar a criar um ensino de tipo novo, diferente do colonial. Conseguimos fazê-lo. Em 1982, a meu pedido, fui libertado dessas funções e portanto deixei de contribuir para o fortalecimento do Estado senão de forma indirecta. Voltei para a Universidade e finalmente tive possibilidade de ser escritor. Assumi funções a nível de várias organizações da sociedade civil (União de Escritores Angolanos, Organizações culturais, ultimamente a Academia Angolana de Letras.<sup>140</sup>

Ao nos voltarmos para a sua produção literária, à essa época Pepetela já havia escrito *Muana Puó*<sup>141</sup>. A estória do embate entre morcegos e corvos era construída como uma alegoria da luta de libertação nacional. Os corvos, com seus políticos, militares e teólogos, representam o colonizador e os morcegos, seus escravos, representam o colonizado<sup>142</sup>. Para Laura Padilha, é através desse seu primeiro romance que a dimensão política, característica da sua obra, ganha força. E, por isso, a crítica literária, diz que sempre volta a essa produção quando vai ler algum novo romance do escritor, pois ali

---

*da Utopia* (1991-1992), *O Desejo de Kianda* (1994-1995), *Parábola do Cágado Velho* (1990-1996), *A Gloriosa Família* (1996-1997), *A Montanha da Água Lilás* (2000), *Jaime Bunda, Agente Secreto* (2001), *Jaime Bunda e a Morte do Americano* (2003), *Predadores* (2005), *O Terrorista de Berkeley, Califórnia* (2007), *O quase fim do Mundo* (2008), *Contos de Morte* (2008), *O Planalto e a Estepe* (2009), *A Sul. O Sombreiro* (2011), *Crônicas com Fundo de Guerra* (2011), *O Tímido e as Mulheres* (2013), *Crônicas Maldispostas* (2015), *Se o Passado não Tivesse Asas* (2016) e *Sua excelência de Corpo Presente* (2018).

<sup>140</sup> PEPETELA. Entrevista por meio eletrônico a Carolina Bezerra em 25/07/2017.

<sup>141</sup> Escrita em 1969 mas somente publicada em 1978

<sup>142</sup> MARTINHO, Fernando J. B. *Muana Puó: Enigma e Metamorfose*. In.: CHAVES, Rita. MACEDO, Tânia. (Orgs). Op. Cit. P. 146.

estariam presentes os elementos que a ajudam no processo de recepção.<sup>143</sup> Para Pepetela, as mesmas preocupações que já apareciam aqui estarão presentes por toda a sua obra a partir de um tema chave: A formação da nação angolana.<sup>144</sup>

Todavia, é através da escrita de *Mayombe* em 1971<sup>145</sup>, em plena frente guerrilheira, que o escritor nos presenteia com uma análise do período vivenciado, ressaltando as contradições, dúvidas e problemas para a afirmação do projeto de identidade nacional do MPLA, do qual fazia parte. Como afirma em diferentes entrevistas, não tinha como pretensão publicar, o objetivo era refletir sobre o que acontecia<sup>146</sup>. Embora fosse um militante, a sua veia literária lhe impelia a escrever. Ao inverter papéis, dar voz a uma multiplicidade de narradores, relacionar fatos reais com ficcionais, o escritor encena mundos possíveis e abre a possibilidade de refletirmos sobre diferentes pontos de vista.

A polifonia narrativa, característica da obra, permite que o leitor se debruce sobre os diferentes meandros que circundam a formação da nação angolana. Escrito em meio aos debates raciais e étnicos o romance resguarda o clima instável da guerrilha. Naquele momento não se sabia onde aquele movimento iria desembocar, eram muitas frentes, diferentes projetos e interesses individuais variados. Todavia, ao dar destaque para os problemas internos do MPLA defendia também um projeto nacional vinculado ao que o movimento acreditava. Por isso, os ideais de construção nacional estavam envoltos com a negação do tribalismo, visto como desagregador nacional, assim como a busca pela afirmação do “Homem novo”, problematizações que também serão

---

<sup>143</sup> PADILHA, Laura C. A força de um olhar a partir do sul. ALEA. Vol.11, nº1, jan-jun.2009. p. 48.

<sup>144</sup> PEPETELA. Entrevista concedida a Michel Laban. In.: LABAN, Michel. Op. Cit. 1991.

<sup>145</sup> Escrito em 1971 mas publicado somente em 1980. De acordo com Pepetela, a demora para a publicação do livro se deveu a problemas burocráticos com as editoras envolvidas. Em nenhum momento houve censura.

<sup>146</sup> Rita Chaves aponta para as duas versões que cercam a escrita do livro. Em recente versão o escritor diz que “o texto nasceu como um trabalho jornalístico a respeito de um episódio da guerrilha”. Todavia, anos atrás teria afirmado que sua obra teria nascido a partir de um “projeto cinematográfico” In.: CHAVES, Rita. Portanto...Pepetela. Op. Cit. 2009. p.125.

retratadas adiante, visto a importância do tema nos livros analisados nessa pesquisa.<sup>147</sup>

Por outro lado, Sílvio Carvalho Filho destaca que embora a crítica sociopolítica de Pepetela aparecesse desde *Mayombe*, é somente na década de 1980 que ela se acentua, tornando-se cada vez mais ácida. Para o historiador, essa postura estaria diretamente ligada ao afastamento do escritor do poder em 1982. Do mesmo modo, Fábio Baqueiro também chama a atenção para o abandono de uma narrativa comprometida com os ideais de nação do MPLA, embora em termos políticos ainda fosse comprometido com o movimento. Para Baqueiro a partir de *O Cão e os Caluandas* novas leituras se farão presentes e pertinentes.<sup>148</sup>

### 1.3 A escolha dos romances e a construção do personagem Pepetela

Toda a gente com quem eu lidava me conhecia por esse nome de guerrilha e sempre o achei mais bonito que o próprio. Foi natural que ao publicar, o escolhesse como nome literário. Está ligado à fase de militância, claro, mas hoje é apenas o meu nome<sup>149</sup>.

Ao ser questionado por mim sobre as motivações que o teriam levado à escolha do nome de guerrilha “Pepetela” para o acompanhar na sua trajetória literária, o escritor angolano conhecido internacionalmente por seu pseudônimo, não se aprofunda muito no caso e analisa essa escolha como algo “natural”, sem demais intenções políticas e/ou sociais. Todavia, cabe a nós trazermos à baila as implicações que esse seu posicionamento pode provocar ao compreendermos que essa escolha não deve ser encarada como fortuita. Considera-se que essa preferência pode ser interpretada como um ato político, principalmente a partir da leitura que seus romances provocam.

---

<sup>147</sup> FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Op. Cit. 2012.P. 370.

<sup>148</sup> FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Op. Cit. 2012. P.414.

<sup>149</sup> PEPETELA. Entrevista concedida a autora via correio eletrônico em 25/07/2017.

A origem do nome vem do kimbundu Pestana e faz referência ao sobrenome de nascimento do autor: Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos. No momento em que entrou na guerrilha ao lado do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), seus escritos literários passaram a ganhar a nova assinatura que é mantida até hoje<sup>150</sup>, o que demonstra que embora tenha saído do partido em 1982, não rompeu com o passado guerrilheiro e de crenças que o levaram até o caminho do Movimento. Além disso, essa escolha o aproxima ainda mais de uma angolanidade, pois, como veremos, a presença branca dentro de um cenário nacional após a independência, vai ser constantemente questionada.

Ao longo dos romances que escolhemos para a análise – *O Cão e os Caluandas*, *Geração da Utopia*, *Desejo de Kianda e Predadores* –, selecionados pela narrativa crítica à política de Estado desenvolvida em Angola após a independência, percebemos que o então militante do MPLA, considerado por muitos como fiel ao partido, passa agora a ser um dos principais críticos dos rumos tomados pelo movimento. Até o escritor sair do governo em 1982, havia a defesa de um projeto de hegemonia política do MPLA e somente a partir do livro *O Cão e os Caluandas* notamos um afastamento político, embora também devamos problematizar até que ponto se constitui numa ruptura de fato. Se antes suas críticas se restringiam aos desvios políticos do movimento, buscando uma mudança interna, seus romances publicados a partir da década de 1980 trazem questões de nível estrutural – que perpassam inclusive a sociedade angolana e a sua relação com o MPLA. Ou seja, suas críticas são muito mais complexas à medida que também propõem reflexões sobre a sociedade angolana que se construiu após a independência.

As escolhas dos romances para a pesquisa estão relacionadas com o que

---

<sup>150</sup> Antes disso Pepetela tinha publicado três contos com o se nome de origem: *O velho João*, *As Cinco vidas de Teresa* e *A Revelação*.

Inocência Mata ressalta sobre o autor. Para a escritora, *Geração da Utopia* inaugura um novo tempo na escrita de Pepetela, em que novas significações históricas com derivações ideológicas são demarcadas. Há uma desmistificação da história do movimento nacionalista e da guerrilha, o que ainda não se encontrava em *Mayombe*.<sup>151</sup> Todavia, a presente pesquisa parte do pressuposto que já em *O Cão e os Caluandas* temos a presença de uma narrativa que não acredita mais em mudanças sociais com o movimento que se instaurou. Os desgastes internos se tornaram impossíveis de serem recuperados. A partir desse livro as críticas internas apresentam um tom narrativo diferente do encontrado em *Mayombe*, pois não estão mais centradas num aspecto pedagógico, de reformulação. Embora Pepetela afirme que as críticas contidas nesse livro sejam muito mais comportamentais à medida que são feitas sob o ponto de vista de um militante em busca de conciliação<sup>152</sup>, já podemos notar uma diferença entre esta obra e *Mayombe*, principalmente por considerarmos o distanciamento do escritor do cenário político do MPLA.

As críticas aparecem através da figura de um cão pastor alemão, um personagem simbólico que revela o cotidiano da cidade de Luanda ao construir um painel da sociedade pós-independente.<sup>153</sup> Ao flunar pela cidade ele desmascara personagens: como o pretense intelectual e o corrupto. Nesse caso, a interpretação sobre as escolhas linguísticas e de recursos narrativos do texto oferecem um ótimo diálogo para compreendermos as críticas à história política do país. O romance é marcado por uma narrativa em que o socialismo, pela primeira vez, aparece claramente como retórica, um meio encontrado para o fortalecimento político de poucos. Ao favorecer um pequeno grupo da elite angolana contribuía para a lógica patrimonial, em que os bens públicos

---

<sup>151</sup> Idem. P.45-46.

<sup>152</sup> PEPETELA. Entrevista a Michael Laban. Op. Cit.1991.

<sup>153</sup> SALGADO, Maria Teresa. O Cão e os Caluandas: O Texto, o Leitor e o Mundo. In.: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tânia. Portanto....Pepetela. Op. Cit.2009. P.267



não se diferenciavam dos bens privados.

De acordo com Pepetela, o livro foi escrito entre 1979 e 1983, sendo publicado apenas em 1985, quando o autor já havia deixado o partido. Reconhecido pelo escritor como um dos seus livros mais críticos, Pepetela menciona os problemas que teve para a sua publicação, cuja primeira edição esgotou em apenas 15 dias:

Este livro não passou pela comissão de leitura, porque naquele período não havia comissão e então foi o secretário geral [Da União dos Escritores Angolanos] que decidiu publicar. E, depois o partido perguntou ao secretário geral [Luandino Vieira] porque é que tinha mandado publicar e ele não se podia defender com a comissão de leitura. Neste caso ele teve alguns problemas, pois perguntaram-lhe porque autorizara. Então, o partido decidiu que era melhor perguntar ao próprio partido e então perguntaram as células do próprio partido ligadas à cultura se achavam que o livro era contra-revolucionário. As células do partido responderam que não, que o livro não era contra-revolucionário. E não aconteceu mais nada. Mas, o fato de ter sabido que ia haver um inquérito fez com que o livro desaparecesse imediatamente. Fez com que a edição desaparecesse logo. E aí o secretário geral já não teve coragem de mandar fazer a segunda edição. Foram muitos anos até sair a segunda edição.<sup>154</sup>

Devemos estar atentos, sobretudo, à passagem de tempo que faz parte da construção do romance. Em 1979, quando inicia a escrita do livro, Pepetela ainda integrava o governo, atuando no Ministério da Educação. Nesse mesmo ano José Eduardo dos Santos passou a ser presidente do país, mantendo o regime oficialmente marxista-leninista herdado de Agostinho Neto. O cenário político era caracterizado por forte centralização do poder nas mãos do presidente, assim como um viés autoritário, marcado pela “caça às bruxas” aos opositores e pela retificação interna do partido, diminuindo consideravelmente o número de militantes. Essas posições são vistas como uma resposta ao Movimento Nitista ocorrido em 1977.<sup>155</sup> Angola vivia ainda um

<sup>154</sup> PEPETELA. Entrevista a Frank Marcon. In.: MARCON, Frank Nilton. Leituras Transatlânticas. Diálogos sobre identidade e o romance de Pepetela. Tese apresentada ao Programa de Pós graduação da Universidade Federal e Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

<sup>155</sup> VIDAL, Nuno. Multipartidarismo em Angola. In.: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. O

período de intensa Guerra Civil, um contexto de autoritarismo sem oposição política legal e falta de liberdade de expressão. Em paralelo, nessa década de 1980 a corrupção do Estado se alastrou de maneira significativa, como será analisado mais a frente.<sup>156</sup>Por essas questões, chama a atenção a possibilidade de publicação de um livro com tantas críticas ao partido.

Ao refletirmos ainda sobre a presença de Pepetela no enredo, notamos o quanto o escritor se coloca como um narrador presente, que interage com o seu leitor trazendo questionamentos e informações que completam a narrativa. Ele faz parte diretamente da construção das histórias que se desenvolvem através de depoimentos, anúncios de jornal, documentos, sketches e cartas, trazendo, de imediato, logo no início da obra, um aviso: “Qualquer dissemelhança com fatos ou pessoas pretendidos reais foi involuntária”. Nessa passagem, a ironia e a sátira, marcas da literatura angolana, ficam evidentes. Pepetela a todo tempo vai dialogando com o leitor e brincando nas entrelinhas com os textos que apontam para mais de uma interpretação, se torna um narrador-personagem à medida que participa das histórias como um interlocutor.

Em *Geração da Utopia*, escrito em 1991 a partir de uma bolsa de criação do serviço alemão de intercâmbio universitário, a presença de Pepetela nas histórias não é diferente, mas se dá sobre as vozes de outros personagens. Uma das poucas presenças em primeira pessoa do escritor é logo no início do livro, afirmando que a partir dali se escondia “prudentemente” o autor. Todavia, notamos o quanto a obra acompanha a sua trajetória de vida – tanto a partir dos lugares que circulou quanto dos problemas que envolviam aquela geração. Nota-se a partir da personagem Sara, uma estudante branca, muitos dos anseios que o escritor vai enfrentar ao ter que reafirmar sua angolanidade em diferentes meios a todo tempo. No romance, Pepetela trouxe uma dura reflexão sobre

---

Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola. Firmamento: 2002. P. 17.

<sup>156</sup> Idem.

àqueles que fizeram parte do processo de independência de Angola: “esta é apenas a estória sobre uma geração que fez a independência e não soube fazer mais”<sup>157</sup>. Construído através de uma narrativa que abarca quatro décadas, o autor explora as contradições existentes dentro do movimento de libertação que levaram ao enfraquecimento da certeza revolucionária após a independência. O livro inicia na Casa dos Estudantes do Império, descrevendo os impasses, as dúvidas e alternativas existentes. Estão presentes os debates étnicos, raciais e políticos que ainda faziam parte do contexto político de quando o autor escreve, ainda marcado pelas disputas de poder.

Quando da publicação do livro, 1992, tivemos as primeiras eleições gerais da história de Angola. O clima estava dividido entre o otimismo e a desconfiança, com mais de 91% de votantes registrados e a vitória do MPLA com 49,57% dos votos a José Eduardo dos Santos. Desde 1991 tivera início uma nova fase na política, que tinha como objetivo traçar o caminho para um sistema mais aberto e multipartidário, sendo aprovada naquele ano uma revisão da constituição que trazia como proposta colocar Angola nos passos da democracia ao permitir o direito à manifestação, associação, liberdade de imprensa e direito à greve. Todavia, após o fim das eleições o poder político voltou mais uma vez a se concentrar na presidência, o clima de instabilidade permaneceu e presenciamos o retorno à guerra civil.<sup>158</sup>

É nesse contexto que *Geração da Utopia* é escrito e publicado. Dividido em quatro partes, sendo que uma delas – A Chana – o escritor afirma ter escrito anos antes, ainda na guerrilha, o romance retrata o processo de desilusão que se construiu desde a década de 1960. Se no início existia um sonho, aos poucos ele vai virando utopia, pois o objetivo não era apenas a luta pela independência, mas sim a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Os discursos proferidos pelo romancista fazem parte

---

<sup>157</sup> BUENO apud CHAVES, 2009, p.42

<sup>158</sup> VIDAL, Nuno. Op. Cit. 2002. P. 26.

de uma crítica interna que chama a atenção para aqueles que teriam traído a construção da nação e o projeto de uma sociedade democrática e mais igualitária ao privilegiar seus interesses pessoais.

Em *Desejo de Kianda*, publicado em 1995, mais uma vez Pepetela recorre às imagens simbólicas e, nesse caso, mitológicas para construir suas críticas. A Kianda das lendas e espírito das águas, ecoava seu cântico com o intuito de restaurar o Kinaxixi, um dos principais bairros da elite angolana (ALVES, 2009). O desmoronamento dos prédios do bairro vira um mistério, o pó dos escombros provoca o caos, utilizado como metáfora para denunciar a perda dos valores dos dirigentes políticos. As velhas estruturas coloniais passam a ser postas sobre novos termos a partir da aliança do casal João Evangelista e Carmina Cara de Cú (CCC), protagonistas do romance. A militante do partido encarnaria as mudanças do próprio partido, como aponta o narrador: “Carmina era sem dúvida uma filha do seu partido”<sup>159</sup>

O avanço de uma economia de mercado passa a influenciar diretamente as relações da sociedade e do Estado, que é movido pelo poder das classes dominantes. A corrupção se torna presente em diferentes níveis, do macro ao micro, tanto nas relações interpessoais quanto nas que envolvem a sociedade civil e o Estado. A partir das metáforas construídas por Pepetela, passamos para um plano do imaginário em que a força da tradição sobre a sociedade é resgatada e entra em contradição com o processo de modernização suscitado com o avanço do capitalismo. Os valores de outrora são questionados, a defesa do socialismo não existe mais e a abertura de capital traz novas oportunidades que não se preocupam com os valores éticos envolvidos. Nesse mesmo sentido, são problematizados as relações patrimonialistas e clientelistas que se desenvolvem na sociedade. O escritor chama a atenção para um Estado construído em

---

<sup>159</sup> PEPETELA. *Desejo de Kianda*. São Paulo: Leya, 1995. P.73

cima dos valores tradicionais angolanos, um Estado criado em meio à guerra, que vê os sonhos de uma sociedade igualitária após a independência desmoronar. A partir das inúmeras possibilidades que se abrem com a leitura do livro, as contradições se intensificam. Os mutilados de guerra, que vivem a pedir dinheiro nas ruas, dividem espaço com os novos ricos, que se individualizam cada vez mais.

O livro é escrito entre 1994 e 1995 e sua publicação se dá neste último ano em meio a uma série de problemas que se desenrolavam em Angola. O cessar-fogo em 1991, as eleições de 1992, a abertura ao multipartidarismo e à economia de mercado, o retorno da guerra e os constantes debates de como se alcançar a paz no país. Os diálogos com esse contexto podem ser presenciados em cada página. A sociedade angolana é retratada a partir de um tom de crítica aos desvios de um projeto social que se desejava antes da independência. A estória se desenvolve a partir da independência de Angola, mais precisamente 1994, e tem como narrativa central a relação dos protagonistas: Carmina cara de cú e João Evangelista. Seus nomes, de acordo com Carmen Lúcia Tindó, podem ser problematizados a partir de uma interpretação em que João Evangelista, assim se denomina pela referência bíblica, visto que seu pai é muito religioso e CCC, pode ser uma referência à Carmina Burana, contos proféticos pagãos, do período medieval. Em volta deles se desenrola a história, Carmina uma mulher que entra para o partido muito nova, ainda na Organização de jovens, a Juventude do Mpla, ou simplesmente Jota, conseguindo chegar em cargos superiores com muita rapidez, a partir dos seus bons contatos com o governo. Evangelista casa-se com essa mulher, dominadora em sua essência, e passa a trazer para o leitor problematizações e contradições presentes na sociedade angolana, principalmente a partir dos seus questionamentos à Carmina. Junto à estas indagações, um fenômeno curioso cerca a história, a queda de prédios e o canto de Kianda.

Para completar os livros que farão parte da análise da presente pesquisa está *Predadores*, publicado em 2005. A estória do livro se desenrola entre 1974 e 2004, e são enfatizados os anos posteriores à independência do país. No entanto, por mais que as transições políticas estejam presentes, a estrutura política permanece, mantendo o poder concentrado nas mãos de poucos. Através dos personagens criados por Pepetela, somos envolvidos por uma trama que denuncia um modelo político que facilita as práticas de corrupção, favoritismo e nepotismo levando a crer que essa seja uma realidade inerente ao sistema político existente. Tanto as relações entre os indivíduos e o Estado quanto as relações interpessoais que se estabeleceram no cenário pós-colonial são retratadas no romance do escritor. Vladimir Caposso (VC) – uma referência ao slogan “A vitória é certa” do MPLA –, personagem principal do livro, passa a constituir a metáfora dos desvios sociais, políticos e econômicos do partido e aos poucos se transforma em um predador, não se abstém da oportunidade de se aproveitar, explorar e oprimir o outro, desde que o favoreça individualmente. Faz do uso da palavra que denomina o livro – *Predadores* – um importante instrumento técnico que associa a arte predatória à destruição da sociedade angolana. Capazes de tudo, esse grupo social emergente destrói todo o sonho de antes, assim como todos os ideais.

Assim como em relação aos anteriores, a análise do romance *Predadores* exige cuidado e atenção ao período em que o autor escreveu as suas estórias, a fim de melhor compreendermos algumas questões pertinentes à análise da narrativa de seu romance. Em 2002, o cessar fogo foi negociado entre o MPLA e a Unita, interrompendo uma longa guerra civil. Nesse momento, com a promessa de eleições próximas, a esperança por um real processo de democratização do país era visível, acreditava-se na abertura política, assim como no crescimento e independência das Organizações sociais. Todavia, o adiamento das eleições e a hegemonia política do Estado, sobretudo com o

poder concentrado no executivo, frustraram em grande medida essas ambições iniciais. O medo da guerra e a desconfiança com o MPLA foram revividos nas páginas de *Predadores* a partir de um olhar particular, de um homem que antes vivia os acontecimentos a partir da perspectiva de um membro do partido, e, agora, ao escrever o livro, já havia passado pelas decepções que o levaram a se afastar do MPLA na década de 1980.

Construídos em diferentes tempos, os romances políticos de Pepetela retomam questões centrais para a História angolana na contemporaneidade. Escritos a partir de uma narrativa em movimento, eles exploram os processos históricos recentes que contribuíram para a construção do Estado angolano, assim como para o desenvolvimento da sociedade no decorrer da independência. Na passagem de tempo, característica de seus romances, fica explícita a permanência de um modelo político marcado pelo autoritarismo, que nem mesmo as transições políticas foram suficientes para desenvolver uma mudança.

Vale ressaltar que estas obras dialogaram com uma realidade política conflituosa que evidenciava os problemas internos existentes. Uma sociedade ameaçada pelo medo e tomada pelo caos. Guerra civil e transições políticas importantes, mas instáveis, adiavam a estabilidade política e social tão sonhada. Há nos livros escolhidos uma intensa crítica aos rumos tomados pelos dirigentes políticos e pela elite econômica que se formou em Angola. Pepetela construiu em suas narrativas uma sociedade complexa, caracterizada por uma realidade de corrupção. A utopia revolucionária de outrora estava sendo substituída pela burocracia de um Estado patrimonialista e por uma economia de mercado que sublinhava cada vez mais a desigualdade existente no país.

Ao compreendermos que os privilégios característicos da relação entre o Estado angolano e sua sociedade foram tecidos antes e durante o colonialismo, permanecendo

no período pós-independência<sup>160</sup>, os romances de Pepetela se tornam interessantes por abordar o autoritarismo existente no país a partir de pessoas comuns em sua relação complexa com o Estado. Seus livros tratam do envolvimento dessa sociedade em uma política de privilégios, em que a permanência do Estado, de vias autoritárias, é permitida a partir de acomodações de interesses estabelecidas por ambos os lados.

É importante ainda acrescentar que a escolha desses romances para a pesquisa não esgotam a produção literária de crítica social e política do escritor. Para além dos livros analisados, escolhidos por compreendermos que há um fio condutor entre eles, como será problematizado mais adiante, aparecem outros romances ao longo dos anos 2000 que também trazem para o primeiro plano uma crítica contundente às relações políticas que se formaram em Angola. Ao nos voltarmos para os romances *Jaime Bunda, Agente Secreto* (2001) e *Jaime Bunda e a morte do americano* (2003), somos entretidos por uma saga policial em que a busca pela resolução de um crime leva a uma intensa reflexão sobre o país após a independência. Como assinala Pepetela:

A fundação policial criminosa é só um pretexto para analisar a sociedade (...)

Neste livro a parte do policial eu acho o menos importante. Importante é levar o leitor à sociedade de Luanda ou pelo menos a algumas camadas da sociedade.<sup>161</sup>

Através da paródia ao agente americano James Bond – “Jaime Bunda é um James Bond sem tecnologia, um James Bond subdesenvolvido”<sup>162</sup> – Pepetela vai criar seu agente secreto num extremo oposto, Jaime Bunda será um personagem que terá livre trânsito nos lugares mais recônditos de Angola, possibilitando ao leitor desvendar os

<sup>160</sup> CHABAL, Patrick. O Estado pós-colonial na África de expressão portuguesa. In: *Revista de estudos guineenses*. Soronda: Instituto nacional de estudos portugueses nº15, 1993. P.37-55.

<sup>161</sup> PEPETELA. WISER apud CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. Op. Cit. 2009.

<sup>162</sup> GOMES, Simone. Jaime Bunda e a Morte do americano: O livro policial é apenas um pretexto. In: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. Op. Cit. 2009. P. 340.



problemas sociais que assolam o país. Por meio das ambiguidades de caráter que cercam o protagonista, as críticas ao funcionalismo público são construídas. Emerge a partir daí todo um sistema envolvido numa política de corrupção, “Ele [Jaime Bunda] antecipa, assim, o aparecimento e desenvolvimento de uma cultura da corrupção, enquanto desnuda e expõe os seus sintomas sociais por meio do riso”.<sup>163</sup>

Todavia, por mais que as críticas contidas nesses livros estejam em diálogo com o que propõe a pesquisa, abarcar um gênero literário com novos referenciais estéticos fugiriam do escopo desse trabalho, visto os novos desafios que trariam, principalmente, ao nos debruçarmos sobre a intertextualidade que o texto exige.

Outro romance que também faz parte desse viés é o *Planalto e a Estepe* (2009). Em meio a uma história de amor, ambientada entre a década de 1960 e os anos 2000, Pepetela constrói um cenário de desilusão ao marxismo-leninismo e ao socialismo de Estado. Embora escrito após o fim da guerra civil, em 2002, a permanência de uma leitura que aponta para os problemas de um projeto político após a independência tem por objetivo lançar luz, novamente, aos desvios a um projeto de identidade nacional que se tinha anos antes das guerras de libertação e que motivaram o escritor a entrar na guerrilha e fazer parte do MPLA.

Por outro lado, mesmo que ocorra uma denúncia ao projeto existente, liderado pelo MPLA, Pepetela não rompe com ele integralmente, até porque devemos lembrar que a principal oposição ao partido em Angola é a Unita, historicamente afastada de pressupostos nacionalistas defendidos pelo escritor. Portanto, a sua ruptura com o partido se dá de modo parcial, devendo ser analisado em cada romance. O projeto inicial, hoje é projetado como utópico, o que observa-se através das vozes narrativas e dos personagens que aparecem nos seus romances, muitas vezes comprometidos com as

---

<sup>163</sup> MALTOVANI, Rosangela. Jaime Bunda, Agente Secreto: A paródia do Mito. In.: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. Op. Cit. 2009. P. 335.

idealizações políticas do MPLA.<sup>164</sup> Por mais que atualmente defenda o surgimento de novas forças políticas para o MPLA se modificar<sup>165</sup>, o escritor se mantém afastado da política e prefere se autodenominar como um “socialista utópico”:

A minha ideologia não mudou. Eu continuo a ser uma pessoa que pensa primeiro no povo, e depois no resto. Eu me definiria talvez como um socialista utópico. Talvez. Eu não gosto de pôr rótulo nas coisas. É difícil. O socialismo deve ser a base, sem dúvida nenhuma, mas um socialismo mais para o utópico. Aquilo que ainda não se conseguiu construir.<sup>166</sup>

Em inúmeras entrevistas, quando perguntado sobre a sua posição como socialista, Pepetela afirma que sua base teórica estaria nos denominados “utópicos”, como Pierre-Joseph Proudhon, em que os ideais de liberdade individual e igualdade social são repensados em novos termos. Foram referências obtidas ainda na juventude, através de um tio seu. Dizia que não entendia quase nada, mas que algumas coisas ficavam, cimentando um espírito revolucionário.<sup>167</sup> Mesmo se alinhando mais adiante à uma política marxista-leninista, o seu apreço por anarquistas aparece na sua literatura através da construção de alguns personagens, como destaca Sílvio Carvalho.<sup>168</sup> Ao definir o que considera por socialista utópico, Pepetela diz:

À falta de melhor definição... Continuo a achar que os homens nascem iguais em direitos e que deveriam ter a mesma possibilidade de se desenvolverem intelectualmente. A partir daí, poderia haver diferenciações. Mas sempre guardando lugar para as minorias, quaisquer que sejam os critérios para as definir como minorias. O que implica um Estado forte, democrático, capaz de distribuir as riquezas, conforme os méritos e o esforço de cada um. Daí o ser utópico. E não ser capitalista, de forma nenhuma.<sup>169</sup>

<sup>164</sup> REGHINI, Tatiana. Op. Cit. 2013.p16.

<sup>165</sup> PEPETELA. Rodrigues apud CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. Op. Cit. 2009. P. 47.

<sup>166</sup> PEPETELA. CASTRO apud CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. Op. Cit. 2009. P. 46.

<sup>167</sup> PEPETELA. Entrevista a Michel Laban. In.: In.: LABAN, Michel. Op. Cit. 1991.

<sup>168</sup> CARVALHO FILHO, Silvo. Fragmentos de uma trajetória. In.: Boletim do Tempo Presente, nº 06, de 09 de 2013, p. 8

<sup>169</sup> LIBERATO, Carlos e PAIVA, Felipe. A ideologia da escrita: Pepetela, uma entrevista. Mulemba. Rio

Os romances destacados na pesquisa apontam para a consolidação de uma posição literária de crítico do regime político estabelecido, mas uma crítica que não está presa somente ao governo, mas que se dirige também para as relações que se estabelecem entre a sociedade e esse Estado. Pois, compreende-se, que o poder não se reproduz apenas de cima para baixo, mas se desenvolve a partir das relações individuais existentes na sociedade. Ao partirmos dessa premissa, a estruturação de um modelo político ao longo dos anos pós-independência, que se perpetua no poder, principalmente através de relações clientelistas, deve ser pensado também a partir dos indivíduos que compõem a sociedade, por esse motivo, a escolha do intelectual torna-se fundamental para refletirmos sobre Angola na contemporaneidade.

Portanto, a partir dessas argumentações, vale adentrarmos mais um pouco o universo pepeteliano e conhecermos as suas indagações sobre nação, raça, socialismo, poder, Estado, corrupção, autoritarismo e sociedade nos seus romances. Ou seja, nos voltarmos para como esses conceitos foram operados e representados entre as suas narrativas literárias, construídas em intenso diálogo com o contexto angolano no pós-independência.

## Capítulo 2

### Nação e Raça na Literatura de Pepetela

#### 2.1 A Construção de um Discurso Nacionalista

No fundo, todos procuramos isso. O que é isso? Um conceito abstracto. Tenho a impressão que ninguém sabe muito bem o que é. No fundo, não conseguimos até hoje teorizar, definir o que é isso de angolanidade. Isto, embora esteja patente na obra dos escritores angolanos, claro. Creio que é um conceito que se vai procurar ainda durante muito tempo”.<sup>170</sup>

O escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez em uma de suas famosas frases diz que todo escritor passa a vida a escrever um único livro. No caso de Pepetela, se tivermos que definir um tema que perpassa toda a sua obra, certamente é a angolanidade. Através de seus romances somos remetidos à criação de novos referentes simbólicos para a nação, que por vezes o aproxima e outras o afasta de uma concepção de identidade nacional defendida pelo Estado. Se ao longo da década de 1980 os seus livros exploraram um projeto de nação muito próximo ao defendido pelo MPLA, mesmo que muitas vezes apontassem para as insuficiências na criação da nação pelo partido, à medida que as críticas ao burocratismo vinham à tona, assim como a valorização de uma ideia plural de nação, a partir da década de 1990, o projeto concatenado a uma visão política hoje vista pelo escritor como utópica, desagrega-se. As incertezas quanto ao que poderia dar errado na formação da nação transformaram-se em certezas e desilusões.

Ao nos valermos de referenciais conceituais como nação, nacionalismo e

---

<sup>170</sup> PEPETELA. Entrevista a Amann e Venâncio, 1990. Apud: CHAVES, Rita. Portanto...Pepetela. Op. Cit. P.39.

identidade nacional, cabe desenvolver uma breve análise acerca do que esses termos implicam e como podem ajudar a compreendermos a vida social e política angolana. A ideia de nação que conhecemos hoje está vinculada, sobretudo, à modernidade, à medida que está atrelada a uma ideia de Estado e corpo político representando um todo, todavia, a imprecisão sobre o conceito de nação ainda faz parte de um debate amplo. A Revolução Francesa marca um importante momento em que tivemos claramente a união da tríade Estado, nação e povo. Para Hobsbawn, o ideal de povo soberano surgido nesse momento vinculou indubitavelmente a nação ao território, mas, por outro lado, não é claro o que constitui “um povo”. Para o historiador não “há conexão lógica entre o corpo de cidadãos de um Estado territorial, por uma parte, e a identificação de uma “nação” em bases linguísticas, étnicas [...] que permitam o reconhecimento coletivo do pertencimento de grupo”<sup>171</sup>. Portanto, a formação dos Estados nacionais é vista como um fato historicamente ocorrido, mas os debates em torno do que é nação enquanto expressão de nacionalidade ainda levantam questionamentos.

É evidente para Hobsbawn que esses fatores étnicos, linguísticos e religiosos existentes entre um determinado grupo contribuem para que esse processo de unidade seja mais fácil. Assim, tanto os Estados como os movimentos nacionais ao mobilizar certas variantes de um vínculo coletivo já existente, chamado por ele de protonacionalismo, tornam esse ideal mais natural, o que levou às primeiras interpretações sobre o conceito. Mas, como o historiador defende, esse *a priori* não é fundamental para que existam laços para o surgimento de um Estado nação, noções que permitiram o tema ser revisitado e questionado a partir da década de 1970.<sup>172</sup> Historiadores como Eric Hobsbawn, Ernest Gellner e Benedict Anderson exploraram a construção cultural que cercava o nascimento das nações. Os símbolos, memórias e

---

<sup>171</sup> HOBSBAWM, Eric. Nações e nacionalismos desde 1780. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. P.32.

<sup>172</sup> HOBSBAWM, Eric. Op. Cit. 1990.

tradições passaram a ser valorizados como meios utilizados para a afirmação e legitimação nacional. Nesse sentido, longe de ser algo natural, para esses intelectuais a nação é construída e imaginada a partir de diferentes interesses.

Nas palavras de Benedict Anderson, um dos intelectuais mais influentes sobre o assunto desde a década de 1980, a nação é uma “comunidade imaginada”<sup>173</sup>, pois os membros de uma nação estão ligados por laços comunitários que os aproximam, por mais que a maioria desses homens nem sequer se conheçam. Há, nesse caso, um desejo de se manterem próximos a partir de componentes variados. Todavia, isso não quer dizer que a ideia de nação seja ilusória e irreal, mas que entre signos e valores que estão amparados nas concepções subjetivas, existe também as dimensões objetivas que lhe atribuem formas concretas. Ou seja, quando o intelectual defende ser a nação “imaginada” ela não deve ser interpretada no sentido de inventada, mas no sentido de termos que nos voltar para o imaginário que mobiliza, inclusive, as ações políticas, para compreendermos a concepção fraterna que guarda o termo e aproxima pessoas tão distantes.<sup>174</sup>

Ao conceituar as nações como “fenômenos duais, construídos essencialmente pelo alto, mas que, no entanto, não podem ser compreendidas sem ser analisadas de baixo, ou seja, em termos das suposições, esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns”, Hobsbawm formula a principal crítica desses intelectuais aos estudos anteriores sobre o tema.<sup>175</sup> A partir desse momento importa compreender de que forma as pessoas se relacionam e se envolvem com a ideia de nação tal como representada em sua cultura nacional. Compreende-se que por mais que

---

<sup>173</sup> Em diálogo com as pesquisas de Ernest Renan, para quem a nação já teria sido referida como algo imaginário à medida que a sua essência está pautada sobre um desejo compartilhado de vida coletiva em que as noções sobre a raça, língua e religião não seriam suficientes para compreendermos e definirmos a nação.

<sup>174</sup> ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Àtica, 1989. P. 14 e 15.

<sup>175</sup> HOBSBAWM, Eric. Op. Cit. 1990.

a ideia de nação seja formulada a partir de interesses políticos e a partir de um pequeno grupo da elite, as noções de lealdade e identificação à nação só podem ser analisadas a partir do modo como as pessoas transformam essas ideias em significados que dialogam com as noções de identidade<sup>176</sup>.

Por outro lado, em diálogo com esse debate, Partha Chatterjee, é um dos principais questionadores dessa noção de nação que está amparada nas concepções políticas ocidentais. Para o intelectual, uma leitura do tema a partir de Anderson levamos a considerarmos o “mundo pós colonial como meros consumidores da modernidade” europeia. Por mais que reconheça a importância da Europa para o desenvolvimento da ideia de nação, argumenta que a imaginação nacionalista da Ásia e da África “baseiam-se não em uma identidade, mas em uma diferença em relação às formas ‘modulares’ da sociedade nacional propagada pelo Ocidente moderno”. Ou seja, o nacionalismo criado dentro de uma perspectiva anticolonial passa a criar o seu “próprio campo de soberania” muito antes das lutas políticas pela independência<sup>177</sup>.

A partir dessa perspectiva, Chatterjee defende que os nacionalistas africanos e asiáticos dividem o mundo das instituições e das práticas sociais em dois domínios: o material e o espiritual. Enquanto o primeiro se apresentava em um nível “externo”, a partir dos estudos da economia, política, ciência e tecnologia, dominadas pelo Ocidente que ao longo dos anos mostrou a sua superioridade, o espiritual, por sua vez, faz parte de um domínio “interno”, responsável por moldar as identidades culturais. É a partir desse ponto que o cientista político defende que há o desenvolvimento de um projeto de cultura nacional moderno mas não ocidental. Assim, afirma que se nos prendermos aos

---

<sup>176</sup> Compreende-se identidade como um conceito móvel, “uma construção social e simbólica dinâmica em função de sua permeabilidade em face do contexto”. Ver.: AZEVEDO, Cecília. Identidades compartilhadas. A identidade nacional em questão. In.: SOIHET, Rachel e ABREU, Martha (orgs). Ensino de História. Conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.p.43.

<sup>177</sup> CHATTERJEE, Partha. Comunidade imaginada por quem? *in*: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.), Um mapa da questão nacional, Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 229.

“textos convencionais, em que a história do nacionalismo começa a partir da disputa pelo poder político, [perdemos] de vista a dinâmica desse projeto histórico”<sup>178</sup>.

A partir destas perspectivas, podemos notar o quanto as leituras sobre a nação propostas nos romances de Pepetela estão em diálogo com uma literatura que, historicamente, tem como característica fundamental escrever/pensar a nação angolana a partir dos seus fatores internos, por mais que também se valha de recursos e signos externos. O processo de criação de identidades perpassa fundamentalmente o ato de imaginá-la em contraponto aos registros das escritas coloniais ao valorizar os diferentes sujeitos envolvidos nesse processo.<sup>179</sup> Essa escolha possibilita que fiquemos atentos aos novos signos, costumes e tradições encenados nos romances angolanos. Podemos assim, ampliar as complexidades existentes no processo de criação do país ao nos depararmos com um rico processo de construção simbólica que traz à tona novos elementos para o desenvolvimento da nação. Pois, como afirma Appiah, “as nações são bem reais, por mais inventadas que sejam suas tradições”<sup>180</sup>.

Portanto, ao levarmos em consideração essas noções sobre a ideia de nação, devemos compreendê-las “não como entidades eternas mas sim situadas no tempo, históricas, logo sujeitas às contingências e vicissitudes de processos históricos”<sup>181</sup>, do mesmo modo, passíveis de disputas políticas e de tensões em escala social que revelam o grau de força ou fraqueza que estão submetidos os laços de unidade que compõem a nação. Nesse sentido, para Conceição Neto, a existência de uma angolanidade deve ser pensada não apenas a partir dos denominadores em comum partilhados entre a

---

<sup>178</sup> Idem. P.231.

<sup>179</sup> FRANK, Nilton Marcon. Os Romances de Pepetela e a imaginação da nação. *História Revista (Online)*, v. 16, p. 31-51, 2011. P. 39.

<sup>180</sup> APPIAH, Kwame Anthony. *A Casa de Meu Pai. A África na Filosofia de Cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. P.243.

<sup>181</sup> CONCEIÇÃO NETO, Maria Eugênia da. As fronteiras por dentro da nação. Divisões étnicas, socioeconômicas e sociopolíticas numa perspectiva histórica. Comunicação apresentada na conferência Angola: a crise e o desafio democrático, Programa Angola/Canadá, ADRA/Angola e CIDMAA/Canadá, Luanda, 24 a 26 de agosto de 1992. P.2.



sociedade, mas também a partir das diferentes identidades que compõem o cenário cultural angolano: “a nossa diversidade cultural pode ser a nossa força”.<sup>182</sup>

Ao nos voltarmos para a composição da nação angolana, fundada a partir de diferentes grupos étnicos que não necessariamente desejavam a formação de uma unidade política, podemos complexificar as relações sociais que marcam o processo de independência de Angola, assim como a formação do Estado no pós independência. Nesse sentido, não temos como falar de identidade nacional angolana sem nos remetermos ao período colonial que “deixou marcas indelévels nas estruturas econômicas e sociais, nos sistemas de valores e comportamentos”<sup>183</sup> que contribuíram diretamente para a formação da nação angolana. A partir dessa perspectiva, devemos compreender a realidade nacional angolana em diálogo com o seu processo histórico, assim como a partir das diferentes “fronteiras” que cruzam o ideal de “identidade” a partir de uma concepção homogênea.

Em diálogo com essas noções, o nacionalismo angolano hoje tem sido definido a partir de sua expressão moderna ocidental, pois suscita um ideal coletivo a partir de um grau de unidade que traz como proposta superar as divisões e identidades locais<sup>184</sup>. Para Patrick Chabal em Angola podemos notar a coexistência de três tipos diferentes de nacionalismo: o moderno – influenciado por modelos ideológicos europeus e em sintonia com as correntes de esquerda –; o tradicionalista – Defesa de uma realidade política imaginária puramente africana – e o étnico ou etno-nacionalismo – que colocaria em causa a continuidade das fronteiras traçadas pelo colonialismo.<sup>185</sup> Destacam-se, nesse sentido, as organizações da UPA e do MPLA em um cenário

---

<sup>182</sup> Idem.p.3.

<sup>183</sup> Idem. P.4.

<sup>184</sup> PIMENTA, Fernando Tavares. Angola no percurso de um nacionalista. Conversas com Adolfo Maria. Porto: Edições Afrontamento, 2006. P.14.

<sup>185</sup> CHABAL, Patrick. A history of pós-colonial Lusophone Africa. Londres: Hurst Company, 2002. P.5-8.

anterior à independência, colocando em evidência as disputas políticas e ideológicas que irão se intensificar após a independência. A busca de uma identidade própria perpassa concepções raciais, étnicas e regionais, que aparecem claramente nos discursos dos movimentos em busca de apoio popular. Essas disputas não vão ficar imunes ao cenário internacional de Guerra Fria, em que EUA e URSS vão rivalizar graus de influência no território angolano.

Nos primeiros anos da Angola independente o MPLA, movimento que saiu na frente na construção de uma imagem nacional para o recém criado Estado angolano, passou a defender o surgimento do *homem novo*, que não deveria ser apegado a concepções étnicas, tribais e/ou religiosas. O tradicional passava a ser visto como negativo, o desenvolvimentismo da nova nação deveria estar atrelado à ruptura com as etnias, regionalismos, racismo e religiões.<sup>186</sup> Tradição e modernidade apareciam como pólos extremos e um problema a ser superado.

Quando nos voltamos para os debates sobre etnia dentro do campo político angolano, devemos demarcar as disputas e problematizações que ainda cercam o uso do conceito. Como afirma Bittencourt, durante muito tempo uma das grandes chaves explicativas para se compreender os problemas enfrentados em Angola girou em torno dos conflitos étnicos<sup>187</sup>. Assim, quando o MPLA assumiu o governo, rapidamente ganhou voz um discurso que pretendia deslegitimar os movimentos de oposição ao regime a partir dos seus componentes étnicos, caracterizados como obsoletos. As diferenças étnicas eram vistas por parte dos militantes do MPLA como grandes empecilhos para a construção da unidade nacional. Essa posição estaria ainda condicionada e, se legitimou entre muitos angolanos, por caracterizarem o conceito de etnia preso ao colonialismo e, por isso, tradicional e atrasado.

---

<sup>186</sup>BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2010.

<sup>187</sup> Idem.

Ao problematizar essa posição, o interesse é lançar luz sobre as variáveis para estudar o nacionalismo angolano e as disputas em torno do conceito de etnia, pois a centralidade sobre o conceito para estudarmos as sociedades africanas muitas vezes deixou de lado componentes sociais fundamentais que interferiram na formação dos movimentos nacionalistas. Nesse sentido, é válido ressaltar as aproximações entre os indivíduos, assim como a formação de movimentos políticos a partir de outros “vínculos de solidariedade”<sup>188</sup>, que perpassam a religião, a ideologia e outras clivagens culturais. Quando levamos ainda em consideração essas noções, o conceito de etnia também passa a ser ressignificado. Para além de um conceito criado pelo colonizador para desqualificar as organizações sociais africanas, o fenômeno étnico também deve ser pensado dentro de sua historicidade, a partir de “unidades sociais desiguais e heterogêneas” e de processos históricos que o estruturaram e o compreendam para além de um sistema puramente colonial.

O conceito durante muito tempo foi interpretado como o melhor caminho para entender a especificidade africana. Com a crítica contundente dos anos 1980, a essa postura de base colonial, as ciências sociais, passaram a analisar o fenômeno étnico como um efeito do colonialismo, ou seja, um produto do sistema colonial na África, criado, assim, de modo artificial apenas para dividir as sociedades africanas<sup>189</sup>. As etnias eram vistas como essencializadas e desprovidas de historicidade, o que silenciava toda a complexidade existente no interior dessas “cadeias de sociedades”<sup>190</sup>. Deixava-se de lado, nesse caso, o quanto a etnicidade também foi uma forma de revolta anticolonial,

---

<sup>188</sup> Idem.

<sup>189</sup> MAMDANI, Mahmood. Cidadano y Súbdito. África Contemporânea. México: Siglo Ventiuno, 1998. P.206.

<sup>190</sup> AMSELLE, Jean-Loup. Etnias e espaços: por uma antropologia topológica. In.: AMSELLE, Jean-Loup e M'BOKOLO, Elikia. (Orgs.) No Centro da Etnia. Etnias, tribalismo e Estado na África. Rio de Janeiro: Vozes, 2017. P.62

em que “a afirmação étnica aparecerá como um meio de resistência”<sup>191</sup>, contribuindo para o constante desenvolvimento das identidades étnicas até hoje. Assim, toda vez que o termo etnia aparecer na presente pesquisa, ele deve ser pensado também a partir destas noções, que ampliam o conceito e refletem as tensões que cercam os usos e reapropriações do mesmo.

Por mais que o termo seja complexo, à medida que foi criado com o objetivo de desqualificar e rebaixar as organizações políticas e sociais encontradas pelo colono no continente africano, Amselle e M’ Bokolo chamam atenção para não refletirmos sobre o conceito a partir de uma *tabula rasa*<sup>192</sup>. Pois, devemos pensa-lo a partir da sua variedade de sentidos, dentro de uma historicidade. Se em um primeiro momento as etnias foram criadas pelo colonizador a partir de relações hierárquicas de poder, em outro, elas serão “reivindicadas pelos agentes que as transformarão em um instrumento ideológico de determinação social”<sup>193</sup>. Ao deslegitimar esse movimento, as revoltas de caráter local contra o colonizador foram constantemente caracterizadas como “conservadoras e tribais”, à medida que fortalecia-se os movimentos de libertação e partidários.<sup>194</sup>

Em diálogo com essa perspectiva, ao nos voltarmos para a coleção *Resistência*, publicada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do MPLA, que visava a publicação de panfletos que difundissem o ideal sobre o novo homem angolano, notamos que o objetivo principal seria “contribuir decisivamente para a educação política e ideológica das massas militantes”. Através da análise desses discursos algumas questões centrais aparecem em evidência, como a posição de vanguarda

---

<sup>191</sup> Idem. P.63

<sup>192</sup> AMSELLE, Jean-Loup e M’BOKOLO, Elikia. (Orgs.). Prefácio. No Centro da Etnia. Etnias, tribalismo e Estado na África. Rio de Janeiro: Vozes, 2017. P.15.

<sup>193</sup> Idem. P.63

<sup>194</sup> BITTENCOURT. Op. Cit. 2010.

assumida pelo MPLA para o rompimento com o colonialismo e a defesa de um novo projeto nacional voltado para concepções ideológicas socialistas. Para o então movimento, esta seria a única forma de atingir uma independência econômica e social, visto que na visão dos dirigentes, “o subdesenvolvimento de Angola seria consequência da dependência e exploração seculares do país pelo sistema colonial e imperialista”<sup>195</sup>.

Nas palavras de Agostinho Neto “a nossa luta é no entanto, não só a necessidade de destruir o velho mas também e essencialmente construir o novo”. Esse pronunciamento que, inclusive, intitula a coleção citada acima, fazia parte de um projeto político atrelado à uma concepção ideológica de formação do homem angolano, que deveria ser preparado para compor a nova sociedade que estava sendo construída. Nesse sentido, o art.5º da constituição de Angola ressaltava a importância em liquidar as sequelas “tribalistas” e regionais<sup>196</sup>. A sociedade passava a ser pensada como um corpo uno e coerente a partir da uniformização de suas estruturas, dentre elas as culturais.

Destaca-se também o investimento em organizações e associações que tinham como objetivo a criação de identidades coletivas que pudessem dar suporte ao projeto de nação angolana no pós-independência. A Organização da Mulher Angolana (OMA), criada ainda em 1961, a Juventude do MPLA (JMPLA), com função pedagógica doutrinária e a Organização dos Pioneiros de Angola (OPA), que incluía entre os seus membros crianças entre 6 e 14 anos, faziam parte dessa política. Para Araújo, essas organizações contribuía diretamente para o fortalecimento do enquadramento de personalidades coletivas, negando o individual e enfatizando uma cultura política que fortalecia a construção de um espírito identitário e nacional guiado ideologicamente

---

<sup>195</sup> DILOWA, C. R. . Destruir para construir melhor. Luanda: Departamento de Informação e Propaganda, 1976. Coleção Resistência nº5. p. 6

<sup>196</sup> *Lei Constitucional*. Artigo 5º, p.8. Luanda, 1977. Apud: ARAÚJO, Kelly. Op. Cit. 2005.

pelo Estado.<sup>197</sup>

A formação de uma nova identidade nacional aparecia diretamente ligada ao fortalecimento do aparelho de Estado, assim como à sua burocratização. Como ressalta Kelly Araújo por mais que houvesse uma articulação em integrar a sociedade nesse projeto, a defesa de uma identidade que unisse a imensa pluralidade angolana sempre partiu de cima, da aspiração de intelectuais e membros do Estado, o que dificultava o consenso.<sup>198</sup>

A historiadora chama a atenção para a “existência em Angola de ‘fronteiras imaginadas’ coexistindo dentro de um mesmo território politicamente definido”, possibilitado por um processo de unificação que teria ocorrido inicialmente a partir de uma “identidade contrastiva”, em torno de um objetivo em comum que seria a expulsão do colonizador<sup>199</sup>. Portanto, a partir do momento que esse objetivo foi alcançado, mesmo que inúmeros problemas já se fizessem presentes ao longo da luta, os desafios para a união da nação teriam ficado mais evidentes, sendo encarados pelo MPLA como uma prioridade. Assim, a valorização do *homem novo* era vista como fundamental para o fortalecimento de uma concepção nacional atrelada ao regime político estatal.

Em entrevista Pepetela comenta sobre a política nacionalista do MPLA:

Não fugimos à lógica que foi generalizada em África, com o Partido Único, uma ideologia dominando tudo o resto, a tentativa de "modernizar" todas as estruturas de poder, domando as chefias tradicionais que ainda existiam aqui ou ali, a prevalência do Direito europeu sobre o costumeiro, etc. Há muito que acho ter sido um erro apontar apenas numa direção, o que, de certa forma, era copiar, mesmo pela inversa, o pensamento colonial. Acho que os africanos têm de pensar que é possível e necessário inventar modelos políticos e socioeconómicos que contemplem valores positivos das tradições. Talvez seja tarde demais, mas valia a pena tentar.<sup>200</sup>

<sup>197</sup> Para mais ver: ARAÚJO, Kelly. Op. Cit. 2005.

<sup>198</sup> ARAÚJO, Kelly. Op. Cit. 2005. p. 80.

<sup>199</sup> Idem. P. 72.

<sup>200</sup> PEPETELA. Entrevista concedida à autora via correio eletrônico em 25 de julho de 2017.

O trecho acima explicita uma leitura reflexiva, após ser questionado sobre os contrapontos entre uma posição nacionalista totalizante, pretendida pelo Estado após a independência, e a sua escrita literária, que nos últimos anos vem reafirmando uma angolidade também pautada a partir das diversidades culturais em Angola. O que podemos ver, a partir de uma posição que demonstra diálogo com a realidade política de outros países africanos, é a defesa de um novo modelo político que ressalte uma aproximação entre os aspectos internos da vida social daquela região em detrimento de uma sobreposição de um modelo ocidental. Visto desta forma, a literatura de Pepetela abordada na presente pesquisa propõe uma aproximação entre tradição e modernidade. A nação seria pensada como intercambiante entre esses dois lugares, que não serão mais tratados como opostos.

Como vimos, ao longo da década de 1980 a valorização da construção de um *Homem Novo*, antenado com as novas propostas modernizantes do regime, principalmente no que concerne ao marxismo-leninismo, ideologia adotada pelo MPLA desde 1977, levou o tradicional ao arcaísmo e folclórico, avesso às modernidades provindas com a independência. Encarado como “atrasado e refratário ao novo poder”, o tom assumido pelo Estado-partido era de confrontação ao tradicional, seja ele de âmbito religioso, étnico ou educacional. Em tentativa de compreender o grau de enraizamento dessas novas orientações entre as camadas populares, Marcelo Bittencourt vai buscar através das músicas o quanto o tradicional passava a ser posto em tom de confrontação com o novo poder que defendia uma visão desenvolvimentista, de ruptura com o local e regional. O título das músicas de maior alcance apontam para as iniciativas sob a perspectiva do *Homem Novo: Rumo ao Socialismo, Rumo à*

*Independência Total e Será livre mãe.* <sup>201</sup> Nesse sentido, atenta-se para como o rompimento com um passado de atraso – seja ele escravagista ou colonial – teria como líder do processo o MPLA<sup>202</sup>.

Todavia, como ressalta o historiador, a partir das críticas de indivíduos do próprio partido, em finais da década de 1980, as denúncias ao descompasso do governo com o socialismo e o avanço da corrupção, a crescente centralização política e o aumento do autoritarismo do Estado, levaram ao questionamento das leituras modernizantes do governo, que passavam a ser questionadas principalmente nas páginas literárias. As vivências tradicionais, por outro lado, voltavam a ser valorizadas entre os escritores.

Desse modo, o objetivo do presente capítulo é analisar a partir das leituras de nação e raça – visto que nos romances de Pepetela a nação não é desvinculada das questões raciais – as complexidades que cercam a sociedade angolana no pós-independência. Nos livros destacados para a análise, todos os personagens que vêm à narrativa são angolanos, e mesmo em meio à enorme diversidade existente entre eles o sentimento de pertença nacional faz parte de cada um, que a evoca à sua maneira. É relevante ainda o recurso discursivo do autor, que se debruça sobre as reflexões psicológicas de alguns desses personagens para abrir possibilidades de o leitor chegar às problematizações que cercam a questão nacionalista, envolta a um projeto de poder político que também emerge em Angola a partir da independência em 1975.

Em diálogo com as argumentações desenvolvidas no primeiro capítulo, não

---

<sup>201</sup> De acordo com o escritor o alcance das músicas, principalmente a partir da difusão da Rádio Nacional, contribuem para conhecermos o quanto as perspectivas de um futuro perpassavam uma sociedade socialista em oposição ao tribalismo e obscurantismo. Para mais ver: BITTENCOURT, Marcelo. Angola. Tradição, Modernidade e Cultura Política. In.: REIS, Daniel Aarão; MATTOS, Hebe; OLIVEIRA, João Pacheco; MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes; RIDENTI, Marcelo (org). Tradições e modernidades. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 129-144.

<sup>202</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Angola. Tradição, Modernidade e Cultura Política. Op. Cit. 2010, pp. 129-144.



podemos esquecer a posição do intelectual em meio às suas escolhas políticas. O MPLA representava, enquanto movimento e organização partidária, um discurso agregador e crítico aos comportamentos racistas e tribais. Por isso, a partir de um discurso bem elaborado politicamente, conseguiu conciliar uma ampla rede de apoio que até hoje se coloca ao lado do movimento, por mais que existam críticas. Como relembra Baqueiro, por mais que a nacionalidade dos brancos estivesse sacramentada na legislação, “o reconhecimento da sua angolanidade (...) permanecia, em boa medida, uma concessão condicional”. Dessa forma, torna-se interessante nos voltarmos para o modo como Pepetela interpreta essa angolanidade e constrói os personagens brancos em suas tramas.<sup>203</sup>

Ao levarmos em consideração a produção intelectual do escritor devemos estar atentos para as interpretações e representações sobre nação, nacionalismo e identidade angolana. Inocência Mata destaca que a obra de Pepetela está inserida em uma tradição literária em que “a resistência, a afirmação identitária, a construção da nação, o projeto utópico e a celebração de um passado histórico”<sup>204</sup> são marcas de um discurso da sua escrita, um discurso legítimo, que como já vimos, detém grande autoridade. Os seus romances colocam em debate a identidade plural existente em Angola. Ao priorizar as diferenças, negam o ideal de nação coesa e harmônica pretendida no período pós-colonial.<sup>205</sup>

A pesquisa proposta ganha ainda relevância à medida que os romances de Pepetela aparecem como fundamentais para a análise da nação angolana não apenas entre os críticos literários, mas entre cientistas políticos e historiadores, que constantemente se debruçam sobre a sua obra para analisar o imaginário angolano,

---

<sup>203</sup> FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Op. Cit. P.362.

<sup>204</sup> MATA, Inocência. Ficção e história na literatura angolana. O caso de Pepetela. Edições Colibri, 1993. P.17.

<sup>205</sup> MATA, Inocência. Op. Cit. 1993. P.52-53.

assim como as ideias que cercam e complexificam a ideia de nação em Angola.<sup>206</sup>

### *A Literatura angolana e a imaginação da nação*

A literatura, desde os tempos coloniais, se configurou em Angola como uma das principais formas de expressão da sociedade. Embora o hábito de leitura ainda seja restrito a poucos, visto o alto índice de analfabetismo no país, assim como o preço elevado dos livros, a história dos angolanos, da mesma forma como a sua escrita, está diretamente relacionada com o mundo das letras. A formação de uma nova geração de intelectuais a partir da década de 1940, possibilitou o aparecimento de uma intensa produção literária de crítica ao autoritarismo do colonizador. Destacam-se movimentos nacionalistas que ganharam relevância a partir do surgimento dos *Novos intelectuais de Angola*, grupo voltado para a reflexão sobre o homem angolano. A construção de uma identidade em oposição ao colonizador traz uma unidade ao grupo ao proporem a construção da verdadeira face angolana.<sup>207</sup>

Note-se que o fortalecimento desse grupo de intelectuais constituiu um passo relevante para a história do país, principalmente ao demarcarem um espaço de crítica e resistência ao sistema colonial. Futuramente, são alguns nomes dessa geração que voltarão a fazer parte de uma outra organização, com uma proposta política muito mais definida, o MPLA. Conforme ressalta Marcelo Bittencourt, uma das formas de se tentar driblar a censura e as limitações impostas pela ditadura salazarista foi a partir da vida cultural em Angola, que embora não tivesse um programa político contra as autoridades coloniais, se estruturou como um importante movimento mobilizador e de

---

<sup>206</sup> É interessante inclusive pensar a partir dos trabalhos de historiadores que a presente pesquisa dialoga, na grande maioria os romances de Pepetela estão referenciados. Deste modo, pensar nação e raça em Angola necessariamente perpassa sua narrativa. Como exemplo, os trabalhos de Marcelo Bittencourt, Fábio Baqueiro Figueiredo, Washington Nascimento, Kelly Araújo, Jean Michel Tali, entre outros.

<sup>207</sup> CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania. (org.). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

conscientização, dando forma ao pensamento político daqueles que iriam liderar a luta anticolonial.<sup>208</sup>

Destaca-se, nesse sentido, a literatura como um componente central para o desenvolvimento dos movimentos nacionalistas em Angola<sup>209</sup>. A construção de um discurso questionador das arbitrariedades coloniais somente passa a ganhar notoriedade quando a imprensa, através de alguns periódicos publicados em Luanda, começa a trazer à tona uma série de insatisfações ao colonialismo<sup>210</sup>. A partir daí, podemos notar as tensões entre homens que já se enxergavam como “filhos da terra” e o colonizador português. Os interesses passam a ser divergentes e a mobilização a favor de uma vida cultural interna, difundida a partir do nascimento de organizações que propõem pensar Angola, fortalece o embate contra o colonizador.<sup>211</sup>

Surgem, assim, as associações literárias e de intelectuais que vão dar corpo a um projeto de se pensar enquanto espaço com maior autonomia para, na sequência, pensarem a nação. Em 1948 o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), assim, como em seguida, o surgimento da *Revista Mensagem* buscarão trazer à baila o debate sobre a “angolanidade”. Tendo a frente o slogan “Vamos descobrir Angola”, o grupo entorno desses movimentos propõem destacar o que poderia ser considerado “genuinamente angolano”<sup>212</sup>. Mas como afirma Rita Chaves, “regressar no tempo seria

---

<sup>208</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Angola: Tradição, modernidade e Cultura política. In: REIS, Daniel Aarão; MATTOS, Hebe; OLIVEIRA, João Pacheco; MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes; RIDENTI, Marcelo (org). *Tradições e modernidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. P.135

<sup>209</sup> Destacam-se nesse sentido as pesquisas de críticos literários: como Inocência Mata, Rita Chaves, Russel Hamilton, Laura Padilha, Pires Laranjeira, entre outros. Entre os historiadores podemos destacar Silvio de Almeida Carvalho Filho e Patrick Chabal.

<sup>210</sup> Destacam-se periódicos como *A civilização da África portuguesa*, *O Comércio de Loanda* e *O Cruzeiro do Sul*. In.: CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica, 1999. P.33-34.

<sup>211</sup> CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica, 1999.

<sup>212</sup> CHAVES, Rita. O passado presente na literatura angolana. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 245-257, 1º sem. 2000.

também um modo de apostar numa identidade tecida na diferença”<sup>213</sup>, logo, a volta ao passado também tem sentido transformador e criador. O passado é ressignificado e passa a ser o lugar para buscar os elementos tradicionais angolanos, ligados às práticas populares e de destaque para a natureza local em contraposição ao colonizador e o seu projeto cultural e civilizador.

A emergência de um imaginário sobre a nação pode ser acompanhada mais de perto a partir do surgimento desses movimentos literários em Angola, que contribuíram diretamente para o fortalecimento de um projeto nacional. Por mais que esses movimentos estivessem concatenados a uma ideologia, assim como liderados por indivíduos letrados e de estratos sociais definidos, as contradições existentes dentro da vida social podem ser captadas a partir das sensibilidades e projeções desenvolvidas na literatura.<sup>214</sup>

Embora seja evidente a construção de um discurso nacionalista que se propõe hegemônico e uno nas páginas literárias, as tensões também aparecem. O desafio se dava à medida que presenciamos a grande diversidade cultural que compõem Angola. Assim, aproximar os diferentes grupos que faziam parte da sociedade angolana, passava a ser um projeto liderado pelos homens das letras. De acordo com Rita Chaves, em Angola “o projeto literário procurou definir-se como um ato de suplência, chamando para si a missão de conferir unidade a um mundo cortado por fendas de todas as ordens”<sup>215</sup>. A construção de um discurso nacional emergia então não apenas através de um movimento que representava o cenário político e social, mas atuava e transformava o imaginário da nação, principalmente enquanto também “influiu sobre agentes

---

<sup>213</sup> Idem. P.247.

<sup>214</sup> CARVALHO FILHO, Silvio. Angola. História, nação e literatura. Op. Cit. 2016.

<sup>215</sup> CHAVES, Rita. A formação do romance angolano. São Paulo: Via Atlântica,1999. P.31

formadores da opinião pública”<sup>216</sup>.

A partir destas considerações, cabe afirmar que é impensável nos voltarmos para a história recente de Angola sem levar em consideração a literatura produzida no país, que traz reflexões fundamentais sobre a formação do Estado e da identidade angolana. Os projetos de nação, dentro das complexidades que o formam se encontram entre os terrenos da literatura, que foi fértil ao possibilitar a emergência dos principais “pilares de projetos de nação em Angola”. Dessa forma, é válido ainda afirmar, que a “literatura angolana precede a existência do país como entidade política”<sup>217</sup>. Nesse sentido, Inocência Mata chama a atenção para uma escrita literária que pensa a sua “funcionalidade e eficácia para além da ficcionalidade”<sup>218</sup>.

Já no pós independência a literatura também irá se consolidar como um dos principais meios de institucionalização e divulgação de um projeto nacional concatenado ao Estado e ao MPLA. Em 1975, logo após a declaração de independência, a União dos Escritores Angolanos (UEA) será fundada. A instituição passou a ser a responsável pelas principais tiragens de exemplares, possibilitando uma maior circulação dos livros internamente mas também para o exterior, contribuindo diretamente para a formação de uma imagem de país a partir da literatura. Para Marcon, à medida que se enfatizava cada vez mais uma ideia de “nós” nas narrativas literárias, construía-se “uma singularidade imaginada de pensar, dizer, sentir e expressar a cultura nacional” em diálogo com os interesses do Estado. Cabe lembrar, conforme já ressaltado, a importância da UEA e a sua funcionalidade no momento da sua criação, que de acordo com o discurso de inauguração da instituição feito por Agostinho Neto, o

---

<sup>216</sup> CARVALHO FILHO, Silvío. Angola. História, nação e literatura. Op. Cit. 2016.

<sup>217</sup> SOUZA, Mônica Lima. Prefácio. In.: CARVALHO FILHO, Silvío de. Angola: História, Nação e Literatura (1975-1985). Curitiba: Prismas, 2016.

<sup>218</sup> MATA, Inocência. Pepetela: A Releitura da História entre gestos de reconstrução. In.: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. (orgs.) Op. Cit. 2009. P.194.

objetivo seria “promover a cultura nacional”.<sup>219</sup>

A organização de uma vida literária angolana passou a ser representada por essa instituição, muito próxima ao MPLA e, por isso, com o poder político. Por mais que a UEA seja considerada uma instituição da sociedade civil, “juridicamente independente do Estado, tais foram os seus vínculos econômicos, cooperativos e de pessoal”, que é difícil não reconhecermos o seu papel como difusora de um projeto nacional defendido pelo MPLA<sup>220</sup>. Nesse sentido, ainda cabe lembrar que seus estatutos afirmavam que era “constituída pelos escritores angolanos empenhados no processo revolucionário de Angola”, assim como o envolvimento de Agostinho Neto com a UEA também reforça esse sentimento, principalmente quando o ex-presidente afirma que os objetivos da instituição “deveriam girar em torno da manutenção da independência nacional e da instituição de poder popular, equiparando as metas políticas às culturais do novo organismo”<sup>221</sup>.

É importante ainda frisar, como esses escritores desenvolveram uma narrativa sobre Angola, dialogando com o cenário político liderado pelo MPLA. Assim, a leitura dos primeiros romances escritos após a independência possibilitam conhecermos um pouco como a intelectualidade do país refletia sobre a história, a política, a cultura e sociedade, contribuindo também para a configuração de um imaginário coletivo do período<sup>222</sup>.

Vale lembrar que, essa preocupação com a vida política, fazendo das letras um instrumento de denúncia, continua na fase pós colonial. Embora o país estivesse independente, a liberdade tão sonhada não veio acompanhada de uma mudança política

---

<sup>219</sup> MARCON, Frank. Os Romances de Pepetela e a imaginação da nação. *História Revista (Online)*, v. 16, p. 31-51, 2011.

<sup>220</sup> CARVALHO FILHO. Angola. História, nação e literatura. Op. Cit. 2016. P.41.

<sup>221</sup> Idem.

<sup>222</sup> MARCON, Frank. Os Romances de Pepetela e a imaginação da nação. *História Revista (Online)*, v. 16, p. 31-51, 2011. P.34.

efetiva. No caso de Angola, Daniel dos Santos afirma que não podemos falar de uma ruptura com o Estado colonial, pois houve a permanência de uma estrutura de poder única, que controla as relações da sociedade angolana, permitindo o aparecimento de determinados grupos que se colocam como intermediários da riqueza e do poder político.<sup>223</sup>

E é justamente no “impasse entre o desejado e a realidade”, que surgem as críticas ao sistema político corrupto e excludente que se formou no país. Essa denúncia que aparecerá com frequência nos romances de escritores angolanos<sup>224</sup>, mas também de outros Estados africanos, leva José Carlos Venâncio (1992) a defender uma interpretação que destaca um particularismo estilístico na literatura do continente. Designando-a de *realismo africano*, o autor aponta para o fundo histórico que dá o tom das narrativas desses países, entre eles, Angola. Venâncio ainda ressalta o papel central que Pepetela possui nessa tradição literária, principalmente quando reflete sobre a sociedade como um todo. Seus personagens são construídos em meio ao mundo urbano de Angola, por isso as relações políticas e sociais se apresentam em diferentes meios: o burocrata corrupto, o pseudo-intelectual, o carreirista político, o operário, entre outros<sup>225</sup>.

Deve-se ainda destacar que a dificuldade de fontes para se estudar a história de Angola cria obstáculos para o desenvolvimento da produção historiográfica no país. Desse modo, a utilização da literatura pode ser uma alternativa para o preenchimento dessa lacuna. O difícil acesso aos arquivos e os meios de comunicação que retificam uma posição oficial do Estado, acabam por delegar aos meios culturais o papel de crítica

---

<sup>223</sup> SANTOS, Daniel dos. A formação do Estado angolano na época da globalização. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*. n. 1 (2. sem. 95). —Niterói: EdUFF, 1995.

<sup>224</sup> Alguns exemplos são: *Na M'Banza do Miranda*, de Arnaldo Santos, *Quem Me Dera Ser Onda*, de Manuel Rui e *Os Anões e os Mendigos* de Santos Lima. In: VENÂNCIO, José Carlos. *Literatura e poder na África lusófona*. Lisboa: Ministério da educação. Instituto de Cultura e língua portuguesa. 1992.

<sup>225</sup> VENÂNCIO, José Carlos. Op. Cit, 1992, p.59.

e porta-voz das oposições ao governo. É importante salientar que os romancistas africanos estiveram entre os primeiros a denunciar e problematizar, tanto para um público interno quanto externo, a corrupção existente nos governos pós independentes.<sup>226</sup>

Como afirma Inocência Mata, em uma sociedade ainda carente de (auto) reflexão e de instituições que a possam impulsionar sem interesses particulares de determinados grupos, a literatura exerce grande influência ao “desempenhar um papel que vai além da sua significação estética e simbólica” ao exercer o que chamou de “significação extratextual”. Ou seja, ela pode ser interpretada como a conjugação de uma memória individual sobre um passado histórico supostamente coletivo. As contradições vivenciadas dentro da sociedade angolana são postas em evidência.<sup>227</sup> Por isso, ao ressaltar as representações individuais, devemos estar cientes que a memória individual é formada também pela tensão entre várias memórias, pois “a memória é um processo relacional e intersubjetivo”.<sup>228</sup>

## **2.2 Pepetela e a representação da Nação**

Ao nos voltarmos para a produção literária de Pepetela é inevitável não nos debruçarmos sobre o debate em torno da ideia de nação em Angola. O escritor aparece dentro de uma tradição literária, que conforme vimos, pensa a sua funcionalidade, e, contribui decisivamente para o processo de desenvolvimento e afirmação da nação após a independência. Devemos notar, contudo, que esse processo está em constante movimento, assim como se articula de acordo com as necessidades e interesses do

---

<sup>226</sup> COOPER, F. Conflito e Conexão: repensando a história colonial da África. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p.21-73, jul. 2008.

<sup>227</sup> MATA, Inocência. Ficção e História na Literatura Angolana: O Caso de Pepetela. 1993. p.51

<sup>228</sup> CATROGA, Fernando. Memória, História e Historiografia. Coimbra: Quarteto: 2001.



presente. Por isso, quando tomamos os romances aqui trabalhados mais de perto, podemos visualizar o quanto essa construção da nação é volúvel e passível de mudanças.

Em *Mayombe*, uma das principais obras do escritor que retratam o tema, a defesa de um projeto nacional está concatenada a ideia de nação defendida pelo MPLA. Conforme vimos, à medida que a valorização da construção do *homem novo* ganhava corpo politicamente, poderemos notar que a literatura de Pepetela correspondia aos anseios de uma nova ordem nacional ao rechaçar a diferença e valorizar a unidade da sociedade. Assim, os impasses, contradições e empecilhos para o desenvolvimento da nação também aparecem presentes dentro do próprio MPLA. Por essa perspectiva, embora possamos afirmar que *Mayombe* tenha aberto espaço e dado voz à grande diversidade étnica e regional existente em Angola, também apresentou essa pluralidade social como um entrave para a formação da sociedade angolana, o que é perceptível através da construção dos personagens. Como chama a atenção Alexandra Santos, “em vários momentos do romance o sentimento de pertença étnica é associado à desprezada FNLA, bem como aos mais ignorantes dos guerrilheiros, enquanto aqueles que receberam uma educação mais completa e formal são mostrados como imunes ao tribalismo”<sup>229</sup>. Nesse sentido, a cientista social defende uma dimensão doutrinária da obra em contraponto a um olhar clássico, que destaca as denúncias aos comportamentos internos da organização do MPLA. Podemos notar ao longo do romance uma aproximação da política defendida pelo MPLA, se também considerarmos como a UPA é renegada e sempre ligada aos acontecimentos de 1961, destacando-se ainda uma “caracterização ‘obscurantista’, a sua irrelevância em termos de representatividade e

---

<sup>229</sup> SANTOS, Alexandra Dias. *Nação, Guerra e Utopia em Pepetela (1971-1996)*. Tese de doutorado apresentada no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. 2011. P.61.

ainda os desvios de recursos”<sup>230</sup>

Em escala microscópica, Pepetela se volta para a vida dos guerrilheiros em meio à guerra de libertação nas frentes do MPLA. A narrativa é construída a partir dos conflitos e contradições dos indivíduos em relação ao movimento, assim como aos projetos quanto ao futuro da nação. São postos em evidência os debates étnicos e de raça que fizeram parte e até hoje marcam o desenvolvimento da nação angolana. São cinco capítulos que tencionam a vida cotidiana dos homens na guerrilha, mais precisamente na região de Cabinda<sup>231</sup>, trazendo à tona o “contexto adverso” do MPLA na região ao narrar a grande distância entre os guerrilheiros e o povo<sup>232</sup>.

Conforme chama a atenção Mabeko Tali, nessa região, o MPLA teria esbarrado com “a indiferença, ou mesmo a hostilidade das populações locais em relação ao projeto nacionalitário”. Recorrendo ao discurso proferido por Agostinho Neto, afirma que essa dificuldade estaria relacionada ao “fato de haver cabindenses que pretendiam que se definisse previamente se Cabinda era ou não parte integrante de Angola”<sup>233</sup>. A partir desse debate, por outro lado, é interessante ressaltar que ao trazer essas tensões, o historiador também faz referência a Pepetela e seu romance *Mayombe* para a análise da memória sobre a ação guerrilheira desencadeada em Cabinda. Aqui, podemos notar os cruzamentos entre a história e a literatura para a construção da história angolana.

Somos lançados às dúvidas, temores e anseios do grupo de guerrilheiros que faziam parte daquela Região. Destaca-se alguns personagens como Teoria, o mestiço do grupo, que logo no início do romance se apresenta:

- Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura do café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu

<sup>230</sup> FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Op. Cit. 2012. P.385.

<sup>231</sup> Cabe lembrar que Pepetela atuou como guerrilheiro nessa região, classificada como a 2ª Região Político-Militar de Angola.

<sup>232</sup> SANTOS, Alexandra Dias. *Nação, Guerra e Utopia em Pepetela (1971-1996)*. Op. Cit. p.46-47.

<sup>233</sup> NETO, Agostino. Apud: MABEKO-TALI, Jean Michel. Op. Cit.2001. p.115-117.

motor. Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez.<sup>234</sup>

Sua voz é isolada em meio ao grupo, isso o incomoda e lhe traz angústias, motivos que o levam sempre a ser o primeiro a se disponibilizar para ajudar, assim como a ir para as frentes de combate. Seria uma forma de provar a sua angolanidade diante dos outros, que o viam sempre com desconfianças. Por outro lado, também é importante destacar as desconfianças de caráter regional e étnico que cercavam o MPLA, que até o “advento do capítulo central, é a identidade étnica a que vai determinar o jogo das relações no mundo da guerrilha”<sup>235</sup>.

Uma leitura pertinente ainda sobre a obra é realizada por Fábio Baqueiro. Ao se voltar para a análise sobre a construção da nacionalidade angolana desenvolvida no livro, o historiador aponta para as complexidades étnicas e raciais que giram ao redor desse processo. Para ele, se de um lado podemos enxergar uma “transmutação de sentimentos tribais, que conduzem a dissensões internas e ameaçam inviabilizar a guerrilha, em um sentimento de pertença nacional”, por outro, somos envolvidos com o processo de criação do *homem novo*. Esses fatores são apresentados classicamente como demarcadores de diferenças internas em Angola, todavia, novas reflexões aparecem a partir das percepções sociais de Sem Medo, o herói do romance. Para Baqueiro, “a identidade étnica, que divide, o comissário opõe a identidade de classe, que poderia unir guerrilheiros e a população”<sup>236</sup>.

Assim, à medida que diferentes personagens vêm à primeira pessoa para narrar o seu ponto de vista da estória, somos inseridos pelas complexidades que envolvem aquele cenário de debates nacionalistas em Angola. Aos poucos as diferenças vão sendo ressignificadas e postas de lado à medida que um projeto de nação vem sendo

---

<sup>234</sup> PEPETELA. Mayombe. São Paulo: Leya, 2013. P.14.

<sup>235</sup> FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Op. Cit. 2012. p.373.

<sup>236</sup> FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Op. Cit. 2012 p.374.

desenvolvido em um contexto de guerra e de tensões sociais que fragmentavam o país. Marcados pelas divisões fronteiriças artificiais impostas pelo colonizador, os diferentes grupos sociais que compõem territorialmente o que vem a ser conhecido como Angola, aparecem sob uma nova perspectiva. Se antes essas divisões eram objetos de fragmentação, agora, a partir da literatura angolana e das narrativas de Pepetela, buscase os pontos que unem essas diferentes identidades, tecidas em oposição ao colonizador. Assim, é das amarras do colonialismo e das divisões sociais que ele impôs à sociedade, que surge a ideia de angolanidade. Por mais que sejam diferentes em origens culturais, raciais e regionais, todos foram marcados pela opressão do colonizador. Dessa forma, em meio ao caos da guerrilha podemos ver a fertilização desse imaginário nacional emergir das contradições dos personagens, que aos poucos vão se dando conta que o fator racial ou étnico não determinam a sua personalidade e nem mesmo o seu grau de pertencimento à nação<sup>237</sup>.

Portanto, ao nos voltarmos para os debates sobre raça e nação existentes nos romances aqui analisados, não podemos deixar de fazer referência a um debate que já vinha sendo desenvolvido nas obras de Pepetela desde os anos 1980, ainda mais quando são romances de grande prestígio nacional e internacional, tendo contribuído diretamente para conhecermos as tensões sociais que envolveram as dificuldades existentes em Angola para a construção de uma unidade nacional a partir das diferenças existentes.

Para além de *Mayombe*, também foram escritos na década de 1980 *Yaka* (1983 e publicado em 1984) e *Lueji* (1988 e publicado em 1989). Embora próximos se pensarmos nos anos de publicação, esses romances apresentam diferenças de abordagem que não devem deixar de ser pensadas com o contexto político e biográfico

---

<sup>237</sup> Idem.

do escritor. Enquanto na escrita de *Mayombe* Pepetela ainda estava imerso na guerrilha, atrelado a um projeto do MPLA, nos outros dois romances a saída do partido em 1982 já havia se concretizado. E é a partir daí que novas leituras sobre o passado colonial ganham espaço na sua obra, que passaram a valorizar ainda mais o mito das origens e as alegorias para a fundação da nação. Todavia, essas novas leituras também não significaram um rompimento total com a ideia de nação do MPLA, mas a pluralidade cultural, assim como a visão díspare sobre o passado, assim como as diversas perspectivas de futuro ficaram mais evidentes. Conforme aponta Carmen Tindó, “mesmo nas obras escritas durante as lutas pela libertação de Angola, segundo os cânones revolucionários orientadores dos ideais políticos do MPLA, os livros de Pepetela não perdem a perspectiva dialética de análise do processo histórico”<sup>238</sup>.

Em *Yaka*<sup>239</sup>, a estória central se passa em Benguela a partir do estabelecimento e desenvolvimento da família Semedo, cuja história está intrinsecamente ligada à colonização portuguesa em Angola. Assim, são tecidos ao longo do romance, a concepção de nação forjada também a partir das relações conflituosas entre colonizador e colonizado. Para Baqueiro, “se há uma tese nesse romance, é a de que o descendente branco de colonos portugueses pode, sim, construir de forma legítima seu pertencimento à nação angolana, desde que se suicide socialmente”<sup>240</sup>. Isto quer dizer que o “branco de

---

<sup>238</sup> SECCO, Carmen Lúcia Tindó. Orelha do livro *A Gloriosa Família*. In.: PEPETELA. *A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

<sup>239</sup> Em “nota prévia” antes de iniciar o romance o escritor faz referência ao grupo social angolano, cujas origens estão assentadas nas histórias e lendas angolanas: “Criadores de chefias, assimiladores de culturas, formadores de exércitos com jovens de outras populações que iam integrando na sua caminhada, parecem apenas uma ideia errante, cazumbi antecipado da nacionalidade... Mas não é deles que trata esse livro, só duma estátua. E a estátua é pura ficção. Sendo a estatuária yaka riquíssima, ela poderia ter existido. Mas não. Por acaso. Daí a necessidade de a criar, como mito recriado. Até porque só os mitos têm realidade. E como nos mitos, os mitos criam a si próprios, falando”. Em: PEPETELA. *Yaka*. Lisboa: D. Quixote, 2008. 7ª edição. P. 9-10. O debate acerca da nação angolana ao se voltar para os mitos que cercam a sua história também se envolve em um grande debate historiográfico sobre a formação da África central pré-colonial. Nesse sentido o escritor escreve e reescreve a partir de novos significados a história de Angola. Em um misto com o que já vinha sendo feito desde o Centro de Estudos Angolanos. Para mais ver: FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Op. Cit. 2012. p.388.

<sup>240</sup> FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Op. Cit. 2012. p.386.

segunda” para ter o seu reconhecimento, enquanto angolano, deve deixar de lado todas as amarras sociais que uma sociedade construída em meio a colonização pode suscitar, principalmente a partir dos privilégios adquiridos pelo seu status social a partir de fatores raciais.<sup>241</sup>

Nesse sentido, em *Yaka*, a temática sobre a nação ganha novas formas, assim como a etnicidade é recuperada a partir de novas complexidades que ganham terreno com a independência. A nação aparece “menos esquemática”<sup>242</sup>, e as diversas vozes que compõem o romance aparecem agora para reafirmar uma Angola diversa. A pluralidade étnica passa a ser valorizada e não se constitui mais como um empecilho à unidade nacional, pois ela deve ser ressignificada dentro das tradições angolanas, de modo a enraizá-la. As diferenças individuais são pensadas dentro de novas formas de reconhecimento nacional, possibilitando enxergarmos o angolano dentro de sua diversidade.

Todavia, a partir da leitura de Santos, essa volta às origens também não é fortuita e embora o escritor angolano já tenha se desvinculado institucionalmente do governo, para ela ainda há uma proximidade com o projeto político do MPLA, que continua influenciando o modo como o escritor enxerga a nação. Levando em consideração esse posicionamento, devemos nos atentar para a “legitimação simbólica da tomada de poder pelo MPLA”, vista como autêntica à medida que os militantes do partido são vistos como herdeiros dos *Yaka*, fortalecendo, assim, a existência de um passado mítico que os aproximariam das tradições que fazem parte da identidade angolana. Dentro dessa mesma perspectiva, os grupos que compõem a FNLA e a UNITA são excluídos dessa herança, pois não seriam diretamente assimilados à uma

---

<sup>241</sup> Chama a atenção do historiador também o quanto esse seu pensamento está ligado a Amílcar Cabral, principalmente quando este desenvolve a sua teoria sobre o suicídio social da burguesia da Guiné-Bissau. Para mais ver: FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Op. Cit. 2012. p.387.

<sup>242</sup> Idem. P.414.

tradição militarista de luta contra o colonialismo.<sup>243</sup>

Podemos nos atentar também em *Lueji*, escrito cinco anos após *Yaka*, à (re) construção de um discurso que propõe a harmonização simbólica de uma pluralidade étnica em Angola. Construído em dois tempos, à medida que reconstitui o passado e projeta o futuro, existem duas protagonistas, a figura histórica-mítica da rainha Lueji e a bailarina Lu. A estória dessas duas personagens se cruzam, principalmente após Lu, quatrocentos anos depois do Império Lunda, pesquisar sobre essa história. Nessa perspectiva, anos depois Luanda é configurada como um “espaço da busca da identidade, da retomada das tradições, mas também de problematização destas”, assim o grupo de dança de Lu “é constituído por jovens que trazem o passado mítico para o seu presente”<sup>244</sup>, influenciando na formação de uma identidade nacional.

Longe de dividir, nesse romance a diversidade passaria a unir, congregar e enraizar o pertencimento, possibilitando o fortalecimento da angolanidade. De acordo com Pepetela, embora seu romance trate da construção do mito de formação do Império da Lunda, não pode ser considerado um romance histórico, pois seria apenas mais uma versão dentre as inúmeras existentes:

Há versões muito contraditórias, o que me pôs bastante à vontade para jogar com isso, construir um novo mito. No fundo, é uma nova versão, a do Pepetela, a minha posição como homem deste final de século, com um determinado posicionamento na vida, ao encarar a formação do império, como eu gostaria que tivesse sido.<sup>245</sup>

Em trecho destacado acima, a crítica literária Inocência Mata nos chama a atenção para a frase “como eu gostaria que tivesse sido”, nos aproximando do envolvimento autoral do texto que evoca em sua narrativa uma história a contrapelo à

<sup>243</sup> SANTOS, Alexandra Dias. Op. Cit. P. 138-142.

<sup>244</sup> ANTÔNIO, Mateus P. Pimpão. Romance e realidade em *Lueji*, o nascimento de um Império, de Pepetela. Cadernos CESPUC. Belo Horizonte. Nº27, 2015.

<sup>245</sup> PEPETELA. *Expresso*, 1990. Apud: MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura angolana. O Caso de Pepetela*. Portugal: Edições Colibri, 1993. P. 183.

medida que traz para o primeiro plano diferentes leituras do passado, afastando-se de uma versão oficial. Indivíduos até então à margem do processo histórico vêm à tona e passamos a conhecer outras histórias que apontam para as complexidades e ambiguidades existentes, “descredibilizando a função uniformizadora do relato de nação”.<sup>246</sup> Neste caso, novamente, é instigante nos voltarmos para a interpretação de Santos que enxerga na obra *Lueji* uma viragem na escrita do autor, pois ela seria responsável por contribuir para a construção de uma identidade nacional em que a articulação entre nação e etnia é vista como positiva. Propõe-se preservar as particularidades e a memória coletiva de diferentes grupos, vistos como “elementos que reforçam a identidade angolana, aliando-se e não substituindo-se a ela”. Do mesmo modo, as etnias passam a não ser mais naturalizadas e nem vistas como imunes à mudança. O tradicional e o moderno se misturam e trazem possibilidades para a construção de um futuro em que a guerra não é mais exaltada.<sup>247</sup> Contudo, a sua fidelidade ao projeto político do MPLA se manteria, como é vista a partir de algumas alusões ao romance. Ao nos atentarmos para a coexistência da defesa da pluralidade e da valorização de um Império centralizador, em que a permanência dentro de um Estado centralizado traria benefícios a todos, se promoveria a ideia de uma “nação conciliadora que respeitaria as diferenças, assim como na Lunda imaginada no romance”<sup>248</sup>.

Portanto, a partir da leitura desses romances, podemos nos atentar para a importância da questão nacional na sua produção literária. Por mais que não façam parte do escopo do trabalho, nos voltarmos para a temática central dos seus romances na década de 1980 nos ajuda a levantar novos questionamentos para a análise dos romances utilizados na pesquisa. Assim, podemos ver que por mais que a independência

---

<sup>246</sup> MATA, Inocência. Op. Cit. 1993.

<sup>247</sup> SANTOS, Alexandra. Op. Cit. P. 204-217.

<sup>248</sup> Idem.p.238



tivesse sido proclamada, ainda não estava claro quem era angolano. As dúvidas que estavam presentes em obras que remontam ao período colonial permanecem nos romances cuja temática é voltada para os anos pós coloniais. Embora *Geração da Utopia* retrate o período do colono ao longo de seus primeiros capítulos, podemos notar a permanência de preocupações acerca do tema nacional que emergem na década de 1990, principalmente, a partir dos debates em torno das eleições que se voltam para essas disputas<sup>249</sup>. As tensões sociais acerca das diferenças étnicas, raciais e regionais como barreiras para a construção de uma angolanidade continuam fazendo parte dos seus romances aqui analisados mais detidamente. Os graus de pertencimento são reafirmados e a defesa de um projeto nacional permanece. Assim, o modo como o escritor se relaciona com os debates nacionalistas devem ser sempre pensados em diálogo com o seu contexto político, de embates e disputas entre o que é ser angolano.

### **2.3 Nacionalismo nas páginas de *Geração da Utopia*: “Filho de cobra é cobra”**

É importante partirmos de um ditado popular largamente falado entre as fileiras guerrilheiras em Angola para refletirmos o quanto as concepções raciais foram complexas e fizeram parte das tensões sociais no processo de construção da identidade nacional angolana. Nos romances de Pepetela inúmeras vezes o escritor faz referência a essa frase, assim como já a citou em algumas entrevistas, sobretudo, por ser um branco que se proclamava angolano e participante das lutas de independência. Desta maneira, ao nos voltarmos para o modo como esses conflitos são vivenciados e interpretados nos seus romances, podemos experienciar diferentes formas de como a nação angolana foi imaginada, contribuindo de modo significativo para a nossa percepção sobre Angola.

---

<sup>249</sup> BITTENCOURT, Marcelo. As eleições de 1992. In.: Revista TEL, Irati, v. 7, n.2, p. 170-192, jul. /dez. 2016.

No caso, cobra é uma referência metafórica ao branco colonizador e o ditado propõe retomar uma imagem negativa acerca dos brancos e mestiços, existente durante o contexto político o qual o livro fora escrito. Assim, a confiança nos brancos e mestiços era questionada, pois estes viviam sobre a sombra da sua filiação que para muitos já os colocariam automaticamente do lado oposto das lutas angolanas.

A passagem abaixo retoma um momento do livro *Geração da Utopia*<sup>250</sup> (1991-92), escrito por Pepetela. Desse trecho destacamos a personagem Sara – jovem estudante, frequentadora da CEI e envolvida com movimentos nacionalistas –. É possível percebermos, a partir dessas referências, a importância que Pepetela delega ao convívio em Lisboa para a formação política dos estudantes africanos.

Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colónias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente. E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português.<sup>251</sup>

É válido salientar que Sara é uma personagem branca, nascida em Benguela. Estudante de medicina, teve seus estudos financiados pelo pai e diferente de muitos outros estudantes não passava por dificuldades financeiras. Aos poucos, ela vai se aproximando dos movimentos nacionalistas, principalmente do MPLA, o mais aberto à presença branca entre os seus quadros, conforme já vimos. Todavia, embora o movimento ressaltasse um discurso socializante, afastado de barreiras raciais e étnicas,

---

<sup>250</sup> Cabe aqui retomar a estória central do livro. *Geração da Utopia* é a saga de jovens angolanos que se conhecem quando vão para Portugal dar continuidade aos seus estudos e de lá passam a se relacionar de diferentes formas com os movimentos nacionalistas que emergem em Angola. A narrativa está dividida em cinco capítulos e perpassa desde os anos 1960 até a década de 1990. Ficam evidentes as contradições e ambivalências presentes no processo de independência do país e que fizeram parte da geração de Pepetela..

<sup>251</sup> PEPETELA. *A Geração da Utopia*. São Paulo: Leya, 2013. p.11

Pepetela chama a atenção, nesse primeiro momento do livro, para o quanto a personagem Sara, apenas por ser branca, será consideravelmente afastada das discussões políticas e da participação efetiva do movimento, inclusive no momento de fuga de muitos estudantes em 1961.

Essas posições atestam para a distância que existia entre o discurso do movimento e a prática política, pois também havia a preocupação com a legitimidade institucional diante de um cenário marcado por rivalidades étnicas e raciais, embora cercado por ambiguidades. Por isso, por mais que acenem com uma retórica socializante, em que todos deveriam ser tratados igualmente, sem distinções, ainda se mantinham presos às amarras sociais “retrógradas” ao se prenderem à cor da pele para a escolha de seus membros. Através de uma narrativa sensível, Pepetela vai destacar os momentos em que Sara, ao mesmo tempo que passa a ser excluída de debates políticos, vai se enxergando cada vez mais próxima da sua terra natal, descobrindo, mesmo que distante, as motivações que a levaram sentir-se como angolana. Demonstra que a cor da pele não interfere em nada o sentimento nacionalista que a leva a querer romper com a estrutura colonial e a sonhar com uma Angola livre.

No trecho destacado notamos então o quanto a angolanidade de Sara foi construída fora de Angola, assim como outros personagens do romance, que terão suas identidades nacionais traçadas muitas vezes no exílio. “E a ideia cada vez mais mítica da terra longínqua, feita de impressões misturadas (...) A distância emprestava às coisas o tom patinado da perfeição”<sup>252</sup>. Nesse sentido devemos reconhecer o caráter agregador e de acolhimento da Casa dos Estudantes do Império (CEI), por mais que também devamos apontar as diferenças existentes entre os jovens que a habitavam: “O baile era o pretexto para as pessoas se encontrarem, refazerem as amizades. No entanto, havia

---

<sup>252</sup> PEPETELA. *A Geração da Utopia*. São Paulo: Leya, 2013. p.11

grupos mais fechados e as diferentes fraturas, nacionais ou raciais, começavam a ser evidentes”<sup>253</sup>. Ainda nesse sentido, a fala de Vítor, ao tentar convencer a jovem Fernanda<sup>254</sup> a ir ao baile, ressalta a importância das atividades culturais da Casa; os estudantes africanos se sentiriam mais próximos de suas terras, a saudade seria apaziguada pela possibilidade de ter contato com pessoas com um passado em comum, assim como poder “dançar os ritmos de Angola, do Brasil ou das Caraíbas”<sup>255</sup> contribuía para acalmar o corpo.

O receio da estudante angolana Fernanda é relacionado ao que a família a alertara: “Recebi uma carta do meu pai a prevenir-me para nunca lá pôr os pés, fazem política contra o governo. E eu cá nem percebo nem quero perceber de política”. A má fama da casa, de acordo com ela, estava ligada à aproximação com o comunismo<sup>256</sup>. Vinha de uma família em que o pai era colono da Madeira e de lá foi para o Lubango, território em que o racismo era muito forte, visto que boa parte da sua população era constituída por brancos. Essa realidade também fez parte da trajetória pessoal de Pepetela quando fora estudar na região, conforme vimos no primeiro capítulo. Dessa forma, é interessante notarmos como a CEI já era interpretada como um local de efervescência política em que as ideias políticas mais próximas à esquerda eram enxergadas por pessoas próximas daquela realidade. Todavia, Bittencourt nos chama a atenção para a memória construída sobre a Casa, que teria ficado ainda mais forte na década de 1990, de que todos os membros da CEI eram politizados, nacionalistas e de

---

<sup>253</sup> Idem. P. 113.

<sup>254</sup> Vítor afirma: “- A casa é uma associação que torna a vida mais fácil aos estudantes das províncias africanas – evitou o termo colônia para não a chocar. – Temos uma cantina onde se come mais barato que em qualquer outro sítio. E um posto médico. E há muitas atividades culturais e de recreio”. In: PEPETELA. Op. Cit. 2013. P. 104.

<sup>255</sup> Idem. P.105.

<sup>256</sup> Alguns estudantes da CEI se aproximaram da esquerda portuguesa e atuaram junto ao Movimento de Unidade Democrática (MUD). In: MARGARIDO, Alfredo. “A literatura e a consciência nacional”. In: FREUDENTHAL, Aida. Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império 1951-1963. Vol.1. Lisboa: Acei,1994.

esquerda. Esta posição deve ser problematizada, principalmente, ao levarmos em consideração uma realidade política em que o autoritarismo do governo português dificilmente deixaria a instituição se manter por tanto tempo. Portanto, devemos reconsiderar esse protagonismo da Casa, que certamente ficou muito famosa pelos debates literários derivados do convívio entre os estudantes.<sup>257</sup>

Ao retomarmos as trajetórias individuais de grande destaque político da Casa, somos, inevitavelmente, levados à uma memória que anula as diversidades e homogeneíza os universitários que a frequentavam<sup>258</sup>. Sabe-se o quanto a Casa foi impulsionadora de jovens que se alinharam a movimentos nacionalistas e a CEI encenada em *Geração da Utopia* é vista principalmente a partir do olhar de estudantes comprometidos com as ideias independentistas. Por outro lado, o olhar atento do estudante Elias, de origem protestante, destoa desse núcleo e traz para a narrativa novas interpretações sobre o grupo. Em diálogo interessante travado com Vítor, Elias lança luz ao elitismo presente entre os membros da Casa. Enquanto Vítor guarda um discurso próximo daqueles do MPLA à medida que acredita em um processo revolucionário que levará a uma sociedade justa e igualitária, em que todos, brancos, negros e mestiços pudessem conviver em harmonia, Elias nega esse otimismo:

Utopias! Isso não funciona na prática. Eu sei, são ideias que correm na Casa dos estudantes. A Casa é dominada pelos filhos dos colonos, sejam brancos ou mulatos. No fundo, querem apenas uma melhor integração no Portugal multirracial. Todos falam da independência, mas a ideia não é a mesma. É mudar para ficar tudo na mesma, com o português dominando o negro. E tu alinhas nessas utopias, porque o teu pai não é camponês. O meu é. E a única hipótese de estudar foi aproveitando a bolsa da minha Igreja.<sup>259</sup>

---

<sup>257</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Diversidade, escolhas e contextos nas memórias da Casa dos Estudantes do Império. In.: CASTELO, Cláudia e JERÓNIMO, Miguel B. (Orgs.). Dinâmicas coloniais, conexões transnacionais. Casa dos Estudantes do Império. Lisboa: Edições 70. 2017. P. 183.

<sup>258</sup> Idem.

<sup>259</sup> PEPETELA. *A Geração da Utopia*. São Paulo: Leya, 2013. p. 96.

Mais uma vez as fissuras existentes entre os jovens nacionalistas vêm à tona. E nesse debate podemos destacar ainda “a ideia de independência” que é questionada por Elias. De acordo com ele, adepto de Fanon e da teoria de que a violência do oprimido poderia contribuir para superar os traumas causados pela violência dos opressores, a violência da UPA se justificaria<sup>260</sup>. Alegava ser uma fase necessária para poder alcançar a consciência para o levante nacionalista. De acordo com o personagem, era inevitável tocar na questão racial ao reafirmar a luta contra o colonialismo: “O camponês só pode ser mobilizado para a luta por formas bem concretas, que ele entenda, por exemplo, o ódio aos brancos ou a repartição da terra dos brancos”<sup>261</sup>. Era muito claro para Elias que a questão da propriedade de terra em Angola perpassava a presença branca que não ia chegar ao fim apenas com a luta contra o colonizador português, pois aquele branco, nascido em Angola, também se sentiria com mais direitos de ocupar a terra, dada a sua origem familiar, proprietária: “Esses transportam em si a supremacia da parte branca sobre a negra, vem desde a nascença”<sup>262</sup>.

Por outro lado, Pepetela pretende demonstrar através da construção imaginária da personagem Sara o quanto essa teoria não deveria ser generalizada. A estudante de medicina ao longo do romance sempre apareceu comprometida com os ideais de uma independência em que prevalecesse a justiça e a igualdade, inclusive, afirma que, se fosse o caso, escolheria a independência em detrimento dos seus pais:

Pessoalmente custava-me muito, claro. Mas escolhia a independência, não tenho dúvida. Embora não fosse certamente o tipo de independência que desejava.

---

<sup>260</sup> É importante destacar que a partir de algumas entrevistas podemos notar o interesse de Franz Fanon pela UPA. De acordo com Marcelo Bittencourt, a partir de documentos de Lúcio Lara e de entrevista concedida ao historiador em Luanda, Lara afirma que Fanon se posicionava a favor da UPA, salientando que a organização teria melhores condições para iniciar a luta armada em Angola e por isso defendia que o MPLA se comprometesse com esse movimento, mesmo que significasse a sua dissolução. In: BITTENCOURT, Marcelo. Tese. P.112.

<sup>261</sup> Idem p. 97.

<sup>262</sup> Idem. P. 97

(...)

Os meus pais iam pagar por crimes que outros cometeram. Oh, o meu pai também não é nenhum santo, naquela terra ninguém enriquece a fazer ações de caridade...Mas crimes não cometeu. Espero que seja uma independência que permita distinguir as ações das pessoas, que haja justiça.

Atrelada desde o início às causas nacionalistas, o desenrolar do romance também a posiciona como uma mulher próxima das questões sociais, principalmente ao utilizar o seu ofício, a medicina, como um meio de salvar vidas de pessoas desfavoráveis economicamente. Além disso, sempre se mostrou interessada em acompanhar o MPLA, atuando como médica entre a guerrilha. Através de Sara foi construída uma mulher forte, independente, nacionalista, leal e idealista, apesar de branca.

Esse contraponto entre Elias e Sara é interessante. Enquanto o primeiro é negro, de origem camponesa, com os estudos financiados pela Igreja protestante, sendo esta sua única alternativa para ascender socialmente, Sara tem família portuguesa e estudou em Portugal com os estudos financiados pelo seu pai, ainda sim, é a partir dela que vamos conhecer as complexidades que cercam a questão racial nesse contexto anterior à independência. Através dela somos remetidos ao cenário de hostilidade ao negro em Portugal<sup>263</sup> no início da década de 1960:

Ela sentia, havia muito subtilmente uma barreira que começava a desenhar-se, algo ainda indefinido afastando as pessoas, tendendo a empurrar alguns brancos angolanos para os grupos de moçambicanos. A raça a contar mais que a origem geográfica? Oh, já estou a ver fantasmas. Ela própria não notara, ao aproximar-se de grupos angolanos, algumas caras mais fechadas, conversas interrompidas? Sim, havia. Era normal. Em Angola tudo estava a tender para uma

<sup>263</sup> Em Geração da Utopia Pepetela aborda na primeira parte do livro o quanto a propaganda do governo salazarista, que ressaltava o crescimento da morte dos brancos em Angola, contribuía para um clima de hostilidade entre negros e brancos em Portugal. Essa tensão era vivenciada pelos personagens: “Convém a Salazar criar um clima de histeria coletiva, centenas e centenas de brancos trucidados pelos terroristas, Angola é uma fogueira imensa, temos de defender a Pátria e os portugueses. Para Angola em força! A propaganda estava a resultar, tinha de reconhecer. Um espesso clima de suspeição se abateu entre os africanos em Lisboa. Passaram a cochichar quando antes discutiam a altos gritos, sempre com gargalhadas no meio. E a população passou de repente a olhá-los com hostilidade”. In: PEPETELA. Geração da Utopia. São Paulo: Leya, 2013. P. 10.

guerra racial, havia uma repressão seletiva. Isso provocava reflexos em Lisboa.<sup>264</sup>

A primeira parte do livro é narrada a partir da perspectiva de Sara e somos envolvidos pelos problemas internos e externos que afetam Angola por meio do olhar atento da personagem, que se mostra indignada diante de uma UPA que pelo o que se sabia “queria expulsar todos os brancos e mulatos de Angola”<sup>265</sup>, o que poderia afetar diretamente a sua família – fazendeiros de café da região de Benguela –. Nesse momento, as organizações políticas e nacionalistas eram formadas clandestinamente, tanto em Luanda quanto em Portugal. O romance inicia em 1961, ano da eclosão das guerras anticoloniais em Angola, e a partir dos episódios ocorridos em 4 de fevereiro<sup>266</sup> e 15 de março desse ano<sup>267</sup>, o clima político teria ficado ainda mais instável, ressaltando as complexidades existentes para a unidade do processo de independência. As informações eram imprecisas e obscuras, a impressão que o livro pretende passar é que não se sabia ao certo em que ou quem se podia confiar, assim como a filiação a alguma ideia política poderia ser momentânea ou apenas um meio para alcançar seus interesses pessoais, como era o caso de Malongo<sup>268</sup>.

Nesse contexto de tensão, a proposta política-ideológica do MPLA, por ser mais socializante, se ajustava melhor aos interesses dos jovens estudantes do romance de

---

<sup>264</sup> Idem. P.18.

<sup>265</sup> PEPETELA. *Geração da Utopia*. São Paulo: Leya, 2013. P. 14.

<sup>266</sup> Data que marca o início da luta armada de libertação nacional em Angola a partir do ataque às prisões de Luanda por homens armados de catanas para resgatar presos políticos. O movimento foi reivindicado pelo MPLA, embora até hoje ainda seja cercado de dúvidas e contradições. Para mais ver: TALI, Jean-Michel M. *Dissidências e Poder de Estado. O MPLA perante si próprio*. Vol.1 Luanda: Nzila, 2001. e BITTENCOURT, Marcelo. *Tese*. Op. Cit. 1999.

<sup>267</sup> Ataque da UPA à região norte de Angola, mais precisamente nas fazendas de café. Lideradas por camponeses bakongos, principal base de apoio da UPA, o levante ficou conhecido pela violência às famílias brancas, mestiças e negros assimilados, além de ovimbundus que tinham vindo do sul para trabalhar na região. Em: BITTENCOURT, Marcelo. *Tese...*p.79.

<sup>268</sup> Malongo é um personagem que faz parte da Casa do Estudantes do Império. Jovem jogador de futebol, acaba sendo afastado das suas pretensões esportivas por mau comportamento. Não se interessava pelos debates de política na Casa e quando participava deles era apenas através do contato que tinha com amigos que se envolvem diretamente nos movimentos políticos ou por meio de Sara, sua namorada.



Pepetela. Por mais que tivessem informações desencontradas, sabiam que estava surgindo um grupo que defendia a construção de um projeto nacional que se colocava como agregador e amplo, afastando-se do “tribalismo” e “racismo” existente na UPA: “Ter de escolher entre o colonialismo e a UPA, realmente...”, por mais que admitissem – Sara e Aníbal – que a UPA ainda pudesse ser a melhor opção. Além disso, o MPLA tinha como lideranças o Viriato da Cruz e o Mário de Andrade, intelectuais largamente conhecidos na CEI, que passavam confiança e seriedade ao projeto, como afirma o estudante Aníbal.

Portanto, o romance vai construindo como se deu a aproximação desses jovens estudantes com o movimento do MPLA, da mesma forma, as causas que os levaram a negar a UPA, vista como um grupo atrasado, preso às complexidades regionalistas e raciais, questões que não deveriam fazer parte de Angola na independência. Afinal, não se identificavam como angolanos? Nasceram em Angola e descobriram à distância o cheiro, o sabor e as sensibilidades que cercam a terra natal.

Por outro lado, um dos poucos momentos do livro que temos uma alusão positiva ao movimento da UPA, por mais que se reconheça a enorme influência exercida por eles em algumas regiões angolanas, é na fala de Elias. Para além de serem retratadas apenas as mortes dos fazendeiros e as povoações saqueadas no levantamento contra os brancos de Angola, o estudante trazia explicações plausíveis para os ataques, dentro de uma lógica revolucionária que tinha o camponês como o principal sujeito desse processo<sup>269</sup>. Todavia, cabe lembrar, que esse personagem será retomado ao final do livro como um charlatão ao participar como fundador de um templo religioso, tema que será mais aprofundado adiante.

---

<sup>269</sup> Havia um grande esforço das lideranças da UPA em atrelar o seu movimento à uma mobilização originária sobretudo por camponeses, “mas sabe-se que seus principais líderes eram originários de famílias influentes no norte da colônia, muitos deles urbanizados”. In.: BITTENCOURT, Marcelo. Tese. P.37.

De toda forma, podemos nos atentar ao longo do romance para como as desconfianças aumentavam dentro das diferenciações raciais que se cruzavam com os ideais nacionalistas. E, embora o livro não seja autobiográfico, é inevitável que a construção dos seus personagens seja amparada pelas perspectivas de vida do escritor. Seu início é na CEI, local de destino de Pepetela quando da sua chegada à Lisboa. Os conflitos raciais estão presentes em toda a primeira parte que vai até o exílio de alguns estudantes na França. É fundamental salientarmos que a partir de uma política colonial que utilizava o componente racial para estratificar uma sociedade, existirá consequências inevitáveis para a formação dos movimentos nacionalistas.

Os debates sobre as questões étnicas e raciais ainda vinham acompanhados das rivalidades políticas existentes entre os jovens estudantes. Somos envolvidos por discursos comunistas e anarquistas, além de nacionalistas, que não necessariamente eram atrelados a uma família política. Pepetela chama a atenção para as diferentes culturas políticas circulantes entre as fronteiras de Lisboa e Luanda e que estarão presentes entre os movimentos de libertação, mesmo que muitas vezes de modo confuso e contraditório. Podemos notar nessa primeira parte do seu romance que o nacionalismo angolano se forma em meio a essas disputas internas, como ressalta Aníbal:

Os comunistas acham que se deve trabalhar no interior do regime e derrubá-lo por dentro. E os nacionalistas angolanos, cada vez mais radicais, pensam que os angolanos devem lutar em Angola, de forma absolutamente independente e sem ter nada que ouvir os papás da esquerda portuguesa. Lutamos pela independência do país e por isso devemos ter movimentos políticos absolutamente independentes. Somos nós, com a guerra em Angola, que vamos derrubar o fascismo. Esta é a maka.<sup>270</sup>

Do mesmo modo, Marta, amiga de Sara,

---

<sup>270</sup> PEPETELA. Op. Cit. 2013. P.58.

Não se metia em organizações estudantis nem políticas, dizia, isso é perder tempo, os políticos começam por políticos e acabam todos em ladrões. A própria ideia de organização lhe causava desconfiança, alimentada por leituras dos anarquistas do século passado. Os únicos aristocratas da política, dizia ela, desinteressados. Quanto a Angola, aprovara imediatamente as ações armadas. Os angolanos estão a mostrar a estes políticos de esquerda, que só fazem revoluções nos cafés, como se resolvem as coisas.<sup>271</sup>

Ainda são incipientes as pesquisas sobre a relação entre o Partido Comunista Português (PCP) e os movimentos nacionalistas de Angola, sabe-se que houve contato entre as células estudantis e o então clandestino PCP, que influenciava-os ideologicamente, inclusive, nas escolhas nacionalistas futuras<sup>272</sup>. Todavia, as desconfianças entre os grupos eram inúmeras, o que teria contribuído para o afastamento<sup>273</sup>. As informações sobre os grupos eram muitas vezes desencontradas, a PIDE não conseguia descrever com precisão a diferença entre os movimentos, mesmo entre o MPLA e a UPA. Por vezes eram colocados como grupos “comunistas”, mesmo mantendo relações independentes<sup>274</sup>. O contexto narrado por Pepetela também retoma essas confusões e embora aponte para o conhecimento de leituras de anarquistas e comunistas entre os integrantes das organizações nacionalistas, fica claro que não existia um aprofundamento e nem mesmo um comprometimento com as suas ideias, mas todos concordavam em um ponto, como exemplifica a seguinte passagem: “Marta e Aníbal mesmo com ideais políticos diferentes, tinham um vasto terreno comum, o ódio

---

<sup>271</sup> Idem. P.64.

<sup>272</sup> Sabe-se que Agostinho Neto Lúcio Lara eram militantes do Partido. Inclusive, o PCP teria organizado a fuga de Neto para o Marrocos em 1962. In.: MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. Op. Cit.2007. p.28. Além disso, posteriormente, os comunistas portugueses viabilizaram passagens de avião para nacionalistas angolanos, a fim de promover uma integração internacional do movimento. Conseguiram, assim, passaportes para Paris “como etapa intermediária, talvez, de uma ida para Moscou, e forneciam cartas de recomendação para correligionários franceses”. Em: CARVALHO FILHO, Silvio de. Op. Cit. 2016. P.33.

<sup>273</sup> TALI, Jean Michel M. Dissidências e Poder de Estado. O MPLA perante si próprio. Vol.1 Luanda: Nzila, 2001. P. 50.

<sup>274</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Tese. e GONÇALVES, José. O descontinuo processo de desenvolvimento Democrático em Angola. Lisboa: Centro de Estudos Africanos, 2004.

à ditadura de Salazar e a esperança na independência das colônias”<sup>275</sup>.

Por outro lado, o racismo ainda provocava medos e dúvidas quanto à consolidação de um projeto nacionalista, que de acordo com Sara, fazia com que as pessoas de cor diferente fossem vistas como estrangeiros indesejáveis. Era o que acontecia tanto em Lisboa quanto em Luanda.<sup>276</sup> Nesse sentido, a construção do cenário angolano no início da década de 1960 perpassava, necessariamente, os embates raciais, que foram muito presentes e permaneceram após a independência.

Ao escrever o seu romance em 1991, Pepetela continua inserido em um ambiente em que a questão racial também aparecia no centro dos debates nacionalistas, principalmente, ao nos voltarmos para os interesses eleitorais do período<sup>277</sup>. Até a independência o principal rival do MPLA no campo do nacionalismo angolano era a UPA- FNLA<sup>278</sup>, mas, nesse momento, a grande adversária política do partido passa a ser a UNITA<sup>279</sup>. De toda forma, esse ainda é um contexto político em que o fator raça é preponderante dentro dos partidos políticos<sup>280</sup>, atuando, inclusive, como elemento

---

<sup>275</sup> PEPETELA. Op. Cit. 2013. P. 86.

<sup>276</sup> Idem. P. 91.

<sup>277</sup> A partir de um acordo de paz assinado em 1991 entre os movimentos beligerantes da guerra civil em Angola, de um lado o governo que era o MPLA e de outro a UNITA, foram anunciadas eleições gerais para o ano de 1992. Seriam as primeiras eleições do país, que acabaram por demonstrar o quanto as fissuras internas ainda eram dolorosas para a manutenção de uma unidade nacional. Nesse sentido, o teor das campanhas eleitorais são marcadas pelas questões étnicas e raciais que trazem à tona um processo de construção nacional fraturado, com diferentes forças políticas querendo tomar o poder.

<sup>278</sup> Em 1962 a UPA transforma-se em Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA).

<sup>279</sup> A União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) surgiu após uma dissidência da FNLA. Jonas Savimbi, o seu futuro presidente, passou a acusar os dirigentes da FNLA de tribalistas. Como tinha como grande base de apoio os bakongo, as críticas de Savimbi apontavam para o favorecimento desse grupo dentro do movimento. Oficializada em 1966 após o recrutamento de jovens angolanos na fronteira leste na região, a Unita surge como uma força que se colocava ao lado dos guerrilheiros no interior de Angola. In.: BITTENCOURT, Marcelo. Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola. In.: In.: FERRERAS, Norberto O. (Org.) A questão nacional e as tradições nacional-estatistas no Brasil, América Latina e África. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

<sup>280</sup> Em 1991 tivemos uma revisão constitucional que possibilitou a partir dos princípios básicos de uma democracia partidária, a criação de diversos partidos políticos de oposição, mas nenhum deles conseguiu ascender politicamente, sobretudo, pela falta de recursos que era concentrado pelos dois grandes partidos: UNITA e MPLA. Para ver mais: BITTENCOURT, Marcelo. Conflito, Identidade e Voto e Angola. In: RIBEIRO, Alexandre; BITTENCOURT, Marcelo e GEBARA, Alexsander. (Orgs.). África Passado e Presente: II Encontro de Estudos Africanos da UFF. 2010 e VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino P. O Processo de Transição para o multipartidarismo em Angola. Lisboa:

mobilizador entre os militantes. Do mesmo modo, a questão étnica também faz parte do debate.

Ao tratarmos desse período é inevitável nos voltarmos para as mudanças políticas, sociais e econômicas que fizeram parte de Angola. As eleições também eram sensíveis aos novos discursos que circulavam entre a sociedade e, o MPLA, se distinguia dos demais partidos pela sua capacidade de se modificar de acordo com as exigências das circunstâncias. Através da polarização das eleições entre o MPLA e a UNITA, podemos notar uma mudança no discurso nacionalista da década de 1980, marcado pela valorização da construção do *homem novo*, atrelado à uma visão coletiva e marxista-leninista. O MPLA da década de 1990 “traz em suas campanhas um tom conciliador”, em que “a aproximação com as chefias tradicionais deixaram de ser vistas como obstáculos às ações do Estado, passando a ser valorizadas como pontos de contato e mediação com as diferentes populações”<sup>281</sup>.

Esse debate é fundamental para a análise de *Geração da Utopia* em que um mesmo período vai ser observado novamente pelo escritor. Se em *Mayombe* já tivemos a fase de guerrilha sendo analisada por uma perspectiva que via nas diferenças étnicas e culturais angolanas um entrave para o desenvolvimento do nacionalismo, agora essas questões ganham novas interpretações. A segunda parte do livro se desenrola a partir de 1972, em uma fase de guerrilha que aparecem as disputas políticas, os interesses individuais, assim como os diferentes discursos existentes que marcarão as contradições dentro do MPLA. Cabe então conhecermos como Pepetela analisa esse processo político e interpreta o incipiente nacionalismo nessa fase, lembrando que de acordo com o escritor essa parte do livro foi escrita logo após *Mayombe*, tendo ficado guardado para um momento oportuno. É importante, todavia, frisar que Arthur Pestana escreve de um

---

Firmamento, 2008.

<sup>281</sup> BITTENCOURT, Marcelo. As eleições de 1992. In.: Revista TEL, Irati, v. 7, n.2, p. 170-192, jul. /dez. 2016. p.10.

lugar que condena as ações da UPA, assim como desqualifica os seus ideais. Do mesmo modo, como militante do MPLA, é muito mais próximo das suas ideias políticas, mesmo que haja discordâncias em alguns momentos.

O segundo capítulo é narrado, sobretudo, a partir da perspectiva de um dos personagens: Vítor – o Mundial. Conquanto, é interessante nos voltarmos para o contraponto que será desenvolvido nesse capítulo entre o Mundial e o personagem Sábio. Enquanto este é visto como um herói, que age em prol do coletivo e do bem de todos, Mundial será representado como um guerrilheiro que aos poucos se afasta dos interesses da sociedade e cada vez mais pensa e age a partir de interesses próprios. Sua personalidade é construída em contraste com a de Sábio, um homem que carrega esse nome de guerra não pelas suas características físicas: “Baixo, magro, sempre agarrado aos livros e às ideias, não era propriamente a imagem que se fazia de um herói”<sup>282</sup>, mas, de acordo com ele “Esse nome de Sábio veio do facto de ter um curso superior? Até tenho, mas quem o sabe? Deram-me esse nome porque passava demasiadas lições de moral, falava sempre em defesa do povo”.

Enquanto podemos notar ao longo do romance o quanto o Mundial vai reconhecendo aos poucos a sua inferioridade frente ao Sábio<sup>283</sup>, este é representado como o espectro de guerrilheiro. Sua personalidade vai sendo construída como imune à corrupção, à individualidade, à soberba, tornando-se o grande exemplo de homem. Sábio se comprometerá com um projeto utópico de poder, que o levará a um processo de desilusão, conforme veremos.

Vítor era um jovem estudante, frequentador da CEI e, à medida que a história é narrada, conhecemos um pouco do carácter desviante do personagem. No primeiro capítulo do livro, estava comprometido com o movimento nacionalista que vinha

---

<sup>282</sup> PEPETELA. Op. Cit. 2013. P.56.

<sup>283</sup> REGHINI, Tatiana. Op. Cit. P.26.

surgindo, via com bons olhos a independência e o fato de entrar em um projeto guerrilheiro lhe atraía. Mas o segundo capítulo começa com diversas reflexões de Mundial, que também o levam a um processo de desilusão que o faz romper com o projeto político pelo qual entrou na luta: “o tempo do romantismo havia passado”<sup>284</sup>. Já estamos em 1972, são anos de guerra e os problemas internos começam a vir à tona. É nesse interim que suas concepções políticas se afastam do que Sábio defende, e começa a se construir o contraponto sobre eles, em que o narrador claramente se aproxima de Sábio, ao representá-lo como um homem comprometido com as causas nacionalistas e coletivas em detrimento de um eu-individualista. Já na primeira parte, a personagem Marta afirma:

Marta diz sobre Aníbal: - Se não morrer, o que se enquadra melhor com a sua maneira de ser, vai desiludir-se. A tal revolução que tem à frente não vai ser como ele imagina. Nunca nenhuma é como os sonhos dos sonhadores. É um sonhador, apesar de toda a sua linguagem rigorosa de comunista. Acaba por ter ideias mais libertárias que as minhas, que ele chamava de anarquista. As revoluções são para libertar, e libertam quando tem sucesso. Mas por um instante apenas. No instante a seguir se esgotam. E tornam-se cadáveres putrefatos que os ditos revolucionários carregam às costas toda vida.

(...)

É um sonhador, um utópico, pior que eu. Ou morre ou se desilude, não tem outra alternativa.<sup>285</sup>

Marta é conhecida por ter ideias anarquistas, não acredita em nenhum sistema político, mas, por outro lado, se encanta com o modo como Aníbal vê a política. É a partir daí que o caráter e a personalidade de Aníbal – O Sábio – vão se construindo. O exemplo de intelectual engajado e militante é constituído pelas suas escolhas políticas ao longo do romance. Primeiro ao desertar do exército português prestes a ir para a guerra em Angola. Ao ser avisada, Sara pensa: “Aníbal não ia aparecer aos olhos do

---

<sup>284</sup> PEPETELA. Op. Cit. 2013.

<sup>285</sup> PEPETELA. Op. Cit. 2013. P.131.

povo como um falabarato traidor. Desertava, dando o exemplo a muitos outros...” e, em seguida, o agradece e Aníbal pergunta o porquê do agradecimento: “Porque não me desiludiste, é essa a imagem que quero guardar sempre de ti. A do tipo mais coerente que já conheci”<sup>286</sup>. Presenciamos aqui o primeiro momento de Aníbal como herói, embora já tivesse tido posição destacada ao defender sua tese de fim de curso contra a política colonial portuguesa e a ascendência de posições autonomistas em Angola<sup>287</sup>.

É interessante notarmos o quanto a segunda parte do romance busca evidenciar um Aníbal extremamente comprometido com os ideais nacionalistas do MPLA, de fortalecimento da identidade nacional angolana a partir de uma unidade. As diferenças são novamente deixadas de lado em nome do coletivo e da construção de uma nação, que deveria estar acima das diversidades. Chama a atenção o fato de enquanto os outros personagens tenham seus locais de origem discriminados, Vítor de Huambo, Sara de Benguela, entre outros, Aníbal é apenas retratado como angolano<sup>288</sup>, até surgirem os problemas internos no MPLA, quando vamos saber que ele é nortista, embora se veja apenas como angolano e nada mais. Nesse sentido, o narrador se coloca ao lado de Aníbal e defende uma noção de identidade próxima à do MPLA, que nega qualquer exclusão racial ou étnica.

Em um determinado momento dessa segunda parte temos a construção de um cenário de tensão entre os personagens Mundial e Sábio, que, se a princípio, parecem fruto das rivalidades regionais existentes no interior do movimento, vamos percebendo também que existem interesses políticos, em que já se desenrola uma realidade de disputas por poder e privilégios entre os militantes. Conquanto, as características positivas de Aníbal em detrimento das omissões de caráter de Vítor em alguns

---

<sup>286</sup> Idem. P.54.

<sup>287</sup> Idem. P.21.

<sup>288</sup> REGHINI, Tatiana. Op. Cit. P.28.



momentos, levam o leitor a se aproximar muito mais das causas defendidas pelo Sábio, o herói do romance. Suas ideias ganham a simpatia, ainda mais ao nos voltarmos para o Mundial, retratado como um sujeito apegado às questões materiais e ao prestígio político:

A contragosto, teve de reconhecer que o Sábio era o mais prudente dos dois. A ele a questão sempre se pusera: levar a mochila era sem dúvida mais seguro, nunca se sabe o que a próxima volta do caminho esconde; mas, além do tormento provocado pelo peso nas costas, também lhe fazia perder prestígio aos olhos do povo, pois é símbolo de importância ter um carregador que leve a mochila do responsável. O Sábio não se importava com isso e, afinal, quando chegavam a um kimbo desconhecido, ofereciam o melhor banco a ele e nunca ao Sábio, pois este levava a sua própria mochila, como qualquer guerrilheiro.<sup>289</sup>

A partir desse trecho, cujo relato também aparece em algumas entrevistas de ex-guerrilheiros<sup>290</sup>, o narrador novamente se posiciona ao lado de Sábio, ao exaltar o desapego do personagem aos favorecimentos possibilitados por ser comandante. Mundial, pelo contrário, não deixava de usufruir dos benefícios suscitados pela sua posição. O prestígio lhe atraía e aparecia em primeiro plano frente aos interesses coletivos. O segundo capítulo, ao voltar-se para as reflexões psicológicas de Mundial, inclusive àqueles pensamentos que jamais poderiam ser falados, contribuem para a reafirmação da heroicização de Sábio. Nesse sentido, o medo aparece como uma constante e vem à tona a falta de habilidade de Mundial nas matas: “Sempre teve quem o guiasse, quem estudasse o terreno por ele. As suas preocupações eram outras. Os olhos não se exercitaram e agora são como cegos”.<sup>291</sup> A sua posição como um homem individualista ia aos poucos ficando muito mais evidente através das reflexões solitárias

---

<sup>289</sup> PEPETELA. Op. Cit. P.149.

<sup>290</sup> BITTENCOURT, Marcelo. *Estamos juntos: O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)*. Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em História da universidade Federal Fluminense e TALI, Jean Michel Mabeko. Op. Cit. 2001.

<sup>291</sup> PEPETELA. Op. Cit. 2013. P.156.

na chana<sup>292</sup>.

Através do contraponto entre os dois personagens, Pepetela vai desmistificar a ideia de que todo comandante do norte seria corrupto ou ligado às benesses que poderiam surgir pela sua posição. As constantes reclamações dos revoltosos do Leste ganharam novos contornos a partir do personagem Sábio, que traz críticas muito mais estruturais ao MPLA em detrimento dos fatores regionalistas e raciais, vistos como simplistas frente às contradições internas que são apresentadas em *A Geração da Utopia*:

- No entanto, também há privilegiados do Leste ou do Sul, como tu... Entre nós dois, quem é mais privilegiado? Diz sinceramente. Eu nunca mando ninguém no exterior comprar cigarros ou açúcar ou café. Nem tenho dinheiro para isso. Mas cada caravana que vem traz-te sempre coisas que manda comprar. Nunca fico com tecido que vem para o comando para dar às mulheres...<sup>293</sup>

Mundial afirma:

- Ora, é porque recusas sempre a tua parte. Tinhas direito a ela.<sup>294</sup>

E Sábio responde dentro de uma perspectiva muito mais enobrecida, que aponta para novas reflexões sobre o movimento:

- Não, acho que não tenho direito. Acho mais justo que se distribua o tecido pelo povo, que anda nu. O mal é que vocês agora opõem-se aos do norte, não para corrigir os erros, mas para aproveitarem desse erros. Estaria do teu lado se dissesse o movimento não se preocupa com o povo, todo o tecido deve ser para o vestir, vamos acabar com os privilégios dos responsáveis, com o muatismo. Mas não, dizes é um direito ficar com uma parte, direito instituído pelos primeiros responsáveis e que o movimento tolerou. Mas para ter esse direito precisa ser responsável. Por isso corramos com os outros para nós gozarmos desse direito. Não estás a pensar em melhorar as coisas, em acabar com todos os erros que trouxeram a luta para trás. Estás como

---

<sup>292</sup> Tipo de vegetação encontrada no leste de Angola.

<sup>293</sup> Idem. P.174

<sup>294</sup> Idem. P.174

os outros, a pensar utilizar a situação atual em teu proveito. Isso tem um nome, é oportunismo.<sup>295</sup>

Como já brevemente abordado no primeiro capítulo, a Revolta do Leste teve um significado importante na vida do escritor, que já fazia parte dos quadros do MPLA quando iniciou o conflito, considerado uma das primeiras dissidências do movimento. No seu romance a Revolta aparece como uma disputa regionalizada por postos de comando, em que “os do Norte”, identificados como Kamundongos, que significava privilegiados, eram os detentores do poder, retratados pelo Mundial como os novos colonizadores; “Os do Norte criaram a sua própria colonização. Recrutaram guerrilheiros locais mas eles eram os chefes”<sup>296</sup>. Os problemas que apareceram ao longo da guerra eram, de acordo com Mundial, derivados da presença dos nortistas, que teriam traído os ideais da revolução ao se apegarem aos privilégios. Por outro lado, Sábio combate essa interpretação e questiona essa visão dualista e regionalista de ver as complexidades internas.

Como afirma Mabeko Tali, não é de se admirar que o MPLA tenha sido visto pela população do Leste como um grupo privilegiado. Pois na grande maioria das vezes os dirigentes militares eram originários do Norte, visto por muitos como um grupo coeso, com hábitos “globalizantes”, ligados ao mundo urbano. Por isso, seriam “associados a todos os abusos, vícios e crimes de que os chefes militares se tornaram culpados – e também todos os dissabores sofridos no Leste pelo movimento de libertação”<sup>297</sup>. Essas acusações começaram a romper quando a guerra já estava saturada e os problemas passavam a ser mais notórios.

Nesse cenário de disputas de memória, principalmente durante a década de 1990,

---

<sup>295</sup> Idem.

<sup>296</sup> Idem. P.170.

<sup>297</sup> TALI, Jean Michel Mabeko. Op. Cit. P.128.

o personagem Sábio aponta para outros caminhos. A autoridade do seu discurso é construída ao longo do romance a partir da integridade depositada ao personagem, levando-nos a aproximarmo-nos da sua visão sobre os embates internos do MPLA. Sábio critica os regionalismos mas concorda que deve haver mudanças estruturais dentro do movimento que chegou a um nível exaustivo diante do cansaço da guerra, da falta de apoio, da corrupção existente, dos oportunistas presentes no movimento e à medida que aponta para as fissuras, propõe superá-las por dentro para a fundamentação de um projeto nacionalista. Um nacionalismo uno, que enxergasse o povo angolano como um só, para além das suas particularidades. Inclusive, a posição defendida por Mundial é vista como atrasada:

- Reages como um homem do Sul, Mundial. É normal, diria eu, se não tivesses outra instrução. Se tivesse sempre vivido na mata, se o teu entendimento não ultrapassasse as fronteiras do teu Kimbo, a reação seria normal. Tu estudaste, andaste pela Europa, nasceste no Huambo mas viveste em cidades. Deves refletir menos apaixonadamente. Além disso, o Huambo não é o Leste nem mesmo o Sul.<sup>298</sup>

Se por um lado Sábio se aproxima de um discurso do MPLA, à medida que enxerga a Revolta do Leste presa às questões tribalistas e aborda os debates regionalistas e raciais como avessos à modernidade e à construção do *homem novo* proposto pelo movimento, por outro, o personagem também vai buscar negar essa bipolaridade regional trazendo argumentações que de todo modo são válidas para compreendermos os embates político-sociais existentes no período em que foi escrito o livro – lembrando que esse capítulo foi escrito, de acordo com Pepetela, na década de 1970. Para uma análise mais complexa do contexto retratado é fundamental levarmos em consideração que as disputas por espaço e vantagens no MPLA passavam pelos “vínculos de solidariedade” que cruzavam a vida dos militantes, tais como a escola que

---

<sup>298</sup> PEPETELA. Op. Cit. 2013.p.171.

frequentaram e os laços familiares e religiosos construídos ao longo da vida.<sup>299</sup>

Sabe-se que a direção do MPLA apresentou um discurso reducionista ao tratar da Revolta do Leste, ignorando reivindicações consideradas como pertinentes inclusive por militantes contrários à Revolta.<sup>300</sup> Desde 1969 com o comandante Jibóia havia um processo de crítica à direção do MPLA, que foi ganhando contornos políticos que desembocaram nas dissidências que se estenderam ao longo de 1972 e 1973 com a liderança de Daniel Chipenda. Caracterizar esse movimento por tribalista, como fez o MPLA, é não reconhecer as motivações que levaram centenas de guerrilheiros a se unir e reivindicar mudanças. Lembrando que Jibóia era um dirigente político Mbunda, enquanto Chipenda era bailundo e, mesmo com essas diferenças, estavam juntos pelas mesmas questões.<sup>301</sup>

O próprio Pepetela em entrevista aponta para as limitações em descrever esse processo simplesmente como tribalista: “As pessoas não se revoltam à toa. (...) Eu também não estava nada de acordo com isso, (...) [com] toda a propaganda que foi feita contra a própria revolta do Leste. Parecia que era qualquer coisa montada”<sup>302</sup>. Dessa forma, no romance aqui analisado o escritor escolhe a partir de novos enfoques narrativos, demonstrando o quanto é complexa e ambígua as relações de poder que se estabelecem internamente no movimento, inverter determinadas acusações e realçar o quanto os desvios e privilégios não são característicos de um grupo. No caso, Sábio, vindo do Norte guardaria todos os atributos de um bom guerrilheiro, enquanto Mundial

---

<sup>299</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2002. p.582-583.

<sup>300</sup> Lúcio Lara afirma: “As origens, no fundo, são estas: Os comandantes em geral tinham vindo do Norte – isso ainda hoje acontece –, até abusaram, alguns abusavam (...) Mas realmente havia, digamos assim, um favorecimento dos chefes em desfavor aos guerrilheiros, e esse tipo de tratamento acumulado juntou as razões que, já muito mais tarde, fizeram nascer a Revolta do Leste, o princípio da Revolta do Leste”. (Entrevista de Lúcio Lara a Jaime e BARBER, 1999. In.: BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2002. p.627-628.

<sup>301</sup> MABEKO-TALI, Jean Michel. Op. Cit. 2001. P. 156.

<sup>302</sup> PEPETELA. Entrevista a Marcelo Bittencourt em 6 de fevereiro de 1995. In.: BITTENCOURT. Op. Cit. 2002.

teria o seu caráter duvidoso, o que será comprovado ainda mais adiante com o romance.

Portanto, pretende-se a partir da criação discursiva desses personagens problematizar uma concepção étnica-regionalista da guerrilha, por isso, o herói do romance seria desapegado dessas imposições, se reconheceria apenas como angolano e embora enxergasse as fissuras existentes à sua volta, defendia que deveriam ser superadas, pois estariam ligadas ao atraso: “recuso-me a ver-te como do Centro ou do Sul ou do Leste. Somos apenas angolanos, é tudo”<sup>303</sup>. E essa é uma das grandes diferenças entre o Sábio e os demais, por isso é uma voz dissonante, pois o que fica claro em *Geração da Utopia* é o quanto o sentimento de união e unidade não conseguem ultrapassar as diferenças como ocorreu em *Mayombe*. A postura otimista de anos atrás se perdeu e os interesses individuais passaram a imperar.

Por outro lado, no mesmo momento que irrompe a Revolta do Leste, uma outra Revolta também passa a ser conhecida entre os quadros internos do MPLA a partir de 1974, a Ativa. No primeiro capítulo chamamos a atenção para o quanto esses movimentos estavam entrelaçados à vida de Pepetela, principalmente por ser um momento em que o escritor estava atuando na II Região, na zona Leste. Todavia, cabe também realçarmos os silenciamentos da sua obra, em que não aparecerá referências à essa Revolta, assim como também não teremos menção à Revolta Nitista de 1977. Talvez a escolha pela Revolta do Leste em detrimento das outras seja pelo fato de ter sido o primeiro momento de uma real dissidência no movimento, em que os embates regionalistas, étnicos e raciais se entrelaçavam aos problemas internos relacionados às disputas pelo poder político. Todavia, em nenhum momento Sábio, o herói, resolveu desertar do MPLA, embora trouxesse novas propostas:

---

<sup>303</sup> PEPETELA. Op. Cit. 2013. P.181.

É mais urgente do que nunca a criação dum partido revolucionário dentro do movimento. Ele deveria ser o núcleo que dirigiria o movimento, o qual na prática se convertia em frente. Os elementos desse partido seriam escolhidos a dedo, só entrando os militantes sem mácula.<sup>304</sup>

Mas Mundial não acreditava e novamente voltava a questionar a forma com que seria escolhida a comissão, que segundo ele cairia da mesma maneira nas questões regionais: “Haveria uma maioria de homens do Norte e o povo não aceitava”. Mundial era reticente na “igualdade no número de dirigentes do Norte e do Leste” para atrair o apoio do povo mais uma vez, mas Sábio acreditava ser uma utopia que levaria certamente à derrota para os tucas.<sup>305</sup> Entretanto, essa passagem no livro aparece sem grandes desdobramentos, mas permite que questionemos a centralidade do movimento a partir da ideia da criação de um partido que teria um núcleo dirigente, que não fica claro por quem seria escolhido. Inclusive, uma das grandes críticas tanto da Revolta do Leste quanto da Ativa era em relação ao autoritarismo e à centralização do movimento em Agostinho Neto. Mas o romance não parece preocupar-se com essas questões. Inclusive, para Pepetela, talvez fosse mais fácil se aproximar de uma Revolta que tinha aspectos regionais do que a Ativa, com críticas contundentes ao núcleo do movimento e encabeçada por pessoas muito próximas ao escritor, lembrando que foi a partir desse momento que a sua trajetória passou a ser diferente de muitos amigos seus, como Adolfo Maria e Maria do Céu.

É importante lembrar que durante os anos de escrita do romance importantes mudanças políticas ocorreram em Angola e passamos a vivenciar um contexto político em que se pregava a paz, o multipartidarismo, a democracia e a exaltação de um discurso conciliador, fundamental para a permanência desse estado. Retomar questões delicadas era complicado e não convinha naquele momento. Bittencourt chama a

---

<sup>304</sup> PEPETELA. Op. Cit. P.180.

<sup>305</sup> Idem.

atenção para esse ponto ao analisar as entrevistas que lhe foram concedidas na década de 1990 e perceber que grande parte dos entrevistados pediam serenidade e culpavam a juventude por muitas das escolhas feitas.<sup>306</sup>

Levando em consideração essas questões, é importante notarmos o quanto Sábio é retratado como uma voz isolada dentro do movimento e isso vai ficar ainda mais nítido na terceira parte do romance, já na década de 1980, em que Aníbal se distancia dos rumos tomados pelo MPLA no processo de formação do Estado. Por isso, volta para Benguela e se afasta do governo, diferentemente de outros parceiros seus na militância. Nesse momento, fica ainda mais evidente a sua caracterização como um utópico que por não concordar com o desenrolar dos acontecimentos é deslocado pelo narrador de todos os erros cometidos pelo governo, sendo “colocado junto às vítimas do que chama de processo”<sup>307</sup> político, pois ele se mantém fiel ao que acreditava, fiel a um movimento político visto no pós-independência como utópico. Como afirma Santos, podemos notar uma “dissociação entre a utopia de cunho socialista-revolucionário e a implantação do projeto político do MPLA em Angola”<sup>308</sup>, o que acaba suscitando ao longo do romance em uma “desresponsabilização dos utopistas pela evolução da situação no país”<sup>309</sup>.

Presenciamos até aqui o quanto *Geração da Utopia* é um romance que fala sobre os sonhos de um grupo de jovens, concatenado às lutas de libertação do seu país. Os medos são entrelaçados aos rompantes de coragem e ousadia de jovens angolanos que propõem romper com a lógica colonialista, levando-os a pegar em armas para conquistarem seus objetivos. Todavia, a longa guerra, tratada à exaustão no segundo capítulo, destrói esses sonhos, ou ao menos aniquila a inocência que acompanhava-os na juventude. Aparecem os problemas internos, as disputas pelo poder político, assim

---

<sup>306</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2002. p.640.

<sup>307</sup> SANTOS, Alexandra. Op. Cit. P.263-264.

<sup>308</sup> Idem. P.249.

<sup>309</sup> Idem.



como os diferentes projetos nacionalistas. Inclusive, a frustração com o contato mais direto com a guerrilha aparecem nas entrevistas, em que tanto Pepetela quanto outros companheiros seus como Adolfo Maria e Maria do Céu Reis ficam surpresos com a corrupção existente e a falta de necessidades básicas, contrabandeadas por integrantes do MPLA.<sup>310</sup> A figura do guerrilheiro como herói se distancia à medida que se aproximam das fronteiras da guerra.

A segunda parte do romance ganha os contornos da desilusão, que é vivenciada a partir de duas perspectivas diferentes, a de Sábio e a de Mundial. Quando o interesse pelo poder passa a não ser mais apenas em nome do coletivo, mas assume interesses individuais, o ideal de identidade e coletividade que foi criado no exílio pelos personagens entra em contradição e ficam evidentes os novos problemas que se colocam para a formação do país angolano. Enquanto Sábio vai se afastar, Mundial vê novas formas de crescimento político pessoal, o que o leva a fazer parte do governo no pós-independência.

#### **2.4 A Construção da Nação no Pós-Independência: “– Você julga que isso ainda é terra de colono?”**

Até mesmo no seio das grandes famílias se mantinha a divisão de estatuto social entre os que tinham sido donos de escravos e os descendentes de escravos, entre os filhos da casa e os filhos do quintal. Eram conversas e makas que acompanharam a minha meninice no bairro operário, sei do que falo. Isso deixou ressentimentos, marcou os comportamentos, dividiu a elite.<sup>311</sup>

O trecho em destaque faz parte de um diálogo entre Aníbal, o grande herói de *Geração da Utopia*, e Orlando, namorado de Judite, filha de Sara. Compõe o último capítulo do romance (O Templo), que cronologicamente se desenrola a partir de 1991.

<sup>310</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit.2002. p.590.

<sup>311</sup> PEPETELA. A Geração da Utopia. São Paulo: Leya, 2013. P.371.

Nesse momento, os personagens envolvidos estão conversando sobre os rumos políticos do país, principalmente com a aproximação das eleições. É um debate que traz considerações interessantes acerca do nacionalismo angolano, do passado colonial e das divisões sociais que se estabeleceram no país e até hoje seriam responsáveis pelas desigualdades. Aníbal buscava apontar para alguns dos problemas sociais de Angola que contribuíram para a formação da nação e do Estado angolano, inclusive, chamando a atenção para a cisão que há dentro da elite angolana, a urbana e a tradicional.<sup>312</sup>

Nesse sentido, é válido retomarmos o trabalho de conclusão de curso que Aníbal defendeu em seu curso de Filosofia e História, ainda na época da Casa dos Estudantes do Império<sup>313</sup>. Para ele, após “uma análise política e social do período colonial do século XIX”<sup>314</sup>, teria chegado a conclusão de que a burguesia nacional angolana teria sido desmontada pelo Estado português, o que teria dificultado o processo de conscientização da sua diferença, assim como o desenvolvimento de uma autonomia política, baseada nos pressupostos liberais da Revolução Francesa.<sup>315</sup> Esse desmonte, seria analisado mais tarde por Aníbal, em diálogo com Orlando:

O termo crioulo presta a confusão e por isso não gosto dele. Talvez o adjetivo angolense fosse mais correto. De qualquer modo, essa camada social misturada culturalmente e até mesmo racialmente era a única capaz de olhar para a frente e unir o país, porque era a única com uma ideia de nação. Mas estava demasiado marcada pela sua própria trajetória ambígua. Tinham sido os intermediários da colonização, embora gritando contra ela. Reclamavam a defesa da raça negra e desprezavam os direitos das populações do interior, considerando-as incivilizadas. Exigiam autonomia e, ao mesmo tempo, beneficiavam da dependência.<sup>316</sup>

A partir dos debates historiográficos, podemos ver como essa posição reflete-se ainda nas crises internas do MPLA, que de acordo com Messiant, iria além das

---

<sup>312</sup> Idem. P.372.

<sup>313</sup> Esse momento se passa no primeiro capítulo do romance.

<sup>314</sup> PEPETELA. A Geração da Utopia. Op. Cit. P.20.

<sup>315</sup> Pepetela narra o quanto sua tese pareceu uma provocação ao regime colonial, por isso, inúmeras vezes foi chamado à PIDE. In.: PEPETELA. A Geração da Utopia. Op. Cit. P.20.

<sup>316</sup> PEPETELA. A Geração da Utopia. Op. Cit. p.371.

diferenças étnicas. Pois, estas tensões resultariam mais de uma luta pelo poder político, sobretudo, pautada pelas diferenças entre a elite angolana, mais envolvidas pelas diferenças culturais e sociais desenvolvidas historicamente e, especialmente, durante a colonização portuguesa. Poderíamos, assim, considerar a existência de uma elite mais antiga, composta por mestiços e negros, os “assimilados”, descendentes de uma elite instalada em Luanda há muitos anos e, uma nova elite, majoritariamente negra, em que o contato com a administração colonial portuguesa seria mais recente.<sup>317</sup>Essas diferenças, como aponta Aníbal no romance, foram cruciais para as crises políticas internas que decorreram após a independência.

Portanto, quando Conceição Neto chama a atenção para “as fronteiras por dentro da nação”, que trazem para o primeiro plano “os desequilíbrios regionais, sociais e étnicos” que continuam sendo um desafio para a construção de uma angolanidade<sup>318</sup> no pós independência, a historiadora propõe demonstrar as contradições ainda existentes dentro do espaço territorial angolano, constituídas entre o período colonial e pós-colonial. Por isso, a realidade nacional angolana deve ser pensada a partir das fronteiras que cruzam o seu processo de formação, que inicia ainda durante a fase da colonização. Nesse sentido, traz reflexões também sobre a ausência de uma burguesia nacional angolana, do mesmo modo que Aníbal.

Enquanto o controle dos meios de produção permanecia sobre o domínio dos portugueses, qualquer tentativa de predomínio de uma burguesia nacional angolana forte era impedido. Essa realidade ainda é agravada pela restrição do acesso ao ensino, a baixa industrialização e desenvolvimento tecnológico<sup>319</sup>. Desse modo, não temos como imaginar a construção da nação angolana após a independência sem levar em

---

<sup>317</sup> MESSIANT, Christine. 1994. “Angola, les voies de l’ethnisation et de la décomposition I – De la guerre à la paix. 1975-1991: le conflit armé, les interventions internationales et le peuple angolais”. Lusotopie, vol. I: 155-210

<sup>318</sup> CONCEIÇÃO NETO, Maria Eugênia da. Op. Cit. 1992.

<sup>319</sup> Idem. P.6-7.

consideração o processo histórico que formou a sociedade. O fosso social entre diversos setores sociais foi tecido ao longo da historicidade do país, em um diálogo entre o pré-colonial, colonial e pós-colonial.

Ao levarmos em consideração esses debates, quando Pepetela constrói em sua narrativa uma crítica que considera os fatores históricos para a formação da nação, ele vai além das críticas maniqueístas, em que prevalece uma interpretação que prioriza os condicionamentos externos como principais responsáveis pelos problemas pré e pós independência, ou mesmo a centralidade étnica.<sup>320</sup> O escritor lança luz sobre um debate que só viria a ser mais desenvolvido pelas ciências sociais posteriormente.<sup>321</sup> Como salienta Bittencourt, a inserção de Angola no cenário conflituoso de Guerra Fria, acaba favorecendo uma análise histórica que termina realçando os condicionantes externos pelos problemas do país, discurso que seria inclusive adotado por políticos do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que se utilizariam dessa retórica para justificar as dificuldades enfrentadas por seu governo<sup>322</sup>.

Assim, de encontro a um discurso que vinha sendo reforçado ao longo da década de 1990, Pepetela chama a atenção da camada intelectualizada da sociedade para os problemas que vinham sendo enfrentados, principalmente pela permanência da guerra. A partir dos seus personagens o escritor aponta para os desvios de uma classe social que era a única que tinha possibilidades de implementar a mudança por estarem cientes das marcas de desigualdade que formaram a sociedade angolana, causando ressentimentos e problemas evidentes, como na fala de Aníbal:

---

<sup>320</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Angola: Tradição, modernidade e Cultura política. In: REIS, Daniel Aarão; MATTOS, Hebe; OLIVEIRA, João Pacheco; MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes; RIDENTI, Marcelo (org). *Tradições e modernidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. P.130.

<sup>321</sup> Cabe destacar os trabalhos de Christine Messiant, Patrick Chabal, Nuno Santos Vidal, entre outros, utilizados ao longo da pesquisa.

<sup>322</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2010. P.130.

Mas os intelectuais tinham obrigação de se aperceberem deles desde o princípio e terem conseguido superá-los. No entanto, carregavam o pecado original, os privilégios do passado. E como todos os cristãos, tinham de se mortificar pelo pecado que carregavam dos antepassados. Tornaram-se intelectuais com vergonha de o ser. Não exerceram o seu papel de intelectuais, aqueles que mostram o caminho. Chegaram ao ponto de aceitar serem considerados por alguns ditos dirigentes como inimigos de classe por terem estudado mais que os outros. E batiam no peito, *mea culpa, mea culpa*. Quando os intelectuais se demitem, é evidente que a sociedade perde o norte, vai buscar outros valores, geralmente à mediocridade. Esse é o problema que estamos com ele.<sup>323</sup>

As “fronteiras” que existem em Angola aparecem nesse romance em uma perspectiva muito mais social e historicamente construída. Diferente de *Mayombe*, em *Geração da Utopia* a questão nacional não está muito além dos debates étnicos e raciais, também aparecem as fissuras internas a partir das divisões sociais construídas historicamente. Por outro lado, critica-se as escolhas que os novos dirigentes do país fizeram, apontando para as responsabilidades deles para conduzir o país após a independência, do mesmo modo, a renúncia dos intelectuais em liderar um movimento que pudesse levar a uma Angola menos desigual, principalmente ao acusar essa elite dos desvios políticos ao longo do caminho, ao não quererem abrir mão dos privilégios que também os teriam levado até esse nicho social. Assim, de diferentes formas, seus romances retratam as permanências indesejáveis do tempo colonial que ainda contribuem para as diferenças existentes no país. Mas, que por outro lado, também apontam para as responsabilidades dos angolanos que lideravam os movimentos nacionalistas.

Um nacional que ainda aparece fraturado como vimos, mesmo entre os membros do Estado. Escrito desde 1979 mas somente publicado em 1985, *O Cão e os Caluandas* é marcado por uma narrativa irônica, que traz um discurso em que se destacam as fraturas regionais e raciais ainda insistentes em Angola. Por meio de um personagem de

---

<sup>323</sup> PEPETELA. *Geração da Utopia*. Op. Cit. P.373.

origem do Catete, região de Angola em que nasceu Agostinho Neto, considerada por muitos como um espaço em que as ideias do MPLA tinham grande força, somos remetidos às permanências de algumas ideias que nos apontam para as diferenças ainda existentes no cotidiano dos indivíduos:

Desde que o colono bazou, passou ainda pouco tempo. Mas como querem que se ponha esta babilônia em ordem se aqui vivem malanjinhos, ilhéus, ambakas, umbundos, quiocos e até mesmo mulatos? Dos brancos já nem se fala, é uma confusão de brancos de vários cambiantes, angolanos (dizem!), suecos, franceses, soviéticos, brasileiros, cubanos, portugueses...nos kikongos que sonham tornar Luanda na nova capital do novo Reino do Kongo (julga que não lhe conheço os intentos?). E os lingalas então, os recentíssemos angolanos? Isto é uma Babilônia ingovernável, uma Torre de Babel. (...) De quem é a culpa? A gente não trabalha, dizem os não filhos da terra. Mas nós, os genuínos, sabemos que o problema reside na diversidade da população. Não é possível: malanjino com ambaka e bailundo não dá. Só servem para estragar, sujar, não são civilizados. Daí vem o drama todo. Se me deixassem, expulsava daqui todos os não genuínos, todos, esses é que empestam a cidade. Ia ver que num mês Luanda era uma cidade orgulho nosso.<sup>324</sup>

O destaque dado ao trecho acima tem novamente como objetivo problematizar alguns pontos fundamentais para compreendermos Angola após a independência. Primeiro, ao ressaltar que os preconceitos ainda existentes no país são narrados a partir de um personagem que se identifica com a tradição dos homens do Catete, o escritor permite novamente uma alusão às diferenças entre a teoria e a prática no pensamento político de pessoas próximas ao MPLA. Outra questão pertinente à passagem escolhida, aponta para o quanto o problema da construção de uma identidade nacional não esteve restrita à presença do colonizador, o grande problema residia ainda na diversidade linguística, étnica, regional e racial que não deixou de existir. Assim, as histórias propõem tornar visíveis as diferenças na vida cotidiana da população. A angolanidade do branco continua sendo constantemente contestada. Os angolanos “genuínos” seriam

---

<sup>324</sup> PEPETELA. O Cão e os Caluandas. Portugal: Dom Quixote, 2006. P. 18.

aqueles de pai e mãe angolanos, nascidos em Angola e a superioridade dos homens de Luanda é posta a partir de uma concepção de civilização de referenciais europeus. Os demais grupos, inclusive distantes do MPLA e, no caso dos Malanjinos, próximos à FNLA, têm a sua cidadania angolana questionada.

Dentro da mesma história do trecho acima, o narrador-personagem ainda evidencia o quanto a presença dos brancos e dos que antes eram tratados com privilégios ainda deviam vir acompanhados de desconfianças. Ao falar sobre o cão, que nos tempos coloniais eram utilizados pela polícia portuguesa, diz: “- E então? Estes cães serviam para guardar as casas dos colonos, não deixavam entrar nenhum bumbo que não fosse criado da casa. Mordiam os negros, rosnavam nos mulatos, lambiam as mãos dos brancos...”<sup>325</sup>. Em tom de ironia o escritor vai destacar a permanência dos conflitos, pois segundo o narrador, o Cão já teria o “vírus do ódio ao negro, da desconfiança ao mulato, do respeito ao branco”. Ou seja, não importavam as mudanças políticas que fossem feitas ou mesmo a educação que lhe fosse ofertada, o Cão iria “morrer racista”, pois “filho de cobra, é cobra”<sup>326</sup> afirma o narrador ao Malaquias que defendia que o fato de o Cão ter nascido após a independência o livraria dos preconceitos do colono.

Ou seja, uma série de fatores que contradizem a ideia de unidade nacional são apresentados como persistentes entre a sociedade. Chama ainda a atenção nesse romance o quanto os “homens do mato” serão constantemente retratados ao longo da narrativa como inferiores pelos personagens da cidade de Luanda: “Uns camponeses ignorantes que apanharam a boleia da independência para viver numa cidade, a confundirem ordem com burocracia...” e o funcionário de uma das repartições do governo continua: “Mas essa gente não percebe nada da arte de governar um país,

---

<sup>325</sup> Idem. P.20

<sup>326</sup> Idem. P.20.

pudera, a maior parte veio do mato agora e do Zaire...”<sup>327</sup>.

Nesse sentido, é notório o quanto as políticas coloniais se impuseram às novas relações sociais e de poder mesmo após a independência. Para Ricardo Soares, o fosso social existente entre a cidade e o mato na sociedade angolana, existente até hoje, ainda pode ser pensado a partir dos projetos de colonização e de desenvolvimento educacional, tecnológico e social implementados pelo colonizador. Essas políticas demarcaram não apenas “uma separação física entre as zonas rurais e as principais áreas colonizadas [...]; pois era um fosso cosmológico que encontrava equivalente na dicotomia bárbaro/civilizado”<sup>328</sup>, contribuindo para o desprezo pelo “africano ignorante”. Desse modo, a “modernidade colonial” ainda se fazia presente nas divisões sociais e nas cargas de preconceito existentes em Angola após a independência, conforme é denunciado nos romances de Pepetela.

Ao nos voltarmos para o período colonial, Luanda é claramente vista como uma cidade segregada, sobretudo, após a imigração de europeus a partir da Segunda Guerra Mundial. As tensões raciais e sociais, incentivadas pela política administrativa portuguesa intensificaram os preconceitos principalmente nos espaços de convivência, como cinemas, restaurantes e praias<sup>329</sup>. Essa estratificação social baseada em pressupostos de modernidade irá permanecer, como podemos encontrar nos romances de Pepetela escritos após a independência. A partir deles temos contato com uma narrativa sensível às “clivagens não só geográficas, mas sobretudo culturais”, em que as

---

<sup>327</sup> Idem. P. 12

<sup>328</sup> OLIVEIRA, Ricardo Soares de. *Magnífica e Miserável. Angola desde a Guerra Civil*. Lisboa: Tinta da China, 2015. P.29.

<sup>329</sup> No caso dos cinemas Washington Nascimento afirma que existiam salas para “civilizados” (brancos, crioulos e “novos assimilados”), que seriam localizadas em áreas nobres de Luanda e salas para os “não civilizados”, localizados em áreas mais periféricas da cidade. Além disso existiam também diferenças nos filmes exibidos. In.: NASCIMENTO, Washington. *Homens e Mulheres do mato em uma cidade segregada. No prelo*. Para mais sobre o assunto ver tese do mesmo autor: NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: Os “Novos Assimilados” em Luanda (1926 – 1961)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social – Universidade de São Paulo. 2013.



diferenças não se davam apenas entre europeus e os nativos, mas entre os próprios angolanos.<sup>330</sup>

Certamente os anos coloniais tiveram grande influência na vida social e cultural que estava em construção após a independência. Por mais que politicamente Angola tenha se tornado um país livre, as amarras culturais implantadas pelo colonizador ainda mantinham raízes mais difíceis de serem suplantadas. E são essas sensibilidades sociais que apenas a memória, a literatura e as artes de um modo geral podem realçar e trazer à baila as problematizações de uma época. Enquanto a história oficial do Estado ignorava essas diversidades e os preconceitos ainda existentes, os romances de Pepetela contribuíam para conhecermos a sociedade angolana dentro das suas complexidades.

Todavia, através da literatura de Pepetela aqui trabalhada, notamos que a partir de *O Cão e os Caluandas* as críticas à sociedade angolana após a independência não seriam somente restritas às heranças coloniais. Não era mais possível enxergar que os problemas angolanos enfrentados pela sociedade no estágio atual seriam derivados apenas do período colonial. O desejo de construção de uma nação socialista apresentava impeditivos claramente identificáveis entre os personagens construídos pelo autor. Por outro lado, se antes esse desejo de superação das contradições existentes entre a sociedade angolana levariam à construção de uma sociedade socialista, compreende-se que a partir dos romances aqui abordados já não há mais essa esperança, que virará utopia com a escrita do romance seguinte do autor: *Geração da Utopia*.

Desse modo, a partir dos sujeitos internos, Pepetela vai reconstruir uma série de histórias que têm como objetivo apontar para os desvios políticos-sociais do país. É a traição a um projeto de nação que não se daria somente entre as cúpulas do governo, embora tenham papel de destaque, mas entre os homens que se relacionam com o

---

<sup>330</sup> NASCIMENTO, Washington. Op. Cit. 2013.

Estado e mais, entre a sociedade. Assim, seus romances lançam luz para as permanências, ambiguidades, avanços e recuos na construção da nação angolana, compreendendo que não é um projeto acabado mas que se refaz no tempo e nos novos desafios após a independência.

É interessante ainda buscarmos compreender, a partir das leituras dos romances de Pepetela, o quanto o projeto de uma identidade nacional criada após a independência terá sucesso entre a sociedade. O MPLA inicialmente irá liderar um projeto nacionalista que terá como objetivo romper com todo o passado colonial, inaugurando um novo tempo, pautado ideologicamente pelo socialismo. A negação às tradições, retratadas como arcaicas e impeditivas para a construção de uma modernidade, constituíram um dos pilares do governo. Todavia, os efeitos dessas posturas entre a sociedade, vão realçar o quanto esse projeto conseguiu ser mobilizador na prática cotidiana.

Escrito em 1995, *Desejo de Kianda* retoma o tema a partir de um processo narrativo que se caracteriza em explorar as ambiguidades existentes entre um projeto de construção nacional liderado pelo Estado e o nível de aceitação entre a sociedade. Levando em consideração o contexto político do período, o retorno da guerra após as eleições e as disputas políticas entre os dois principais partidos (MPLA e UNITA), o romance traz reflexões acerca das divisões que ainda caracterizam a sociedade, fruto também de uma política colonial. A estória se desenvolve em torno de Carmina Cara de Cú, membro do MPLA, e seu marido, João Evangelista. A partir deles nos envolveremos com os debates do período que irão tangenciar as mudanças econômicas em Angola, assim como as políticas com a abertura para o multipartidarismo. Poderemos ver que rapidamente Carmina, militante ávida do partido, se acomodará com a economia socialista da mesma forma que, posteriormente, se renderá à abertura para o capitalismo, possibilitando novos meios de enriquecimento para CCC.

A todo tempo, ao longo do romance, aparecem demarcadas as estratificações sociais e econômicas existentes em Angola, que independente do modelo existente, continuam sendo impeditivos para a construção de uma identidade nacional. Assim, a partir dos personagens do romance, podemos nos ater às permanências de discursos que apontam para os desafios de construir uma sociedade igualitária e unida, característica de um projeto nacional revolucionário defendido anteriormente:

Começa a constar que alguns umbundu estão a ser perseguidos pelos populares. Alguns tiveram de abandonar as casas e fugir.

- Quê que esperavam? – disse Carmina.
- Os umbundu não votaram nos nossos inimigos? Agora vão sofrer.
- Nem todos votaram assim, os resultados estão aí para o provar. E eles são também povo, já esqueceste as lições antigas? – disse o marido. – É preciso sempre defender a unidade nacional, um só Povo, uma só Nação.
- São umbundu, deixaram de ser povo!
- (...)
- Eles não perseguiram os nossos, fossem os nossos kimbundu ou umbundu ou muíla ou kikongo?
- Pensava que nós éramos diferentes – falou Margarida pela primeira vez. Depois fez um ar de susto por ter irreflectidamente contrariado CCC.<sup>331</sup>

O trecho acima é um diálogo entre Carmina Cara de Cú (CCC) e seu marido, João Evangelista, umbundu<sup>332</sup> por parte de pai, mas por parte de mãe kimbundu e natural de Luanda, o que é significativo para a análise, pois veremos adiante o quanto o pertencimento a áreas mais urbanizadas afetou diretamente as escolhas políticas. Torna-se interessante nos atentarmos para o quanto o discurso pautado em uma nação coesa e harmônica é representado por Pepetela como volátil e frágil em meio aos próprios membros do MPLA. Carmina era dirigente do partido e em um momento de raiva nega a cidadania angolana aos umbundu, se afastando dos pressupostos nacionalistas pregados outrora. Essa posição da personagem se repete em outros momentos, em que

<sup>331</sup> PEPETELA. O Desejo de Kianda. Lisboa: Dom Quixote, 2005. P. 37.

<sup>332</sup> Língua bantu falada pelos ovimbundus, congregando cerca de 37% da população angolana.

por vezes, em lampejos de fúria, reafirma seus preconceitos e se distancia das ideologias que levaram o movimento ao poder político.

Ao nos voltarmos para o contexto histórico do período, não devemos ficar surpresos. Como vimos, os debates eleitorais de 1991 estiveram cercados por discursos étnicos, principalmente reforçados pela campanha da UNITA, que contava com uma base de apoio muito forte dos ovimbundus. Por outro lado, o MPLA buscava se afastar desses componentes étnicos e raciais que os limitavam politicamente, preferiram direcionar a sua campanha para a valorização da paz, da conciliação e dos debates. O tom utilizado era muito mais apaziguador, em uma clara demonstração de diálogo com uma sociedade que vinha cansada de um cenário de guerra.<sup>333</sup>A UNITA então mantinha um discurso de confronto e ameaçador que buscava garantir o eleitorado étnico.

O resultado das eleições, como sabemos, trouxe a vitória para o MPLA. Todavia, é fundamental conhecermos esse processo e as estratégias políticas utilizadas para podermos refletir posteriormente sobre a cultura política angolana que vinha se modificando. Ao nos voltarmos para a campanha eleitoral do MPLA notamos o quanto esta apresenta um grau maior de profissionalismo, utilizando, inclusive, os serviços de uma empresa de marketing brasileira<sup>334</sup>. Como estratégia, Bittencourt ressalta que houve a preocupação em escutar a sociedade angolana e montar a campanha a partir dos interesses que viessem à tona nas milhares de enquetes que foram propostas por entrevistadores contratados. Destaca-se no resultado o indício de uma Angola menos étnica e mais nacionalista.<sup>335</sup>Ainda sob essa perspectiva, os resultados oficiais das

---

<sup>333</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2008.

<sup>334</sup> Marcelo Bittencourt chama a atenção para a diversificação do quadro de profissionais envolvidos, entre eles jornalistas renomados, cientistas políticos e publicitários voltados para o *marketing* político. In.: BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2016.

<sup>335</sup> Algumas das perguntas das pesquisas: “‘Angola sempre foi governada por alguém do Norte. Está na hora de alguém do Sul ir para o governo de Angola?’ Responderam sim 13,2%, não 69,1% e não souberam ou não responderam 17,7%”; “A ‘Nação Umbundo’ sempre foi governada por outros angolanos. Está na hora da ‘Nação Umbundo’ ir para a presidência?” Responderam sim 17,4%, não

eleições também demonstraram que embora a questão étnica ainda fosse um fator fundamental para analisarmos a política angolana, ela não foi determinante, pois outros fatores como a vivência urbana comprovaram ser mais decisivos para a escolha dos candidatos.<sup>336</sup>

Ao compreendermos que a construção do nacionalismo angolano deve ser analisada a partir de dois momentos, o da luta de libertação nacional e o da afirmação de novas entidades políticas, é fundamental que nos atentemos para os diálogos existentes entre a construção do Estado e a formação de uma identidade nacional em Angola. Através dos romances aqui trabalhados, escritos após a independência, podemos ver o quanto o nacionalismo pode assumir posições de confronto com o Estado, mas também o quanto um ideal de nação pode ser trabalhado e concatenado em prol de uma unidade.

Ao longo das narrativas escolhidas para a pesquisa pudemos nos deparar com algumas questões que ainda aparecem como empecilhos à formação da nação. Temas como etnia, raça, regionalismo, assim como as disputas políticas ainda são muito presentes no pós-independência e ganham novos contornos com os debates entre os personagens. Um dos principais recursos discursivos de Pepetela em seus livros é o uso da polifonia, característica que lhe propicia debater um assunto a partir de diferentes perspectivas, enriquecendo as complexidades existentes em Angola. Essa possibilidade de enxergar a realidade traz novos questionamentos e as cisões internas aparecem acompanhadas de reflexões entre o narrador e os personagens.

Por mais que seja notório que a sociedade já nascia rachada com a

---

64,4% e não souberam ou não responderam 18,2%”. In.: BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2016. P.178.

<sup>336</sup> A UNITA recebeu a maior parte de seus votos das regiões do planalto central, leste e sudeste do país, mas perdeu votos consideráveis em regiões mais urbanizadas. E há de se considerar que 50 a 60% da população residia em área urbana naquele período. Para mais ver.: BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2016. P.187-188.

independência, visto a permanência de uma guerra civil em Angola<sup>337</sup>, os romances de Pepetela parecem se voltar mais para as fissuras dentro do *Estado-partido*, dentro do governo e das suas franjas, buscando as motivações internas que ruíam o projeto nacional almejado. O cenário da guerra quando aparece nos romances aqui analisados, levando em consideração as diferenças entre uma guerra anterior à 1992 e as novas características da guerra que irrompe após as eleições<sup>338</sup>, surge através da perspectiva do sofrimento, da destruição e de uma desumanização, em que a sociedade como um todo é vítima do conflito que separa famílias, arruína a vida dos jovens e rompe com as esperanças de uma nação livre e independente. Os debates políticos não aparecem, as diferenças entre a UNITA e o MPLA não fazem parte da narrativa das suas estórias. A escolha do escritor é problematizar o governo, a formação do Estado e as complexidades existentes. Seria muito mais uma crítica interna a partir de sujeitos que vivem ao redor da máquina burocrática do Estado e do MPLA, embora não haja nenhum questionamento sobre a legitimidade política do movimento ao assumir o poder a partir da independência, o que será melhor analisado no próximo capítulo.

Dessa forma, é interessante considerarmos o quanto o MPLA enquanto Estado buscou ignorar as clivagens sociais existentes em Angola, e com isso tolher as manifestações raciais, étnicas/ tribalistas e regionais, muitas vezes enquadrando-as como obscurantistas e ultrapassadas. Os debates sobre o que é ser nacional e que nação estava sendo formada eram cerceados e encobertos por uma narrativa oficial que privilegiava a noção de povo angolano, ignorando as particularidades e subjetividades

---

<sup>337</sup> Tanto o MPLA quanto a FNLA e a UNITA tiveram seus “contextos históricos construídos na vivência colonial. Uma vivência fragmentada entre regiões com lógicas sociais e econômicas muito distintas e que a ideia de construção da nação não seria capaz de superar”. Em: BITTENCOURT, Marcelo. Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola. In.: FERRERAS, Norberto O. (Org.) A questão nacional e as tradições nacional-estatistas no Brasil, América Latina e África. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

<sup>338</sup> Uma das grandes mudanças no cenário de guerra é a existência de conflitos urbanos no segundo momento, o que vai ser responsável pela aproximação da sociedade civil com as destruições causadas pela guerra: destruição de prédios, embates nas ruas, medo e caos em áreas centrais de Angola. In.: BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2008.

existentes.<sup>339</sup> Nesse sentido, é fundamental nos voltarmos para o modo como Pepetela aborda e representa essa relação do nacional em seus romances após a independência.

Ao nos voltarmos novamente para os personagens de Pepetela, percebemos o quanto as ideologias são manobradas com o objetivo de tirar proveito individual. Da mesma maneira, os laços de amizade também são firmados como facilitadores para o engrandecimento pessoal. Embora o MPLA buscasse negar o tradicional, a nomeação política muitas vezes ainda valorizava as proximidades regionais e tribais<sup>340</sup>. Esse cenário aparece claramente em *Predadores*. Escrito em 2005, a partir do romance, somos envolvidos em um cenário marcado pela corrupção e desvios de um projeto nacional que se perdeu ao longo do tempo. Nesse momento a política toma conta do espaço narrativo, e somente a partir de outros modelos políticos poderemos nos voltar para uma concepção nacional que agrupe mais do que divida, conforme as políticas do Estado tem feito nos últimos anos. O próximo capítulo se deterá mais sobre isso.

Portanto, entre as narrativas aqui analisadas podemos perceber as permanências de preconceitos regionais, étnicos e raciais que não condiziam com os pressupostos defendidos pelo Estado-partido. As limitações ao alcance das ideias nacionais totalizantes, assim como à influência socialista, esbarrava em culturas políticas muito arraigadas em Angola. Portanto, mesmo escritos vinte anos após a independência, dentro de um cenário de crítica da literatura aos desvios do regime político, os personagens de Pepetela continuam levantando questionamentos sobre quem seria angolano. Do mesmo modo, as diferenças existentes no território continuam sendo uma realidade, elas não foram apagadas com a independência.

As mudanças de diretrizes nacionais do MPLA a partir da década de 1990, que

---

<sup>339</sup> BITTENCOURT, Marcelo e NASCIMENTO, Augusto. Quatro décadas de independência: da cartilha ideológica às contingências políticas e sociais nos PALOP Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 797-814, set.-dez. 2016

<sup>340</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2010. p. 142.

deixavam de ser restritas às ideologias socialistas, trazem novas relações entre a sociedade e o Estado. O nacionalismo ainda continua sendo um elemento mobilizador que, por incrível que pareça, ganhou ainda mais força a partir do prolongamento da guerra civil.<sup>341</sup> Portanto, a partir destas problemáticas, tornou-se essencial debatermos de modo mais amplo o político nos romances de Pepetela. Nesse sentido, o próximo capítulo se volta para esse objetivo.

---

<sup>341</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2016.



## Capítulo 3

### Política e Sociedade nos romances de Pepetela

#### PARTE I

#### 3.1 Representações de poder em *Mayombe*: “Os homens serão prisioneiros das estruturas que terão criado”<sup>342</sup>

Eu sofri o colonialismo na carne. O meu pai foi morto pelos tugas. Como posso suportar ver pessoas que não sofreram agora mandarem em nós, até parece que sabem do que precisamos? É contra essa injustiça que temos de lutar: que sejam os verdadeiros filhos do povo, os genuínos, a tomar as coisas em mãos.<sup>343</sup>

A passagem destacada acima, referente ao romance *Mayombe*, em que o personagem “Milagre” assume a primeira pessoa da narrativa é fundamental para repensarmos o processo de criação do Estado em Angola a partir das disputas políticas internas que ocorriam ainda durante o período colonial e que se estenderam para o pós-independência. As controvérsias sobre o nacionalismo e a identidade angolana eram tecidas a partir de diferentes interesses entre os grupos que disputavam o poder político, que ao seu modo, a partir da desqualificação dos outros, se autoproclamavam como genuinamente angolanos. A política de favorecimentos, pautada por privilégios aos mais próximos, os casos de corrupção, as diferenças ideológicas e as disputas regionais também já se faziam presentes na luta anticolonial, por mais que ainda parecesse haver tempo de consertá-las e manter o sonho de uma sociedade mais igualitária e

---

<sup>342</sup> PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Leya, 2013.

<sup>343</sup> *Idem*. P. 47.

democrática pungente.

Escrito durante a guerrilha, mas publicado somente em 1980, período em que havia um discurso político de mobilização nacional a partir da defesa da construção de um *Homem Novo*, o livro traz ainda um debate enriquecedor sobre as fissuras étnica e racial que existiam dentro do MPLA mas também na sociedade angolana. À medida que a proposta do capítulo é abordar as relações de poder e de micropoderes que se construíram entre o Estado e a sociedade angolana no pós-independência através da leitura dos romances de Pepetela, é válido retomarmos estes temas. Ainda que analisadas no segundo capítulo, nota-se que as tensões de ordem étnica e racial permaneceram no âmbito político após a independência do país e contribuíram, de modo significativo, para a estruturação política de Angola, guiada pelo MPLA, que buscava se desvincular desses debates, diminuindo-os e tratando-os à margem. Afinal, conforme vimos, a tensão que cercava esse discurso contribuiu para o acirramento político entre os movimentos nacionalistas e para a mobilização da guerra civil, indissociável do processo de formação do Estado angolano pós-colonial.

Ao compreendermos que, assim como a nação, a construção de um Estado não deve ser vista como algo natural, mas sim como “artificialmente construída” e passível de disputas políticas, é fundamental nos debruçarmos sobre a formação do Estado angolano após a independência, assim como os principais atores envolvidos nesse processo, os limites desse novo estado, as permanências coloniais e o papel que o MPLA desempenhou na política do país. Como pudemos ver, o fim do colonialismo em Angola não trouxe a paz desejada, mas uma nova instabilidade política com um cenário de guerra entre os principais movimentos nacionalistas que disputavam o poder. É importante destacarmos o quanto as disputas étnicas, raciais, assim como os diferentes componentes sociais e econômicos, ainda criados sobre o jugo colonial permaneceram e

contribuíram para as fragilidades do Estado. Para Bittencourt, essa “incapacidade de unificar as forças nacionalistas” tem relação com os “contextos históricos construídos na vivência colonial”, fragmentada e desigual<sup>344</sup>.

Nesse sentido, devemos notar as tensões sociais que caracterizaram a formação do Estado após o processo de independência, pois as complexidades provindas das diferenças históricas dos grupos sociais que compunham a sociedade angolana, a partir de suas trajetórias e vivências em diferentes espaços sócio-culturais, contribuíram para a coexistência de diferentes projetos nacionais, conforme buscamos destacar no capítulo anterior. Diante disso, as disputas sobre o político também serão permeadas por conflitos que fizeram parte da formação do Estado angolano. Em recente pesquisa, Catarina Antunes propõe analisar como o MPLA se consolidou no governo, mesmo em meio a diferentes projetos políticos existentes, tanto internamente quanto pela oposição. Para isso, reflete sobre o caráter autoritário que o movimento passou a representar, à medida que constantes ameaças passaram a estar presentes. Todavia, para refletir sobre as contradições entre as relações políticas de Angola, se vale também de uma análise do Estado colonial para compreender as continuidades existentes no período pós-colonial, em que as diferenças permaneceram e abriram espaço para novos conflitos<sup>345</sup>.

Levando em consideração esses debates, a escolha por iniciar a análise sobre as relações de poder em Angola após a independência a partir de *Mayombe*, romance produzido durante a guerrilha travada em Cabinda em 1971, portanto escrito ainda durante o período colonial, justifica-se pelo debate sobre o político em Angola que já acompanha a obra. As reflexões, assim como as disputas travadas entre os guerrilheiros-personagens do livro apontam para a construção de uma realidade política que vai ser

---

<sup>344</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola. In.: FERRERAS, Norberto O. (Org.) A questão nacional e as tradições nacional-estatistas no Brasil, América Latina e África. Rio de Janeiro: FGV, 2015. P. 231.

<sup>345</sup> ANTUNES, Catarina. De como o poder se reproduz...Op. Cit. P. 67-69.

fundamental para compreendermos as relações que se estabelecem no pós-independência. Além disso, ainda devemos estar atentos às possíveis escritas e/ou reescritas que podem conter o livro, visto que sua publicação se deu apenas em 1980, um período de grande embate político entre os grupos que rivalizavam o poder no país. Conforme ressalta Fábio Baqueiro, em *Mayombe* serão trabalhados diversos temas delicados, em que o tom crítico é elevado, por mais que não possamos apontar para uma ruptura, pois a defesa de um projeto de reconstrução ainda pautado pelo MPLA é evidente. Em entrevista ao historiador, Adolfo Maria relembra que foi um dos primeiros leitores do romance:

Obrigatoriamente, fui. Fui porque éramos muito amigos, e eu fiz até a crítica dele, eu li o *Mayombe* escrito a máquina, que escrevia naquele tempo. [...]

E mais que esse *Mayombe*, ele quando foi pra o Leste deixou-me guardado. Quando cheguei a Luanda — [...] estávamos em campos opostos, mas nunca deixamos de ter relações — ele perguntou-me: “tu tens ainda? que o meu...perdi o meu”. E eu dei-o. [...]

E eu gostava de ter esse manuscrito, hoje — para comparar com aquilo que foi publicado. Porque li o *Mayombe*, este *Mayombe*, impresso, tem menos força do que o manuscrito que eu li. Nos conflitos de pessoas etc., nos conflitos d’alma, de espírito, [...] a trama era mais complicada e, digamos, a crítica do ambiente e do contexto era mais explícita. [...] Fiquei com a sensação, e depois disse: “que pena, se tivesse o manuscrito, podia comparar”. Mas pronto, ele foi lá buscar, e aquilo era dele, e eu dei. “Tu trouxeste? Tu guardaste?” — “Trouxe.” — “Ah!”. Pronto.<sup>346</sup>

A partir da entrevista surge um questionamento sobre as possíveis interferências externas que poderiam ter levado à uma reescrita ou uma readaptação de alguns momentos-chave do romance. De todo modo, como o escritor já ressaltou, as críticas políticas contidas nele partiam do ponto de vista de um militante que enxergava os problemas internos e apontava os defeitos e contradições existentes que deveriam

<sup>346</sup> MARIA, Adolfo, Entrevista concedida a Fabio Baqueiro Figueiredo, Lisboa, 9 fev. 2011.1 In.: BAQUEIRO, Fábio. Op. Cit. 2012.

receber maior atenção. A escolha por abordar alguns temas delicados da política angolana, que antecedem alguns dos conflitos políticos que se estabeleceram no país após a independência, geraram questionamentos, algumas vezes respondidos em entrevistas, as quais o escritor retoma a realidade dos países africanos vizinhos, cujo processo de independência não garantiu a estabilidade política, mas sim novas disputas pelo poder para justificar alguns temas abordados na obra. Em 2016 Pepetela esteve na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) a convite do Setor de Literaturas Africanas do Departamento de Letras Vernáculas da universidade. No encontro, após ser questionado sobre a crítica que já aparecia em *Mayombe* sobre a formação do Estado angolano no pós-independência, responde que seria fácil prever a burocratização do país ao levarmos em consideração a experiência dos países africanos de partido único, ainda mais que essa experiência era baseada na tradição dos países socialistas da Europa. Para Pepetela dentro daquele contexto de independências seria inviável uma saída política democrática.<sup>347</sup>

Todavia, não cabe aqui debater se determinado tema foi escrito em 1971 ou em 1980, mas sim compreender o impacto que uma obra como essa tem nas disputas sobre o político, assim como em que medida ela contribui para uma análise das relações de poder em Angola após a independência a partir da sua publicação. Através de *Mayombe* somos envolvidos em uma realidade política de denúncia às aproximações entre o “tribalismo” e as disputas de poder, assim como entre as questões étnicas e a política de favorecimentos já existente nas matas, o que será um dos principais problemas enfrentados posteriormente, daí a importância da análise. Essas questões aparecem como empecilhos à construção da nação, mas também ao fortalecimento do Estado. São críticas a um sistema político que já nasce deturpado, com conflitos internos que

---

<sup>347</sup> PEPETELA em palestra na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 21/06/2016.

ultrapassarão esse momento e estarão presentes nos anos 1980, alcançando ainda as disputas entre os movimentos.

Por outro lado, também podemos reconhecer o sentido didático da crítica e a defesa pela renovação interna do movimento à medida em que os opositores políticos do MPLA são desqualificados e a defesa da construção de um *Homem Novo* é ressaltada, conforme já analisado. Mas um dos debates que cabe aqui aprofundar e, para isso retomar o romance, é a preocupação já existente com o autoritarismo de um sistema político que aparece em alguns personagens, embora também seja evidente as reformulações internas propostas por Pepetela ao longo da narrativa, que deve ser pensada em diálogo com o momento da publicação, principalmente ao notarmos momentos reflexivos sobre a estrutura política do movimento a partir de passagens que aparentam uma referência a decisões políticas de caráter autoritário frente às dissidências políticas que no momento da publicação já eram uma realidade, como a Revolta do Leste (1972), a Revolta da Ativa (1974) e o Movimento Nitista (1977).

Em diversos momentos do romance, o político é amplamente debatido. Por algumas páginas somos envolvidos nas relações políticas dos militantes através de suas ambiguidades, anseios e contradições. A partir de um desentendimento surgido entre o Comandante Sem Medo, protagonista do livro e o Comissário Político, outro importante personagem e principal interlocutor de Sem Medo, as reflexões sobre o político são elevadas. Tudo inicia quando o Comissário chama a atenção do Comandante na frente dos demais guerrilheiros, provocando um mal-estar por romper os padrões de hierarquia e voltar-se contra a atitude de um superior. O pedido de desculpa do Comissário leva a uma série de debates, em que Sem Medo defende a liberdade para criticar, assim como a democratização do ambiente político:

- Os guerrilheiros devem habituar-se a ouvir os responsáveis criticarem-se e verem que isso não vai provocar problemas entre eles.

E o Comissário retruca:

- Foi um gesto impensado, está errado. As críticas devem ser feitas em reunião do Comando ou em privado. Foi assim que sempre se disse.

- Pois aí é que está o mal – disse Sem Medo. – As coisas passam-se entre os responsáveis. Se há roupa suja a lavar, é preciso que o militante não saiba, ela é levada na capelinha. (...) Como ensinas então os guerrilheiros a criticar e a ser sinceros, e a controlarem os responsáveis, se na prática não lhes dás exemplos?<sup>348</sup>

A comparação que Pepetela faz de um Partido a uma capela no decorrer do debate aponta para os silenciamentos que cercam as relações internas do MPLA. Nota-se a partir dessa passagem, a restrição às liberdades políticas, negando o direito à diferença, ao pluralismo e à democracia, deixando de respeitar inclusive o indivíduo. Essas práticas contribuíam para o fortalecimento de uma política autoritária e desigual. Essa referência aparecerá em outros momentos do romance, assim como também fará parte de *A Geração da Utopia*. Portanto, a “religiosidade” do projeto político propõe, nesse sentido, fazer referência à criação de um Partido ligado à uma verdade que se coloca absoluta e intolerante às diferenças.<sup>349</sup> Ao ser indagado sobre a constante relação da teoria socialista com a Igreja católica nos seus romances, Pepetela responde:

É muito curioso que a estrutura da Igreja Católica seja tão semelhante, embora com nomes diferentes, da estrutura dos Partidos Comunistas (o sínodo dos cardeais e o comité central, a infalibilidade do líder, os Concílios de um lado, os congressos do outro, etc.) Dá ideia que os partidos sociais-democratas do Século XIX se inspiraram nessa estrutura da Igreja. Claro que sobre a Verdade Única, ou Única Religião Verdadeira e a única teoria verdadeira da sociedade, caindo muitas vezes no totalitarismo e na intransigência mais fundamentalista, também existem similitudes estranhas. Marx tem uma frase (não a tenho presente por isso só posso dar a ideia e não a citação) em que se declarava fascinado pelo religioso que estava contido na política.<sup>350</sup>

<sup>348</sup> PEPETELA. Mayombe. Op. Cit. P.108

<sup>349</sup> MATA, Inocência. Ficção e História na Literatura Angolana. Op. Cit. P.267.

<sup>350</sup> PEPETELA. Entrevista concedida a Luara Pinto MInuzzi. Em *Navegações*. v. 10, n. 1, p. 84-96, jan.-jun. 2017.

Esses apontamentos refletem a falta de consenso acerca da teoria socialista dentre os membros do MPLA. Sempre houve uma tensão, que por vezes repercutiu em rompimentos e afastamentos entre os militantes do Movimento. Através dos romances de Pepetela podemos acompanhar as diferentes relações que se estabeleceram entre os homens do partido, assim como entre a sociedade e o socialismo, as representações dessas relações remontam a acomodações de interesses que foram ambíguas. Conforme esclarece Nuno Vidal, podemos identificar dentro do MPLA a existência de uma ala progressista socialista, liderada por homens públicos de grande importância para o Movimento, como Lúcio Lara, Carlos Dilowa, Iko Carreira e Antônio Jacinto, defensores de um socialismo marxista que exaltava uma posição ideológica revolucionária, e um outro grupo, com o qual disputavam espaço, que defendia uma política econômica mais flexível e, incrédulos ao socialismo marxista, defendiam “um sistema de liderança nacionalista” que estivesse em diálogo com a cultura e a tradição do país. Podemos destacar nessa última ala homens como Agostinho Mendes de Carvalho, Domingos Paiva da Silva e Manuel Pacavira. Essa bipolaridade institucional será muito bem articulada por Agostinho Neto que colocará em funcionamento “um sistema de gestão de equilíbrios do poder baseado na rotação de nomeações para as posições do topo no partido e Estado”.<sup>351</sup> Os interesses políticos do sistema ficavam assim assegurados e eram controlados por Neto de modo pragmático, formando um “carrossel patrimonial de posições”<sup>352</sup>. Destaca-se ainda o quanto essa divisão carrega consigo a questão racial. Enquanto o primeiro grupo era formado, sobretudo, por

---

<sup>351</sup> VIDAL, Nuno. O MPLA e a governação: entre internacionalismo progressista marxista e pragmatismo liberal-nacionalista. In.: Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v.42, n°3, p.815-854, set-dez, 2016.

<sup>352</sup> Idem.



brancos e mestiços e possuíam um grau de instrução educacional relativamente mais elevado, o segundo, era constituído por uma base negra M'bundu<sup>353</sup>.

Portanto, é interessante conhecermos esse cenário para compreendermos as disputas políticas que faziam parte da escrita de Pepetela. O escritor se coloca como defensor da liberdade, da igualdade e dos valores dos indivíduos, mas ao mesmo tempo era a favor de uma estrutura política socialista, que como já afirmou algumas vezes, se aproximaria de um socialismo utópico, pois era muito crítico ao modo como o socialismo foi erguido e defendido em outros estados africanos já independentes. Estava em jogo naquele momento as escolhas para o futuro político do país e as críticas à construção autoritária de um Partido de modelo único preocupava o escritor, que já aparentava inconformismo, inclusive ao reservar um destino final para *Sem Medo*, o herói de *Mayombe*. Por outro lado, nos chama a atenção o quanto Pepetela, enquanto agente do Estado angolano após a independência também contribuiu para o fortalecimento e legitimação do modelo político que se formou. Se as entrevistas, concedidas após a sua saída do Partido, apontam para o descontentamento frente a uma estrutura política autoritária e os seus romances publicados na década de 1980 apontavam para a inevitabilidade dessa realidade, causa estranheza a sua permanência no MPLA até 1982, inclusive, contribuindo diretamente no combate ao Movimento Nitista (1977).

Retomando *Mayombe*, a caracterização de um cenário político em que não há alternativas políticas é reafirmado. Os erros internos do Movimento são apontados, mas dentro de uma reflexão que distingue o MPLA como a única alternativa viável frente aos demais movimentos nacionalistas, presos às questões tribais e raciais. Para o escritor o processo de narrar a humanização do guerrilheiro e do dirigente, como

---

<sup>353</sup> Idem.

indivíduos que cometem erros e acertos parece fundamental para ampliar o debate sobre o político, embora apenas no aspecto interno do MPLA. Assim, defende o desenvolvimento de uma estrutura política e social mais democrática em que as diferenças poderiam abrir espaço para a formação de um ambiente político democrático em que as críticas seriam possíveis e ajudariam a construir uma sociedade mais inclusiva. Nesse mesmo debate Sem Medo continua: “- Vocês falam tanto das massas populares e querem esconder tudo ao povo”.<sup>354</sup> Ao referir-se sempre a “vocês” no início das suas frases, Sem Medo é questionado novamente pelo Comissário, que se incomoda por estar inserido nessa pluralidade. Mas o comandante rebate:

- Porque fazes realmente parte dum grupo: os futuros funcionários do Partido, os quadros superiores, que vão lançar a excomunicação sobre os heréticos como eu. “Vocês” representa todos os que não tem humor, que se tomam a sério e ostentam ares graves de ocasião para se darem importância.<sup>355</sup>

Em seguida, Sem Medo faz referência ao fim da guerra e passa a narrar como seria a partir do momento em que o MPLA, como partido vitorioso, entrasse no poder. Enquanto a oposição não fosse permitida, para a consolidação do processo de independência, Angola passaria a viver em uma ditadura, mas não do proletariado e sim de um “pequeno grupo de homens” que ficariam em uma linha tênue entre um poder que representasse o povo e as ambições humanas que poderiam falar mais alto e destruir o projeto político sonhado. A desilusão com esse grupo iria “ao constatar que na prática o socialismo não é obra dum dia ou da vontade de mil homens”, e aí novos desafios surgiriam para o Partido, que cada vez mais se veria obrigado a se fechar e perseguir àqueles que o criticavam:

---

<sup>354</sup> PEPETELA. Mayombe. Op. Cit. P.109

<sup>355</sup> Idem.

E como reagirão vocês? O povo está a ser agitado por elementos contrarrevolucionários! O que também será verdade, pois qualquer regime cria os seus elementos de oposição, há que prender os cabecilhas, há que fazer atenção às manobras do imperialismo, há que reforçar a polícia secreta, etc., etc. O dramático é que vocês terão razão. Objetivamente, será necessário apertar-se a vigilância no interior do Partido, aumentar a disciplina, fazer limpezas. Objetivamente é assim. Mas essas limpezas servirão de pretexto para que homens ambiciosos misturem contrarrevolucionários com aqueles que criticam a sua ambição e os seus erros. Da vigilância necessária no seio do Partido passar-se-á ao ambiente policial dentro do partido e toda a crítica será abafada no seu seio. O centralismo reforça-se, a democracia desaparece. O dramático é que não se pode escapar a isso...<sup>356</sup>

É interessante nessa passagem notarmos que à medida que o projeto político se consolida, presenciamos o afastamento de Sem Medo do grupo que constituirá os futuros dirigentes do país, conforme anuncia para o Comissário: “- A ti vejo-te claramente, como um quadro político. A mim, não me vejo. Talvez noutra país em luta...Quem sabe se na cadeia? Não me vejo em Angola independente”<sup>357</sup>. Para ele, “os quadros políticos do Movimento”<sup>358</sup> estariam ligados ao marxismo, do qual também se aproximava, mas também se distanciava por não concordar com “uma série de coisas que se dizem ou se impõem, em nome do marxismo”, por isso, considera-se um “anarquista, um sem-Partido, um renegado”<sup>359</sup>, que não terá espaço nos planos políticos do movimento. Essa “série de coisas” logo em seguida vem à tona, enquanto o personagem por alguns momentos se afasta da estrutura política de cariz autoritário que já é delineada durante a guerra e que se estabelecerá no pós-independência. Entre os diálogos que aparecem nesse determinado momento da narrativa, notamos as incertezas políticas quanto a posição socialista do MPLA, que para Sem Medo seria forçada:

Não chamemos socialismo a isso, porque não é forçosamente. Não chamemos Estado proletário, porque não é. Desmistifiquemos os

---

<sup>356</sup> Idem. P.111

<sup>357</sup> Idem. P.115

<sup>358</sup> Idem. P.110

<sup>359</sup> Idem.

nomes. Acabemos com o feiticismo dos rótulos. Democracia nada, porque não haverá democracia, haverá necessariamente, fatalmente, uma ditadura sobre o povo.<sup>360</sup>

A partir dessas passagens, podemos notar, já durante o momento da escrita de *Mayombe*, a sua desilusão com os rumos autoritários que tomava o MPLA, antecipando-se ao cenário político que estava por vir. Todavia, cabe destacarmos novamente a participação de Pepetela na estrutura governamental do MPLA que se instaurou após a independência, fazendo parte, inclusive, de um dos momentos mais repressores do regime. Se ao personagem de *Sem Medo* seria reservado um final que o manteria para sempre ao lado das ideias revolucionárias, afastando-o do sistema político que se instaurou, que para o escritor desembocaria em um sistema corrupto e autoritário, Pepetela, conforme vimos no primeiro capítulo, vai atuar no Estado até 1982.

Ao nos voltarmos novamente para os debates político-ideológicos travados nesse momento, podemos notar as incertezas e ambiguidades já presentes no interior do Movimento, inclusive pelas suas lideranças. O MPLA, pautado por um discurso integracionista e globalizante, era reconhecido antes da independência pela defesa do nacionalismo, em uma narrativa ampla que tinha em comum a luta pela independência e pela construção de uma nação pluricultural. Nesse sentido, negava as diferenças raciais e étnicas que poderiam ser impeditivas para o seu objetivo. Todavia, por mais que o programa do Movimento pudesse ser visto sob a ótica do “nacionalismo revolucionário” como ressalta Mabeko-Tali, ao reconhecermos o desejo de “transformar profundamente as estruturas econômicas e sociais criadas pelo sistema colonial”, não devemos esquecer a grande diversidade de pessoas e ideias que compõem o MPLA, cada qual com uma visão diferente sobre o futuro da sociedade angolana.<sup>361</sup> Portanto, a defesa de uma estrutura política marxista-leninista não era uma unanimidade.

---

<sup>360</sup> Idem. P.113

<sup>361</sup> MABEKO-TALI, Jean-Michel.p.152-160.

É certo que muitos dos quadros-políticos do MPLA se colocaram ao lado do marxismo, mas dentro de um contexto internacional de Guerra Fria que não deve ser diminuído. No momento da guerrilha, essa relação era ainda mais modesta, construída entre aproximações e distanciamentos de acordo com os interesses políticos em jogo. Além do mais, o programa político do MPLA nunca foi claro, como podemos notar em algumas entrevistas e discursos de Agostinho Neto. Ao ser questionado sobre a opção ideológica do MPLA, Neto responde:

Há descrições esquemáticas, utilizadas para classificar os movimentos como comunistas, socialistas, etc. Mas nós pensamos que, no nosso movimento, essa classificação não é possível na fase actual. Para um simples partido, isso é possível, mas quando um movimento é constituído por povos politicamente e ideologicamente diferentes não é possível, por exemplo dizer que ele é comunista [...]. No que respeita à organização económica, dizemos que o povo angolano deve ser senhor das riquezas do nosso país, que são precisos salários justos para evitar a exploração dos trabalhadores, etc. é o que normalmente se designa por socialista. É o socialismo, porque nós não temos a intenção de permitir que alguém, angolano ou estrangeiro, explore o nosso povo.<sup>362</sup>

Declarações como essa foram sucessivas até a adoção do marxismo-leninismo pelo Partido em 1977. Até então, tanto Agostinho Neto quanto outros camaradas seus buscavam se desvincular dos rótulos que lhe eram atribuídos pelos opositores políticos. Assim, quando Pepetela aborda esse debate em seu romance, ele contribui para refletirmos sobre as complexidades das culturas políticas que vigoravam naquele momento. Através de diferentes personagens aparecem as contradições e ambiguidades que formariam a estrutura política do MPLA no pós-independência. Sem Medo quer evitar rótulos enfatizados por outros, inclusive quando não contribuem para o fortalecimento da guerrilha. A partir dele também aparece a crítica sobre a natureza socialista do Movimento, que para o escritor é frágil e “populista”, pois as desigualdades sociais se manteriam enquanto o povo ainda fosse colocado à margem do

---

<sup>362</sup> NETO, Agostinho. In.: MABEKO-Tali. Op. Cit. P.154-155.

poder político, e a experiência de outros movimentos revolucionários africanos lhe levavam a crer que o rumo da política em Angola estava indo pelo mesmo caminho. Neste momento, percebemos o quanto a escrita de *Mayombe* já evidenciava um descrédito quanto aos rumos do MPLA, por mais que Pepetela não tenha rompido com o Movimento junto com os que participaram da Revolta do Leste e da Revolta Ativa. Ao ser perguntado por mim quando começou a notar que o projeto de independência no qual acreditava começou a virar utopia, respondeu:

Nunca achei nem foi uma utopia, por isso conquistámos a independência. Mas o projecto de muitos não era só isso, também era o de criar uma sociedade mais justa, e isso ainda não foi alcançado. O meu livro "Mayombe", escrito em 1970-71 mostra que eu já começava a moderar essa esperança.<sup>363</sup>

Em um dos diálogos entre Sem Medo e o Comissário, o Comandante declara que a ditadura talvez seja necessária, não se sabe, mas não consegue pensar em outra via, por mais que essa não seja a ideal e em seguida diz: “Sejamos sinceros conosco próprios. Não vamos chegar aos cem por cento, vamos ficar nos cinquenta. Por que então dizer ao povo que vamos até os cem por cento?” Essa posição assumida por Pepetela já demonstra o quanto o sonho de uma sociedade totalmente livre vai ficando pelo caminho, pelos anos de guerrilha.

Nesse sentido, o sistema político angolano nascia sem um debate preciso sobre “democracia” e “poder popular”, uma das principais reivindicações das oposições políticas que surgiram em 1974, “que acusavam de traição os princípios democráticos” ao enfatizarem o autoritarismo e a concentração de poder nas mãos de Neto. E como podemos perceber, esses debates já são ecoados em *Mayombe*, através das falas de Sem Medo. Certamente é um momento de intensa reflexão sobre os rumos políticos do movimento e podemos notar, nas páginas do romance, o quanto Pepetela participa e

---

<sup>363</sup> PEPETELA. Entrevista concedida a Carolina Bezerra Machado por correio eletrônico em 25/07/2017.

contribui para esse debate, já existente no início da década de 1970 e acirrado nos anos 1980, quando o socialismo não é mais visto como a melhor solução.

Sem Medo é descrito como o grande herói de *Mayombe* a partir de uma escolha narrativa próxima a que será utilizada para heroicizar o personagem Aníbal em *A Geração da Utopia*, ou seja, a heroicização ocorre à medida que são colocados à margem do processo político que se estabelece durante e após a guerra. Quando se autodenomina “herético”, podemos notar as dificuldades que Sem Medo teria em fazer parte do aparelho político e da burocracia estatal, que embora achasse necessário para a afirmação do Movimento, não se reconhecia dentro dessa engrenagem, o que o aproximaria de um personagem utópico, mais desenvolvido por Pepetela através de Aníbal. Como afirma Alexandra Santos, presenciamos a “impossibilidade de coexistência do aparelho do poder com o individualismo e o espírito crítico personificados em Sem Medo”<sup>364</sup>. Possivelmente, se permanecesse vivo até a tomada do poder pelo MPLA, seria afastado do governo, rompendo com esse a partir de algum movimento de oposição ou mesmo tendo o seu destino próximo do personagem Aníbal de *A Geração da Utopia*.

Dentro desse debate, é interessante notarmos o quanto Sem Medo se recusa a ser “dogmático”, no sentido estrito do termo, ao abrir-se para questionamentos e incertezas e negar a verdade absoluta das coisas. Para ele, a definição de dogmatismo está em ser

Rígido na sua concepção da disciplina, não vê as condições existentes, quer aplicar o esquema tal como o aprendeu. A isso chamo dogmático, penso que é a verdadeira acepção da palavra. A sua verdade é absoluta e toda feita, recusa-se a pô-la em dúvida, mesmo que fosse para discutir e a reforçar em seguida, com os dados da prática. Como os católicos que recusam pôr em dúvida Deus, porque isso poderia perturbá-los.<sup>365</sup>

Ao nos voltarmos para essa passagem, torna-se compreensível a distância que

---

<sup>364</sup> SANTOS, Alexandra. Op. Cit. P. 84

<sup>365</sup> PEPETELA. *Mayombe*. Op. Cit. P.159.

Sem Medo tomará do poder político que para ele se estabelecerá após a independência. Pois não haverá espaço para a oposição, para as críticas e as dúvidas. Viver nesse estado seria inviável para o personagem que se define como um libertário, por vezes se aproximando do anarquismo e em outras flertando com o comunismo. Por isso, vai criando novas concepções políticas que o guiam, que não necessariamente se enquadram nos rótulos já dados. Um dos exemplos é como o escritor define o que é ser comunista, dentro de uma perspectiva de liberdade. Ao caracterizar um amigo seu francês, de acordo com Sem Medo, um “verdadeiro libertino”, o termo comunista era apropriado, mas não no “sentido clássico, ortodoxo, da palavra, mas no meu sentido”<sup>366</sup>. E Ondina, uma personagem fundamental para a narrativa<sup>367</sup> lhe pergunta:

- No de que as mulheres são coletivas?
- Que ideias são essas? Isso é propaganda católica anticomunista. Para ele, toda a mulher devia ser livre de o aceitar ou de o recusar, assim como ele era livre de desejar ou não qualquer mulher. Só isso. E se houvesse consequências, cada um era livre de as aguentar. Era um comunista, não no sentido de que as mulheres são coletivas, mas no de que são tão livres como os homens livres.<sup>368</sup>

Podemos notar que através desses debates novas percepções sobre a sociedade angolana se abrem. Sem Medo, enquanto personagem, se recusa a fazer parte do projeto de uma sociedade que seja desigual, tanto entre homens e mulheres, quanto entre outras barreiras que delimitariam e enquadrariam o homem, como o fator racial ou/e étnico. Essa posição tenderia a levá-lo ao afastamento do MPLA após a independência, pois a perda de alguns valores iniciais para a permanência no poder seria inevitável, e o personagem do início ao fim está ciente desse movimento, conforme esclarece uma

---

<sup>366</sup> Idem. P.192

<sup>367</sup> Cabe destacar que a construção da personagem Ondina mereceria uma análise mais aprofundada, que infelizmente não poderemos desenvolver nessa pesquisa. Através dela somos envolvidos por novas temáticas que possibilitam o questionamento do papel da mulher dentro do processo das lutas de libertação, assim como as construções de Pepetela sobre o papel da mulher e seus ideais de liberdade que iriam de encontro aos tabus da sociedade e à moral individual, pautada pela moralidade social que diferencia homens e mulheres em seus prazeres e deveres.

<sup>368</sup> PEPETELA. Mayombe. Op. Cit. P.192-193.



passagem já ao final do livro. Em diálogo com Mundo Novo, um dos guerrilheiros, Sem Medo afirma:

Tu és o tipo do aparelho, um dos que vai instalar o Partido único e onipotente em Angola. Eu sou o tipo cujo papel histórico termina quando ganharmos a guerra. Mas o meu objetivo é o mesmo que o teu. E sei que, para atingir o meu objetivo, é necessária uma fase intermediária. Tipos como tu são os que preencherão essa fase intermediária. Por isso, acho que fiz bem em apoiar o teu nome. Um dia, em Angola, já não haverá necessidade de aparelhos rígidos, é esse o meu objetivo. Mas não chegarei até lá.<sup>369</sup>

Os romances de Pepetela caracterizam-se por manterem esse fio de esperança e otimismo ao final, o que podemos perceber em *Mayombe* através do trecho destacado. Por mais que o escritor aponte os problemas internos que já se apresentam como uma barreira para o ideal de sociedade defendida por ele, principalmente à medida que defende o homem em sua individualidade ao reconhecer os guerrilheiros como “um conjunto de seres diferentes, individuais, cada um com as suas razões subjetivas de lutar e que, aliás, se comportam como tal”. Essa posição coloca em evidência as contradições e ambiguidades existentes entre Sem Medo e o MPLA, pois para ele também nasce um homem novo quando “um jovem decide construir-se uma personalidade, mesmo que isso politicamente signifique um individualismo” e na prática vá de encontro com o projeto de uma sociedade socialista. Por essa posição, Sem Medo diz que não pode pertencer a um aparelho de Estado, pois isso o limitaria.

Por outro lado, ao mesmo tempo, Pepetela, entre a voz narrativa de seus personagens, também defende e exalta o surgimento de um *Homem Novo* nos princípios que destaca o MPLA. Ao narrar uma ação que ocorreu sob o apoio de um grande número de homens, o Comandante Sem Medo afirma:

É por isso que faço confiança nos angolanos. São uns confucionistas, mas todos esquecem as makas e os rancores para salvar um companheiro em perigo. É esse o mérito do Movimento, ter

---

<sup>369</sup> Idem. P.227.

conseguido o milagre de começar a transformar os homens. Mais uma geração e o angolano será um homem novo. O que é preciso é ação.<sup>370</sup>

Esse grau de solidariedade que para o Comandante seria inato aos angolanos é o que colocaria fim às diferenças que seriam um impeditivo para a construção de uma nação e de um Estado angolano após a independência. Portanto, se no segundo capítulo abordamos a importância dos fatores étnicos e “tribais” para a construção de um projeto nacionalista, cabe aqui voltarmos a essa temática para compreendermos o quanto a defesa de um projeto nacional defendido nas páginas de *Mayombe* estava concatenado ao projeto de poder do MPLA. Nesse sentido, como nos chama a atenção Alexandra Santos, o adjetivo “tribal”, utilizado ao longo de toda a obra, para caracterizar a existência de diversos grupos sociais em Angola busca desqualificar e desvalorizar as diferenças existentes ao “sugerir uma forma primitiva e rudimentar de organização social”<sup>371</sup>. Em diálogo com essa interpretação Sem Medo, personagem principal e o grande herói do romance, se mantém afastado desses debates étnicos que eram frequentes entre os guerrilheiros.

Ao nos voltarmos para a história narrada do militante André, podemos perceber o grau de distanciamento e aproximação com os debates políticos frequentes do período. André era um dos responsáveis da base militar da guerrilha e de origem kikongo, ao contrário de Ondina, com quem teve um caso, que era namorada do Comissário político, um quimbundo. Essas características não seriam importantes para Sem Medo, todavia, os conflitos que a origem étnica ainda geravam no interior do movimento fazia-o refletir sobre esse caso. André já não era muito bem quisto pela grande maioria dos guerrilheiros, pois era o responsável pela comida que andava em falta, e além disso, é através dele que também conhecemos os favorecimentos já existentes entre os

---

<sup>370</sup> Idem. P.203

<sup>371</sup> SANTOS, Alexandra. Op. Cit. p.61

militantes, pois era de conhecimento que ele dava dinheiro às escondidas a homens próximos seus quando chegavam a Dolosie. Portanto, é justamente por ser um personagem com caráter duvidoso que este se aproxima e se identifica com as questões tribais, com as diferenças de classe e com a permanência do clientelismo na política atual:

A plebe é toda igual, não merece confiança, o responsável para ela só vale enquanto lhe pode trazer benefícios. Por isso o meu pai, que era soba, gastava tanto dinheiro a distribuir pelos seus homens. Ele bem sabia que se não o fizesse perderia a força. O meu erro foi esquecer esses ensinamentos elementares.

No fundo, no fundo, quem se vai tramar é o Sem medo. Eu irei para outro sítio onde subirei na mesma: há tal falta de quadros que quem tem um olho é rei. Ele ficará aqui com todos os problemas, agora agravados. Sem Medo é apenas um lobinho, eu sou um lobo experimentado, sei o que digo.<sup>372</sup>

A passagem acima se refere ao momento em que André é pego pelos outros militantes para ser julgado contra o seu crime de traição por ter se deitado com a mulher do Comissário. Percebemos a partir da sua fala que independente do modelo político que se estabeleça em Angola, homens como o André sempre terão espaço e privilégios, mantendo-se no poder político. São essas constatações que levarão Sem Medo a se afastar, paulatinamente, colocando-se como um utópico diante da inevitabilidade política, inclusive pelo fato de a corrupção ser narrada como um problema que atinge todos os homens:

Os traidores impediram a luta de crescer. Traidores de todos os lados. É mentira dizer que são os kikongos ou os quimbundos ou os umbundos ou os mulatos que são os traidores. Eu vi-os de todas as línguas e cores. Eu vi os nossos próprios patrícios que tinham roças quererem aproveitar para aumentar as roças. E alguns colaboraram com a Pide.<sup>373</sup>

Além disso, dentro desse quadro político traçado por Pepetela, notamos também o desfavorecimento de outros grupos que estavam envolvidos na guerrilha pela independência, como a UPA e a FNLA, ligadas às concepções étnicas e por isso

<sup>372</sup> PEPETELA. Mayombe. Op. Cit. P. 170-171.

<sup>373</sup> PEPETELA. Mayombe. Op. Cit. P.185.

diminuídas na disputa política. O MPLA aparece ao longo do livro como um movimento de todos, enquanto a UPA aparece apenas ligada ao massacre de 1961, como um grupo desorganizado e primitivo. Quando um dos militantes, o chefe das operações, é chamado à narrativa, este apresenta-se como um filho de camponês em comparação a Sem Medo e ao Comissário, intelectuais que lhe trouxeram o “sentido das palavras” sobre os ataques às roças de colonos do quais participou. Através do distanciamento e do conhecimento, agora ao lado do MPLA, o Chefe de Operações afirma:

Vim para o congo e no MPLA aprendi a fazer a guerra, uma guerra com organização. Também aprendi a ler. Aprendi sobretudo que o que fizemos em 1961, cortando cabeças de brancos, mestiços, assimilados e umbundus, era talvez justo nesse momento. Mas hoje não pode servir de orgulho pra ninguém. Era uma necessidade histórica, como diz o Comissário Político. Percebo o sentido das palavras, ele tem razão, nisso ele tem razão.<sup>374</sup>

Nesse sentido, temos a legitimação do Movimento do MPLA, exaltado através das páginas de *Mayombe* como o grande guia para uma Angola independente. Por mais que os problemas existissem, como a política de favorecimentos, as disputas entre os intelectuais, assim como o acirramento entre o homem urbano e o camponês, e alguns deles ainda pudessem persistir no pós-independência, seguir o MPLA é visto como o único caminho possível. A luta contra o colonizador deve ser indissociável desse projeto. Por isso, Alexandra Santos defende que “todo discurso de Sem Medo é atravessado pela incapacidade de imaginar futuros alternativos, como se não houvesse qualquer opção quanto à imposição de um regime autoritário em Angola”<sup>375</sup>.

É interessante ainda notarmos o quanto esse discurso está amparado em um debate mais amplo, que aponta para as aproximações complexas entre a sociedade e o estado no pós-colonial. Ao afirmar que o avanço da independência implicava na “concentração da autoridade e não na dissipação das forças”, renegando uma ideologia

---

<sup>374</sup> Idem. P.209.

<sup>375</sup> SANTOS, Alexandra. Op. Cit. P.101.

democrática, Augusto Nascimento, em análise às relações políticas em São Tomé e Príncipe após a independência do país, chama a atenção para a difusão de ideias desculpabilizantes para justificar as novas formas de dominação que foram impostas pelos partidos dentro de um sistema monopartidário. Inclusive, a abstenção de alguns intelectuais nesse debate contribuíram para reduzir o político, pois o desenvolvimento e modernização do Estado estariam necessariamente ligados às práticas autoritárias diante de um momento histórico delicado em que o principal inimigo continuava a ser o outro, ora representado pelo colonizador e quando convinha, representado pelas outras frentes nacionalistas opositoras.<sup>376</sup>

Através dos discursos presentes nas narrativas de Pepetela podemos conhecer um pouco as tensões que cercam os debates políticos do período em que os romances foram escritos. Em *Mayombe*, o intelectual ainda muito próximo do MPLA legitima as escolhas políticas do movimento, que seriam para ele restritas visto as necessidades impostas pelo período histórico. Todavia, se em *O Cão e os Caluandas* já avistamos uma narrativa que denuncia os casos de corrupção e clientelismo que se instalou como modelo político no país, é a partir de *Geração da Utopia* que fica claro o quanto o projeto político sonhado nos tempos de guerrilha não é mais uma via possível dentro de uma estrutura política que já foi arruinada. Mas é interessante ainda notarmos o quanto Pepetela recria esse panorama político, mostrando a cobiça de homens predadores, mas também a permanência da utopia em alguns personagens que aparecem cada vez mais distantes do regime político que se estabeleceu no pós-independência.

Cabe ainda sublinhar o quanto o Estado no período de *Mayombe* é o Estado colonial e como podemos já observar que em meio ao caos da guerrilha já se desenvolvem micropolíticas autônomas ao poder desse Estado, que tem a ver com uma

---

<sup>376</sup> NASCIMENTO, Augusto. São Tomé e Príncipe: a independência ou o parto do autoritarismo. In.: ROLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha. (orgs.) A Construção social dos regimes autoritários. Vol.3 África e Ásia. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010. P.160.

lógica interna própria, a partir de fatores que movem o político na sociedade angolana e vão contribuir para as complexidades que cercaram a formação do estado pós-colonial.

### **3.2 Relações de poder em Angola: um debate historiográfico**

Ao nos voltarmos para a estrutura política que moldou o Estado angolano após a independência, não podemos falar que houve uma ruptura de fato com o Estado colonial, pois ela apresenta-se em diálogo com uma “história de invasão, ocupação e desenvolvimento de um modelo de dominação”<sup>377</sup> que marcou Angola. Por isso, a análise da formação do Estado angolano pós-colonial deve ser cuidadosamente discutida, já que ela passa pelo fortalecimento de uma estrutura de poder única, agora centralizada no MPLA, que passou a controlar tanto as relações com a sociedade angolana, quanto o aparecimento de determinados grupos em seu interior que se colocaram como intermediários no acesso à riqueza e ao poder político. Podemos assim, notar o quanto a estrutura administrativa centralizada e burocrática do período colonial permaneceu e ainda se intensificou com o modelo político-socialista de organização do Estado, que por mais que tenha chegado ao fim no início dos anos 1990, com a abertura para o multipartidarismo, manteve as características de uma política centralizadora, em que o MPLA continuava detendo o controle do Estado e dos seus recursos. A estrutura política hegemônica do partido persistia, mantendo a capacidade de se adequar a diferentes modelos político-ideológicos.<sup>378</sup>

Se logo após a independência havia a defesa da criação de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática, aos poucos, a política passava a ser vista como

---

<sup>377</sup> SANTOS, Daniel dos. A formação do Estado angolano na época da globalização. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*. n. 1 (2. sem. 95). —Niterói: EdUFF, 1995.

<sup>378</sup> VIDAL, Nuno. Processo de transição para o multipartidarismo em Angola...Op. Cit. 2006. p.55.

sinônimo de propriedade daqueles que a controlavam.<sup>379</sup> Para Patrick Chabal, as mudanças ocorridas no regime de Estado angolano “fracassaram em produzir uma transformação sistêmica que reforçasse a institucionalização”, da mesma forma que não possibilitaram um desenvolvimento democrático que pudesse dar espaço para o reconhecimento da sociedade civil. Esta sempre esteve atrelada às benesses do Estado, em torno de um modelo clientelista que deriva do regime patrimonialista, em que “os governantes controlam os recursos do país e deles dispõem de forma a garantir a legitimidade e o apoio necessário para permanecerem no poder”<sup>380</sup>

Portanto, esse modelo político, que por vezes se aproxima do que Chabal denominou de “desordem do sistema político” não é fortuito, há uma racionalidade em construir essa lógica política em diálogo com os interesses dos setores que governam e que fazem das relações políticas instrumentos para o engrandecimento pessoal. Transforma-se ao poucos o público em bens privados.<sup>381</sup>

Nesse sentido, devemos nos debruçar também sobre as ligações existentes entre a história política pré-colonial, colonial e pós-colonial, reconhecendo a historicidade da política africana. Por mais que o colonialismo tenha ocasionado uma grande mudança na estrutura social e política do continente, não podemos considerá-lo como uma ruptura “radical” de sua história. Nos voltariamos, nesse sentido, para a “africanização da política”<sup>382</sup>, sensibilizando-nos para uma reflexão sobre a política na África independente a partir do ponto de vista do africano.

A partir destas considerações, o político será analisado a partir de uma

---

<sup>379</sup> SANTOS, Daniel dos. A formação do Estado angolano na época da globalização. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*. n. 1 (2. sem. 95). —Niterói: EdUFF, 1995.

<sup>380</sup> CHABAL, Patrick. In Vidal, Nuno & Pinto de Andrade, Justino *Sociedade Civil e Política em Angola, enquadramento regional e internacional*, (Luanda & Lisboa: Universidade de Coimbra & Univ Católica de Angola, 1ª edição, 2008; 2ª ed. 2009), p.XXI-XXXIII.

<sup>381</sup> CHABAL. Las políticas de violência. In: *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, Núm. 6 Abril de 2007, UAM-AEDRI. P.7.

<sup>382</sup> Idem.

perspectiva que compreende que as relações de poder não se reproduzem apenas de cima para baixo, mas também são construídas em meio as relações individuais existentes na sociedade angolana, que longe de serem vistas apenas como passivas, devem ser trabalhadas em sua complexidade com o Estado, à medida que se aproximam e se distanciam do aparelho burocrático. Essa análise se torna ainda mais rica ao nos voltarmos para as representações políticas construídas por Pepetela, que levam em consideração os valores e costumes compartilhados no interior da sociedade angolana. Através da leitura dos romances do autor, podemos perceber o quanto, de diferentes formas, são representadas as submissões mas também as autonomias interpostas na sociedade diariamente, que em diferentes escalas formam um conjunto complexo das relações entre a sociedade e o Estado.

Parte-se do pressuposto que Pepetela representa em seus romances as relações autoritárias e patrimoniais do Estado, forjadas também entre as relações cotidianas, embora seja interessante refletir até que ponto esse Estado consegue controlar e limitar essa multiplicidade de relações. Através dos seus livros vivenciamos a passagem de um Estado revolucionário para um Estado neopatrimonial e futuramente um Estado predador<sup>383</sup>. De acordo com Jean François Médart, um Estado é considerado predador se, ao se alimentar da sociedade, não faz os serviços suficientes para justificar a sua existência, ele apenas se apropria da sociedade. Essa seria a evolução de um Estado neopatrimonial, cujo os interesses particulares não são separados dos bens públicos, e a corrupção derivada desse modelo político estaria ligada às práticas clientelistas e de nepotismo. O Estado seria “sequestrado, subvertido, colonizado por dentro, por seus agentes”<sup>384</sup>.

---

<sup>383</sup> Médart, Jean François. L'État patrimonialisé. P.29.

<sup>384</sup> Idem.



Embora o conceito de cultura política seja polêmico para as ciências humanas desde a década de 1960<sup>385</sup>, Serge Berstein e Jean François Sirinelli a partir da década de 1980 trazem reflexões e novos significados para o conceito, ao buscar identificar dentro de uma nação a diversidade de culturas políticas presentes, e como que elas disputariam e integrariam um mesmo espaço. Longe de ser um fenômeno determinado, a cultura política é:

“(...) apenas um dos elementos da cultura de uma dada sociedade, o que diz respeito aos fenômenos políticos. Mas, ao mesmo tempo, revela um dos interesses mais importantes da história cultural, o de compreender as motivações dos actos dos homens num momento da sua história, por referência ao sistema de valores, de normas, de crenças que partilham, em função da sua leitura do passado, das suas aspirações para o futuro, das suas representações da sociedade, do lugar que nele têm e da imagem que têm da felicidade”<sup>386</sup>

Nesse sentido, é válido refletir como há nos romances do escritor uma rede interdiscursiva que dialoga com uma concepção política nacional existente que critica os desvios do socialismo pelo Estado. Mas também notam-se as ambivalências e contradições que circulam a relação dos indivíduos e também do próprio escritor com o MPLA. Como destaca Silvío Carvalho, os livros de Pepetela abordam as demandas e alterações que o governo sofreu ao longo dos anos, destacando-se também algumas estruturas políticas que permaneceram e se adequaram à sociedade. “Alguns conteúdos

---

<sup>385</sup>O conceito de cultura política foi primeiramente definido pelas ciências sociais, que a partir de 1960 construíram três modelos : o paroquial (estrutura política tradicional entre dominados e dominantes), o de sujeição (composta por Estados autoritários) e o participativo (modelo democrático), sendo este último o ideal de sociedade. As ciências sociais receberam muitas críticas, principalmente, por seu modelo ser considerado por muitos como evolucionista, etapista e por não considerar as classes sociais como sujeitos, críticas que vieram desde sua própria área, até chegar à história com a definição mais aceita – Serge Berstein - que conhecemos hoje.

<sup>386</sup>BERSTEIN, Serge. A cultura política. In.: SIRINELLI, Jean François e RIOUX, Jean Pierre. *Para uma história cultural*. Lisboa: editorial Estampa, 1998.

e direções desses processos foram determinados por uma persistente cultura política, criticada pelo autor, garantindo a sua (re) produção e viabilidade”.<sup>387</sup>

Através desse debate, notamos a pouca atenção dada às condições políticas que se formaram em Angola após a independência, sobretudo, ao desconsiderar os condicionamentos internos presentes na sociedade, tendo em conta os processos políticos que se desenrolaram. Esta relação complexa muitas vezes foi abordada como secundária, prevalecendo uma visão que priorizou uma perspectiva de valorização dos condicionamentos externos para explicar o político em Angola.<sup>388</sup> Como salienta Bittencourt, esse discurso seria adotado inclusive por políticos MPLA que se utilizariam dessa retórica para justificar as dificuldades enfrentadas por seu governo. Inclusive, podemos ver em algumas narrativas de Pepetela a afirmação de um discurso que guarda um tom de “inevitabilidade” dos processos políticos que se desenrolaram, conforme vimos através de Sem Medo, personagem que se coloca a distância do aparelho do estado pela postura autoritária que provavelmente deveria vir a ocorrer. Podemos enxergar nessa sua posição um diálogo com a chamada “teoria dependentista”, influente no meio intelectual entre a década de 1970 e 1980, que defende a formação do estado pós-colonial totalmente atrelada ao colonizador e às amarras políticas ocidentais, tornando inevitável o seu fracasso<sup>389</sup>.

Em diálogo com essa perspectiva, François Bayart ao se voltar para a formação dos Estados no continente africano após a independência, busca por outro lado, privilegiar os condicionantes internos que contribuíram para esse processo, defendendo a historicidade do continente. Longe de negar os fenômenos de dependência e sujeição

---

<sup>387</sup> CARVALHO, Silvio de. Op. Cit. 2012.

<sup>388</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Angola: Tradição, modernidade e Cultura política. In: REIS, Daniel Aarão; MATTOS, Hebe; OLIVEIRA, João Pacheco; MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes; RIDENTI, Marcelo (org). *Tradições e modernidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. P.2

<sup>389</sup> COOPER, Fredrick. Conflito e conexão: repensando a história colonial da África. In.: Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p. 21-73, jul. 2008. P.25.

que fazem parte da história da África, o intelectual francês propõe romper com as barreiras dicotômicas que reduzem a análise sobre o político na África. O intelectual destaca dois modos comuns de abordar as sociedades africanas: geralmente são alocadas como vítimas de manipulações exteriores, sempre em dependência ao mundo ocidental, ou, quando feita através de uma análise africanista, enfatizam a sua inocência histórica e a sua conseqüente perda após a colonização europeia. Deste modo, rompe-se com a “continuidade das formações históricas africanas a longo prazo, enquanto os episódios de penetração europeia adquirem um relevo decisivo”.<sup>390</sup>

Ao defender que o africano deve ser visto como um agente da sua própria história e conseqüentemente da sua dependência, à medida que são diferentes formas de lidar com esse processo político, que vai se construindo entre consenso e relutância, pressupõe que a dependência não pode ser tratada como uma mera imposição das metrópoles ex-coloniais, pois ela também tem sido ressignificada e aprofundada pelas elites políticas africanas, que estabelecem vantagens em seus acordos. Destacam-se desse modo as ambigüidades e contradições presentes no sistema político africano, que nutre os interesses dos grupos sociais privilegiados que se encontram nesses países.

Nesse sentido, Bayart desenvolve o que chamou de “Política do ventre” para analisar o Estado pós colonial no continente africano. Ou seja, defende-se a existência de um modelo político pautado pelas aproximações entre o público e o privado, que muitas vezes se misturam e formam uma teia em que clientelismo, favoritismo e nepotismo são características que fortalecem a permanência de determinados grupos políticos. Contudo, para Bayart, essas escolhas políticas podem ser vistas também como “esquemas de ordem institucional” que fortalecem os grupos políticos e sociais envolvidos, pois são meios de garantir a sua reprodução. Deste modo, seria um “erro

---

<sup>390</sup>BAYART, Jean François. El estado em África: La política del vientre. Bellaterra: 1999. P.26

reduzir esta acepção política no fenômeno da corrupção ou decadência do estado”, pois deveríamos nos debruçar para como essa política “tem contribuído à hipertrofia da função burocrática e suas estruturas”.<sup>391</sup>

Nos mesmos moldes em que se desenvolveu em outros países africanos, o Estado angolano surgiu como uma instituição responsável pelo desenvolvimento e modernização, assim como pela criação da nação e da identidade nacional, o que lhe permitiu concentrar o poder à medida que fosse essencial para o fortalecimento do país. No entanto, novas relações de poder foram construídas entre a elite angolana e parte da sociedade, transformando o *Estado-partido* no principal meio para adquirir bens e serviços, em uma lógica clientelista. Em diálogo com essa perspectiva, Messiant defende que a péssima situação social de Angola não se deve apenas às guerras e a fatores externos, é também produto de uma política de governo, que atrela até mesmo as iniciativas políticas da sociedade civil à figura do partido e, por muito tempo, do presidente José Eduardo dos Santos (no cargo entre 1979 e 2017), engrandecendo a sua imagem como benfeitor.<sup>392</sup>

Desde a independência, presenciamos a construção de um sistema institucional de privilégios sociais em que o Estado-partido passou a ser a principal ligação para a distribuição de benefícios e bens materiais. Esse movimento aproximou setores sociais do governo que viam nessa lógica uma garantia de proteção e prestígio. E o consequente apoio à política do MPLA passou a ser nutrido pelo crescimento dessas oportunidades oferecidas pelo Estado. Ainda dentro dessa política, podemos ver a grande centralização política e administrativa que se desenvolveu, tendo na figura do presidente o grande

---

<sup>391</sup> Idem. P.13.

<sup>392</sup> Christine. The Eduardo dos Santos Foundation: or, how Angola's Regime is taking over civil society. *African Affairs*. 100, 2001. P. 287-309.

líder.<sup>393</sup> Essa posição de certa forma esteve amparada pela legitimidade do movimento e de Agostinho Neto no processo de libertação, que condicionou o poder político como um direito daqueles que estavam envolvidos na luta contra o colonizador. O medo ainda presente do retorno a um passado colonial, em que a ideia de liberdade ainda estava restrita a uma perspectiva de oposição ao colono, refletiram no conformismo e aceitação à condução do processo político a partir de uma única via, liderada pelo MPLA.<sup>394</sup> Por outro lado, também devemos estar cientes de que o país por viver em um cenário de guerra civil, em que a UNITA era aliada dos sul-africanos, contribuiu para o surgimento do inimigo interno e externo que facilitou o discurso legitimador e autoritário do regime.

Todavia, conforme analisamos, esse processo de concentração de poder político dentro do MPLA já era uma realidade nos anos anteriores à independência, provocando crises internas que levaram à dissidências políticas. Nesse caso, vale colocar o apelo da Revolta da Activa feito aos quadros do Movimento em maio de 1974, em que Agostinho Neto aparecia como a grande liderança:

Todas as instituições do MPLA reduzem-se, actualmente, ao presidencialismo absoluto. Tal poder paralisa os quadros e os militantes, destrói as estruturas, desorganiza a planificação das tarefas e a correspondente execução. Entre toda massa de militantes e quadros, só uma pessoa, o Presidente, conhece a proveniência e o montante dos fundos da Organização e dispõe deles sem qualquer controle legal.

O presidencialismo fez do movimento um instrumento de cobiça do poder e instalou uma obediência incondicional e uma disciplina cega. Conduziu a concentração de todos os poderes nas mãos do Presidente (...) Esta deformação dos princípios da democracia interna paralisou o pensamento dos militantes, os quais esqueceram com frequência o seu direito-dever à reflexão e contestação (...).<sup>395</sup>

<sup>393</sup> VIDAL, Nuno. Multipartidarismo em Angola. In: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs). O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola. Luanda: Firmamento, 2006. P.12

<sup>394</sup> Essa análise também é um reflexo da análise de Augusto Nascimento sobre o desenvolvimento da política em São Tomé e Príncipe após a independência. In: NASCIMENTO, Augusto. São Tomé e Príncipe: a independência ou o parto do autoritarismo. Op. Cit. 2010.

<sup>395</sup> MABEKO-TALI, Jean Michel. Op. Cit. V.1. 2001. p.364.

O documento acima, assinado por militantes como Adolfo Maria, Amélia Mingas, Maria do Céu Carmo Reis, todos amigos próximos de Pepetela, demonstra o quanto as insatisfações à centralização política do movimento estavam presentes ainda durante o período colonial. Também apontam para as complexidades existentes acerca da organização do movimento e da tomada de decisões, que ao serem centralizadas causavam questionamentos aos pilares que sustentavam a direção – que, conforme vimos, perpassavam os *vínculos de solidariedade* presentes no movimento. Em entrevista, Pepetela recorda a potencialidade política de Agostinho Neto:

É, ele tinha muito poder, tinha demasiado poder. A direção estava muito reduzida a ele. (...) É possível que até não fosse absolutamente voluntário por parte dele (...) Muitas vezes se explicava até por razões de funcionamento, de nós termos frentes separadas [e de] que a única ligação que se fazia era pelo exterior (...), isto é, [através do] Neto (...) Porque era muito mais fácil ser só uma pessoa, ela andava de um lado para o outro, era muito mais barato, [pois] não havia dinheiro para avião, para isto, para aquilo. Era o Neto. Mas também (...) É difícil separar uma coisa da outra, as circunstâncias e o interesse dele. E aí uma pergunta aos outros membros da direção: Deixavam-se dominar? (..) Culpa de omissão? Quando o MPLA chegou a Luanda, (...) o Neto acabou por sobressair. Era absolutamente insubstituível. Quando nós chegamos, isso ficou claro, ficou claríssimo. Quando ele chegou, a 4 de fevereiro de 75, pra mim era o óbvio.<sup>396</sup>

Quando nos voltamos para esse processo de concentração de poder nas mãos do presidente, devemos levar em consideração que esse movimento não se deu por uma via de mão única, mas sim, a partir de diferentes atores envolvidos nessa estrutura, que em troca de amizades, fidelidades, mas também facilidades, benefícios e vantagens econômicas e pessoais contribuíram para a legitimação desse modelo político. Para Vidal, Agostinho Neto criou uma espécie de “carrossel patrimonial de posições”, que era gestado pelo equilíbrio político a partir dos interesses do partido. A nomeação das pessoas seria feita a partir das necessidades políticas, que incluíam as questões

<sup>396</sup> PEPETELA. Entrevista a Marcelo Bittencourt, Luanda: 06 a 09 de fevereiro de 1995. In.: BITTENCOURT, Marcelo. Tese. Op. Cit. 1999.

identitárias existentes em Angola. Desse modo, por mais que o governo defendesse uma política pautada pela construção do *homem novo*, silenciando as diferenças sociais, na prática estava atento à manutenção de um equilíbrio político-social que levava em consideração a pluralidade linguística, regional, racial e familiar.<sup>397</sup>

Ao nos debruçarmos sobre os romances, notamos que a presidência de Agostinho Neto, tanto referente ao MPLA quanto ao país, não é questionável na obra literária de Pepetela. O processo de luta pela independência do país liderado pelo MPLA, assim como a liderança de Neto não aparecem como dúvidas. Por mais que em alguns momentos tenhamos expostas as contradições políticas existentes dentro do MPLA, a centralização do poder político não entra em debate, assim como a legitimidade do MPLA. Nesse sentido, cabe destacar que esse cenário não condizia com a realidade do país, pois o movimento ainda aparecia muito frágil em boa parte de Angola, principalmente se nos voltarmos para os primeiros anos da década de 1980. Ricardo Soares chama a atenção para uma “sociedade alternativa representada pela UNITA”, visto a presença marcante desta nas áreas rurais.<sup>398</sup> Portanto, os romances de Pepetela demarcam as representações do político em Angola a partir de um determinado grupo e de um lugar, que não podem ser esquecidos quando analisamos as complexidades que cercam as suas narrativas.

Sabe-se que desde 1976 Agostinho Neto já acumulava diversos cargos importantes, além das presidências do país e do MPLA, era também Primeiro-ministro e chefe dos comissários provinciais (governadores), afirmando-se como o grande protagonista do governo. Essa centralização política foi ainda beneficiada pelo movimento nitista em maio de 1977, quando Neto passou a ocupar o comando das

---

<sup>397</sup> VIDAL, Nuno. O MPLA e a governação. Op. Cit.2016. Op. Cit. P.823.

<sup>398</sup> OLIVEIRA, Ricardo Soares de. Magnífica e Miserável. Angola desde a guerra Civil. Lisboa; Tinta da China, 2015. P.41.

forças armadas. A partir daí, um claro movimento coercitivo e autoritário passou a vigorar, instituindo uma grande “caça às bruxas” que levou a um grande número de prisões, desaparecimentos e assassinatos<sup>399</sup>. Além disso, o processo de retificação, como ficou conhecido o arrocho à filiação do partido, foi defendido em nome da afirmação do movimento e da autopreservação dos princípios ideológicos, o que por outro lado, levou ao aprofundamento da centralização do poder nas mãos do presidente e a um elitismo do MPLA, à medida que as camadas urbanas e escolarizadas foram favorecidas em detrimento da população rural.<sup>400</sup>

Levando em consideração estas perspectivas, devemos nos voltar para o processo de construção do Estado angolano frente a um cenário de disputa política, em que o MPLA assumiu uma posição de destaque, controlando as estruturas de poder. O partido, inclusive, ao aspirar a condução da nação ao mundo moderno, por propor o fim das limitações de caráter étnico, racial e regional, se coloca como o legítimo ator do Estado, capaz de defender uma política angolana de caráter homogêneo. Todavia, como salienta Ricardo Soares, a “agenda do MPLA para Angola no pós-guerra transcende em muito a ambiciosa tarefa de reconstrução nacional e inclui um projeto ideológico de transformação do país à sua semelhança”. Isto quer dizer que defende-se um projeto cujo o angolano urbano, civilizado e que fala português é o objetivo a ser alcançado, e o que não se enquadrar nessa lógica é considerado atrasado. Dentro desse sistema político, controlado inteiramente pelo MPLA, podemos notar que não há a preocupação em distinguir as diferenças entre “estado”, “partido”, “governo” e “regime”, o que parece ser propositalmente articulado pelo próprio MPLA.

---

<sup>399</sup> Ver: MABEKO-TALI, Michel. Op. Cit. Vol. 2, 2001; MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. Purga em Angola. Nito Alves, Sita Valles e Zé Van Dunem o 27 de maio de 1977. Lisboa: ASA, 2007; MARQUES, Inácio Luiz Guimarães. Memórias de um golpe: o 27 de maio de 1977 em Angola. Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012, entre outros.

<sup>400</sup> VIDAL, Nuno. Multipartidarismo em Angola. Op. Cit.2006. P.14



Cabe ainda destacar, que essas fronteiras, que aparecem apenas de forma convencional em Angola, são praticamente insignificantes. Se ao longo do regime socialista essa estrutura de poder foi moldada de acordo com o modelo monopartidário e de centralização política, mesmo após a transição para o multipartidarismo a confusão entre partido e estado permaneceu, por mais que aparecessem “camuflados” a partir da separação de poderes instituída na constituição. Todavia, como afirma Oliveira, a relação entre um e outro é tão próxima e indiscriminada que ninguém sabe onde termina um e começa o outro.<sup>401</sup> Além do mais, o fortalecimento do poder político do partido gerou o enfraquecimento das instituições formais, revelando o desejo de um sistema político hegemônico, sem espaço para as oposições. Essa posição não dá margem ao desenvolvimento político democrático, mantendo relações de privilégios, construídas através de benefícios e não direitos entre o Estado e a sociedade.

Em diálogo com esse processo de centralização política após a independência, não podemos deixar de considerar como o cenário de guerra contribuiu decisivamente para essa configuração política, tornando-se indissociável da formação do Estado angolano pós-colonial, assim como das relações políticas desenvolvidas. O “Estado de exceção” criado pela guerra foi fundamental para garantir a governabilidade do MPLA em meio à crescente insatisfação social diante do caos instalado, em que desemprego, falta de alimentos e de moradia eram alguns dos problemas alarmantes de Angola após a independência.<sup>402</sup> Como afirma Vidal, esse cenário de guerra e a sua crescente intensidade reforçam as características autoritárias do regime, que cada vez mais centraliza o sistema político e justifica as suas falhas sociais e desmandos políticos como consequência dessa realidade. Inclusive, o investimento na estrutura institucional

---

<sup>401</sup> OLIVEIRA, Ricardo Soares. Magnífica e Miserável. Angola desde a Guerra Civil. Lisboa: Tinta da China, 2015. P. 48.

<sup>402</sup> Idem.p.51.

do Estado foi fundamental para garantir a permanência do MPLA no poder, da mesma forma, o controle sobre as forças armadas, a polícia, os serviços de informação e do judiciário.<sup>403</sup>

Ao nos voltarmos para essa lógica de guerra em Angola após a independência, diversas questões sociais e políticas que alimentaram a guerra devem ser pensadas, pois diferentes interesses estavam em jogo. Destaca-se nesse sentido o enriquecimento pessoal que ela também proporcionou para a elite político-militar<sup>404</sup> e a permanência de uma estrutura política que favoreceu o autoritarismo do Estado, que passou a defender “a guerra pela paz”. Em pronunciamento em 1998, o então presidente José Eduardo dos Santos passou a utilizar-se da guerra claramente como instrumento político à medida que esse anúncio buscava descredibilizar a UNITA e legitimar o poder do MPLA. Para Péclard, “o desafio é colocar o esforço de pacificação e reconstrução para o crédito do MPLA e do seu presidente, enquanto ao mesmo tempo, controlam o poder sobre a redistribuição de recursos estatais”. Essa posição fortaleceu uma estrutura política de clientelismo, ao mesmo tempo em que o poder de ditar as regras para o processo de paz e de “democratização” foram controlados exclusivamente pelo MPLA.<sup>405</sup>

O processo de concentração do poder nas mãos do presidente foi ainda mais incrementado durante o governo de José Eduardo dos Santos.<sup>406</sup> O decorrer dos anos 1980 consolidou o seu poder sobre o MPLA e sobre o aparelho do Estado, que ficou reduzido à sua figura. Santos passou a ter o controle sobre a criação e a revogação de todos os atos legislativos e executivos, além da já existente dependência dos órgãos

---

<sup>403</sup> VIDAL, Nuno. *Multipartidarismo em Angola*. Op. Cit...

<sup>404</sup> Diversos empresários entraram no comércio de vendas de armas para as guerras. Como afirma Ricardo Soares, um dos principais escândalos nesse sentido ficou conhecido como “Angolagate” e “consistiu num negócio de venda de armas em troca de Petróleo” que envolveu lucros altíssimos. In.: OLIVEIRA, Ricardo Soares de. Op. Cit. P.69.

<sup>405</sup> PÉCLARD, Didier. *Politique Africaine. L’Angola dans la paix – autoritarisme et reconversions*. P.11-12.

<sup>406</sup> VIDAL, NUNO. *Multipartidarismo em Angola*. Op. Cit. e OLIVEIRA, Ricardo Soares de. *Magnífica e Miserável*. Op. Cit. 2015.

judiciais da figura do presidente. Além disso, o então presidente vai ocupar uma posição central para a transição econômica e o processo de abertura para o multipartidarismo, contribuindo para a vitória de uma ala liberal que existia dentro do partido. Sua liderança transforma o então “patrimonialismo partidário” em “patrimonialismo presidencialista”, centralizando ainda mais na sua figura o autoritarismo do Estado e a distribuição de benesses em troca de apoio. Nesse sentido, parece ainda mais profunda a relação que se estabelece entre o público e o privado ao longo do seu mandato.<sup>407</sup>

Por outro lado, ainda que a política apareça mais centralizada, não podemos caracterizar esse modelo como ditatorial, pois devemos compreender o complexo sistema político com o qual o presidente tinha que dialogar: lideranças influentes do MPLA, empresários e uma elite política que sustentava a construção de uma política de alianças, a partir do que se conceituou patrimonialismo. Ao longo do mandato de José Eduardo pudemos presenciar o fortalecimento da figura do presidente dentro de uma lógica personalista, à medida que houve o enfraquecimento das instituições formais e a apropriação indevida de recursos públicos a partir da transferência de poderes das estruturas governamentais e partidárias para organizações que eram suas dependentes diretamente. O alargamento do Partido-Estado deve levar em consideração que foi um movimento vindo de cima, à medida que buscava-se implementar uma hegemonia do partido no sistema político angolano, mas também como um movimento vindo de baixo, que era nutrido justamente pelo MPLA se colocar como a única via para o desenvolvimento pessoal, assim como para a garantia da segurança e proteção.<sup>408</sup>

Nesse sentido, para compreendermos os aspectos políticos que se desenvolveram no pós-independência devemos dar maior atenção ao sistema político que foi formado,

---

<sup>407</sup> VIDAL, Nuno. O MPLA e a governação. Op Cit. 2016.

<sup>408</sup> MESSIANT, Christine. Transição para o multipartidarismo sem transição para a democracia. In.: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. O Processo de Transição para o multipartidarismo em Angola. Op. Cit. 2006. P. 134.

em que se construiu uma relação vantajosa entre determinados grupos da sociedade e o Estado. Patrick Chabal argumenta que os principais problemas enfrentados pelos africanos estão relacionados com as formas de poder exercido no continente, assim como com as “complexas formas em que a sociedade e a política interagem”. O poder formal, concentrado no Estado e o que denomina de poder informal, baseado nas relações clientelistas e patrimoniais se mesclam e formam o sistema político africano. Para o autor, esse debate é fundamental para compreendermos a legitimação do Estado africano contemporâneo.

Sob esta perspectiva, o intelectual destaca em diversos trabalhos as relações que se desenvolveram entre as sociedades e os Estados africanos após a independência que permitiram a formação de um governo *neopatrimonial*, apesar das estruturas políticas formais existentes. Observa-se que a política contemporânea nos Estados africanos está pautada sobre uma complexa rede dividida entre os interesses particulares e do governo, em que a sua legitimidade política estaria baseada na “habilidade dos políticos para alimentar as redes das quais suas posições dependem”.<sup>409</sup>

Por mais que Angola tenha vivido períodos de transição política que almejavam um status democrático, essa realidade não se concretizou. O que nos chama atenção é como José Eduardo dos Santos foi figura proeminente nessa “reconversão de um poder ditatorial de partido único em poder hegemônico autoritário adaptado ao multipartidarismo”<sup>410</sup>. Pela sua capacidade de circular por diferentes grupos e de manter sobre o seu domínio a estrutura burocrática do estado, Pepetela afirma que essa complexa relação política “revelam o raciocínio próprio do grande xadrezista que ele

---

<sup>409</sup> CHABAL. Las políticas de violência. In: *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, Núm. 6 Abril de 2007, UAM-AEDRI. P.7.

<sup>410</sup> MESSIANT, Christine. Transição para o multipartidarismo sem transição para a democracia. Op. Cit. P.138.

é”<sup>411</sup>.

Através do destaque que a política clientelista e neopatrimonialista ganhou durante o governo de José Eduardo dos Santos, somos envolvidos pelas intensas relações de poder que se desenvolveram entre o Estado e a sociedade civil. Nesse sentido, a partir da Fundação Eduardo dos Santos (FESA), compreendemos como se dá a relação desta com a sociedade, na qual a Fundação, com dinheiro provindo “de doações implicitamente obrigatórias provenientes do setor privado e da Sonangol”<sup>412</sup>, fornece ajudas e ofertas em nome do presidente, traduzindo a falta de limites entre o público e o privado em Angola. Para Messiant, esse cenário não contribui em nada para o fortalecimento de um Estado democrático de direito, pois há uma valorização de políticas clientelistas, que foram ainda mais incisivas no governo de José Eduardo dos Santos a partir do momento que o presidente atrela o seu nome a uma estrutura política e social de vantagens como se transformou a FESA.<sup>413</sup>

Além disso, por mais que a revisão constitucional de 1991 tivesse permitido a emergência de partidos políticos e a criação de organizações da sociedade civil, os primeiros ainda enfrentavam um espaço político contraído, enquanto os segundos também sofriam constrangimentos quanto a sua liberdade civil, pois continuava a haver diferentes níveis de intimidação ou violência. Diante disso, é notório que a transição a nível político e econômico que ocorreu na década de 1990 a partir do fim de um Estado socialista não foi satisfatória, pois o que assistimos foi a novos meios que o Estado se valeu para manter a sua estrutura política. O aparelho do Estado continuou a ser utilizado para o próprio benefício, assim como o sistema de cooptação de opositores foi revigorado e aprofundado em um sistema clientelista que “assegurava a manutenção

---

<sup>411</sup> OLIVEIRA, Ricardo Soares de. Op. Cit.2015. P.81

<sup>412</sup> Idem. P.161.

<sup>413</sup> MESSIANT, Christine. Christine. The Eduardo dos Santos Foundation: or, how Angola's Regime is taking over civil society. *African Affairs*. 100, 2001. P. 287-309.

hegemônica do poder”<sup>414</sup>.

Ao nos voltarmos para uma concepção de soberania de Estado a partir do conceito de *Necropolítica* do camaronês Mbembe, somos levados a pensar numa lógica de poder e biopoder que se mantém pela possibilidade de escolha de matar ou deixar viver.<sup>415</sup> As políticas autoritárias praticadas pelo Estado angolano, principalmente a partir da abertura de dissidências internas e da perseguição aos opositores políticos que culminou em diversas mortes, apontam para a falta de limites de um governo para manter a concentração do poder político. As estratégias de cooptação e os casos de violência são pontos fundamentais para a manutenção da estrutura política.

### ***Relações de Poder e Literatura em Angola após a independência: Tensões e Aproximações***

Seremos cada vez mais a levarmos a literatura às últimas consequências – portanto, às consequências a que deve ser levada a grande literatura – seremos cada vez mais filhos da sociedade angolana e enteados do Estado angolano<sup>416</sup>.

Após a independência de Angola nos deparamos com o processo de construção do Estado angolano em que os escritores tiveram um papel de destaque na formação da estrutura burocrática administrativa. Isso se deveu à carência de pessoas instruídas e alfabetizadas no país, que dificilmente conseguiriam assumir cargos administrativos do Estado. De acordo com Ricardo Soares, em entrevistas que fez com angolanos, aparece o número reduzido de licenciados no país após a independência. O nível de escolaridade era muito baixo e uma preocupação para quem assumia o governo. A escassez de mão

---

<sup>414</sup> VIDAL, Nuno. O MPLA e a governação...Op. Cit. P.842.

<sup>415</sup> MBEMBE. Necropolítica. In.: Arte & Ensaios, revista do ppgav/eba/ufrrj | n. 32, dezembro 2016. P.4

<sup>416</sup> VIEIRA, Luandino. In.: LABAN, Angola Encontro com escritores, Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991 vol.I,p.428

de obra qualificada para diversos setores no país, levava ao improviso no sistema político.<sup>417</sup> Diante desse cenário, grande parte dos literatos angolanos passaram a ocupar os principais cargos políticos, sendo cada vez mais absorvidos pela estrutura burocrática do MPLA<sup>418</sup>. Pois, como já foi abordado, grande parte dos escritores angolanos se identificavam com as pautas nacionalistas do MPLA. Pepetela, inclusive, afirma que a escrita de *O Cão e os Caluandas* foi caótica, em meio às diversas obrigações que tinha no governo, por isso, propositalmente, escreveu o livro com estórias variadas, mudando por diversas vezes a narrativa e causando a impressão de uma quebra entre os episódios. Mas, mesmo assim, o autor considera um romance.

Ao nos voltarmos para a produção durante esse período, notamos que do ponto de vista editorial, a aproximação com o governo foi harmoniosa<sup>419</sup>, mesmo que tenhamos que reconhecer alguns impactos significativos sobre as obras escritas e publicadas após a independência. Até 1982, com a publicação do livro *Quem me dera ser onda* de Manuel Rui, houve um silêncio sobre a vida pós independência do país. A maior parte das obras publicadas nos anos após a independência retratavam o período colonial e não se debruçavam sobre as dificuldades políticas e os problemas desencadeados pela nova formação política. Prendiam-se ao que os uniu, a luta contra o colonizador, o anti-imperialismo e a denúncia ao neocolonialismo.<sup>420</sup> Para Michel Laban, a posição ocupada pelos escritores naquele momento se deve a alguns aspectos que estão ligados diretamente à nova posição ocupada pelo escritor em Angola. Se antes

---

<sup>417</sup> OLIVEIRA, Ricardo Soares. Op. Cit. 2015. P.54.

<sup>418</sup> É fundamental ressaltar que o primeiro presidente do país, Agostinho Neto, era médico mas também poeta. Para além dele, podemos destacar: Pepetela (Vice-ministro de Educação), Uanhenga Xitu (Ministro da Saúde), Manuel Rui (Ministro da Informação), Antônio Jacinto (Ministro da Educação e Cultura), Manuel Pacavira (Ministro dos Transportes). Além desses, diversos outros ocuparam cargos administrativos do novo governo, dentre eles: Luandino Vieira – Diretor do Instituto Angolano do Cinema; Boaventura Cardoso – membro do Conselho Nacional de Cultura. Em: CARVALHO FILHO, Silvio. Op. Cit. 2016. Pp.44-45.

<sup>419</sup> Tivemos a criação da União dos Escritores Angolanos (1975), assim como o crescimento editorial durante esses anos. Mais ver: SANTOS, Alexandra. Op Cit. p.246

<sup>420</sup> CARVALHO FILHO, Silvio. Op. Cit. 2016. P.41.

ele era visto como um objeto, agora ele passa a ser visto como sujeito desse Estado, a frente dos projetos políticos da sociedade. As responsabilidades adquiridas com a ocupação desses espaços levou muitos a questionarem-se sobre as possíveis crises que poderiam ocorrer com a publicação de críticas por membros do partido. Devemos lembrar que o país atravessava uma guerra civil. Por mais que muitos não concordassem com alguns rumos tomados pelo MPLA, sabiam que, ao levantarem-se para criticar, poderiam contribuir para agravar ainda mais a situação frente aos outros grupos que disputavam o poder. E “essa posição implicava a perda de uma faixa da liberdade, a perda da autonomia do sentido crítico”<sup>421</sup>.

Cabe ainda destacar o que Pepetela denominou de “autocensura”. Para o escritor a crítica tardia pela literatura também provinha de uma censura indireta praticada pelos próprios literatos, uma vez que eram eles os principais responsáveis pela publicação dos livros através de instituições como a União dos Escritores Angolanos (UEA) e o Instituto Nacional do Livro e do Disco (INALD). De acordo com Marcon, até a década de 1980 essas instituições eram as responsáveis pela produção e circulação dos livros, assim como pela negociação com a publicação no exterior. Através de uma comissão de leitura, composta pelos escritores escolhia-se os livros a serem publicados. Todavia, como afirma Pepetela, por mais que as instituições responsáveis pelas publicações fossem de certa forma controladas pelo Estado, visto que os recursos derivavam do governo, não havia censura política, mas sim uma “autocensura”, visto que os escritores pensavam nas responsabilidades e nos possíveis perigos de criticar o MPLA. É válido mais uma vez lembrar os impasses que o escritor teve quando da publicação de *O Cão e os Caluandas*, retratado no capítulo 1, em que por fim as células do partido decidiram

---

<sup>421</sup> LABAN, Michel. LABAN, Michel Op. Cit. Escritores e Poder Político em Angola desde a independência. Em: <https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/119-escritores-e-poder-pol%C3%ADtico-em-angola-desde-a-indep%C3%Aancia>. Acessado em 20/02/2019.



que o livro não era contrarrevolucionário.<sup>422</sup> Desse modo, Laban chama a atenção para os limites, que, sutilmente, eram colocados sobre a produção literária, deixando clara a ligação entre os escritores e o poder político<sup>423</sup>.

Portanto, as primeiras obras de crítica surgem utilizando os recursos da ironia e do humor, que não significa de fato uma ruptura com aquele sistema político. Como apontado, a primeira obra nesse sentido foi *Quem me dera ser onda* de Manuel Rui (1982). O escritor nesse momento fazia parte do governo e trazia uma crítica ainda dentro de um caráter reformista, que não buscava romper com o MPLA, mas chamar a atenção para algumas práticas desvirtuosas dentro do regime político.<sup>424</sup> Conta a história de uma família no pós-independência que resolve criar um porco em seu apartamento no sétimo andar de um prédio no centro de Luanda. Se a princípio podemos nos enganar com a construção de uma narrativa que aparenta inocência, logo percebemos que o recurso à ironia foi utilizado para realçar as dificuldades que a sociedade passava em seu cotidiano, retratando as estruturas corruptas do Estado<sup>425</sup>.

Nesse sentido, a escolha do nome do porco “Carnaval da Vitória”, faz referência ao desfile carnavalesco de 1978 que passou a ser assim denominado. Buscando desvincular a data do carnaval de uma festa litúrgica e promover um novo sentido para a festa popular, Agostinho Neto rapidamente escolheu uma nova data para a festança, que passou a ser o dia 27 de março, uma alusão à expulsão dos sul africanos do território angolano em 1976, marcando a derrota da FNLA e a vitória do MPLA<sup>426</sup>. Por outro

---

<sup>422</sup> PEPETELA. Entrevista a Frank Marcon. In.: MARCON, Frank Nilton. Leituras Transatlânticas. Diálogos sobre identidade e o romance de Pepetela. Tese apresentada ao Programa de Pós graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

<sup>423</sup> LABAN, Michel Op. Cit. Acessado em 20/02/2019.

<sup>424</sup> MATA, Inocência. Literatura e Política em Angola hoje. Matruga, Rio de Janeiro, v.19 n.31, jul./dez. 2012. P.34

<sup>425</sup> LABAN, Michel. Escritores e Poder Político em Angola desde a independência. Em: <https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/119-escritores-e-poder-pol%C3%ADtico-em-angola-desde-a-indep%C3%Aancia>. Acessado em 20/02/2019.

<sup>426</sup> MARZANO, Andrea. “Nossa dança, nossos pais, nossos filhos”. Apontamentos para uma História

lado, podemos aludir ainda a escolha de Manuel Rui à euforia da retomada do carnaval de rua que marcou 1978 em contraste com os problemas internos na estrutura do regime, ressaltando as dificuldades alimentares existentes. Pois a escolha de criar um porco no apartamento era para conseguir fugir do “peixefritismo” como único alimento possível entre os populares.

Assim, são reinterpretados “os desvios dos valores oficiais na vida do dia a dia”, se por um lado o governo exaltava a vitória, a prática diária da população apontava para as derrotas cotidianas. A escassez de alimentos em Luanda, a linguagem política que impregnava a capital angolana em um sentido retórico, a corrupção generalizada, principalmente com o crescimento do comércio clandestino e a prática autoritária presente em diferentes instâncias e diluída nas práticas sociais do cotidiano aparecem pela primeira vez retratadas pela literatura.

Portanto, quando o *Cão e os Caluandas* (1985) é publicado, já é possível um diálogo da sua obra com outros escritores que estão começando a refletir sobre os rumos da política angolana após a independência. Nesse sentido, destacam-se também *Os Anões e os Mendigos* (Manuel dos Santos Lima) e *Na Mbanza do Miranda* (Arnaldo Santos). Assim, por mais que Pepetela afirme que naquele momento abordar claramente os problemas estruturais de Angola seria muito difícil, a crítica já estava presente, mas dentro de limites que o escritor angolano conhecia e se manteve. Como ressalta, escrevia como um militante que objetivava corrigir comportamentos e não romper com o MPLA.

## PARTE II

### 3.3 Escrita, poder e utopia em Pepetela: “E o meu sonho...se foi. Com ele começa a vossa fala”<sup>427</sup>.

A leitura sobre a política nas obras de Pepetela foi desenvolvida na maior parte dos casos pela chave da utopia. Em diversas pesquisas a desilusão com o decorrer do processo de independência em Angola seria a principal marca da literatura pepeteliana, mas não só a dele, como a de um grande número de escritores que no pós-colonial viram os seus projetos revolucionários e sonhos de uma sociedade independente ruírem. Todavia, por mais que essa leitura seja fundamental para compreendermos os romances de Pepetela, busca-se aqui problematizar também o quanto, de diferentes formas, o escritor revela realidades complexas e múltiplas ao encenar em seus romances uma sociedade que guarda uma série de ambiguidades. Do mesmo modo, ressignifica conceitos, afirma posições políticas e influencia o nosso modo de enxergar a sociedade angolana.

A partir dessa leitura de utopia, somos envolvidos por um diálogo com uma perspectiva que compreende o termo não como passivo, mas sim, como interventor do campo político, em que a ação seria condicionada no presente ao projetar um futuro de um lugar não inalcançável mas atingível, pois possui “um efeito de transformação sobre a ordem histórico social existente”. Assim, ao considerarmos o caráter político do termo, os romances de Pepetela podem ser interpretados dentro de uma tradição literária angolana que propõe utilizar a escrita como forma de expressão e transformação da própria realidade, pois “a imaginação utópica” não seria limitadora à medida que também intervém e passa a se colocar como ação política a partir da afirmação de

---

<sup>427</sup> PEPETELA. O cão e os Caluandas. Op. Cit. 2014. P.169

“novos valores, moralidade e éticas diferentes das vigentes”<sup>428</sup>. Para Inocência Mata, que faz uma análise importante sobre o caráter utópico de grande parte da obra de Pepetela, seria arriscado afirmar, sem levarmos em consideração o valor real da escrita do romancista, que a sua obra se enquadra simplesmente em uma dimensão utópica. Pois devemos considerar, sobretudo, o quanto Pepetela “não propõe projetos irrealizáveis”, mas sim, cria representações que condizem com os debates e as tensões políticas que Angola vivencia no seu pós-colonial.<sup>429</sup>

O aprofundamento dessa leitura possibilita, para além de demonstrar todo o processo imaginativo que contém a obra de Pepetela, que possamos refletir como o valor utópico recriado pelo escritor abre espaço para novas alternativas políticas em que novas dimensões sobre o político na sociedade angolana são recriados. Como poderemos ver, em diversos momentos seus personagens apontam para outras direções que não invalidam a realidade, mas sugerem diferentes projetos para a Angola independente. Além do mais, a escolha em acompanhar a trajetória pessoal de Pepetela em diálogo com o contexto político-social de Angola e a análise dessa realidade em diferentes romances, escritos e publicados em diferentes momentos, permite notar o quanto essa sua capacidade de refletir sobre Angola através da chave da utopia foi se modificando.

Ao representar um Estado corrupto e patrimonialista, análises que já constam em suas narrativas desde o início da década de 1980, Pepetela propõe não apenas denunciar, mas recriar um cenário político em que nos vemos diante de diversos MPLA`s, assim como de indivíduos que traíram o projeto inicial.<sup>430</sup>Inclusive, um dos pontos centrais da sua crítica é como, de diferentes maneiras, a sociedade se relaciona com o Estado e

---

<sup>428</sup> MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura Angolana*. Op. Cit. 1993. P.238-240.

<sup>429</sup> Idem. P.296.

<sup>430</sup> É importante termos consciência da enorme frente que compunha o movimento. Diferentes grupos, com variados projetos político-ideológicos e nacionais faziam parte do MPLA, conforme buscou-se retratar ao longo da tese.

mantém uma rede de privilégios, apontando para as diferentes culturas políticas que circulavam no período e o quanto os valores liberais e democráticos ainda não pareciam consolidados em Angola. Assim, os seus heróis são aqueles que não se identificam com a estrutura política que se formou e ao romper com esse sistema, de diferentes maneiras, seja através do exílio, seja através da esperança ou da insanidade, passam a ser os “marginalizados do processo”<sup>431</sup>. Por outro lado, mantém uma posição de esperança, que em alguns momentos pode ser interpretada como utópica, dentro do significado primeiro da palavra, pois seria a projeção de um lugar ideal, que por mais que reconheça em alguns momentos a dificuldade em alcançar essa realidade, a sua concepção de vida somente parece ter sentido com essa busca, é o que Pepetela chama de “utopias positivas”<sup>432</sup>.

Quando nos debruçamos sobre a leitura de *O Cão e os Caluandas* somos surpreendidos por uma narrativa que pode ser interpretada como um ritual de passagem na literatura do escritor. Pela primeira vez aparece na sua produção literária uma crítica direta à estrutura política e social que se forma no pós-independência, por mais que em *Mayombe* as previsões sobre esse futuro já fossem desencantadoras. É interessante notarmos, inclusive, o quanto em *O Cão e os Caluandas*, diferente de outros romances que virão futuramente, os problemas estão mais fragmentados entre diferentes personagens, a corrupção não está somente no governo e na estrutura burocrática, mas está no seio da sociedade que se formou em meio a uma estrutura desigual, articulada ainda nos tempos do colono, mas não restrita a ele. Todavia, novamente retomando a afirmação do escritor, sua crítica buscava mudanças, eram posições de um militante que ainda buscava dialogar com o partido.

---

<sup>431</sup> MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura de Angola*. Op. Cit. 1993. P.306.

<sup>432</sup> Essa declaração foi dada por Pepetela no encontro com o autor em evento na UFRJ no dia 21/06/2016. Ao ser questionado por mim sobre o que significava ser “socialista utópico”, um termo recorrente em suas entrevistas, o escritor esclarece a importância da utopia na sua vida.

Nesse sentido, à medida que o cão circula pela cidade de Luanda, as contradições sociais, políticas e econômicas são postas, mas não de maneira clara, pois a intensa interlocução entre autor e leitor dá margem a diversas interpretações. O cão não aparece somente para desmascarar os personagens mas também para construir um painel da sociedade formada no pós-independência, que é apresentada dentro de uma pluralidade, à medida que “a verdade é como um diamante, reflecte a luz do sol de mil maneiras, depende da faceta virada para nós”<sup>433</sup>. Não há somente vítimas ou algozes, bem ou mal, mas sim diversas interpretações. Nesse cenário, as dicotomias são retrabalhadas a partir de uma lógica que enxerga também “a plasticidade cultural”<sup>434</sup> que contradizem polos até então vistos como antagônicos. As tensões que circundam as escolhas sociais são postas em cada obra e o leitor, convidado a participar. Como afirma Maria Salgado, “a obra termina lembrando que pela incerteza se é levado a construir e, simultaneamente, desconstruir todo o texto, já que o ato de interpretar transforma-se num processo infundável”.<sup>435</sup>

Ao narrar a história de um cão pelas ruas de Luanda a partir dos relatos ficcionais criados pelo autor, que se coloca como um personagem-jornalista responsável por amarrar as histórias, somos envolvidos pela história de Angola nos seus primeiros anos após a independência. Todavia, no “aviso ao leitor”, logo no início do livro, o escritor elege um tempo e um lugar mítico (Calpe, 2002) para se colocar, distanciando-se do cenário turbulento e nebuloso do pós-independência para construir a sua crítica. A escolha de Calpe não é fortuita na narrativa de Pepetela, ela tem significado que se explica a partir dos seus próprios romances. Ao ser questionado sobre a origem da palavra Calpe em sua obra o escritor afirma:

---

<sup>433</sup> PEPETELA, Op. Cit. 2014. P.87

<sup>434</sup> BAYART. Op. Cit. 1999. P.34.

<sup>435</sup> SALGADO, Maria Teresa. Op. Cit. 2009. P.273.

Julgava que a tinha inventado a partir de partes do meu nome (Carpe no princípio, de Carlos Pestana; depois abrandei a sílaba inicial). Calpe tem sido a cidade, que vai mudando conforme as épocas. Era a cidade do sonho em Muana Puó (foi nessa altura que foi “inventada”), a neutra e sem vida de “O Cão”, a cidade de todos os perigos de “Parábola...” e finalmente uma cidade inventada do nada em “O Quase Fim do Mundo”.<sup>436</sup>

Calpe aparece pela primeira vez em *Muana Puó* (1969), sendo a representação de um “lugar simbólico que referencia a Angola independente” em que o termo independência carrega em si “valores como bem-estar, igualdade, justiça, paz, solidariedade, fraternidade, progresso, tolerância”. Portanto, é criada como uma sociedade perfeita, embora subvertesse “a ordem natural e social do mundo físico”<sup>437</sup>. Todavia, Calpe aparecia agora no novo cenário como a representação ideal para o escritor que se coloca à margem do aparelho burocrático corrupto que se formou, por mais que Pepetela caracterize o lugar como “neutro e sem vida”<sup>438</sup>. Assim, ainda que estivesse no governo durante a escrita do romance, ao se afastar do local em que se desenvolvem as histórias, ele constrói signos para darem sentido à “sua percepção distópica da realidade do país no pós-independência”<sup>439</sup>.

Ainda dentro do quadro simbólico da narrativa, temos a existência de uma Buganvília que não para de crescer e é descrita como um estorvo na vida do cão Lucapa, que já tentou destruir a planta algumas vezes, sem sucesso, pois sempre há uma ramo que volta a nascer. A Buganvília é o título de dez histórias que são narradas em primeira pessoa a partir da escrita do diário de uma menina e compõe um outro espaço

---

<sup>436</sup> CASTRO, Fernanda. Entrevista a Pepetela. *Navegações*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 209-213, jul.-dez. 2014

<sup>437</sup> É interessante nos voltarmos para a análise de Calpe como um projeto tópico e não apenas um projeto de utopia (sem lugar), como é desenvolvido por Inocência Mata. A crítica literária retoma a “cidade dos sonhos”, construída a partir de uma realidade em que o espírito comunitário e de igualdade prevalece e por isso defende que sua concepção está mais próxima dos princípios de cidadania do que de uma política. Para mais sobre o debate ver: MATA, Inocência. Op. Cit. P. 250-253.

<sup>438</sup> Em diálogo com essa perspectiva, é interessante chamarmos atenção para o papel social e histórico que as obras literárias desempenham, ainda que por muitas vezes a partir da escrita e divulgação dos textos as interpretações se afastem do que o autor considera como a sua intenção.

<sup>439</sup> MATA, Inocência. Op. Cit. P. 250-253.

narrativo que seria uma quinta a 20 quilômetros de Luanda, lugar em que uma família passa férias e finais de semana. A Buganvília que cresce rapidamente e vai formando espinhos passa a refletir a imagem e semelhança do pai da menina à medida que os negócios dele vão aumentando em Luanda. Ao refletir sobre o gosto do pai pela Buganvília, a menina relembra que o pai afirmou o quanto a planta se parece com ele: “Sinceramente, não acho que o pai tenha tendência para crescer. Mas foi o que disse, que a buganvília era como ele, lá tem as suas razões”<sup>440</sup>. Nesse sentido, os negócios do pai estão ligados a venda de hortaliças que começaram a dar em abundância na quinta e passaram a ser vendidas a altos preços em Luanda, aonde faltavam todos os produtos alimentícios básicos naqueles tempos. Inclusive, quando são questionados sobre isso, respondem que não há problema, “o fiscal está no esquema”<sup>441</sup>, em alusão à burocracia corrupta do Estado que estava sendo construída.

À medida que as histórias vão sendo narradas na quinta e a venda de legumes, verduras e frutas começa a aumentar, presenciamos as mudanças estruturais nas vendas, pois conseguem ascender de quitandeiros a lojistas e almejam no futuro a construção de uma fábrica para concentrados e compotas, o que reflete as novas concepções sociais que estavam circulando entre os angolanos após a independência. Os usos dos esquemas e a busca por benefícios também era claro na fala dos personagens desse enredo. O objetivo era o engrandecimento pessoal em um momento de abertura de possibilidades econômicas, mesmo dentro de uma realidade econômica planificada. O sonho de uma estrutura econômica de cooperativa a partir das vertentes socialistas entrava em processo de desilusão. Por isso, a Buganvília representa o desenvolvimento de uma economia capitalista<sup>442</sup>, além de uma política corrupta e desigual, que por mais que

---

<sup>440</sup> PEPETELA. O Cão e os Caluandas. Op. Cit. 2014.

<sup>441</sup> PEPETELA. O Cão e os Caluandas. Op. Cit. 2014. P.137.

<sup>442</sup> Em entrevista Pepetela chama a atenção para o uso da planta para fazer cercas e impedir a passagem e



ocorram tentativas de impedir o seu crescimento, ela volta a crescer e é nutrida pelas ambições de homens e mulheres que compõe a sociedade angolana.<sup>443</sup>

Por outro lado, são sujeitos das estórias da Buganvília os trabalhadores bailundos que passam a ser recrutados em larga escala para o trabalho da quinta que não para de crescer. O cotidiano deles remonta à vida tradicional dos angolanos a partir da enunciação de canções que “pela tristeza, as cantigas devem falar da terra longe e das famílias ausentes”<sup>444</sup>. As novas relações sociais e econômicas apontavam para o aniquilamento das relações pessoais. Os trabalhadores eram deslocados da sua vida anterior e reinseridos dentro de uma nova lógica econômica que os via apenas como instrumentos para os fins do capital, rompendo com o significado da produção familiar que compunha parte do sistema econômico de Angola:

Vai ser preciso arranjar mais trabalhadores bailundos. O Antônio vai à terra para convencer alguns parentes a vir. Antes fazem outra cubata para os novos. A quinta está a aumentar, qualquer dia é um verdadeiro kimbo. Trarão as mulheres e os filhos? O pai não quer. Seria mais animado se as famílias viessem. E não criavam problemas nem faziam confusão, porque moravam longe de nós. Certamente o Antônio e os outros gostariam de viver com as famílias. Não sei porquê o pai não quer.<sup>445</sup>

Dentro dessa perspectiva, não temos como não fazer referência ao trabalho sob contrato que passou a existir em Angola após o fim da escravidão em 1878. Como retoma Silvio de Carvalho, a literatura angolana se debruçou sobre esse tema inúmeras vezes e apontou para os novos graus de exploração do trabalhador, que continuava sendo tratado como uma mão de obra barata dentro de um sistema que buscava manter a

---

na cabeça dele a imagem da Buganvília teria sido associada ao nascimento do capitalismo “que resistia em renascer de forma selvagem por mais que fosse impedido”. In.: CASTRO, Fernanda. Entrevista a Pepetela. *Navegações*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 209-213, jul.-dez. 2014

<sup>443</sup> De acordo com Laura Padilha, Pepetela vai de encontro à tradição literária angolana anterior à independência que representa a Buganvília como signo de esperança e felicidade, pois o autor aqui a representaria como símbolo de destruição. In.: PADILHA, Laura. *Entre voz e Letra, o lugar da ancestralidade angolana do século XX*. Rio de Janeiro: Editora Pallas/ Eduff, 2007.

<sup>444</sup> PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Op. Cit. 2014.

<sup>445</sup> PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Op. Cit. 2014. P.61.

relação de “contrato” como solução para o fim da escravidão. Essa denúncia, feita em larga escala pela literatura, também foi tema primordial nas pautas políticas do MPLA antes da independência, que se aproximou da causa dos trabalhadores para conquistar o apoio desses homens explorados. Todavia, o que vemos em *O Cão e os Caluandas* é a permanência dessa concepção trabalhista e colonial sobre novas formas, recuperando uma crítica presente na literatura antes da independência.<sup>446</sup> Portanto, o escritor chama a atenção para o quanto para os bailundos pouca coisa parece ter mudado entre a lógica de trabalho imposta pelo colonizador e as relações de trabalho do país independente.

Quando nos voltamos para o lugar que Pepetela se coloca ao longo de todo o livro ao “falar do presente como se passado fosse”<sup>447</sup>, podemos interpretar essa escolha como um meio de enxergar a superação da crise que se instalou no país, a criação de um lugar – Calpe – seria a transfiguração de uma realidade que ainda cabe esperança. O cão, que ao final do livro consegue destruir a raiz da buganvília, cumpriu o seu propósito e após o gesto derradeiro, morreu com as patas ao mar, procurando “o vulto duma toninha”. A toninha, que é tema de algumas histórias, aparece como uma imagem de esperança em meio ao caos, ritualizando a “própria natureza do símbolo, pois instaura antes de tudo a dúvida, o sonho e o perpétuo refazer”.<sup>448</sup> Podemos interpretá-la ainda como a volta a um imaginário angolano que se aproxima dos valores populares ao descrever a toninha como a imagem de uma Kianda<sup>449</sup> “que tem algas como cabelos”.<sup>450</sup>

Assim, Pepetela termina o seu livro, revelando a sua narrativa como um sonho:

---

<sup>446</sup> CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. A identidade literária na literatura angolana (1975-1985). In.: Caderno CESPUQ de pesquisa, Belo Horizonte, nº5, p.68-77, abril,1999.

<sup>447</sup> MARTINS, Aulus Mandagará. Sátira, Utopia e Distopia em o Cão e os Caluandas de Pepetela. In.: Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: 13 a 17 de julho de 2008. P. 4.

<sup>448</sup> SALGADO, Maria Teresa. O Cão e os Caluandas: o Texto, o Leitor e o Mundo. In.: CHAVES, Rita. MACEDO, Tânia. (Orgs). Portanto...Pepetela. São Paulo: Atêlie editorial, 2009. P. 272.

<sup>449</sup> PADILHA, Laura. Op. Cit. 2007.

<sup>450</sup> PEPETELA. O Cão e os Caluandas. Lisboa: Dom Quixote,2014. p.157.

“E o meu sonho...se foi. Com ele começa a vossa fala”<sup>451</sup>. As dificuldades de dar continuidade ao projeto de nação que antes almejava, ainda pode ser notado no trecho destacado abaixo, pois, por mais que a buganvília tenha morrido, uma parte dela teria ficado de pé, deixando dúvidas quanto ao seu fim.

O velho, num salto e num uivo de ódio ancestral, fez cintilar a catana na noite que caía, desferindo um único golpe no tronco da Bunganvília. Fatal, o golpe razou o solo e cortou o tronco em dois. Os outros gritaram e avançaram para a raiz e arrancaram-na. Nela ficaram cravados os últimos dentes do pastor-alemão.

Decepada, desenraizada, a buganvília estava morta. Mas parte ficou ainda de pé, agarrada pelos espinhos à parede. O tronco, cortado pela base, balouçava ao vento que vinha do mar distante.<sup>452</sup>

O episódio acima é narrado por Pepetela na última parte de seu livro *O Cão e os Caluandas* e descreve o combate do cão pastor-alemão, personagem principal de todo o seu livro, contra uma buganvília que estava plantada na quinta. Ao travar sua luta, o cão ganha a ajuda de trabalhadores bailundos explorados pelo proprietário da quinta. Se a princípio as histórias que compõem o romance podem parecer desconexas, tendo apenas a figura do cão a circular por todas elas, é nesse momento que temos a junção de um todo e uma série de questões pertinentes ao longo da leitura ficam mais evidentes, o que talvez seja reconhecido pelo próprio autor, que ao final propõe lermos o romance de trás para a frente. Portanto, se escolhermos começar a análise do romance pelas suas últimas páginas, somos envolvidos pela própria posição que Pepetela ocupa dentro da narrativa, em que a reescrita da sociedade angolana, por mais que seja feita de um lugar distante, guarda uma proximidade com o seu modo de se relacionar com essa nova realidade angolana, que entre rupturas e permanências o aproximam e o distanciam da formação do Estado angolano no pós colonial.

Ao retomarmos uma entrevista de Pepetela, ele afirma que *O Cão e os*

---

<sup>451</sup> PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Lisboa: Dom Quixote, 2014 P.169

<sup>452</sup> PEPETELA. *Op. Cit.* 2014.

*Caluandas* foi um de seus livros mais críticos se nos voltarmos para o contexto político em que ele foi escrito e publicado. As suas críticas também se voltam para os indivíduos que compõem a sociedade no pós-independência, que de diferentes formas procuram se aproximar dos constantes esquemas para o favorecimento pessoal.

Eu é que mando realmente no serviço, por isso consegui arranjar imediatamente o documento. O chefe olhou-me de lado, a desconfiar, mas eu sou muito diplomata e lembrei-lhe umas operaçõezitas nada católica que ele tinha feito ou deixado de fazer, vai dar ao mesmo, bastou dar-lhe a entender que me lembrava delas e zás, a assinatura do chefe estava lá no papel. Bendita assinatura, vale-me duas grades por semana. Oh, também tenho um esquema para a carne, o peixe, as verduras, a roupa...Porque essas lojas oficiais não têm nada. Entro nos nossos tempos, não estamos no socialismo esquemático? (...) Ainda ando pelo esquema nacional, não entrei na importação.<sup>453</sup>

No trecho em destaque, que remonta à estória de um oficial que faz parte do aparelho burocrático do Estado, a corrupção é apresentada como prática comum do sistema político desenvolvido após a independência. Nesse sentido, cabe retomar alguns pontos debatidos aqui no que se refere ao modelo político presente no Estado angolano. Desde o momento da independência, a partir das constantes fugas de antigos proprietários de terras colonos e diante das dificuldades administrativas pelos angolanos que não tinham prática com a burocracia, novas políticas foram adotadas tanto no setor agrícola quanto no tecido industrial, provocando sérios problemas alimentares que fizeram parte do cotidiano angolano, principalmente no litoral, durante pelo menos os primeiros dezoito meses após a independência como ressalta Mabeko-Tali. O arroz e o peixe frito eram o prato principal, se não o único da população. Essas dificuldades em conjunto com a lei de confiscos e nacionalizações de 1976 contribuíram para as insatisfações da sociedade angolana que se viu cada vez mais dependente do Estado,

---

<sup>453</sup> PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Lisboa: Dom Quixote, 2014. p.20

controlado pelo MPLA<sup>454</sup>. Essas restrições de cunho econômico e social levaram ao desenvolvimento de uma lógica clientelista em que a população se aproximava do Movimento para obter prestígio e benefícios. Do mesmo modo, a corrupção se alastrava entre os setores burocráticos que buscaram novos meios de ganhar dinheiro.

Como destaca Nuno Vidal, o modelo político patrimonialista que caracterizou o Estado angolano trouxe com ele uma crescente elitização. Enquanto o partido se traduzia no principal acesso aos benefícios e bens materiais e a guerra se alastrava no país, os recursos foram ficando escassos e restritos a uma pequena elite, concentrada nas áreas urbanas e possuidora de uma boa escolaridade. Esse movimento contribuiu largamente para o alastramento da corrupção e dos mercados paralelos, pois grande parte da população se viu desamparada e sem acesso às necessidades básicas. Essa desigualdade social levou à busca crescente pelas ligações clientelistas, o que mantinha um ciclo vicioso, nutrido por um Estado que para se perpetuar no poder e manter a sua hegemonia tinha que valer-se de inúmeras alianças.<sup>455</sup>

Quando analisamos novamente a passagem destacada, podemos identificar as aproximações constantes entre o público e o privado, em que o oficial seria aquele que controlaria os serviços de acordo com os seus interesses pessoais, desobedecendo a concepção do público pelo bem coletivo. Ao escolher essa abordagem, Pepetela, que ainda fazia parte do governo durante a escrita do livro, propõe ressaltar os casos de corrupção que já eram cotidianos do governo, que teoricamente se aproximava do socialismo, mas na prática se desviava da ideologia nutrida por parte dos seus militantes<sup>456</sup>. Ou seja, para Pepetela a busca em fazer parte da política clientelista não estava condicionada apenas aos problemas econômicos e sociais que atingiam a maior

---

<sup>454</sup> MABEKO-TALI. Op. Cit. Vol. 2. 2001. P.173.

<sup>455</sup> VIDAL, Nuno. Op. Cit. 2006. P.13.

<sup>456</sup> Oficialmente o socialismo passou a ser uma política do Estado angolano somente em 1977.

parte da população naquele pós-independência, mas estavam ligados a uma concepção ideológica, que negava na prática os pressupostos socialistas e já nutria um comportamento capitalista. Até porque, os homens que conseguiam essa aproximação com o Estado e com as suas políticas eram uma minoria, que ainda estavam alocados dentro de uma elite angolana.

Ao nos debruçarmos sobre as estórias é evidente como o socialismo é construído como uma retórica e um meio para adquirir bens. O uso indiscriminado do vocabulário marxista ao longo de *O Cão e os Caluandas* tem como objetivo ironizar essa relação que parecia frágil. De acordo com Silvio de Carvalho, o desejo de ressaltar o quanto a “penetração de conceitos e valores marxistas, mesmo que de forma superficial” estavam nos jargões e no quotidiano das camadas populares nos diz o quanto “é mais fácil a difusão da letra que a do espírito”<sup>457</sup>.

Em diferentes momentos dessa estória somos envolvidos por debates que faziam parte daqueles finais dos anos 1970 e inícios de 1980. Enquanto a burocracia era alastrada pela corrupção, podemos nos voltar também para os discursos dos personagens, ainda inseridos nos preconceitos derivados de uma política colonial. Confessavam que os “tugas lá nisso de administração sabiam fazer as coisas”, pois o oficial lembra “aprendi com eles e não tenho vergonha de dizer”, a burocracia colonial era elogiada ao mesmo tempo em que ironicamente era caracterizada como digna pelo fato de “os papéis sempre direitinhos, as cópias certinhas...tudo bem ordenadinho, limpo...”<sup>458</sup>. Essa concepção burocrática descrita por Pepetela pode ser lida como uma sátira de um sistema colonial administrativo que era pautado por políticas de favorecimento e clientelistas que permaneceram no pós-independência. Além disso, o

---

<sup>457</sup> CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. Angola: História, nação e literatura (1975-1985). Op. Cit. P.286.

<sup>458</sup> PEPETELA. O Cão e os Caluandas. Op. Cit. 2014. P.21.

oficial aparece como um homem que já era próximo dos portugueses, já atuava no setor burocrático do regime, chamando a atenção para o desenvolvimento de uma jovem burguesia burocrática que entrou no aparelho do Estado pós-colonial por possuírem conhecimentos necessários para os anos logo após a independência. De acordo com Mabeko-Tali, esses quadros faziam parte de “elites urbanas que, tendo beneficiado amplamente do regime colonial, transitavam sem dor para o gozo de novos privilégios sócio-econômicos”<sup>459</sup>. É interessante notarmos que ao dar destaque a esses personagens, Pepetela desvincula esses homens da trajetória tradicional do MPLA, pois eles não tinham na grande maioria das vezes nenhum conhecimento sobre a natureza do Movimento.

Ao mesmo tempo, o autor chama a atenção para as permanências dentro do aparelho burocrático angolano. Como já foi abordado, havia dificuldades em compor o quadro administrativo no pós-colonial. Justamente por isso, muitos literatos foram alocados em cargos ministeriais e do governo para tentar suprir a demanda de pessoal qualificado ou mesmo alfabetizado. Todavia, o que Pepetela questiona é a permanência de indivíduos que não tinham proximidade com o MPLA, mas muito pelo contrário, eram herdeiros da burocracia colonial e com a independência continuariam atuando em setores importantes da estrutura política. A situação teria sido agravada ainda à medida que fazer parte do aparelho do Estado permanecia sendo interpretado como uma “recompensa política”, o que teria prejudicado a firmeza do modelo de gestão socialista introduzido pelo MPLA<sup>460</sup>.

Conforme desenvolve Ricardo Soares, a Sonangol é um exemplo importante para nos referirmos a algumas questões que apontam para as ambiguidades que fizeram parte da estrutura política-econômica do país. A empresa petrolífera seria a “pedra de

---

<sup>459</sup> MABEKO-TALI. Op. Cit. Vol. 2. 2001.P.171.

<sup>460</sup> OLIVEIRA, Ricardo Soares de. Op. Cit. 2015. P.56.

toque do sistema paralelo”, pois a Sonangol não adotaria o pensamento econômico marxista, mas sim, seria guiada a partir da economia internacional. Além disso, conforme Soares ressalta, “em nenhuma outra área da economia angolana houve igual grau de continuidade, tendo as estruturas e o pessoal sido mantidos”<sup>461</sup>. Faz referência ainda a um executivo da Sonangol que diz ter iniciado sua carreira na Angol antes de 1974 e ter permanecido após a independência: “Durante o colonialismo, nos períodos da invasão estrangeira, do marxismo-leninismo e do capitalismo, eu nunca saí do mesmo edifício”.<sup>462</sup>

Esse debate é retomado também em outro romance de Pepetela aqui analisado: *Predadores*. Na narrativa o escritor dá destaque à trajetória do pai de Sebastião Lopes (cuja a história será contada mais adiante), que de Cipaio nos tempos coloniais, passou a ser visto como um “patriota dedicado à ordem e à política nacional”<sup>463</sup>, um “orgulho do bairro”, pois com a independência “tinha sido integrado na nova polícia depois de um curso político intensivo e ocupava um lugar de algum destaque na corporação, compensando a falta de quadros experientes em manutenção da ordem pública”<sup>464</sup>. Podemos assim, compreender em diferentes momentos a crítica de Pepetela sobre a administração política do MPLA que se manteve contraditória e ambígua, por vezes abandonando o sentido revolucionário do movimento de libertação. Se em 1985, quando da publicação de *O Cão e os Caluandas*, o escritor já chamava a atenção para esses problemas que poderiam vir a minar o projeto socialista, em 2005, com a publicação de *Predadores*, já há a certeza de o quanto essas permanências contribuíram para arruinar a concepção de independência pautada por princípios de igualdade e liberdade.

Todavia, essas permanências não se faziam somente a nível burocrático e

---

<sup>461</sup> OLIVEIRA, Ricardo Soares. Op. Cit. P. 57-58.

<sup>462</sup> Entrevista a um quadro da Sonangol, Luanda, janeiro de 2004. In.: SOARES, Ricardo. Op. Cit. P.58.

<sup>463</sup> PEPETELA. *Predadores*. Op. Cit. 2009.P.155.

<sup>464</sup> PEPETELA. *Predadores*. Op. Cit. 2009. P.132.



político, estavam presentes no cotidiano da sociedade à medida que as práticas autoritárias se perpetuavam. Assim, a partir das sensibilidades que caracterizam a escrita literária podemos nos ater a esses comportamentos que ainda faziam parte das práticas sociais. Desse modo, já em *O Cão e os Caluandas* aparecem as tensões e contradições de uma Angola recém saída do colonialismo, em que a afirmação de direitos políticos, civis e sociais ainda estavam em processo de construção. Ao retomarmos a estória do oficial somos também envolvidos na sua relação com o cão, que para o personagem teria se aproximado dele porque os cães “gostam de quem tem qualidades de chefe, de quem lhes dá segurança”. Essa característica do oficial, a qual o mesmo se atribui, propõe uma continuidade entre a sua postura no trabalho, corrupta e autoritária com a sua vida pessoal. Na passagem abaixo destaca-se um momento da narrativa que reflete esse argumento:

Na passagem lhe conto que tive de vuzumunar umas chapadas num dos miúdos que protestava contra a prisão do cão. Pois é, esses kandengues de agora, com as porcarias que andam a aprender na escola e nas ruas, já refilam com os pais: que o povo tem lá o direito à palavra e eles são o povo. Veja lá! Na minha casa, não. Eu falo e o resto ouve. Quem traz o dinheiro para casa? Quando eles ganharem o seu sustento e tiverem uma mulher em quem mandar e bater, então aceito que venham discutir comigo. Antes não, sou eu o chefe.

(...)

Zangulei pois uma porrada nos miúdos para mostrar quem era o soba, o bando aquietou-se.<sup>465</sup>

A partir desse trecho podemos levantar algumas questões que ampliam as nossas concepções políticas ao apontar para as ambiguidades que cercam o processo de construção das relações de poder em Angola. Ao mesmo tempo que o sistema político angolano, liderado pelo MPLA, tivesse como uma de suas propostas a valorização da figura da mulher<sup>466</sup>, os ideais de liberdade de expressão e de direitos a níveis civis, na prática esses valores ainda não estavam consolidados, tanto na estrutura política do

<sup>465</sup> PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Op. Cit. 2014.

<sup>466</sup> Destaca-se a criação da Organização da Mulher Angolana (OMA), um célula do MPLA.

partido quanto entre a sociedade, ainda cercada por um imaginário colonial, ou mesmo por tradições políticas regionais que ressignificam o complexo cenário angolano após a independência.

Por outro lado, cabe ressaltar a relação complexa entre sobas e Estado no período pós independência. A aproximação das autoridades tradicionais é vista como uma estratégia para reforçar o poder do MPLA em regiões periféricas, de difícil alcance<sup>467</sup>. Ricardo Oliveira retoma inclusive o quanto os portugueses se utilizaram desses chefes tradicionais para controlar a arrecadação de impostos e o trabalho obrigatório, transferindo para eles a autoridade. Do mesmo modo, agora o MPLA também se volta para essa prática, cooptando e aproximando esses chefes locais dos interesses do Estado, de modo a assegurarem votos entre as comunidades, transformando-os em beneficiários do regime.<sup>468</sup>

Ao acompanharmos a narrativa temporal dos romances de Pepetela, notamos que embora as mudanças nas estruturas políticas e sociais tenham sido consideráveis após a independência, em diferentes circunstâncias podemos notar as permanências do período colonial, seja em uma política excludente, que ainda se mantém distante dos interesses sociais, seja através das diferenças que se colocam entre os indivíduos, que perpassam os componentes étnicos e raciais mas também os regionais e políticos. Em *A Geração da Utopia*, escrito em 1991, o autoritarismo e as diferenças sociais também são

---

<sup>467</sup> Ricardo Oliveira traz um dado de maio de 2012, quando 41.554 autoridades tradicionais reconhecidas, num total de cinquenta mil, eram pagas pelo governo. In.: OLIVEIRA, Ricardo Soares de. Op. Cit. P.178. Nesse sentido, cabe ainda acrescentarmos uma crônica de Pepetela intitulada “Autoridades tradicionais”, em que o escritor utiliza o espaço jornalístico para emitir uma opinião sobre o crescimento dessas autoridades: “Mas agora surgiram do nada milhares de sobas, mais de quarenta mil dos quais recebem salário do Estado. Só em Luanda existem dezassete sobas, quando o único que é conhecido de sempre é o da Ilha, antes representante do rei de Kongo, proprietário do território desde a noite dos tempos. De onde saíram os outros dezasseis? Aliado a isto surge a moda de alguns sobas se intitularem reis. Já temos mais reis que toda a Europa junta (...) Os verdadeiros sobas podem exercer funções extremamente úteis para as comunidades e por isso devem usufruir do respeito do seu povo. Mas de forma coordenada com as autoridades administrativas legítimas e sem serem incensados como semideuses”. In.: PEPETELA. Crônicas maldispostas. Lisboa: Leya, 2015.

<sup>468</sup> OLIVEIRA, Ricardo Soares de. Op. Cit. P.179.

representados como prática cotidiana do sistema político e social que estavam em formação. Podemos notar essa posição através de um conflito entre Malongo, já então ministro, e um funcionário seu. Em resposta às acusações sofridas por não querer pagar os dias trabalhados do funcionário, Malongo afirma: “E não viessem com os direitos sociais adquiridos com a Revolução, isso já tinha acabado. Para nunca mais esses populismos e igualitarismos que só tinham estragado o país”<sup>469</sup>.

O rompimento com a política revolucionária que é denunciada nas páginas dos romances de Pepetela encontra paralelo com a construção de personagens que contribuem para uma outra leitura dos homens envolvidos com o MPLA. Se por um lado o escritor problematiza o distanciamento que houve de parte dos militantes do movimento após a guerra em relação à política adotada pelo partido, por outro lado, propõe construir personagens que reforçam a moralidade do guerrilheiro ou mesmo apontam para uma nova ótica política ao levantarem saídas alternativas. Essa crítica liga-se a uma posição política ideológica nutrida por Pepetela que não reconhece no Estado que se formou o ímpeto revolucionário que o levou às guerras pela independência.

Todavia, se por um lado a crítica é uma constante nesses livros, em outros, a inevitabilidade em estar ao lado do MPLA ainda permanece. O debate político é bipolarizado, compreensível a partir do cenário de guerra que se vivia. A fala de Aníbal reafirma esse contexto político: “Só me queria afastar, ser independente, não sou contra eles nem existe alternativa fiável”. É inevitável não compararmos com a posição que Pepetela ocupa após a sua saída do governo.

### ***Personagens em cena: Os neoburgueses***

---

<sup>469</sup> PEPETELA. Geração da Utopia. Op. Cit. 2013.P.337.

Ao nos envolvermos com a vida particular de Malongo e Vítor, personagens centrais de *A Geração da Utopia*, é possível destacarmos ainda outros debates políticos que faziam parte do período, o que possibilita conhecermos um pouco mais as culturas políticas presentes e em disputa no contexto que o livro foi escrito. E do mesmo modo, como foi desenvolvido no segundo capítulo, é interessante apontarmos o contraponto entre esses dois personagens e Aníbal, que é afastado de toda a vida política após a independência por ser sempre alocado à um MPLA ideológico e utópico.

O primeiro capítulo que se debruça sobre a vida em Angola pós-independente é o terceiro do romance (*O Polvo*) e se passa em 1982. O combate pela sobrevivência é narrado a partir da ótica de Aníbal, que vai ressaltar os problemas enfrentados com os novos tempos. Somos envolvidos indiretamente nas dores causadas pela guerra civil a partir das dificuldades sociais encontradas e do drama dos retornados. É nessa parte que conhecemos os principais motivos que levaram Aníbal a se afastar do governo, negando os diversos cargos políticos que lhe foram oferecidos, causando surpresa entre todos, visto o enorme prestígio que tinha junto aos guerrilheiros, assim como o destaque obtido nas lutas pela independência, por mais que também seja evidente o seu afastamento da cúpula do MPLA desde a guerrilha.

A explicação para o seu distanciamento tem a ver com o ideal de sociedade que o incentivou a lutar, pois o seu projeto de nação se transformava em utopia. A desilusão com a independência aparece de forma mais desenvolvida nesse momento, em que a narrativa é deslocada para um espaço idílico, afastando o herói do romance da tumultuada e corrupta Luanda e levando-o ao sul, cada vez mais ao sul, “Será o sul minha última utopia?”, questiona Aníbal. Para Laura Padilha, Pepetela, ao longo de seus romances, procura inverter o sentido hegemônico da história que sempre partiu do norte

para o sul, mas não de modo a constituir-se em uma pura inversão, de modo a romper com o legado cultural do ocidente. O objetivo é encontrar uma travessia entre esses espaços a partir do seu “local de cultura”, a sua crítica é a partir de uma olhar de um homem de Benguela, que geograficamente localiza-se ao sul e Luanda ao norte, representando nesse contexto o poder político e autoritário que é construído no pós independência<sup>470</sup>. Por isso Aníbal se isola em sua baía.

Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, Laurindo, o Vítor antes, para só falar dos que conheceste. Mas tantos outros, vindos antes ou depois, todos nós a um momento dado éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o paraíso dos cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas se aperceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou a preparar as bases de lançamento para esse poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio.

Aníbal continua:

Condenam-me porque mandei tudo para o ar, não quis carros, casas ou várias mulheres, como eles têm, possuidores de um apetite voraz, insaciável.

(...)

eu incomodava, num banquete de canibais eu só tirava um pastel e contentava-me com ele. Deves reconhecer que é incômodo para quem se empanturra com tanta comida. Assim, ao menos, poupo-lhes a minha incômoda presença. E poupo-me de vomitar de enjoo vendo tanta comida a estragar-se quando o povo morre de fome.<sup>471</sup>

É interessante nos voltarmos para os diferentes graus de aproximação e distanciamento dos personagens criados pelo escritor angolano do então partido MPLA, e como isso vai influenciar diretamente as facilidades para adquirir produtos e bens que

<sup>470</sup> PADILHA, Laura. A força de um olhar a partir do Sul. ALEA. Volume 11, nº1, jan-jun, 2009.

<sup>471</sup> PEPETELA. Geração da Utopia. Op. Cit. P. 246.

eram controlados pelo Estado. Nos romances de Pepetela fica claro o quanto a política foi apadrinhada. A defesa de uma sociedade em que os direitos substituíssem os favorecimentos do período colonial teria ficado para trás, entre os tempos de guerrilha. Na nova sociedade que se erguia só teria espaço para homens como Malongo, que nos outros romances serão representados nas figuras de Carmina Cara de Cú (*Desejo de Kianda*) e Vladimir Caposso (*Predadores*), homens e mulheres que controlavam a ordem pública a partir dos interesses particulares e se nutriam de um Estado que foi desenvolvido e legitimado por políticas clientelistas<sup>472</sup>. A análise de Pepetela sobre o sistema político angolano que é aqui sugerida, torna-se ainda mais pertinente quando nos voltamos para os debates sobre a política em Angola que apareceram somente em finais da década de 1990 nas ciências sociais.

Nota-se o quanto a análise da criação desses personagens, se acompanhadas de uma reflexão sobre o grau de abrangência da política de Estado, que a posição ocupada por eles nos permite conhecer, pode enriquecer a nossa percepção sobre as relações políticas em Angola. Diferente de *O Cão e os Caluandas*, que trabalha o político a partir de estórias fragmentadas, os demais livros, escritos após a saída de Pepetela do MPLA, partem das estórias pessoais de homens e mulheres para conhecermos o quanto “os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social, e nesse complexo os micropoderes, existem integrados ou não ao Estado”<sup>473</sup>. Ou seja, como o poder se relaciona de diferentes formas com as pessoas que estão ao redor desses personagens principais, como eles dialogam e contribuem para a permanência de uma política pautada por favorecimentos. Nesse sentido, podemos acompanhar a partir das pessoas próximas a esses personagens o quanto as articulações políticas são desenvolvidas para além do Estado, mas também em diálogo com ele.

---

<sup>472</sup> VIDAL, Nuno. Op. Cit. 2006.

<sup>473</sup> FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

Em três romances analisados, são eles *Geração da Utopia*, *Desejo de Kianda e Predadores*, podemos ver claramente a construção de um tipo de indivíduo que personifica a crítica aos grupos sociais que aparecem com a independência. Assim, Malongo e Vítor, Carmina Cara de Cú e Vladimir Caposso são personagens construídos por Pepetela e que mantêm uma relação predatória com a política, à medida que se utilizam dela e se apropriam do poder para se beneficiarem. Estes grupos são classificados por Pepetela como os

neoburgueses, os que enriqueceram ou pensam enriquecer à sombra do Estado e têm comportamento de novos-ricos, com tudo de trágico e ridículo que essa palavra comporta. E há os lumpen-burgueses, os candongueiros de todas as espécies, os que começaram por pequenos negócios de rua e vão crescendo, sem cultura nem ética. Qual das duas classes comerá a outra? São classes com origens sociais diferentes, mas de igual apetite insaciável. Chegarão a fazer aliança e a criar um novo empresariado? Vão vender-se ao estrangeiro ou serão capazes de o assimilar? Seguirei com curiosidade esse combate que vai preencher o fim do século.<sup>474</sup>

Interessante chamar a atenção para o linguajar marxista na descrição desses grupos. Indivíduos que se utilizaram do Estado para enriquecer são descritos como burgueses, principalmente por já pertencerem a algum grupo privilegiado em Angola no tempo do colono, o que possibilitou construir as bases para estarem próximos às benesses que a nova estrutura política lhes reservaria. Do mesmo modo, também servindo à lógica excludente, os “lumpen-burgueses” são aqueles homens que não se reconhecem enquanto classe e a partir de desvios morais servem de apoio para os grupos elitistas assumirem o poder. São desprovidos de consciência política e suscetíveis aos interesses da burguesia. Por mais que façam parte de um grupo social desprivilegiado historicamente, ao negar a sua origem, buscam de diferentes meios,

---

<sup>474</sup> PEPETELA. *A Geração da Utopia*. Op. Cit. 2013. P.373.

inclusive ilícitos, a ascensão econômica.<sup>475</sup>

Nesse momento é interessante lembrarmos a construção do caráter de Vítor ao longo do romance, conforme desenvolvido no segundo capítulo. Vítor é descrito como um oportunista que nos tempos “românticos” de juventude esteve junto ao MPLA para o projeto de independência, mas os tempos duros da guerrilha foram aos poucos revelando a verdadeira face do personagem, apegado às questões materiais e extremamente individualista. Passou a fazer parte da cúpula do governo devido às suas pretensões de enriquecimento pessoal. Para isso se valeu do status de guerrilheiro o que lhe trouxe prestígio para incorporar o *bureau político*. Todavia, ao longo da narrativa conhecemos a face preconceituosa, capitalista e autoritária de Vítor, que junto a Malongo, nunca dado à política, mas que teria se aproximado pelas vantagens econômicas proporcionadas àqueles próximos ao Estado, passaram a caracterizar os grupos sociais que permaneceram ligados à política e distanciavam-se cada vez mais do projeto de nação anterior.

É fundamental acompanharmos as particularidades desses personagens e como a partir deles podemos conhecer ainda mais o Estado angolano por dentro, mas em sua relação complexa com a sociedade. Embora se reconheça que grande parte da população é dissociada da política, excluída e marginalizada, os romances de Pepetela também contribuem para analisarmos a complexidade que cerca essa relação, à medida que parte da sociedade também aparece como engrenagem da máquina clientelista que sustenta o Estado. A fala de Aníbal sobre os novos negócios de Vítor e Malongo, representantes de alguns grupos sociais que se formaram no pós-independência, apresenta essas engrenagens. Notamos a partir das iniciativas econômicas e das escolhas políticas dos personagens, o quanto eles contribuíram decisivamente para a permanência de uma

---

<sup>475</sup> BOTTOMORE, Tom. Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. P.354.



lógica desigual agravada pela abertura do país ao capitalismo.

A fundação de uma nova Igreja “da Esperança e Alegria do Dominus” junto a Elias<sup>476</sup>, bispo da Igreja e principal mediador desse negócio que receberá investimento de Malongo extrapola todos os limites morais. Essa estória que vem narrada já no final do livro traz uma provocação ao leitor ao mesmo tempo que demarca um momento de grande desilusão com a sociedade que se formou em Angola. O interesse de Vítor e Malongo pela Igreja faz parte dos meios constantemente adotados entre Estado e empresariado para conquistarem benefícios. No caso, essa relação aparentava ser proveitosa e lucrativa entre ambos, à medida que a conquista de fiéis para a Igreja levaria a um processo de cooptação de eleitores e, por outro lado, Elias se beneficiaria da política de favorecimentos empreendida pelo governo para o seu financiamento. Para conquistar o apoio de Vítor que ainda não estava certo quanto aos ganhos que poderia ter com a negociação, o bispo ao afirmar claramente que estava “à procura de sócios com poder e dinheiro” afirma:

Uma Igreja ganha prestígio e poder pelo apoio que recebe. A nossa pode ter tanta força na sociedade como essas que citaste. A sua mensagem é muito mais moderna e mais de acordo com o ser profundo do homem angolano. Daqui transbordará para a África e depois para todas as diásporas africanas. Imagina o mercado de almas à nossa disposição. Com as crises econômicas, com a perda da utopia da libertação política, com o fim do inimigo que estava do outro lado na guerra fria, com a dívida externa que tira qualquer hipótese de desenvolvimento aos nossos países, os jovens desempregados e sem instrução, a delinquência e insegurança galopantes, tudo isso leva as pessoas a verem a religião como a única salvação. Todos apelam a um deus que lhes indique um caminho na vida, que já não tem ou que nunca tiveram.<sup>477</sup>

A crença na religião aparece ao final do romance como uma saída para os problemas enfrentados tanto internamente quanto no cenário internacional. Os

<sup>476</sup> Cabe lembrar que Elias é um personagem que apareceu pela primeira vez na primeira parte do romance, ainda na Casa dos Estudantes do Império. Era um estudante, leitor de Fanon e financiado com bolsa da sua Igreja protestante.

<sup>477</sup> PEPETELA. Geração da Utopia. Op. Cit. 2013. P.449.

personagens se valem da ignorância e ingenuidade da população, levada a um estágio de descrença pelos problemas sociais que afloram na sociedade angolana que sofre com a ausência de políticas do Estado e com o avançar da guerra para fazerem valer os seus interesses pessoais. Em uma unidade formada entre Estado, empresariado e Partido, fortalece-se a política excludente e elitista em Angola. A proposta da “Dominus” que caracterizava-se por ser ampla, flexível e próxima dos valores locais de onde pretendia se estabelecer, aparece como uma via mais moderna e por isso mais aceita do que aquele protestantismo do qual Elias era fiel no período da Casa. Com a independência e a proclamação dos valores democráticos, o cenário de abertura política dos anos 1990 exigia uma nova ordem religiosa, que fosse mais moderna e próxima dos anseios da população. Nesse sentido, de acordo com o bispo Elias, a sua Igreja tinha uma nova concepção de lidar com os prazeres:

“É uma Igreja de deus. Dominus quer dizer o Senhor em latim. E é da esperança, porque é a única igreja que tem sempre uma palavra de estímulo, de encorajamento, para as pessoas. As outras igrejas são repressivas, ameaçam, todas influenciadas pelo Jeová de Israel que é um deus cruel”<sup>478</sup>.

O paralelo criado entre a Igreja e o Partido é marcante ao longo da narrativa, embora não seja a primeira vez que aparece em seus romances. Entretanto, agora essa relação é representada como um negócio. Nesse sentido, é interessante acompanharmos o grau de flexibilização do partido em relação à religião ao longo dos anos, à medida que os romances de Pepetela destacam a importância da religião na cultura política da sociedade e como ela aparece manifestada de diferentes formas. Em *O Cão e os Caluandas* essa temática ainda não é significativa, não é uma questão levantada pelo escritor, por mais que em *Mayombe* a proximidade do Movimento com a Igreja católica fosse uma preocupação constante. Conforme vimos, chamava a atenção o modo como os problemas políticos eram encarados pela ala diretiva, que já se mostrava avessa às

---

<sup>478</sup> PEPETELA. Geração da Utopia. Op. Cit. 2013. P.337.

oposições e à pluralidade de ideias.

Em outro momento, a partir de *A Geração da Utopia*, o escritor, sensível às demandas sociais, retrata as ambiguidades que cercam a relação da sociedade com a religião e o partido. Se, no tempo do partido único “os membros da Igreja eram obrigados a deixar o MPLA ou forçados a rejeitar publicamente a sua crença religiosa”, os personagens de Pepetela vão apontar para os diferentes graus de aproximação desses indivíduos com o catolicismo, que continuava exercendo uma grande influência sobre muitos militantes. Além disso, na década de 1990 as Igrejas voltavam ao cenário político e social com força entre os membros do partido, que passaram a se utilizar do seu poder e da sua legitimação entre as massas populares para promover-se. Assim, o acordo que Malongo e Vítor fazem com Elias para a criação da Igreja “Dominus” está totalmente inserida nessa lógica de interesse.

Do mesmo modo, quando em *Desejo de Kianda* Carmina, uma militante respeitada dentro do partido se proclama atea, da mesma forma que Antunes, o pai de Bebiana, mulher de Caposso em *Predadores*, Pepetela chama a atenção para as fragilidades entre a posição política-ideológica defendida pelo MPLA e a sociedade, que mantinha relações complexas com este, de acordo com o grau de interesse. Por isso, quando mais tarde o MPLA se afasta do socialismo, se descobriu que Antunes era um católico praticante, que só teria deixado a religião para poder entrar no partido, em nome disso teria se declarado ateu e socialista, mas o crucifixo era mantido em seu quarto, sob sigilo. Do mesmo modo, Caposso, o personagem principal de *Predadores*, também em momento oportuno, se aproxima do catolicismo:

O partido dominante tinha abandonado oficialmente o marxismo materialista e ateu. Vários responsáveis políticos faziam subtis movimentos de aproximação aos seus antigos credos ou mesmo se metendo nas novas igrejas eletrônicas, sem púlpito e apenas palco com muita luz e muito som, animadas por showcerdotes bem treinados a meter a mão nos bolsos dos fiéis. Por que não aderira ele

também a uma crença? No momento oportuno, apareceria de fio e cruz de ouro, mas apenas quando algum negócio exigisse.(...)A Igreja católica começava a recuperar muitos bens patrimoniais.<sup>479</sup>

O diálogo existente entre os romances aqui abordados é pertinente à medida que de diferentes formas mostram as relações complexas, ambíguas e híbridas que existem entre o Estado pós-colonial e a sociedade, que se aproxima e se distancia a partir de seus interesses.

Por outro lado, podemos também acompanhar nos demais livros analisados na presente pesquisa o quanto Pepetela em resposta a todo esse processo de desvirtude revolucionária, recria a esperança, mesmo quando não parece mais haver saídas para a desumanização da sociedade angolana, que dentro de uma escala predadora aniquila os sonhos, os projetos revolucionários e a utopia de dias melhores. Se em *O Cão e os Caluandas* essa possibilidade se dá a partir da criação de signos e símbolos, conforme vimos, nos demais livros as possibilidades de recomeço pautadas por valores humanitários contribuem para a existência de novos horizontes.

Em *A Geração da Utopia* somos envolvidos por uma narrativa em que o projeto revolucionário está em fase de desencanto, por mais que ainda sejamos capazes de enxergar sinais de esperança ao longo do livro. O autor se recusa a colocar um ponto final em uma história que começa por “portanto”, assim, somos levados a utopia que o move ao recomeço, que não pode deixar de ser associada ao contexto político e social que o país vivia. Em 1991 o cessar-fogo firmado entre a Unita e o MPLA, além da realização das eleições presidenciais e legislativas marcavam um novo momento da política angolana. O romance, inclusive, retrata em seu último capítulo o processo de construção do multipartidarismo e dos novos princípios econômicos baseados em uma economia de mercado. É nesse momento que temos uma revisão constitucional que

---

<sup>479</sup> PEPETELA. Predadores. Op. Cit. 2009. P.78.

incluiu o direito de manifestação, de associação, de liberdade de imprensa, greve e radiofusão independente.<sup>480</sup> É nesse clima que Pepetela abre espaço para a leitura carregada de esperança que marca a narrativa do livro em alguns momentos. O modo como os angolanos recebem essa nova realidade e a utilizam são representados nas páginas do capítulo “O Templo”, retratado em Luanda a partir de 1991. Por mais que homens como Malongo e Vítor existam e continuem persistindo e se beneficiando com as mudanças do regime, outros atores sociais também emergem e abrem espaço para vislumbrarmos uma nova realidade política.

Mesmo com o avançar da burocracia do estado, com a marginalização de figuras ícones do movimento, assim como o desenvolvimento de um modelo político econômico capitalista e liberal, o projeto de recomeço içado pela juventude representada por Orlando e Judite<sup>481</sup> apontam para outra direção. Principalmente Orlando, que em debate com Malongo, seu sogro, diz:

E os nossos empresários pensam só no imediato, são empresários primitivos, na fase da acumulação primitiva do capital. Os raros empresários com espírito criador, que poderíamos considerar como fazendo parte de uma burguesia nacional, não podem atender a todas as encomendas. E os europeus dizem, uma andorinha não faz a primavera. Alguns empresários dinâmicos e com visão de futuro não fazem uma burguesia nacional. Num país sem burguesia nacional, ou o Estado assegura alguns serviços ou então é o vazio. Facilmente ocupado pelos estrangeiros. Por isso esse discurso ultraliberalista não é só teórico nem inocente. Corresponde a uma estratégia invasora por parte de quem o propaga. Que afinal são sempre os mesmos invasores da história moderna, hoje com o campo todo aberto.<sup>482</sup>

Esse debate político, proposto pelo jovem angolano, que já demonstrava preocupação diante da nova realidade política e econômica do país, tem como pressuposto apontar para as novas complexidades políticas que já vinham sendo postas em Angola, embora fizessem parte de uma discussão ainda restrita. Em diálogo com o

---

<sup>480</sup> VIDAL, Nuno Transição para um sistema multipartidário. In.: Op. Cit. 2006. P.25.

<sup>481</sup> Judite é filha de Sara com Malongo e Orlando seu namorado.

<sup>482</sup> PEPETELA. A Geração da Utopia. Op. Cit. 2013. P.321-322.

processo de abertura política e econômica, o multipartidarismo era uma novidade e abria possibilidades de novas frentes políticas, mas a preocupação com a influência internacional nos assuntos internos angolanos persistia. Do mesmo modo, a ascensão de indivíduos capitalistas apontava para os perigos que rondavam a sociedade. Orlando é um personagem interessante, somente aparece no romance no capítulo final, mas aparece em meio a diálogos importantes que retomam questões fundamentais para refletirmos sobre a participação da juventude dentro do cenário político angolano no pós independência. O jovem questiona Aníbal sobre o impacto da geração da independência para a sua realidade:

[Orlando]: Liquidaram a imaginação, em nome duma moral militarista, de disciplina de caserna ou de convento, não sei, já não se podia criticar, dizer o que se pensava, tinha de se pensar antes de dizer. Houve as lutas internas, golpes de palácio que ninguém entendia, afastamentos de tipos que para nós eram heróis, outros iam parar à cadeia. E a minha geração, jovem e entusiasmada, foi perdendo o entusiasmo, foi considerando que a política era algo proibido e perigoso, só se devia cumprir e não pensar. Ela aí está, pensando só no carro e nas viagens, no futebol e nas farras. Sem meta na vida.<sup>483</sup>

Esse questionamento tem por objetivo refletir sobre o que deu errado com a geração que fez a independência, pois Orlando retoma a alegria dos primeiros momentos após a independência e como que de uma hora para outra, aquele sonho teria se transformado em uma utopia. A independência teria sido feita, mas o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária teria ficado pelo caminho. Lembra a recepção calorosa aos soldados da luta de libertação e como aquela euforia dos primeiros tempos aos poucos foi dando margem à desilusão e incerteza, fazendo com que a sua geração desacreditasse da política e em seguida se afastasse. Essa realidade vem demonstrar o cenário complexo da juventude após a década de 1990, que

---

<sup>483</sup> PEPETELA. Geração da Utopia. Op. Cit. 2013. P. 368.

se encontra ou entre as jotas<sup>484</sup> dos principais partidos políticos, ou no apartidarismo à medida que não se reconhecem dentro daquelas instituições e são críticos ao sistema político angolano ou ainda a grande maioria, que não se importa com a política diante de um contexto de descredibilidade com as instituições e tradições políticas do país.<sup>485</sup>

Para Orlando, o “enquadramento” imposto pelo MPLA à juventude é o grande responsável pelo desinteresse dos jovens pelos assuntos políticos. A postura autoritária, corrupta e o cenário de guerra afastaram os jovens. Por isso nos chama a atenção a construção de uma tradição política desde os tempos coloniais sem debate político, sem “uma cultura de manifestação ativa”, mecanismos que na prática contribuem para ampliarmos a participação política. Para Pedro Cardoso, o Estado por sua vez não contribui em nada para mudar esse cenário ainda hoje, pois continua manipulando e restringindo a ação de agentes formadores de consciência “-Sociedade civil, comunicação social e instituições de ensino”- o que ainda contribui para a perpetuação do medo, “levantando os velhos fantasmas repressivos do monopartidarismo”<sup>486</sup>.

Portanto, ao lançar luz sobre esse debate, ao construir a narrativa de seu romance, Pepetela atua como importante ator político antenado às disputas políticas do período. Traz para o campo social as preocupações que emergem em diferentes grupos que agora passam a ganhar espaço e consolidar novas formas de fazer política, afinal, como Orlando afirma a Vítor e a Malongo ao ser questionado sobre a possível formação de um partido por ele:

- Oh, é cedo para falar na formação dum partido – disse Orlando, medindo as palavras. – Digamos que há um grupo de pessoas com o mesmo tipo de ideias e preocupações e que se organiza para pensar em conjunto. Poderá ou não atuar em relação ao poder. Não é forçoso que

---

<sup>484</sup> Núcleos jovens de militantes, existentes entre os principais partidos de Angola.

<sup>485</sup> CARDOSO, Pedro. Os jovens angolanos e a política. In.: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto de. (orgs.) Sociedade Civil e Política em Angola. Enquadramento regional e internacional. Luanda e Lisboa: Firmamento, 2009. P.165.

<sup>486</sup> Idem. P.179.

seja um partido, mas a hipótese também não está afastada.<sup>487</sup>

Ou seja, o fazer política apenas através de partidos não era mais necessário. A juventude pensava em novas relações de poder, inclusive, nas instâncias mais próximas da sociedade civil. Por mais que devamos reconhecer que o nível de conscientização do jovem angolano ainda seja baixo<sup>488</sup>, Pepetela já trazia em romances da década de 1990 o quanto as ideias de uma juventude que assumia uma “cidadania ativa e não politizada”<sup>489</sup>, já encontrava ressonâncias.

### **3.4 Os novos ricos e a apropriação do Estado: “Esse MPLA nunca fará a revolução proletária”<sup>490</sup>**

Ao nos voltarmos para o romance *Desejo de Kianda*, um outro tom de desilusão marca a sua narrativa após o desenrolar de um projeto político que se desenvolveu no início da década de 1990, quando Pepetela diz que tivemos a ascensão de uma “burguesia não produtiva, burguesia de consumo de luxo, particularmente luxo, que se vai chamar talvez de um grupo ou uma seita de novos ricos”. Para o escritor, todos vinham de um único lugar que era o MPLA, “a partir do poder e que formaram os novos ricos de Angola a partir do Estado”<sup>491</sup>. Portanto, a sua escrita nesse romance é marcada pela “raiva”<sup>492</sup> diante do retorno da guerra e do imenso processo de desumanização que marca Angola naqueles anos. Compreende-se que tanto *Desejo de Kianda* quanto

---

<sup>487</sup> PEPETELA. A Geração da Utopia. Op. Cit. P.325.

<sup>488</sup> CARDOSO, Pedro. Op. Cit.2009.

<sup>489</sup> Idem. P.165.

<sup>490</sup> PEPETELA. Predadores. Op. Cit. 2009. P.95.

<sup>491</sup> PEPETELA. Entrevista realizada por alunos de Pós-Graduação do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, em novembro de 2010. Em: <file:///C:/Users/Caroline/Downloads/64735-Texto%20do%20artigo-85716-1-10-20131118.pdf>. Acessado em 20/05/2018.

<sup>492</sup> Idem.



*Predadores* marcam uma nova narrativa nas obras abordadas na presente pesquisa, principalmente ao concentrarem em personagens tão marcantes os diferentes graus de autoritarismo que circundam as relações de poder entre o Estado e a sociedade angolana.

Os dois personagens – Carmina Cara de Cú e Vladimir Caposso – apontam para as metamorfoses que o MPLA vivenciou ao longo dos anos e como de diferentes formas esses indivíduos se apropriaram do Estado em benefício próprio, elevando o grau de neopatrimonialismo e nepotismo existente na estrutura política angolana. Desse modo, a última parte deste capítulo volta-se para a construção desses personagens para compreendermos como a política é ressignificada e apropriada dentro de uma lógica de poder autoritária e patrimonial que fazem parte da ordem política estabelecida a partir da transição política para o multipartidarismo.

A partir deles nos deparamos com a representação de uma estrutura política que parece frágil, mas mantém a sua firmeza e habilidade justamente a partir dos favorecimentos praticados. Levando em consideração essa afirmação, podemos encontrar nesses romances diversos exemplos de como, por vezes, o socialismo foi utilizado apenas como estratégia para obter vantagens pessoais. Ou mesmo, “o vocabulário marxista-leninista” apenas aplicado como retórica para o alcance de favorecimentos.<sup>493</sup>

Carmina desde muito cedo já era descrita como uma menina que gostava das “artes do mando”<sup>494</sup>, por isso, não parecia haver outra saída que não fosse a política. Nesse sentido, as relações políticas mantêm-se afastadas dos valores democráticos à medida que são caracterizadas como prática de alguns, geralmente aqueles que tinham uma vertente autoritária. Os personagens de Pepetela refletem essa perspectiva. Além

---

<sup>493</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Op. Cit. 2010. p. 142.

<sup>494</sup> PEPETELA. Desejo de Kianda. 2008. Op. Cit. P.6.

disso, aqueles que no pós-independência aparecem próximos do governo são representados como homens corruptos, ignorantes e oportunistas. Enquanto ao mesmo tempo, o MPLA repeliu os homens bons, que se no início simpatizavam com o movimento, muitas vezes fazendo parte do quadro de militantes, com o tempo essa relação acaba sucumbindo. Cria-se uma ordem política individualista e clientelista que rompe com o projeto revolucionário de outrora.

A postura pedante de Carmina ainda menina em seu bairro não agradava os vizinhos e por isso recebera o apelido de CCC (Carmina Cara de Cú). Rapidamente a jovem ingressou na jota e de lá conseguiu conquistar cargos mais importantes dentro do MPLA, destacando-se no aparelho burocrático. Aos dezoito anos já era responsável por um setor. É a partir da sua trajetória política, que se mistura em vários níveis com a sua vida pessoal, que Carmina passa a ser a representação da estrutura política que se desenvolve após a independência. Por outro lado, João Evangelista, marido de Carmina, aparece como contraponto dessa personagem que carrega o autoritarismo em sua essência e aos poucos vai se transformando em objeto dessa relação, que inclusive, o leva a um processo de desumanização conforme veremos. Junto à estas questões, um fenômeno curioso cerca a história, a queda de prédios e o canto de Kianda, em que Pepetela mais uma vez recorre ao imaginários, aos signos e tradições angolanos para resistir ao processo de degradação humana implementada com as novas relações políticas e econômicas. Todavia, por mais que Evangelista se afastasse das concepções preconceituosas e autoritárias da mulher, se deixava levar pelos privilégios que conseguia alcançar ao lado dela.

Já em *Predadores*, somos envolvidos por uma narrativa que aborda o engrandecimento político e social de Vladimir Caposso, de homem simples, pobre e sem posses a grande empresário. A ascensão de uma classe burguesa em Angola é

protagonizada por esse personagem.<sup>495</sup> A grande virada da sua vida ocorre com a sua entrada para o MPLA, a partir das oportunidades que a vida lhe concedeu<sup>496</sup>. Caposso consegue se filiar ao movimento, o que lhe traz facilidades e privilégios que o levam à conquista de poder e riquezas:

Caposso...puxou de toda a lábia para mostrar empenho, desde quase criança, em fazer parte do glorioso movimento [...]

Mas o funcionário do partido lhe diz:

Sem testemunhas é muito difícil ser admitido, compreende, há muita gente que era da PIDE ou dos movimentos inimigos e querem entrar na organização para sabotar pelo interior, nós temos de evitar as infiltrações, mas cochichando a seguir, claro que algumas notas tapam os buracos e evitam as infiltrações e ele suando perguntou quanto era preciso para tapar os vazamentos, tendo obtido resposta satisfatória, tinha o suficiente no bolso.<sup>497</sup>

Vladimiro Caposso nunca foi dado à política, o seu interesse por ela estava diretamente condicionado às benesses que esta poderia lhe trazer. A partir da sua filiação em 1975 nasce um novo homem, ligado às tradições nacionalistas e socialistas. Forjou no próprio nome a homenagem ao líder revolucionário russo, Lênin, mas também o principal lema do partido “A vitória é certa”, diante disso, sua assinatura passaria a ser VC. Da mesma forma que utilizou o novo nome para se aproximar dos ideais do movimento, outras tradições também foram inventadas: a família revolucionária anti-colonial, o local de nascimento, Catete, de modo a se aproximar do presidente Agostinho Neto, a ideologia socialista e o seu prazer pela política.

---

<sup>495</sup> Para Silvio Carvalho, essa posição de Pepetela não é fortuita, pois chama a atenção para esse novo riquismo, característico dessa classe que ascende socialmente em cima da pobreza alheia, contribuindo para o acirramento da desigualdade social no país. Em: CARVALHO FILHO, Sílvio de Almeida. Relações de Poder em Predadores. Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 118-134.. p.133

<sup>496</sup> Caposso trabalhava em uma loja para um senhor português, Sô Amilcar. Quando do momento da independência, muitos portugueses deixam o país e Sô Amilcar é um desses que retorna para Portugal. Todavia, em tempo, pede para Caposso tomar conta da loja, caso não voltasse, poderia ficar com tudo. A partir daí, os trâmites burocráticos para a regular a loja em seu nome foram vários mas sempre contaram com o apoio e as facilidades características do sistema burocrático administrativo do governo angolano.

<sup>497</sup> PEPETELA. Predadores. Op. Cit. 2009. P.134.

É interessante notarmos o destaque que Pepetela dá ao longo do romance para as facilidades que Caposso teve por ter forjado um novo nome, assim como uma nova região de origem. Tal ênfase está diretamente ligada aos “vínculos de solidariedades” criados internamente no MPLA, dentre elas, a regionalista. Como aponta Marcelo Bittencourt, havia diversos confrontos políticos no interior do movimento, e muitas vezes as “disputas por espaço ou por pequenas vantagens no MPLA passavam por estas associações”, e continua, “É assim que se adquire consistência a acusação de que existia um grupo formado por indivíduos do Catete (...) era um dado que poderia, sem dúvida, ser útil a esses militantes nas intrincadas disputas no interior do movimento”.<sup>498</sup>

A estória do livro se desenrola entre 1974 e 2004. Em 1975, o ano da independência, Caposso já estava há alguns meses em Luanda e, aos poucos, se inteirava dos assuntos políticos, sem grande entusiasmo, através do seu amigo Sebastião Lopes. Os primeiros anos do pós independência são narrados a partir das incertezas que rondavam o período. O medo da guerra e a desconfiança com o movimento do MPLA foram revividos nas páginas de *Predadores* a partir de um olhar particular, de um homem que já havia passado pelas decepções que o levaram ao retirar-se do MPLA na década de 1980.

Ao nos voltarmos para CCC e Caposso e para o modo com que o poder é desenvolvido por esses personagens, assim como o controle que eles exercem sobre a morte e a vida das pessoas, podemos dialogar com o conceito de soberania desenvolvido por Mbembe. Para esse intelectual, a preocupação reside nas formas políticas de soberania que tem como projeto central “a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações”<sup>499</sup>. Sob

---

<sup>498</sup>BITTENCOURT, Marcelo. *Estamos juntos: O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)*. Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em História da universidade Federal Fluminense. 2002. p. 582-583.

<sup>499</sup>MBEMBE. *Necropolítica*. Op. Cit. P.4

essa perspectiva, a soberania perpassa a capacidade de matar para a legitimação do poder. A narrativa das relações políticas mantidas por esses personagens é taxativa em descrever o quanto são capazes de romper com as barreiras morais para o benefício próprio e mesmo para o seu fortalecimento político.

Suas práticas autoritárias vão além dos limites do Estado e invadem a vida privada das pessoas que estão próximas. As relações de medo que são narradas nas páginas de *Predadores* são marcantes e refletem o contexto político que vivia Angola. Assim, o assassinato da amante de Caposso deve ser recapitulado:

Caposso apontou com frieza do lado de fora do quarto, retendo a respiração, como aprendera da arte de bem disparar. Esvaziou o carregador da pistola. Os tiros foram bastante abafados pelo barulho atoador da carreata. Entrou no quarto, empurrou com o cano da pistola o corpo do homem morto. Verificou que ela também estava morta, três buracos perto do coração. Nem souberam porquê morreram, foi pena, a cabra devia sofrer com o medo da morte, para perceber o que lhe acontecia, e perceber também os riscos incorridos ao gozar com ele.<sup>500</sup>

Essa estória aparece como a primeira narrativa do livro que inicia em setembro de 1992. Em meio a um cenário político de incertezas e irrequieto com os rumos que o país poderia tomar, Caposso, a essa época já grande empresário, assassina a sua amante quando descobre que esta estava lhe traindo com um outro homem, assim morrem os dois. É importante ainda ressaltar que esse assassinato não foi adiante no livro, ou seja, a impressão que o escritor passa é que tudo teria ficado por isso mesmo, sem julgamentos. Não teria havido investigação a sério, ainda mais com o bilhete que Caposso teria deixado meticulosamente em cima dos corpos: “Ninguém trai a UNITA sem deixar a vida”<sup>501</sup>, transferindo a motivação pessoal para um ato político em plena disputa eleitoral após a abertura para o multipartidarismo.

---

<sup>500</sup> PEPETELA. *Predadores*. Op. Cit. 2009. P.16.

<sup>501</sup> *Idem*. P.17.

Ao lembrarmos que *Predadores* inicia em 1992, o cenário descrito por Pepetela aponta para uma disputa política eleitoral entre UNITA e MPLA, os principais partidos que concorriam às primeiras eleições multipartidárias desde a independência. Todavia, notamos claramente a privatização do setor público à medida que o narrador descreve que enquanto Caposso tentava entrar no apartamento para cometer o assassinato, evitando barulhos, do lado de fora aconteciam as carreatas de campanha eleitoral, que pertenciam ao “patrimônio do Estado” e traziam agitações de “bandeiras rubro-negras, cartazes, jovens de camisolas vermelhas e punhos erguidos, gritando slogans e canções políticas”<sup>502</sup>. Esse cenário chama a atenção novamente para a mistura de símbolos e signos que cercam o Estado e o partido, que propositalmente confundem-se por terem as mesmas cores e partilharem de bandeiras parecidas, em uma clara dominação do Estado pelo partido.<sup>503</sup>

Podemos considerar ainda, as relações estabelecidas entre o empresário e seus funcionários, descritos como se fossem propriedades suas<sup>504</sup>, ou mesmo os desmandos em casa com sua mulher Bebiana e seus filhos, como exemplos de práticas sociais autoritárias que também se articulam com a estrutura política de Angola após a independência<sup>505</sup>. Pepetela constrói uma narrativa que aponta para a persistência de uma cultura política que se reproduz e se renova, criando diferentes formas de se articular com as mudanças políticas e sociais que ocorrem. Assim, a falta de desenvolvimento de

---

<sup>502</sup> Idem. P.15.

<sup>503</sup> OLIVEIRA, Ricardo Soares. Op. Cit.2015.

<sup>504</sup> A descrição de seus funcionários mais próximos assim é retratada: “José Matias era homem seu, fora busca-lo à rua e ao desespero, ainda muito jovem, com medo de ir para a guerra, protegeu-o, livrou-o da tropa e lhe deu emprego, envolveu-o em negócios escuros, em perseguições e espionagens a rivais e concorrentes, em contratar gente para partir o braço a um devedor mais obstinado, não, José Matias nunca o traiu [...] José Matias pertencia mais a Caposso que a Firmino Matias, seu pai”. E sobre Fátima “magricela”, sua secretária assim é retratada: “fazendo todo o trabalho sem nenhuma reclamação, adorando horas extraordinárias, pronta para resolver problemas de casa dele nos fins de semana”. In.: PEPETELA. *Predadores*. Op. Cit. P.19 e26.

<sup>505</sup> “Tinha vergonha de contar aos pais que por vezes levava uma surra. Os velhos também não poderiam fazer grande coisa, se quisessem preservar o casamento da filha, coisa sagrada”. In.: PEPETELA. *Predadores*. Op. Cit. P.508.

um Estado democrático é proposital e assegura o poder restrito a poucos, do mesmo modo, a falta de investimentos a níveis sociais continuam reproduzindo relações baseadas no autoritarismo.

Nesse sentido, Messiant, ao se debruçar sobre as formas de governação do Estado angolano que contribuíram para a transição para o multipartidarismo, reflete como essa mudança não foi acompanhada de uma transição para a democracia. As relações políticas continuaram restritas e sendo construídas a partir de interesses particulares, mantendo um sistema de dominação hegemônico desigual, com caráter predatório em diálogo com o modelo político clientelista.<sup>506</sup> Caposso passa a ser a representação do modo como parcelas da sociedade angolana se articulam com o Estado em diferentes níveis, apontando para o alastramento da corrupção e da prática clientelista, bases para o desenvolvimento informal do sistema político angolano.

Ao ampliarmos esse quadro, podemos fazer um paralelo com as relações de poder que foram desenvolvidas entre o MPLA e a sociedade. Afinal, se por um lado o desenvolvimento do poder do Estado não pode deixar de levar em consideração o peso das interferências internacionais, por outro, também devemos estar atentos à sua política interior e ao “monopólio efetivo da violência legítima”<sup>507</sup>. Os tempos de um regime monopartidarista, em que figurava uma política de medo e autoritária teve o seu ápice após o movimento Nitista em 1977. Contudo, mesmo após o processo de transição para o multipartidarismo o que assistimos foi o “desenvolvimento da predação e da coerção”, assim como o de “um Estado militar-policia”<sup>508</sup>. Em um novo cenário de guerra em que temos a remilitarização do regime, quem não está com o MPLA é considerado um inimigo e um aliado da UNITA. Esse cenário político bipolarizado é reforçado pelo

---

<sup>506</sup> MESSIANT, Christine. Transição para o Multipartidarismo sem transição para a democracia. In.: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. Op. Cit. 2006. P.133.

<sup>507</sup> Idem. P.137.

<sup>508</sup> Idem.p.140.

partido.

Nesse sentido, cabe destacar que se em *Desejo de Kianda* as relações políticas ainda aparecem muito bipolarizadas, caracterizando o pouco avanço de um sistema político multipartidário, em *Predadores*, escrito em 2005, o cenário já abre espaço para as organizações de sociedade civil que passam a se destacar após o fim da guerra, ocorrido em 2002. Todavia, ainda em 1995, novamente em *Desejo de Kianda*, frente ao desalento com a retomada da guerra civil, Pepetela apresenta novas reflexões sobre o político em Angola. Para além de uma estrutura política partidária, o escritor abre espaço para uma luta de classes utópica entre os vestidos e os nus, ao problematizar a pobreza que cercava os homens na capital angolana, que entre os destroços dos prédios caídos andavam sem roupas pedindo esmolas:

Nós não queremos ser um partido. Queremos dinamizar um movimento de revolta que obrigue o Estado a ignorar as ordens do FMI, que estão a empobrecer cada vez mais os cidadãos para benefício dos estrangeiros e de alguns corruptos. Por isso esse movimento tem de partir da iniciativa das pessoas. Elas não podem ser espartilhadas por partidos que perseguem os seus objetivos próprios de poder. Aliás, já somos muitos a pensar que isso de partidos talvez esteja bem para a Europa, foi lá onde foram inventados, mas que aqui precisamos de outras formas mais nossas de organização. Temos de ousar pensar com as nossas cabeças.<sup>509</sup>

O movimento lutava a favor da “igualdade social”<sup>510</sup> à medida que buscavam arrancar as roupas dos ricos. As decisões seriam tomadas a partir de um caráter democrático com reuniões abertas a todos que se interessassem, em uma crítica ao modelo limitado e autocrático dos partidos. Essa posição política que nega o modelo partidarista e político a partir de um viés europeu é uma marca da leitura sobre as relações políticas do escritor angolano. Por vezes em entrevistas, Pepetela buscou afirmar o seu desejo em estabelecer uma nova ordem política em Angola, que não estivesse condicionada ao modelo colonial europeu. Desse modo, cabe retomar o trecho

---

<sup>509</sup> PEPETELA. *Desejo de Kianda*. Op. Cit.p.113.

<sup>510</sup> Idem.



de um entrevista concedida a mim, já mencionada anteriormente: “Acho que os africanos têm de pensar que é possível e necessário inventar modelos políticos e socioeconómicos que contemplem valores positivos das tradições. Talvez seja tarde demais, mas valia a pena tentar”<sup>511</sup>. A partir dessa afirmação o escritor aponta para a valorização da cultura angolana, principalmente a partir da retomada de signos e valores que podem ser observados com o desenvolvimento de uma narrativa que traz a Kianda dos contos angolanos como uma importante figura simbólica para a resolução dos conflitos ocorridos no país.

Kianda vivia feliz na lagoa até que os homens começaram a aterrál-la...construindo o largo e os edifícios todos à volta. Kianda se sentia abafar, com todo aquele peso em cima, não conseguia nadar, e finalmente se revoltou. E cantou, cantou, até que os prédios caíssem todos...esse era o desejo de Kianda.<sup>512</sup>

Essa posição política que aparece de modo restrito no final de *Desejo de Kianda*, mas demonstra uma insatisfação política com os rumos do Estado angolano, também tem espaço em *Predadores*. Após a vitória do MPLA na guerra, com o surgimento das organizações civis, é demarcado um novo momento político. A criação da DECTRA, uma associação em defesa dos criadores tradicionais, representa uma nova forma de fazer política e é a partir dela que Caposso enfrenta as suas primeiras derrotas no campo político e jurídico, que o conduzirão à falência. Conforme ressalta Bittencourt, a mobilização política entorno dessas organizações, após o cenário de guerra, traz novas reflexões sobre o político, que é extrapolado “para outras esferas que não apenas as dos partidos, e esse novo cenário era estranho e parecia escapar ao controle do MPLA”<sup>513</sup>.

A leitura sobre o político em Angola a partir da personagem Carmina também traz reflexões importantes sobre o período e guarda uma proximidade com o

---

<sup>511</sup> PEPETELA. Entrevista concedida à autora via correio eletrônico em 25 de julho de 2017.

<sup>512</sup> PEPETELA. *Desejo de Kianda*. Op. Cit.p.78.

<sup>513</sup> BITTENCOURT, Marcelo. *Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola*. Op. Cit. 2008. P.251.

personagem de Caposso à medida que CCC não vê limites para o seu engrandecimento pessoal. O comportamento em relação aos seus empregados e ao seu marido também aponta para a persistência de uma cultura política autoritária nos anos após a independência. Retratado de diferentes maneiras, construído em variados níveis, o autoritarismo ainda se fazia presente no dia a dia da sociedade angolana. O relacionamento entre João Evangelista e Carmina em *Desejo de Kianda* é retratado de modo desigual, a paixão pela “energia” de CCC que levou João ao casamento não era acompanhada na mesma proporção – “E até hoje não se sabe o que Carmina encontrou nele” -. Sua anomalia é descrita ao longo de todo o livro, enquanto que o avanço de Carmina sobre as propriedades do Estado para benefício pessoal demonstram a sua ascensão na carreira política, mas também desvelam a relação mercantil de seu casamento: “João ficou pensando em uma frase pronunciada por CCC que dizia que ninguém a comprava, só se fosse ao contrário (...) Até que ponto não tinha sido ele o alembado?”<sup>514</sup> Logo que se casou, Carmina se apropriou de um apartamento do Estado e o legalizou no nome de João, adquiriu também um computador, dado de presente ao marido, através também de uma “remessa comprada pela jota e que depois foi distribuída entre os responsáveis”. A partir desses atos, que ocorrerão ao longo de todo o livro, além dos destratos de Carmina em relação a João e suas opiniões, colocarão Evangelista à sombra de CCC e aos poucos lhe conduzirão a um processo de desumanização. À medida que a guerra e a miséria em Angola iam avançando e Carmina encontrava meios de se manter no poder, Evangelista se prendia mais ainda em seus jogos no computador, abandonando o mundo para além do apartamento. Sem forças para lutar e também obtendo privilégios, o que no fundo considerava errado, João Evangelista ia esquecendo em meio aos seus jogos de guerra a triste realidade dos

---

<sup>514</sup> PEPETELA. *Desejo de Kianda*. Op. Cit. 2008.

conflitos civis angolanos.<sup>515</sup>

O retorno da guerra civil angolana em 1992 marca o tom narrativo presente em *Desejo de Kianda*. O romance é construído em meio a desilusão com a volta da guerra que agora se aproxima da vida cotidiana da sociedade. A guerra que ocorre após o período eleitoral ganha novas proporções à medida que os confrontos foram travados nas principais cidades do país, “o que se explica pela presença da Unita nas áreas urbanas durante todo o período pré-eleitoral”<sup>516</sup>. São essas imagens de destruição que circularam em proporções mundiais e também estarão presentes na estória que Pepetela desenvolve no livro. Se por um lado Carmina é a representação de um Estado camaleônico que foi transfigurado à medida que os interesses econômicos e internacionais desejavam mudança, por outro lado, o engrandecimento material da personagem vai vir em diálogo com a presença crescente dos mutilados de guerra que cada vez mais se aglomeram nas ruas de Luanda.

Os dias foram passando com as notícias de outras cidades onde se combatia. Antes a guerra era apenas no campo, uma guerrilha que só aparecia próxima pelas consequências. Depois das eleições, a guerra passou a ser cidadina, a destruir prédios. O governo tentava refazer o exército que se tinha dissolvido antes das eleições, recrutando maciçamente antigos militares e novos recrutas, comprando apressadamente o material que tinha sido desviado ou vendido ao desbarato.<sup>517</sup>

O cenário de guerra é retratado nas páginas do romance praticamente junto ao desenrolar dos acontecimentos políticos em Angola, ao considerarmos a publicação do livro em 1995. Nesse sentido, são postas as dúvidas e os debates políticos do período que apontavam também para as responsabilidades internacionais que foram condescendentes com o retorno da guerra, principalmente frente à “tolerância criminosa” da ONU (Organização das Nações Unidas) à não desmilitarização da UNITA

---

<sup>515</sup> Idem. P.31-32.

<sup>516</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola. Op. Cit. P.246.

<sup>517</sup> PEPETELA. *Desejo de Kianda*. Op. Cit. 2008. P.39.

e ao fato de o MPLA se manter sozinho na direção do Estado durante o período das eleições.<sup>518</sup> Messiant nos chama a atenção para o fato de o MPLA poder ter se utilizado dos recursos do próprio Estado para a sua eleição. Ou seja, “o MPLA pôde funcionar sem que as novas instituições democráticas fossem um problema e implicassem uma mudança nas suas relações com os cidadãos”<sup>519</sup>.

Em Desejo de Kianda, se no início Carmina estava preocupada como o estouro da guerra e os constantes bombardeamentos em plena capital, com o passar do conflito ela passa a encontrar meios de se beneficiar e entrar para o comércio de armas, com o seguinte argumento:

Como sabes, há o embargo internacional às duas partes em conflito. Quer dizer, o governo legitimamente eleito não pode legalmente se armar para se opor ao nosso inimigo que guardou ilegalmente todo o seu poderio militar. Mas há uma maneira de se resolver a questão. Certas empresas, que não são do governo, dão o nome para o governo comprar armas e munições a outras firmas de países que nem produzem armas. Claro que a empresa que dá o nome para a operação ganha uma pequena comissão, uma pequena percentagem porque é para um fim patriótico.<sup>520</sup>

Em seguida, continua:

São para nos defendermos. E temos a legalidade pelo nosso lado, não ganhamos as eleições, declaradas livres e justas pela ONU? Então? Temos ou não temos o direito de nos defender? Esse embargo foi criado pelos americanos só para que os outros tomem o poder pela força.<sup>521</sup>

A guerra pós-eleitoral provocou uma série de problemas para a sociedade. Por mais que os dois lados tenham perpetrado uma guerra intensa, sem restrições quanto à crueldade das ações, a Unita foi considerada internacionalmente a grande causadora da guerra. A derrota eleitoral reconhecida pela ONU não foi admitida e buscou ser desfeita

---

<sup>518</sup> MESSIANT, Christine. O Processo de transição para o multipartidarismo em Angola. Op. Cit. 2006.P.138.

<sup>519</sup> Idem. P.139.

<sup>520</sup> PEPETELA. Desejo de Kianda. Op. Cit. P. 39

<sup>521</sup> Idem. P.41.

a partir do uso da força<sup>522</sup>. Liderada por Jonas Savimbi, a UNITA passou a “ver a nova guerra como uma comprovação de sua capacidade bélica e da justeza de suas acusações ao governo angolano”<sup>523</sup>. Podemos constatar nesse momento uma intensidade dos conflitos e um maior número de mutilados e deslocados de guerra o que aparece em destaque nas páginas do romance do escritor angolano.

O constante pedido de esmolas dos meninos de rua esbarrava “nos últimos modelos de vidros fumados e ar condicionado, para proteger os passageiros”<sup>524</sup> desse tipo de importuno. Do mesmo modo, os mutilados que agora “exigiam” alguma esmola também passavam a fazer parte do cenário urbano de Luanda, em meio aos prédios destruídos, aos sem teto que perderam suas casas e não tinham mais para aonde ir e ao caos que se instaurava na cidade. João Evangelista em tempo, ao circular entre esses meios, cada vez mais se refugiava no seu computador e “se lançou ao jogo em desespero, esquecendo a vida”<sup>525</sup>. O narrador de *Desejo de Kianda* retrata aquele momento como “um vento de loucura e morte [que] varria o território”<sup>526</sup>. A fome aumentava, a rede de esgoto não funcionava e os pedintes na rua não paravam de crescer ao mesmo tempo que: “As pessoas importantes tinham carros de luxo, de vidros fumados, ninguém que lhes via a cara, passavam por nós e talvez nem olhassem para não se incomodarem com o feio espetáculo da miséria”<sup>527</sup>.

O processo de desumanização da sociedade angolana permeia as páginas do livro, que ao mesmo tempo, retrata a ascensão de um grupo elitista ao Estado angolano.

---

<sup>522</sup> Devido ao resultado eleitoral em que Jonas Savimbi obteve 40,07% dos votos e José Eduardo dos Santos 49,57%, estava previsto, de acordo com a legislação eleitoral, um segundo turno. Todavia, Savimbi não reconheceu o resultado, alegando fraude, por mais que a ONU tenha a considerado legítima. Por isso, a guerra é retomada. Ver: MESSIANT, Christine. O Processo de transição para o multipartidarismo em Angola. Op. Cit. P.139.

<sup>523</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola. Op. Cit. P.247.

<sup>524</sup> PEPETELA. *Desejo de Kianda*. Op. Cit. P.93.

<sup>525</sup> Idem. P.98.

<sup>526</sup> Idem.

<sup>527</sup> Idem.

Carmina Cara de Cú é uma representação desse núcleo, que se utiliza do Estado como um bem privado e transforma a política em instrumento para o seu enriquecimento. As transformações pessoais e políticas por que passa Carmina estarão em diálogo com as mudanças que assistimos no interior do MPLA, afinal: “Carmina era sem dúvida uma filha do seu partido”<sup>528</sup>.

Assim, após se converter à economia capitalista, Carmina abre uma empresa de *import-export* a partir das vantagens que ser membro do Estado lhe possibilitou. A personagem passa a se comportar conforme determinava o novo figurino político, assim passa a ser empresária ao mesmo tempo que se elege como deputada pelo MPLA. As renovações políticas por que atravessava Angola passavam a ser readaptadas a novos interesses, que continuavam beneficiando os mesmos indivíduos. O processo de democratização do regime permanecia longe, assim como a participação popular também não fazia parte da agenda política: “Se outros aproveitam da situação, porque não eu, ainda por cima por uma causa justa? Acabaram as morais do convento, agora estamos na economia de mercado. Existem três séculos de ética capitalista a demonstrar a legitimidade da coisa”<sup>529</sup>.

Por outro lado, o que chama atenção em seus romances é a maneira pela qual o socialismo é abordado pelos personagens. Esse viés político-ideológico sempre aparece como um meio para se obter conquistas e vantagens, VC “nutria a fama de abnegado socialista, o que ajudava muito a considerá-lo pessoa íntegra, totalmente desinteressada dos bens materiais, um puro revolucionário em suma”<sup>530</sup>. Quanto à Carmina, assim se descrevia “Sou socialista, à merda as tradições obscurantistas”<sup>531</sup>. Nos áureos tempos do socialismo como matriz-ideológica do regime, Carmina era uma ferrenha militante, a

---

<sup>528</sup> Idem.

<sup>529</sup> PEPETELA. Desejo de Kianda. P.41.

<sup>530</sup> PEPETELA. Predadores. 2008. p.317

<sup>531</sup> PEPETELA. Desejo de Kianda. P.7

frente do combate político às tradições religiosas, étnicas e regionais que pudessem impedir o avanço das concepções modernizadoras do socialismo. Segundo o narrador a personagem era considerada “uma líder radical da jota”.

Conforme ressaltado em outro momento, sabemos que o socialismo não era um modelo político unânime dentro do MPLA. Apenas a partir do Congresso de 1977 afirmou-se a ideologia socialista do recém criado Partido. O tradicional passa a ser caracterizado como obscuro e atrasado, frente ao modelo de construção do homem novo, enquanto que, em diálogo com um contexto internacional, o socialismo passa a ser a representação do moderno. Como chama a atenção Bittencourt, ao procurar compreender a força dessa cultura política nos meandros da sociedade angolana, a música pode ser um rico instrumento de análise para termos ideia da dimensão alcançada por essa vertente política. Entre muitas letras a ideia de futuro melhor e moderno está condicionada ao socialismo que “romperia com as amarras do colonialismo, mas também da tradição representada pelos poderes locais e pelas crenças religiosas”<sup>532</sup>. Todavia, essa posição ressalta o quanto a propagação de um discurso como o socialismo tinha alcances variados entre a sociedade, que por vezes apenas se utilizava da retórica ideológica para obter benefícios e cargos políticos. Além disso, chama a atenção também como muitos intelectuais e políticos após o fim do socialismo afirmaram a falta de consistência político-ideológica entre os membros do partido e o uso indiscriminado dos conceitos e ideais socialistas.<sup>533</sup>

A postura crítica de Pepetela a partir dos seus romances dialoga com as críticas que virão das ciências sociais ao governo durante os anos em que o MPLA se perpetuou no poder. Ao longo das suas narrativas a forma instrumental com que o Estado se autoproclamou como socialista, assim como o alcance dessa teoria entre a sociedade, a

---

<sup>532</sup> BITTENCOURT, Marcelo. Angola. Tradição, modernidade e cultura política. Op. Cit p.141.

<sup>533</sup> Idem.

partir de uma relação de interesses, complexifica o quadro político do contexto político em que seus livros foram escritos.

O personagem de Caposso exemplifica essa realidade, principalmente a partir da sobreposição dos interesses individuais sobre os coletivos. Ao longo do romance de *Pepetela* ele vai se modificando, encontrando oportunidades de engrandecer de acordo com as novas possibilidades que o modelo político lhe oferecia. Desse modo, se antes era bom manter sua fama de socialista, pois “tinha feito anteriormente constar que abandonara as pretensões a lojista por não concordar com o comércio privado, sendo um socialista de velha cepa, achando que o comércio só devia ser feito pelo Estado, coletivização total”<sup>534</sup>, posteriormente, com a abertura do mercado econômico na década de 1990, os negócios passam a estar em primeiro plano. *Pepetela* ressalta em seu romance que nesse momento, cada vez mais se “misturava cargos políticos com empresas meio clandestinas”, o que vai ocorrer com Vladimir Caposso, que, assim como Carmina em *Desejo de Kianda*, vai passar a investir em comércio de armas. Em passagem relevante do livro, Caposso afirma: “Que se lixe a política, o partido e o marxismo! Quero é acumular fortuna e todos me respeitarão, pedirão favores, por muito marxistas que sejam”<sup>535</sup>. Nos anos de 1990 VC larga a política e passa a ser somente empresário.

É interessante ressaltar que Caposso iniciou a sua carreira como empresário dentro das brechas do próprio regime político ainda na fase socialista. Para Messiant, as relações de poder estabelecidas entre a sociedade e o Estado perpassam níveis de ilegalidade, corrupção e favoritismo, que ao serem acordadas possibilitam um “afrouxamento da repressão” sobre as atividades ilegais, como por exemplo os

---

<sup>534</sup> PEPETELA. 2008. p.317

<sup>535</sup> PEPETELA.2008. p.339



candongueiros<sup>536</sup>. É nessa via que Caposso adquire a sua frota de carros, inclusive, comprando-os no mercado internacional. À época, já era membro do partido e conseguia de beneficiar das vantagens em estar próximo do governo. Por outro lado, no momento seguinte após a transição para o multipartidarismo e a abertura econômica do país, em que a adesão ao marxismo-leninismo não era mais obrigatório, VC deixa o partido e se lança em novos desafios do mercado internacional.

Em diálogo com o exemplo acima, Nuno Vidal afirma que após a abertura econômica para o setor privado, “os processos de privatização que decorreram dos anos 1990 foram feitos a favor das elites no poder e hoje os mais lucrativos e politicamente cruciais ramos do setor privado assumem um caráter de oligopólio”<sup>537</sup>. Essa lógica continuava a estar atrelada sobre uma política de interesses, denominada por Vidal como patrimonialista-clientelista.

No romance de Pepetela, à medida que o Estado vai se afastando das concepções políticas socialistas, as críticas aumentam, deixando evidente as decepções com o governo: “Foram guerras épicas, essas do tempo colonial. E o MPLA veio e disse, cortem o arame, a terra é do povo. Gostei. Vinte e tal anos depois, começam a vir os mesmos para fechar os pastos e os caminhos com arame farpado”<sup>538</sup>. Esta passagem se refere à fala de uma liderança social, Chipengula, que criou a DECTRA, uma associação pela Defesa dos Criadores Tradicionais. Segundo o personagem, esta ONG nasceu dos debates suscitados nos comícios do MPLA, nos tempos em que ainda “acreditavam em princípios (...) bons e inocentes tempos”. A participação política, o comprometimento com o partido e a ideologia socialista estão restritos aos interesses pessoais: enriquecimento e poder. O título do último livro analisado – *Predadores* –

---

<sup>536</sup> MESSIANT, Christine. O processo de transição para o multipartidarismo em Angola. Op. Cit. 2006. p.136.

<sup>537</sup> VIDAL, Nuno. Op. Cit. 2006. p. 32.

<sup>538</sup> PEPETELA. *Predadores*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008. p. 185.

torna-se um importante instrumento técnico que associa a arte predatória à destruição da sociedade angolana. Capazes de tudo, esse grupo social emergente destrói todo o sonho de antes, assim como todos os ideais.

Nesse momento é válido lembrar que *Predadores* é escrito em 2005, após o fim da guerra civil em 2002. Vivia-se um novo contexto político e social, com a promessa de eleições legislativas em 2008 e presidenciais em 2012. Contudo, para o escritor angolano José Eduardo Agualusa chama a atenção a “força e a revolta” de Pepetela para escrever *Predadores*, o que para ele provavelmente está em diálogo com o seu desencanto sobre a “forma com que evoluiu o regime angolano desde 1975”. Para Agualusa *Predadores* encerra a escrita de desencantamento que marcou a produção de Pepetela.<sup>539</sup> Em uma narrativa construída entre um vai e vem de tempos, o romance é uma obra fundamental para refletirmos sobre a sociedade angolana na contemporaneidade.

Ao apontar para os anos iniciais após a independência, *Predadores* reconstrói a partir do distanciamento do tempo, as discussões em torno do político, que mesmo após o fim da guerra civil ainda parecia frágil e complexo. A luta pelo fortalecimento da nação, em torno de uma unidade que acreditasse no MPLA como o grande líder dessa nova nação perdurava e não encontrava novas frentes de oposição que conseguissem travar o poder político que o partido ainda representava, por mais que as oposições de caráter civil cada vez mais se fizessem presentes. Por outro lado, os problemas internos enfrentados pelo Movimento, que desembocou em dissidências e rupturas é pela primeira vez analisado em seus romances. O silenciamento sobre o episódio que ainda aparece controverso na vida de Pepetela – o movimento Nitista – se rompe, mas sem aprofundamento: “Tão satisfeito andava que mal se apercebeu das lutas políticas

---

<sup>539</sup> AGUALUSA, José Eduardo. Contracapa. In.: PEPETELA. *Predadores*. Op. Cit. 2008.

ocorrendo no interior do movimento (...) até estoirar o 27 de maio de 1977, com um levantamento de militantes, mortes, e depois prisões em massa e execuções<sup>540</sup>.”

Contudo, o Nitismo aparece como um movimento também elitista em torno das disputas pelo poder político, reforçando uma memória sobre o movimento de que o 27 de maio teria sido obra de um grupo de “arrogantes ambiciosos”, conforme retratamos no primeiro capítulo.<sup>541</sup> Dessa forma, os personagens mais bem quistos do romance, próximos a ideologias políticas democráticas e igualitárias também são mantidos afastados do levante:

Foi só nessa altura ele [Caposso] soube do Sebastião Lopes, preso já uns meses antes por razões políticas, mas não ligadas ao levantamento do 27. Falaram dele na reunião do grupo de ação, fazia parte de um comitê clandestino que tinha sido decaptado e uma grande parte dos membros tinha ido para a cadeia, lhes acusavam de esquerdistas...<sup>542</sup>

E mais adiante, o narrador retoma:

Chipengula e ele [Sebastião] se tornaram amigos na cadeia. Em 1976, quando se encontraram na prisão de São Paulo, acusados do mesmo crime, pertencerem a um comitê clandestino que considerava o governo demasiado de direita, desinteressado de fazer uma revolução socialista.

Estavam na mesma cela quando se deu o levantamento do 27 de maio e se puseram à margem de tudo, era uma luta entre os detentores do poder, não lhes dizia respeito.<sup>543</sup>

Ao nos voltarmos para essas passagens, é importante retomarmos o debate feito no primeiro capítulo em que Mabeko-Tali desenvolve o quanto o nitismo enquanto fenômeno político aponta para uma série de debates sociopolíticos existentes dentro do MPLA, que quando da chegada ao poder tornam-se mais evidentes. As frustrações sociais e as divisões ideológicas, encobertas muitas vezes pela luta em comum pela libertação, passaram a ganhar opositores dentro do sistema político-partidário<sup>544</sup>.

<sup>540</sup> PEPETELA. Predadores. Op. Cit. 2008.

<sup>541</sup> MARQUES, Inácio. Op. Cit. p.96.

<sup>542</sup> PEPETELA. Predadores. Op. Cit. p. 155

<sup>543</sup> Idem. P.182.

<sup>544</sup> MABEKO-TALI. Op. Cit. V.2. 2001. P.186.

Todavia, esse debate é silenciado ao longo de toda a obra de Pepetela e quando aparece em *Predadores*, mantém uma versão associada à direção do MPLA em 1977, logo após o golpe. Desse modo, as críticas que os nitistas fizeram à época, sobretudo relacionadas ao desvio político e à corrupção do Estado, não aparecem na obra de Pepetela. Interessante ainda ressaltar que as críticas desenvolvidas pelos nitistas, que já vinham de outras dissidências internas, conforme abordamos, não serão colocadas na literatura de um dos escritores angolanos que é reconhecido internacionalmente pela posição crítica ao governo e Estado angolanos no pós independência.

De volta aos personagens de *Predadores*, Sebastião Lopes e Caposso eram amigos de infância, se aproximaram ainda em um tempo em que o maior desejo de Lopes era servir as FAPLA e Vladimir ainda recém chegado em Luanda buscava encontrar meios para sobreviver, quando então foi trabalhar na loja do português Sô Amílcar. Sebastião Lopes sempre interessado pela política, serviu ao MPLA mas acabou sendo preso por razões expostas nos trechos em destaque. A criação de seu personagem é um contraponto dos indivíduos que depredam o Estado, pois através dele ainda somos envolvidos pela utopia política socialista de Pepetela. O MPLA passa a repelir esses homens íntegros, fiéis às causas políticas iniciais da revolução. Por isso, Sebastião Lopes é contratado pela DECTRA, liderada por Daniel Chipengula, como o advogado defensor da causa dos criadores tradicionais, mas ao mesmo tempo, não consegue fugir da lógica predatória do Estado que corrompe a todos ao redor. Em um momento do romance o narrador vem à primeira pessoa esclarecer que Sebastião Lopes só teria conseguido ingressar na faculdade de Direito através das facilidades que seu pai possuía por ser um oficial da polícia<sup>545</sup> agora na independência, depois de ter sido reprovado três

---

<sup>545</sup> PEPETELA. *Predadores*. Op. Cit. p. 184.

vezes em exames<sup>546</sup>.

Portanto, a relevância de *Predadores* não está somente em abordar a corrupção do Estado a partir de um personagem principal, que possivelmente poderia ser interpretado como um caso isolado, visto o caráter duvidoso de Vladimir Caposso. Mas é fundamental destacar, como a lógica de um Estado marcado pelo patrimonialismo e autoritarismo consegue intervir nas relações sociais de maneira direta ou indiretamente. Pepetela deixa claro para o leitor o quanto essa lógica clientelista consegue barganhar e se propagar no poder à medida que também assegura o domínio de um grupo social que se favorece constantemente.

A partir da reconstrução desse cenário, o escritor também retrata as disputas políticas que estavam presentes dentro do MPLA. O clima de tensão é narrado no romance, que faz referência às constantes desconfianças de todos, dando início às deposições de muitos membros do movimento. A mudança para partido também se fortalece nesse período, assim narrado por Pepetela:

“Um dia apareceram umas teses longas e complicadas para os militantes discutirem e darem sugestões (...) Textos cumpridos e chatos, no pensamento secreto de Caposso, realmente nem os leu. Mesmo o que dizia respeito à educação, sector onde actuava, não lhe mereceu a menor atenção. A discussão dessas teses no grupo foi rapidíssima, ninguém estava para se maçar nem tinha ideias. Foram todas aprovadas sem emendas, um modelo de perfeição”<sup>547</sup>.

O evento traz à tona as contradições existentes durante o movimento de Retificação após o movimento Nitista. Através da ironia Pepetela problematiza os desvios políticos presentes no MPLA. A entrada no atual partido tinha como critério a

---

<sup>546</sup> NUNO Vidal chama a atenção que desde a presidência de Agostinho Neto “novos mecanismos de dependência econômica e educacional” em relação aos “órgãos do topo do partido” foram criados, se transformando em um “mecanismo que foi usado (ainda que informalmente) para punir ou recompensar o comportamento político e depressa se tornou parte do mais alargado sistema distributivo de benefícios e privilégios”. In.: VIDAL, Nuno. Multipartidarismo em Angola. Op. Cit. p.16.

<sup>547</sup> PEPETELA. *Predadores*. Op. Cit. p. 156-157.

capacidade que o indivíduo teria para desenvolver o estudo e divulgação do socialismo. Contudo, por outro lado, não havia a preocupação com o aprofundamento a nível político e social do mesmo, o que favorece VC, que mesmo sem ter interesse na política forjava ser socialista, na época, um meio eficaz para alavancar socialmente. Para Mabeko-Tali, a entrada para o partido no I Congresso de 1977, logo após o movimento nitista, buscava estabelecer critérios mais rígidos para a sua filiação, do mesmo modo, ressaltava “a exclusão de pessoas que tivessem apoiado, de qualquer forma, o colonialismo”<sup>548</sup>. Portanto, ao realçar as contradições existentes dentro do movimento, Pepetela acena para os desvios ideológicos e políticos que faziam parte das relações de poder internas do MPLA.

De acordo com Silvio de Carvalho, Pepetela participou desse processo de Retificação, assim como também aprovou a transformação do MPLA em Partido, por mais que não tivesse interesse em integrá-lo. Todavia, se naquele momento estava atrelado às posições da cúpula do partido, aos poucos dela se distancia e passa a criticar o modo como muitos militantes vivenciaram aquele movimento de modo superficial. Ao tratar desse tema em *Predadores* propõe apontar para os interesses individuais de quem apenas se aproximava do partido para obter vantagens.<sup>549</sup>

Ainda nesse contexto, conforme afirma Nuno Vidal, o processo de centralização e elitismo acaba se beneficiando da tentativa de golpe, pois agora o MPLA teria o argumento necessário para legitimar o autoritarismo praticado. Em nome da disciplina, o processo de centralização política foi sendo moldado ao longo dos anos, não permitindo nenhuma oposição até o ano de 1991<sup>550</sup>. Levando em consideração essa afirmação, a permanência de Caposso em núcleos importantes do MPLA após o 27 de

---

<sup>548</sup> MABEKO-TALI, Michel. Op. Cit. Vol.2., 2001. P.231.

<sup>549</sup> CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. Relações de Poder em Predadores. Op. Cit. 2015. P.128.

<sup>550</sup> VIDAL, Nuno. Multipartidarismo em Angola. In: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs). O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola. Luanda: Firmamento, 2006. p.14.

maio deixa claro que os debates políticos não interessavam ao movimento, que aos poucos se afastava do interesse no desenvolvimento da democracia.

Assim, tanto *Desejo de Kianda* quanto *Predadores*, abordam as relações de interesse que cercam a sociedade e o Estado. Carmina Cara de Cú e Vladimir Caposso são os representantes dessa burguesia emergente que corrompe e destrói as relações humanas. Não há limites para eles. A força com que se apropriam do Estado reflete o modelo político neopatrimonialista que a ciência política desenvolveu ao analisar os modelos políticos na África após o cenário de independências.

Notamos a partir da construção dessas narrativas, o quanto também ao longo do tempo Pepetela vai buscando encontrar novas formas de participação política, menos atreladas ao modelo clássico do fazer política. Volta-se, nesse sentido, para a sociedade civil e para o alcance que as organizações cívicas podem ter no espaço político. Reflete as desilusões de um projeto político que não se concretizou como ele esperava, o que tem a ver com a burocratização do político e com a emergência de homens descomprometidos com as causas sociais. Assim, tanto em um romance quanto no outro, a sua alternativa política é construída a partir de sujeitos que romperam com o MPLA, ou mesmo nunca se aproximaram de qualquer outra frente partidária.

## Considerações Finais

Ao nos debruçarmos sobre a obra literária de Pepetela, a História angolana se aproxima do leitor. Ficamos mais próximos das tensões sociais, das contradições e ambivalências que cercaram o processo de formação da nação, assim como a afirmação do Estado após a independência do país, um movimento que consideramos ser contínuo e ainda em meio a disputas políticas. A partir das narrativas do escritor, intensas e provocativas, notamos o inconformismo frente a um cenário social que não se delineou conforme os interesses pessoais de Pepetela, que ao fazer parte de uma geração que pegou em armas pelo fim do período colonial, arriscou a vida em nome de uma causa. Todavia, pudemos acompanhar como essa “causa” já iniciou em meio a um cenário complexo e marcado pela pluralidade de ideias, que muitas vezes pelo antagonismo não conseguiram manter a unidade nacional.

Ao acompanharmos as histórias contadas por Pepetela, entrelaçadas à sua história de vida, adentramos a trajetória de uma das principais organizações políticas do país, o MPLA, que desde a independência se mantém no poder, cruzando a sua história com o processo de lutas de libertação e com a nação angolana. Importante ainda notar o quanto essa narrativa foi desenvolvida em meio ao cenário ainda comprometido com o calor dos acontecimentos. A proximidade com os eventos históricos não deixaram de trazer à tona as contradições, além de lançar luz sobre os desafios que se faziam presentes. Percorremos assim os debates sobre a questão racial no país a partir do olhar de um homem branco, que diante das disputas, propõe se reafirmar como angolano, utilizando do recurso discursivo de seus personagens para se colocar em tal debate.

São livros que percorrem cerca de trinta anos da História do país, anos do pós independência marcados por guerras, que atingiram diretamente a sociedade angolana e



a perspectiva de vida dos jovens; anos, nos quais as disputas entre os dois principais partidos gerou novas relações da sociedade com a política, que se por um lado, fez com que amplos seguimentos desta permanecessem afastados do Estado à medida que o poder continuava concentrado nas mãos de poucos, por outro, e os livros de Pepetela apontam para isso, construíram novas formas de pensarem a política, ainda incipientes, mas que procuram de algum modo romper com as estruturas políticas criadas. Sua utopia continua sendo ensaiada nas páginas de seus romances, que longe de ser um fim em si mesma, é também interventora. A ironia e o sarcasmo, característica marcante da narrativa de Pepetela, têm como pressuposto principal não apenas fazer com que os angolanos possam rir da sua própria desgraça<sup>551</sup>, mas realçar a sua crítica às relações políticas que se estabeleceram no país, marcadas pelo autoritarismo e pela corrupção.

Nos voltamos, assim, a partir de uma perspectiva, a de um homem branco, letrado e urbano para as tensões sociais que percorreram esse tempo histórico. Ao considerarmos que o processo de construção do romance parte de uma realidade baseada também nas memórias do autor, suas narrativas ampliam as subjetividades que cercam o cotidiano luandense e remontam a importantes reflexões sobre a sociedade angolana.

Os romances de Pepetela, em diálogo com a História de Angola, podem ser considerados um importante espaço para refletir sobre as contradições e ambivalências existentes no interior da sociedade. Por mais que não precise demonstrar ter um comprometimento com a realidade, e talvez seja um dos seus mecanismos de reforço, defesa e capacidade de intervenção, a Literatura e a sua escrita, ao imaginar a nação, as relações políticas, ao construir personagens e problematizar o modo como os indivíduos

---

<sup>551</sup> Em entrevista Pepetela afirma que essa é uma característica do povo angolano, saber rir das próprias desgraças.

se relacionam com o poder lançam luz a um cenário de tensões sociais, que muitas vezes aparecem omitidas da História oficial angolana.

## Anexo

(Entrevista concedida a autora via correio eletrônico no dia 25 de julho de 2017).

### **1. Como a família lidou com as suas escolhas políticas a partir do seu momento no exílio em Argel?**

R: A minha família directa só teve contacto comigo enquanto estive em França. Não lhes disse que ia para Argel nem o que ia fazer. Cortei a correspondência, para os defender de qualquer acção da Pide (policia política portuguesa) sobre eles. Mas estavam cientes das minhas ideias, como vim a saber muito mais tarde, depois do 25 de Abril. Pensaram que eu tivesse sempre estado na Alemanha. O meu irmão até lá foi procurar amigos comuns para saber de mim. Sem sucesso.

### **2. Qual a influência da questão racial em Angola para a escrita da sua obra?**

R: A tomada de consciência da necessidade da Independência começou com a percepção de que existia o racismo colonial. Quando era muito jovem, tinha amigos de todas as cores e chocou-me descobrir que uns eram privilegiados e outros oprimidos, por causa da cor da pele. Essa situação reflectiu-se em alguns dos meus livros, sobretudo os primeiros, mais marcados pelo fenómeno colonial.

### **3. Que papel o senhor atribui à literatura no processo de formação da nação e do Estado angolano?**

R: A literatura e a música tiveram uma certa influência, mesmo se podiam ficar restritas a um núcleo de pessoas mais informadas. De qualquer maneira, as ideias transmitidas por esses meios se iam difundindo aos poucos por largas faixas da população, particularmente cidadãos. Depois da independência, havia condições para a difusão dessas obras culturais e elas contribuíram para a auto-estima e o orgulho de ser angolano.

### **4. Pode descrever seu sentimento após o processo de independência de Angola?**

R: O primeiro sentimento foi o de dever cumprido, embora tenha sido uma época muito conturbada, sem saber o que seria o dia de seguinte em termos pessoais e de família. Mas a declaração de Independência na noite de 10 para 11 de Novembro marcou para sempre todas as pessoas que a ela tiveram acesso. Nós ouvimos pela rádio, com as tropas sul-africanas a atacarem a cidade onde estávamos (actual Sumbe). Muitos dançaram nas trincheiras...

### **5. Pode falar um pouco sobre o seu papel como agente para o fortalecimento do poder do Estado após a independência?**

R: Após a Independência deixei as FAPLA e a actividade partidária, para o papel de professor no Sul e ter oportunidade de escrever. Mas durou pouco, pois fui chamado

para o Governo, como Vice-ministro da Educação. Nesse cargo tentei ajudar a criar um ensino de tipo novo, diferente do colonial. Conseguimos fazê-lo. Em 1982, a meu pedido, fui libertado dessas funções e portanto deixei de contribuir para o fortalecimento do Estado senão de forma indirecta. Voltei para a Universidade e finalmente tive possibilidade de ser escritor. Assumi funções a nível de várias organizações da sociedade civil (União de Escritores Angolanos, Organizações culturais, ultimamente a Academia Angolana de Letras).

**6. Embora seus livros ressaltem uma pluralidade nacionalista, há, desde a independência, um movimento do Estado angolano em homogeneizar o nacionalismo angolano. Como foi essa relação e como vê isso hoje?**

R: É verdade, não fugimos à lógica que foi generalizada em África, com o Partido Único, uma ideologia dominando tudo o resto, a tentativa de "modernizar" todas as estruturas de poder, domando as chefias tradicionais que ainda existiam aqui ou ali, a prevalência do Direito europeu sobre o costumeiro, etc. Há muito que acho ter sido um erro apontar apenas numa direcção, o que, de certa forma, era copiar, mesmo pela inversa, o pensamento colonial. Acho que os africanos têm de pensar que é possível e necessário inventar modelos políticos e socioeconómicos que contemplem valores positivos das tradições. Talvez seja tarde demais, mas valia a pena tentar.

**7. Em que momento percebeu que o sentimento que motivou a sua luta pela independência começou a virar utopia?**

R: Nunca achei nem foi uma utopia, por isso conquistámos a independência. Mas o projecto de muitos não era só isso, também era o de criar uma sociedade mais justa, e isso ainda não foi alcançado. O meu livro "Mayombe", escrito em 1970-71 mostra que eu já começava a moderar essa esperança.

**8. Em que medida o livro *Geração da Utopia* pode ser visto como uma autobiografia?**

R: Não é. Claro que ele percorre cenários que conheci, onde vivi, realidades que presenciei ou em que participei de forma colectiva, mas estou em todas as personagens e em nenhuma. Não é sempre o que faz um escritor?

**9. Pode nos explicar o porquê da escolha pelo nome de guerrilha "Pepetela" para a produção literária? Seria uma permanência do militante com o homem Artur Pestana dos Santos?**

R: Muito simplesmente porque toda a gente com quem eu lidava me conhecia por esse nome de guerrilha e sempre o achei mais bonito que o próprio. Foi natural que ao publicar, o escolhesse como nome literário. Está ligado à fase de militância, claro, mas hoje é apenas o meu nome.

**10. Embora a questão nacionalista apareça muito forte na sua escrita literária, o senhor pode ser considerado um intelectual entre fronteiras. Como isso pode ser influenciado na sua obra?**

R: Gosto disso, intelectual entre fronteiras... Talvez tenha tido a sorte de viver várias vidas, cidadão perto do mar, vivendo e combatendo mais tarde no mato, em muitas regiões diferentes, exilado em vários exílios na Europa e em África, membro de uma minoria sempre, do ponto de vista da origem, da raça, das ideias, muitas vezes solitário. Certamente que influencia qualquer obra.

## Referências Bibliográficas

### Arquivo Torre do Tombo

Serviço de Centralização e Coordenação das Informações de Angola. Processos de Informação Pide/ DGS 5; Nt.6963; Proc.97ci (2).

Serviço de Centralização e Coordenação das Informações de Angola. Processos de Informação Pide/DGS. Del Angola. Código do documento 14933/Sr Nt1163.

### Entrevistas

PEPETELA. In.: FREITAS, Almir de. Pepetela, passado, futuro. In.: Revista Bravo, 20 de setembro de 2016. Em: <https://medium.com/revista-bravo/pepetela-passado-e-futuro-53623e764790>. Acessado em 03/08/2019.

PEPETELA. Entrevista a Aguinaldo Cristóvão. O escritor é um ditador no momento da escrita. Luanda. s/d. Em: <https://www.ueangola.com/entrevistas/item/384-o-escritor-%C3%A9-um-ditador-no-momento-da-escrita>. Acessado em 05/06/2018.

PEPETELA. Entrevista concedida a Michel Laban em 04.04.1988, Luanda. In: LABAN, Michel (org.). **Angola. Encontro com os Escritores**. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, v. 1. 1991.p.775/776.

PEPETELA. Entrevista ao Portal Raízes. S/d. <https://www.portalraizes.com/1pepetela-a-geracao-da-utopia/>. Acessado em 10/05/18.

PEPETELA. Entrevista por meio eletrônico a Carolina Bezerra em 25/07/2017

PEPETELA. In.: MOTA, Denise. “independência e Justiça”, Raça Brasil, nº97, São Paulo. APUD.: CHAVES, Rita MACEDO, Tânia. (Orgs). Portanto...Pepetela. São Paulo: Atêlie editorial, 2009.

PEPETELA. A Casa dos Estudantes do Império fez de mim um escritor. In.: Revista Mensagem, nº especial 1944-1994. União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), Lisboa: 2005.

PEPETELA. Folha de São Paulo no dia 09 de maio de 2012. Encontrado em:<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/41711-pepetela-investiga-a-angola-do-seculo-17-em-novo-livro.shtml>. Acessado em: 04/05/2016.

PEPETELA. Entrevista para o Jornal *O público*. 7 de agosto de 1992. Em: BITTENCOURT, Marcelo. *Estamos Juntos. O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)*. Niterói: Tese de Doutorado/ Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. 2002.

PEPETELA. In.: LIBERATO, Carlos e PAIVA, Felipe. A ideologia da escrita: Pepetela, uma entrevista. Mulemba. Rio de Janeiro, v.1, n. 5, pp. 152- 158, jul/dez 2011.

PEPETELA. Expresso, 1990. Apud: MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura angolana. O Caso de Pepetela*. Portugal: Edições Colibri, 1993.

PEPETELA. Entrevista concedida a Luara Pinto Minuzzi. Em *Navegações*. v. 10, n. 1, p. 84-96, jan.-jun. 2017.

PEPETELA. In.: CASTRO, Fernanda. Entrevista a Pepetela. *Navegações*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 209-213, jul.-dez. 2014.

PEPETELA. Entrevista realizada por alunos de Pós-Graduação do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, em novembro de 2010. Em: <file:///C:/Users/Caroline/Downloads/64735-Texto%20do%20artigo-85716-1-10-20131118.pdf>. Acessado em 20/05/2018.

### **Obras de Pepetela**

PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Leya, 2013.

PEPETELA. *Se o Passado não tivesse asas*. Lisboa: Leya, 2016.

PEPETELA. *Sua excelência de corpo presente*. Portugal: Dom Quixote, 2018.

PEPETELA. *Desejo de Kianda*. São Paulo: Leya, 1995.

PEPETELA. *Geração da Utopia*. São Paulo: Leya, 2013.

PEPETELA. *Predadores*. Rio de Janeiro: Lingua Geral, 2008.

PEPETELA. *O planalto e a estepe*. São Paulo: Leya, 2009.

PEPETELA. *Yaka*. Lisboa: D. Quixote, 2008.

PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Portugal: Dom Quixote, 2006.

PEPETELA. *Crônicas maldispostas*. Lisboa: Leya, 2015.

PEPETELA. *Lueji, o nascimento de um império*. São Paulo: Leya, 2015.

PEPETELA. *O quase fim do mundo*. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

PEPETELA. *Jaime Bunda e a morte do americano*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

PEPETELA. *Muana Puó*. Lisboa: Dom Quixote, 2009.

## Obras sobre Pepetela

AGUALUSA, José Eduardo. Contracapa. In.: PEPETELA. Predadores. Op. Cit.2008.

ANTÔNIO, Mateus P. Pimpão. Romance e realidade em Lueji, o nascimento de um Império, de Pepetela. Cadernos CESPUC. Belo Horizonte. Nº27, 2015.

CARVALHO FILHO, Sílvio de Almeida. Pepetela: Fragmentos de uma trajetória. In.: *Boletim do Tempo Presente*. Nº6 p.1-16. 2013.

CARVALHO FILHO, Sílvio de Almeida. Relações de Poder em Predadores. Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 118-134

CARVALHO, Silvio. Negro e Branco em Pepetela. Anais do XX Simpósio Nacional de História – ANPUH • Florianópolis, julho 1999.

CARVALHO, Silvio. Predadores: *A escrita de si como subtexto da escrita do outro*. Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

CHAVES, Rita. *Pepetela: Romance e Utopia na História de Angola*. Via Atlântica nº2. Jul. 1999. São Paulo: USP.

GOMES, Simone. Jaime Bunda e a Morte do americano: O livro policial é apenas um pretexto. In.: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. Op. Cit. 2009.

MALTOVANI, Rosangela. Jaime Bunda, Agente Secreto: A paródia do Mito. In.: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. Op. Cit. 2009.

FRANK, Nilton Marcon. In.: *Leituras Transatlânticas. Diálogos sobre identidade e o romance de Pepetela*. Tese apresentada ao Programa de Pós graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

FRANK, Nilton Marcon. Os Romances de Pepetela e a imaginação da nação. *História Revista (Online)*, v. 16, p. 31-51, 2011.

MARTINS, Aulus Mandagará. Sátira, Utopia e Distopia em o Cão e os Caluandas de Pepetela. In.: Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: 13 a 17 de julho de 2008.

MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura Angolana: O Caso de Pepetela*. 1993.

MATA, Inocência. Pepetela: A Releitura da História entre gestos de reconstrução. In.: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. (orgs.) Op. Cit. 2009.

MATTOS, Tatiane Reghini. As vozes narrativas de Pepetela: A Geração da Utopia e Predadores. Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas



da USP. São Paulo:2013.

PADILHA, Laura C. A força de um olhar a partir do sul. ALEA. Vol.11, nº1, jan-jun.2009.

SERRANO, Carlos. O Romance como documento social: o caso de Mayombe. In.: Via atlântica. Nº 3, dez. 1999.

WÉ LEPI, Ndunduma. Quarenta anos de amizade para sessenta de vida. In.: CHAVES, Rita. MACEDO, Tânia. (Orgs). Portanto...Pepetela. São Paulo: Atêlie editorial, 2009.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. Orelha do livro A Gloriosa Família.In.: PEPETELA. A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

### Obras Gerais

ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Àtica, 1989.

AMSELLE, Jean-Loup. Etnias e espaços: por uma antropologia topológica.In.: AMSELLE, Jean-Loup e M´BOKOLO, Elikia. (Orgs.) No Centro da Etnia. Etnias, tribalismo e Estado na África.Rio de Janeiro: Vozes, 2017

ANTUNES, Gomes Catarina. *De como o poder se produz: Angola e as suas transições*. Coimbra. Tese de Doutoramento em Sociologia. Faculdade de Economia/ Universidade de Coimbra, 2009.

ARAÚJO, Kelly. Um só povo, uma só nação. O discurso do Estado para a construção do homem novo em Angola. 2005. Dissertação - Universidade de São Paulo.

ARRIGHI, Giovanni. Aspectos derivados del sistema-mundo y aspectos regionales. Disponível em: <[www.uruguaypiensa.org.uy/imgnoticias/897](http://www.uruguaypiensa.org.uy/imgnoticias/897)>. Acesso em: 20 de setembro de 2014.

APPIAH, K.A. Na casa do meu pai: A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 e MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Luanda: Nzila, 2007

AZEVEDO, C.; ROLLEMBERG, D.; KNAUSS. P.; BICALHO, M. F.; QUADRAT, S. (orgs.) *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

AZEVEDO, Cecília. Identidades compartilhadas. A identidade nacional em questão. In.: SOIHET, Rachel e ABREU, Martha (orgs). Ensino de História. Conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009

BARROS, José D` Assunção. O projeto de pesquisa em história. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

- BAYART, Jean François. *El estado em África: La política del vientre*. Bellaterra: 1999.
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In.: SIRINELLI, Jean François e RIOUX, Jean Pierre. *Para uma história cultural*. Lisboa: editorial Estampa, 1998.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- BITTENCOURT, Marcelo. Angola: Tradição, modernidade e Cultura política. In: REIS, Daniel Aarão; MATTOS, Hebe; OLIVEIRA, João Pacheco; MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes; RIDENTI, Marcelo (org). *Tradições e modernidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- BITTENCOURT, Marcelo. Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola. In.: In.: FERRERAS, Norberto O. (Org.) *A questão nacional e as tradições nacional-estatistas no Brasil, América Latina e África*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.
- BITTENCOURT, Marcelo. Conflito, Identidade e Voto e Angola. In: RIBEIRO, Alexandre; BITTENCOURT, Marcelo e GEBARA, Alexsander. (Orgs.). *África Passado e Presente: II Encontro de Estudos Africanos da UFF*. 2010
- BITTENCOURT, Marcelo. História contemporânea de Angola: seus achados e suas armadilhas. *Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação. Actas do II seminário Internacional sobre a História de Angola* (04 a 09 de agosto de 1997). Luanda, Comissão Nacional para a comemoração dos descobrimentos portugueses, 2000. P. 161-185.
- BITTENCOURT, Marcelo. *Estamos Juntos. O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)*. Niterói: Tese de Doutorado/ Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, junho de 2002.
- BITTENCOURT, Marcelo. *Dos jornais às armas. Trajetórias da Contestação Angolana*. Lisboa: Veja Editora: 1999.
- BITTENCOURT, Marcelo. *Angola: Influências e persistências indesejáveis*. CODESRIA. XIª Assembleia Geral. Maputo, Moçambique. 6 a 10 de dezembro de 2005.
- BITTENCOURT, Marcelo. As linhas que formam o “EME”. Um estudo sobre a criação do Movimento Popular de Libertação de Angola. São Paulo: Dissertação de Mestrado/ Programa em Antropologia da Universidade de São Paulo, 1996.
- BITTENCOURT, Marcelo. As eleições de 1992. In.: Revista TEL, Irati, v. 7, n.2, p. 170-192, jul. /dez. 2016.
- BITTENCOURT, Marcelo. Diversidade, escolhas e contextos nas memórias da Casa dos Estudantes do Império. In.: CASTELO, Cláudia e JERÔNIMO, Miguel B. (Orgs.). *Dinâmicas coloniais, conexões transnacionais*. Casa dos Estudantes do Império. Lisboa: Edições 70. 2017.
- BITTENCOURT, Marcelo e NASCIMENTO, Augusto. Quatro décadas de

independência: da cartilha ideológica às contingências políticas e sociais nos PALOP Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 797-814, set.-dez. 2016

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfrancesco. *Dicionário de política*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte. Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CARDOSO, Pedro. Os jovens angolanos e a política. In.: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto de. (orgs.) *Sociedade Civil e Política em Angola. Enquadramento regional e internacional*. Luanda e Lisboa: Firmamento, 2009.

CASTELLO, Cláudia. *Passagens para África. O povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole (1920 – 1974)*, Edições Afrontamento, 2007.

CASTELO, Claudia. Casa dos Estudantes do Império (1944-65): uma síntese histórica?. In.: *Revista Mensagem, nº especial 1944-1994. União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)*, Lisboa: 2005

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. *Angola: História, Nação e Literatura (1975-1985)*. Curitiba: Prismas, 2016.

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. E NASCIMENTO, Washington Santos (Orgs.). *Intelectuais das Áfricas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018

CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto: 2001.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Uma introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHABAL, Patrick. O Estado pós-colonial na África de expressão portuguesa. In.: *Revista de estudos guineenses*. Soronda: Instituto nacional de estudos portugueses nº15, 1993.

CHABAL. Las políticas de violência. In: *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, Núm. 6 Abril de 2007, UAM-AEDRI.

CHABAL, Patrick & DALOZ, Jean-Pascal. *Africa works: disorder as political instrument*. London: The International African Institute / James Currey / Indiana University Press, 1999.

CHABAL, Patrick.; BIRMINGHAM, D.; FORREST, J, NEWITT, M.; SEIBERT, G e ANDRADE, Elisa S. *A History of Postcolonial Lusophone Africa*. Indiana University Press, 2002.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo de Afonso M. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *História e Literatura*. In.: Revista Topoi, Rio de Janeiro, n° 1.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. GALHARDO, Maria Manuela (trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. História hoje. In.: *Estudos históricos*. n°7, vol.13, 1994.

CHATTERJEE, Partha. *Colonialismo, Modernidade e Política*. Salvador: EDUFBA, CEAO, 2004.

CHATTERJEE, Partha. Comunidade imaginada por quem? in: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.), *Um mapa da questão nacional*, Rio de Janeiro: Contraponto, 2000

CHAVES, Rita. O passado presente na literatura angolana. Scripta. Belo Horizonte. V.3. n°6. 1 semestre, 2000.

CONCEIÇÃO NETO, Maria Eugênia da. As fronteiras por dentro da nação. Divisões étnicas, socioeconômicas e sociopolíticas numa perspectiva histórica. Comunicação apresentada na conferência Angola: a crise e o desafio democrático, Programa Angola/Canadá, ADRA/Angola e CIDMAA/Canadá, Luanda, 24 a 26 de agosto de 1992.

COOPER, F. Conflito e Conexão: repensando a história colonial da África. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p.21-73, jul. 2008.

COSTA, Sérgio. Muito além da diferença: (im) possibilidades de uma teoria social pós-colonial. Em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/poscolonialismomana-S%E9rgio%20Costa.pdf>. Acessado em 21/09/2014.

DIAS, Eduardo Costa. Do Estado colonial ao Estado pós-colonial. Em: Anuário das relações exteriores. *Janus*, 2010.

DILOWA, C. R. . Destruir para construir melhor. Luanda: Departamento de Informação e Propaganda, 1976. Coleção Resistência n°5. p. 6

FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Esclas de identidade na literatura africana das independências: uma abordagem exploratória sobre nacionalismo, identidades sociais e produção cultural. In: Tempo | Vol. 24 n. 1 | Jan./Abr. 2018.

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. *Entre raças, tribos e nações: Os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos. Tese (doutorado) — Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos*, 2012.

FONSECA, Maria Nazareth. Literatura e “arquivos da memória”: negociação e dispersão de sentidos. In.: SECCO, Carmen Tindó, SALGADO, Maria T. E JORGE, Sílvio R. (orgs) *África, escritas literárias*. Rio de Janeiro: UFRJ; Angola: UEA, 2010.

GINZBURG, Carlo. *O Fio e os Rastros: verdadeiro, falso e fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. *História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões*. In: IN: SOIHET, Rachel, BICALHO, Maria Fernanda e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

GONÇALVES, José. *O descontínuo processo de desenvolvimento Democrático em Angola*. Lisboa: Centro de Estudos Africanos, 2004.

HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HERNANDEZ, Leila Leite. A itinerância das ideias e o pensamento social africano. In.: Anos 90. Porto Alegre, v. 21, nº40, dez.2014.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HODGES. Tony. *Angola. Do Afro-Estalinismo ao Capitalismo Selvagem*. Principia, 2003.

JULIA, Santos. “Por la autonomia de la história. Claves de razón práctica”, 207 [Consultado: 01/07/2013] [http://www.essayandscience.com/upload/ficheros/noticias/201105/julia\\_2\\_2.pdf](http://www.essayandscience.com/upload/ficheros/noticias/201105/julia_2_2.pdf).

LABAN, Michel Op. Cit. *Escritores e Poder Político em Angola desde a independência*. Em: <https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/119-escritores-e-poder-pol%C3%ADtico-em-angola-desde-a-indeped%C3%Aancia>. Acessado em 20/02/2019.

LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 176

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Unicamp, 2003.

MABEKO-TALI, Jean-Michel. *Dissidências e poder de Estado. O MPLA perante si próprio. (1962-1977)*. 1ºvol. Luanda: Nzila, 2001.

MABEKO-TALI. *Dissidências e poder de Estado. O MPLA perante si próprio. (1962-1977)*, V.2. Luanda:Nzila. 2001.

- MAMDANI, Mahmood. *Cidadano e Subdito*. México: siglo XXI editores, 1998.
- MARCON, Frank Nilton. *Leituras Transatlânticas. Diálogos sobre identidade e o romance de Pepetela*. Tese apresentada ao Programa de Pós graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.
- MARZANO, Andrea. “Nossa dança, nossos pais, nossos filhos”. Apontamentos para uma História Social do carnaval luandense. *Revista TEL*, Irati, v. 7, n.2, p. 67-88, jul./dez. 2016.
- MATA, Inocência. *Pepetela: A releitura da História entre gestos de reconstrução*. In.: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania (orgs.). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Atêlie Editorial, 2009
- MATA, Inocência. *Ficção e história na literatura angolana. O caso de Pepetela*. Edições Colibri, 1993.
- MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. *Purga em Angola. Nito Alves, Sita Valles e Zé Van Dunem o 27 de maio de 1977*. Lisboa: ASA, 2007.
- MARGARIDO, Alfredo. “A literatura e a consciência nacional”. In: FREUDENTHAL, Aida. *Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império 1951-1963*. Vol.1. Lisboa: Acei, 1994.
- MARQUES, Inácio Luiz Guimarães. *Memórias de um golpe: o 27 de maio de 1977 em Angola*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.
- MBEMBE. *Necropolítica*. In.: *Arte & Ensaio*, revista do ppgav/eba/ufRJ | n. 32, dezembro 2016.
- MESSIANT, Christine. *Transição para o multipartidarismo sem transição para a Democracia*. In.: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs.). *O Processo de Transição para o multipartidarismo em Angola*. Luanda: Firmamento, 2006.
- MESSIANT, Christine. *The Eduardo dos Santos Foundation: or, how Angola`s Regime is taking over civil society*. *African Affairs*. 100, 2001.
- MESSIANT, Christine. 1994. “Angola, les voies de l’ethnisation et de la décomposition I – De la guerre à la paix. 1975-1991: le conflit armé, les interventions internationales et le peuple angolais”. *Lusotopie*, vol. I: 155-210
- NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: Os “Novos Assimilados” em Luanda (1926 – 1961)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social – Universidade de São Paulo. 2013.
- NASCIMENTO, Augusto. *São Tomé e Príncipe: a independência ou o parto do autoritarismo*. In.: ROLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha. (orgs.) *A Construção social dos regimes autoritários*. Vol.3 África e Ásia. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

- OLIVEIRA, Ricardo Soares. *Magnífica e Miserável. Angola desde a Guerra Civil*. Lisboa: Tinta da China, 2015
- PACHECO, Carlos. Carta Aberta. Em: *Jornal O Público*. Lisboa: 26 de dezembro de 2005. Disponível em: <https://www.publico.pt/2005/12/26/jornal/carta-aberta-a-pepetela-55506>
- PADILHA, Laura. *Entre voz e Letra, o lugar da ancestralidade angolana do século XX*. Rio de Janeiro: Editora Pallas/ Eduff, 2007
- PÉCLARD, Didier. *Politique Africaine. L'Angola dans la paix – autoritarisme et reconversions*.
- PEPETELA. Prefácio. In.: MABEKO-TALI, Jean Michel. *Guerrilhas e Lutas Sociais: o MPLA perante si próprio (1960-1977)*. Lisboa: Difel, 2018.
- PESAVENTO, Sandra. *História e Literatura: Uma Velha Nova História*. In.: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, consulté le 04 septembre 2016. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1560> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.1560
- PIMENTA, Fernando. *Ideologia Nacional dos brancos angolanos (1900-1975)*. In.: *Anais do VIII Congresso Luso-Afro brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra, 2014.
- PIMENTA, Fernando. *No percurso de um nacionalista conversas com Adolfo Maria*. Porto: Afrontamento, 2006.
- POLLACK, Michael. “*Memória e identidade social*”. *Estudos históricos*, vol.5, nº 10, 1992.
- REIS, José Carlos. *O entrecruzamento entre narrativa histórica e narrativa de ficção*. In.: *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: FGV de bolso, 2010.
- RIOUX, Jean – PIERRE e SIRINELLI, Jean François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha V. (orgs). *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira: 2010.
- SAID, Edward. *Representações do Intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SALGADO, Maria Teresa. *O Cão e os Caluandas: O Texto, o Leitor e o Mundo*. In.: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tânia. *Portanto....Pepetela*. Op. Cit.2009
- SANTOS, Daniel dos. *A formação do Estado angolano na época da globalização*. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*. n. 1 (2. sem. 95). —Niterói:

EdUFF, 1995.

SANTOS, Alexandra Dias. *Nação, Guerra e Utopia em Pepetela (1971-1996)*. Tese de doutorado apresentada no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. 2011.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SERRÁPIO, Fabíola Procópio. História e estória na narrativa de Guimarães Rosa. In.: MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso Mestrado em Letras - UNINCOR - ISSN 1807-9717 V. 07, N. 2 (julho-dezembro de 2016

SOUZA, Mônica Lima. Prefácio. In.: CARVALHO FILHO, Silvio de. *Angola: História, Nação e Literatura (1975-1985)*. Curitiba: Prismas, 2016.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais do final do século XX: abordagens históricas e configurações historiográficas. In: AZEVEDO, C.; ROLLEMBERG, D.; KNAUSS, P.; BICALHO, M. F.; QUADRAT, S. (orgs.) *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

TRAVERSO, Enzo. *O Passado. Modos de Usar*. Lisboa: Edições Unipop, 2012

VENÂNCIO, José Carlos. *Literatura e poder na África lusófona*. Lisboa: Ministério da educação. Instituto de Cultura e língua portuguesa. 1992.

VIEIRA, José Luandino. *A Fronteira e o Asfalto*. In.: *A cidade e a Infância: Contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VIEIRA, Luandino. In.: LABAN, *Angola Encontro com escritores*, Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991 vol.I,

VIDAL, Nuno. *Multipartidarismo em Angola*. In: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs). *O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola*. Luanda: Firmamento, 2006.

VIDAL, Nuno. *O MPLA e a governação: entre internacionalismo progressista marxista e pragmatismo liberal-nacionalista*. In.: *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v.42, nº3, p.815-854, set-dez, 2016.